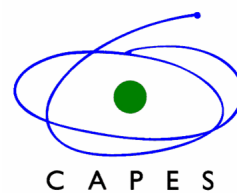




PROFLETRAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
UFS/ ITABAIANA

SUZETE SILENE SOARES DIAS

**A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS NA PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO
SOCIODISCURSIVO**

Itabaiana – SE
2018

SUZETE SILENE SOARES DIAS

**A LEITURA DOS CONTOS DE FADAS NA PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO
SOCIODISCURSIVO**

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho

Itabaiana – SE
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

D541l Dias, Suzete Silene Soares.

A leitura dos contos de fadas na perspectiva do interacionismo
sociodiscursivo / Suzete Silene Soares Dias; orientador: José
Ricardo Carvalho. – Itabaiana, 2018.
208 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2018.

1. Livro e leitura. 2. Leitura. 3. Literatura infantil. 4. Mulheres e
literatura. I. Carvalho, José Ricardo. II. Título.

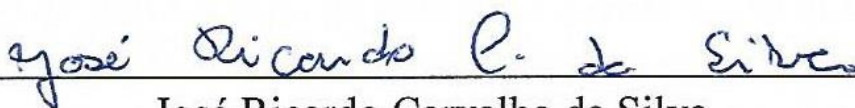
CDU 028.6

SUZETE SILENE SOARES DIAS

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Aprovada em: 18/04/2018

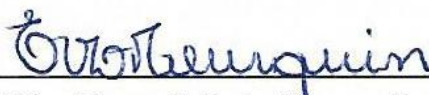
BANCA EXAMINADORA



José Ricardo Carvalho da Silva
Presidente da Banca



Christina Bielinski Ramalho
Examinadora interna ao PROFLETRAS-ITA



Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Examinadora externa à instituição

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado vivenciar mais uma experiência acadêmica e por me dar forças para concluí-la.

Agradeço a minha mãe, Oldecir, pelo amor incondicional e incentivo aos estudos.

A minha irmã, Simone, por me dar forças para eu continuar esta jornada, com suas palavras de encorajamento e otimismo.

A minha amiga, Alexandra, por ter me apresentado o PROFLETRAS e tornar a caminhada mais leve com seu bom humor.

Ao meu orientador, professor doutor José Ricardo de Carvalho, pela paciência e incentivo durante o processo de construção deste trabalho.

Ao professor doutor Carlos Magno, por todo o apoio durante o curso.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

A todos os colegas de curso, pelo companheirismo.

Agradeço inicialmente às colegas de curso e depois amigas fiéis, Débora Cunha e Joelma Márcia, pelos momentos compartilhados nas viagens, pela ajuda nos momentos de dúvida, pelo encorajamento nos momentos de fraqueza e pelo amor e cuidado dispensados a mim.

Aos alunos do 7º ano do ensino fundamental, pela participação na pesquisa.

A todos vocês, muito obrigada!

“Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre”.

Rubem Alves

RESUMO

Esta pesquisa promoveu um estudo de caso que desenvolve uma proposta de leitura com contos de fadas, promovendo reflexões sobre os valores vinculados a sociedades tradicionais e a sociedades contemporâneas, inscritos nos textos lidos. Foram examinadas as diferentes formas de representação da mulher no gênero contos de fadas, apontando para diferentes formas de agir e pensar nos mundos construídos ficcionalmente a partir de Coelho (2012). Tais atividades de análises foram realizadas com alunos de uma classe do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública da Bahia, comprovando o desenvolvimento de atividades de leitura com questionamentos em torno dos valores sociais inscritos em obras literárias. Tomando-se como ponto de partida o estudo histórico da literatura infanto-juvenil, observou-se que os textos literários sempre apontam para diferentes visões de mundo que se articulam ao contexto de produção de sua escrita e do momento em que se realiza a interação com os leitores. A principal estratégia de leitura foi a compreensão do contexto de produção dos contos de fadas e do processo intertextual, a fim de se identificar valores conservadores e valores emancipatórios da mulher. Para se exemplificar esse processo, foram selecionados quatro contos de fadas, um produzido no século XVII, outro, no século XIX e dois, no século XX. Os valores foram analisados por meio da observação do comportamento das personagens femininas e do desfecho que cada narrativa apresentava. Utilizaram-se, como aporte de análise, os procedimentos adotados pelo Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD). Considerou-se a noção de arquitexto de Bronckart (2006), as noções de condições de produção e a infraestrutura textual (plano geral, tipos de discursos e tipos de sequências) em Bronckart (1999) e a compreensão de sequência didática (SD) desenvolvida por Dolz; Noverraz e Schneuwly (2011). Apresentou-se, ao final, uma sequência didática que contém as seguintes etapas: apresentação da situação inicial, produção inicial, 12 módulos envolvendo os contos tradicionais “Rumpelstiltskin”, dos Irmãos Grimm, e “Pele de Asno”, de Perrault, em contraste a dois contos contemporâneos de Marina Colasanti, “A moça tecelã” e “Entre a espada e a rosa”, produção intermediária e produção final.

PALAVRAS - CHAVE: Leitura; Interacionismo Sociodiscursivo; Conto de fadas; Sequência didática.

ABSTRACT

This research promotes a case study that investigates possibilities of developing a reading proposal with fairy tales that promotes reflections on the values linked to traditional societies and contemporary societies inscribed in the texts read. It examines the different forms of representation of women in the fairy-tale genre, pointing to different ways of acting and thinking in fictionally constructed worlds from Coelho (2012). Such activities of analysis were carried out with students of a 7th grade elementary school class of a public school in Bahia, seeking to prove possibilities of developing reading activities with questions about the social values enrolled in literary works. Taking as a starting point the historical study of children's literature, it is observed that literary texts always point to different worldviews that are articulated to the context of the production of their writing and the moment in which the interaction with the readers is realized. The main reading strategy is to understand the context of production of fairy tales and the intertextual process in order to identify conservative values and emancipatory values of women. To exemplify this process, four fairy tales were produced, one produced in the seventeenth century, the other in the nineteenth century and two in the twentieth century. The values are analyzed through the observation of the behavior of the female characters and the outcome that narrative presents. The procedures adopted by Sociodiscursive Interactionism (hereinafter ISD) are used as an analysis contribution. Bronckart's notion of architects (2006), the notions of production conditions and the textual infrastructure (general plan, types of discourses, and sequence types) in Bronckart (1999) and the understanding of didactic sequence (SD) developed by Dolz ; Noverraz and Schneuwly (2011). At the end, there is a didactic sequence that contains the following steps: presentation of the initial situation, initial production - the proposition of an activity of interpretation of the traditional tales "*Rumpelstiltskin*" of Brother Grimm, Perrault's *Donkey Skin*, in contrast to two contemporary tales by Marina Colasanti *The Weaver Girl* and *Between the Sword and the Rose*, Twelve Modules, Intermediate Production and Final Production.

KEYWORDS: Reading; Sociodiscursive interactionism; Fairy tale; Following teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 Versão alemã dos contos de Grimm	38
Ilustração 2 Versão usada na pesquisa	38
Ilustração 3 Rumpelstiltskin	39
Ilustração 4 Rumpelstiltskin	40
Ilustração 5 Rumpelstiltskin	41
Ilustração 6 Rumpelstiltskin	42
Ilustração 7 Versão 1ª edição.....	50
Ilustração 8 Versão usada na pesquisa	50
Ilustração 9 A moça tecelã.....	51
Ilustração 10 A moça tecelã	52
Ilustração 11 A moça tecelã	52
Ilustração 12 A moça tecelã	53
Ilustração 13 Versão inglesa.....	61
Ilustração 14 Versão usada na pesquisa	62
Ilustração 15 Pele de asno	62
Ilustração 16 Pele de asno	63
Ilustração 17 Pele de asno	65
Ilustração 18 Pele de asno	66
Ilustração 19 Pele de asno	66
Ilustração 20 Pele de asno	68
Ilustração 21 Pele de asno	69
Ilustração 22 Pele de asno	70
Ilustração 23 Pele de asno	72
Ilustração 24 Pele de asno	73
Ilustração 25 Versão 1º edição	81
Ilustração 26 Versão utilizada na pesquisa.....	81
Ilustração 27 Entre a espada e a rosa.....	82
Ilustração 28 Entre a espada e a rosa.....	84
Ilustração 29 Entre a espada e a rosa.....	84
Ilustração 30 Entre a espada e a rosa.....	86
Ilustração 31 Esquema da sequência didática.....	97

Ilustração 32 Slide para atividade diagnóstica	98
Ilustração 33 Slide para atividade diagnóstica	99
Ilustração 34 Slide para atividade diagnóstica	99
Ilustração 35 Slide para atividade diagnóstica	100
Ilustração 36 Slide para atividade diagnóstica	100
Ilustração 37 Slide para atividade diagnóstica	101
Ilustração 38 Slide para atividade diagnóstica	101
Ilustração 39 Slide: Mito x Conto de Fadas	104
Ilustração 40 Slide: Mito x Conto de Fadas	104
Ilustração 41 Slide: Mito x Conto de Fadas	105
Ilustração 42 Slide: Mito x Conto de Fadas	105
Ilustração 43 Slide: Mito x Conto de Fadas	106
Ilustração 44 Slide: Mito x Conto de Fadas	106
Ilustração 45 Slide: Mito x Lenda	107
Ilustração 46 Slide: Mito x Lenda	107
Ilustração 47 Slide: Mito x Lenda	108
Ilustração 48 Produção Textual – A Princesa Vitória	109
Ilustração 49 Produção textual – O fiel cavaleiro do rei	112
Ilustração 50 Produção textual Princesa.....	114
Ilustração 51 Produção textual – A história do príncipe e da princesa.....	118
Ilustração 52 Produção textual – O príncipe encantado	120
Ilustração 53 Slide Era uma vez... ..	124
Ilustração 54 Slide Era uma vez... ..	125
Ilustração 55 Slide Era uma vez... ..	125
Ilustração 56 Slide Era uma vez... ..	126
Ilustração 57 Slide Era uma vez... ..	127
Ilustração 58 Slide Era uma vez... ..	127
Ilustração 59 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos.....	128
Ilustração 60 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos.....	128
Ilustração 61 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos	129

Ilustração 62 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos	129
Ilustração 63 Capas das obras: Doze reis e a moça no labirinto do vento e Entre a espada e a rosa	133
Ilustração 64 Capa da obra: Mais de 100 histórias maravilhosas.....	134
Ilustração 65 Moral I conto de fadas Rumpelstiltskin.....	141
Ilustração 66 Moral II conto de fadas Rumpelstiltskin	141
Ilustração 67 Moral III conto de fadas Rumpelstiltskin	142
Ilustração 68 Moral IV conto de fadas Rumpelstiltskin.....	142
Ilustração 69 Moral V conto de fadas Rumpelstiltskin	142
Ilustração 70 Moral I conto de fadas <i>A moça tecelã</i>	143
Ilustração 71 Moral II conto de fadas <i>A moça tecelã</i>	143
Ilustração 72 Moral III conto de fadas <i>A moça tecelã</i>	143
Ilustração 73 Moral IV conto de fadas <i>A moça tecelã</i>	144
Ilustração 74 Moral V conto de fadas <i>A moça tecelã</i>	144
Ilustração 75 <i>A moça tecelã</i>	144
Ilustração 76 Moral I <i>Pele de asno</i>	150
Ilustração 77 Moral II <i>Pele de asno</i>	150
Ilustração 78 Moral III <i>Pele de asno</i>	150
Ilustração 79 Moral IV <i>Pele de asno</i>	151
Ilustração 80 Moral V <i>Pele de asno</i>	151
Ilustração 81 Moral I <i>Entre a espada e a rosa</i>	151
Ilustração 82 Moral II <i>Entre a espada e a rosa</i>	151
Ilustração 83 Moral III <i>Entre a espada e a rosa</i>	152
Ilustração 84 Moral IV <i>Entre a espada e a rosa</i>	152
Ilustração 85 Moral V <i>Entre a espada e a rosa</i>	152
Ilustração 86 <i>Entre a espada e a rosa</i>	153
Ilustração 87 Produção intermediária I.....	159
Ilustração 88 Produção intermediária II	163
Ilustração 89 Produção intermediária III	165
Ilustração 90 Produção intermediária IV	168
Ilustração 91 Produção intermediária V	173
Ilustração 92 Produção final I.....	179
Ilustração 93 Produção final II	181

Ilustração 94 Produção final III	183
Ilustração 95 Produção final IV	186
Ilustração 96 Produção final V	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Confronto dos paradigmas tradicionais e dos paradigmas emergentes	32
Quadro 2 Protótipos das sequências textuais.....	92
Quadro 3 <i>A Moça Tecelã</i> – Sequência Narrativa	94
Quadro 4 Comparativo Mulher Antigamente x Mulher Hoje	130
Quadro 5 Avaliação das produções intermediárias	176
Quadro 6 Avaliação das produções finais	191
Quadro 7 Resumo da sequência didática	196

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. O CONTO DE FADAS: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO UM PERCURSO HISTÓRICO	23
2. ANÁLISE DOS CONTOS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	36
2.1 ANÁLISE DO CONTO TRADICIONAL “RUMPELSTILTSKIN”	36
2.1.1 Contexto de produção do conto tradicional “Rumpelstiltskin”	36
2.1.1.1 Contexto físico do conto tradicional “Rumpelstiltskin ”	37
2.1.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto tradicional “Rumpelstiltskin ”	37
2.1.3 Estrutura do conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin ”	43
2.1.4 Relações intertextuais presentes no conto tradicional “Rumpelstiltskin ”	43
2.1.4.1 O conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”, “O mito das moiras”, “O mito de Penélope” e “O mito de Ariadne”: relações intertextuais	45
2.1.5 A importância de trabalhar valores morais em sala de aula	46
2.1.5.1 A leitura de “Rumpelstiltskin ”: valores do casamento e as tomadas de decisão	47
2.1.6 Análise dos paradigmas presentes no conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin ”	48
2.2 ANÁLISE DO CONTO CONTEMPORÂNEO “A MOÇA TECELÃ”	48
2.2.1 Contexto de produção do conto contemporâneo “A moça tecelã ”	48
2.2.1.1 Contexto físico do conto contemporâneo “A moça tecelã ”	48
2.2.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto contemporâneo “A moça tecelã ”	49
2.2.2 Conto contemporâneo “A moça tecelã ”	51
2.2.3 Estrutura do conto de fadas contemporâneo “A moça tecelã ”	54
2.2.4 Relações intertextuais presentes no conto contemporâneo “A moça tecelã ”	55
2.2.4.1 “A moça tecelã”, “As moiras”, “O mito de Penélope”, “O mito de Ariadne”, “Rumpelstiltskin” e “O movimento feminista”: relações intertextuais	55
2.2.5 A leitura do conto contemporâneo “A moça tecelã ”: os valores do casamento e as tomadas de decisão	57
2.2.6 Análise dos paradigmas presentes no conto contemporâneo “A moça tecelã ”	59
2.3 ANÁLISE DO CONTO TRADICIONAL PELE DE ASNO	60
2.3.1 O contexto de produção	60
2.3.1.1 Contexto físico do conto tradicional “Pele de asno”	60
2.3.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto tradicional “Pele de asno ”	60
2.3.3 Estrutura do conto de fadas tradicional “Pele de asno ”	74
2.3.4 Relações intertextuais presentes no conto tradicional “Pele de asno ”	76
2.3.4.1 “Pele de asno” e “Entre a espada e rosa”: relações intertextuais	76

2.3.5 A leitura de “Pele de asno”: atributos femininos e valores da divisão de trabalho.....	77
2.2.4 Análise dos paradigmas presentes no conto de fadas contemporâneo “Pele de asno ”.....	79
2.4 ANÁLISE DO CONTO CONTEMPORÂNEO <i>ENTRE A ESPADA E A ROSA</i>.....	79
2.4.1 O contexto de produção	80
2.4.1.1 Contexto físico do conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa ”.....	80
2.4.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto tradicional “Entre a espada e a rosa ”	80
2.4.2 Conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa ”	81
2.4.3 Estrutura do conto de fadas contemporâneo “Entre a espada e a rosa ”	86
2.4.4 Relações intertextuais presentes no conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa ”	87
2.4.4.1 “Entre a espada e a rosa” e ”Joana D’arc”: relações intertextuais	88
2.4.5 A leitura de “Entre a espada e a rosa”: atributos femininos e valores da divisão de trabalho	89
2.4.6 Análise dos paradigmas presentes no conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”	90
 3. CONTRIBUIÇÕES DAS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS PARA COMPREENSÃO GLOBAL DO TEXTO	 92
 4. UMA PROPOSTA DE LEITURA DE CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA	 97
4.1 DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA	97
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 198
 REFERÊNCIAS.....	 200

INTRODUÇÃO

O gênero de texto, segundo o ISD, refere-se a “[...] diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamados de **gêneros de textos**) e que ficam disponíveis no *intertexto* como modelos *indexados*, para os contemporâneos e para as gerações posteriores” (BRONCKART, 1999, p. 137).

O presente trabalho decorreu da necessidade de promovermos um trabalho de leitura crítica dos contos de fadas na sala de aula. Uma das estratégias para analisar o texto, para além dos acontecimentos da narrativa, foi o reconhecimento das relações intertextuais entre os contos de fadas clássicos com valores de submissão da mulher diante de uma sociedade patriarcal e capitalista com contos de fadas contemporâneos que assumem uma visão emancipadora da mulher.

Dessa forma, seguimos princípios que auxiliam na compreensão do gênero proposto por Bronckart (1999, p.100) que afirma que o **intertexto** “é constituído pelo conjunto de gêneros de textos elaborados pelas gerações precedentes, tais como são utilizados e eventualmente transformados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas”. Diante desse contexto, aprofundamos a discussão sobre a relação entre os textos situados na linha do tempo, estabelecendo o confronto entre as condições de produção, a estrutura composicional e modo como ocorre a representação da mulher, considerando as gerações precedentes e examinando as transformações ocorridas no gênero no século XXI.

Desenvolvemos a hipótese de que as atividades de leitura desenvolvidas na pesquisa, por meio do cotejamento escrito em diferentes épocas, repercutem diretamente no processo de produção textual, visto que, a partir do contato com textos que fazem uma representação emancipadora da mulher na sociedade contemporânea, os alunos rompem com estereótipos daquela, apresentados nos contos de fadas tradicionais escritos no século XVII e XIX, passando a dar novos desfechos às narrativas produzidas por eles no decorrer da sequência didática.

Além da estratégia de atividades de compreensão textual, foi usada a estratégia de produção textual para a regulação da compreensão da leitura. Foram analisadas as produções iniciais, antes do conhecimento dos alunos sobre conto de fadas contemporâneo, produção intermediária, depois do estudo dos módulos, e produção final, com o objetivo de melhorar alguns aspectos da produção intermediária.

Bronckart (1999) defende que o comportamento humano é resultante do desenvolvimento histórico de saberes e do processo de sociabilização dos conhecimentos em

que o indivíduo está inserido. Sendo assim, de acordo com a visão do ISD, para estudarmos o desenvolvimento humano em sua complexidade, é necessário considerarmos três aspectos:

- a) a primeira esfera corresponde às variáveis da vida social vistas pelo ser humano como preconcebidas historicamente. São elas as formações sociais, as atividades coletivas gerais, as atividades de linguagem e os mundos formais;
- b) a segunda faz referência aos métodos de intermediação que contribuem para a formação do indivíduo e tem relação ao julgamento das práticas verbais e não verbais, realizadas do início ao término da vida, englobando o sistema educativo;
- c) a terceira se remete às consequências desses métodos de intervenção sobre os sujeitos e que podem ser divididas em duas: uma se refere às circunstâncias de modificação das particularidades psíquicas e mentais, e outra, às combinações entre as interpretações individuais e coletivas, propagadas pelos conhecimentos pré-construídos.

Podem ser considerados interacionistas aqueles [...] que se interessam não apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que a linguagem é, mas pelo modo através do qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo, com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento (MORATO, 2004, p.311-312).

O ISD permite abordar o estudo da linguagem em seus aspectos discursivos e/ou textuais, considerando a produção de linguagem em seu contexto social, tomando como foco as interações verbais, realizadas por meio dos gêneros, sequências textuais e tipos discursivos (BRONCKART, 1999). Essa perspectiva também compreende que o outro, o interlocutor, é integrante da conexão dialogal com o mundo, uma vez que nos dirigimos a interlocutores concretos durante a comunicação (GEDOZ; COSTA-HUBES, 2012).

Entendida como atividade constitutiva do conhecimento humano, a linguagem não apenas é estruturada pelas circunstâncias e referências do mundo social; é ao mesmo tempo estruturante do nosso conhecimento e extensão (simbólica) de nossa ação sobre o mundo. Ou seja, podemos dizer da linguagem que ela é uma ação humana (ela predica, interpreta, representa, influencia, modifica, configura, contingência, transforma etc.) na mesma proporção em que podemos dizer da ação humana que ela atua também sobre a linguagem (MORATO, 2004, p.317).

Toda ação humana decorre da atividade social que se apoia em avaliações coletivas. Sendo assim, as práticas de linguagem em que os sujeitos estão envolvidos estão imbuídas de julgamentos que configuram graus de aceitabilidade. Diante desse contexto, Bronckart (1999) afirma que atividade de linguagem pode ser conceituada nos planos sociológico e psicológico. O primeiro diz respeito à atividade de linguagem do grupo e o segundo, à linguagem individual e à sua responsabilidade na intervenção verbal.

Machado (2000) afirma que a realização da linguagem está inevitavelmente ligada à utilização dos modelos comunicativos que são encontrados em uso em determinada construção social, ou seja, a utilização dos gêneros de texto. Bronckart (1999) restringe as práticas de linguagem na atuação coletiva como unidades psicológicas que estão em sincronia e agrupam as simbologias de um indivíduo sobre circunstâncias de ação, em seus aspectos físicos, sociais e subjetivos.

A linguagem constituída por meio da interação entre sujeitos e suas práticas sociais faz com que cada situação de comunicação oral ou escrita tenha características diferentes e necessitem de estratégias diversificadas no âmbito da leitura dos variados gêneros textuais (BRONCKART, 1999). Ao observarmos como está sendo desenvolvido o trabalho com essa diversidade de textos, percebemos que a escola ainda não desenvolve atividades sistematizadas em torno desses textos, considerando-os gêneros que têm especificidades quanto ao conteúdo, estrutura e linguagem utilizada.

A prevalência do ensino tradicional de língua portuguesa que aborda todos os textos de maneira homogênea não considera a perspectiva de gênero para trabalhar a leitura. A ênfase é a decodificação e a interpretação literal por meio de perguntas que requerem respostas óbvias e rapidamente encontradas. Os questionamentos que permitem uma exploração global do texto são esquecidos e a escola, na maioria das vezes, contenta-se em explorar o estudo metalinguístico que, por si só, é insuficiente para ampliar o universo linguístico e a compreensão dos diversos gêneros que circulam na vida social (KLEIMAN, 2002).

De acordo com Kleiman, (2002, p.17), “Uma prática bastante comum no livro didático considera os aspectos estruturais do texto como entidades discretas que têm um significado e função independentes do contexto em que se inserem”. Dessa maneira, a leitura se restringe a aspectos textuais, de maneira superficial, desconsiderando elementos discursivos, responsáveis pelo processo de produção de sentido dos textos (KLEIMAN, 2002). A questão, por exemplo, de como os valores são projetados nas obras, por meio de recursos linguístico-discursivos, não é abordada nas atividades de leitura em torno dos diversos gêneros de texto na sala de aula.

Se considerarmos, por exemplo, a diferença de funcionamento discursivo do gênero “conto de fadas” nas obras produzidas no século XIX e no século XX, observaremos que as obras apresentam formas distintas de representação dos personagens femininos, sendo necessário um trabalho de cotejamento entre textos produzidos em diferentes épocas para percebermos como o contexto de produção determina valores sociais e influencia o modo como se representam os personagens dos contos de fadas e como essas narrativas ganham desfechos diferenciados.

Atividades de leitura, a partir do confronto entre versões escritas, produzidas em épocas distintas, pode ressaltar o papel da intertextualidade na construção de sentido dos textos. Uma das estratégias de análise é a identificação dos valores tradicionais e contemporâneos, considerando os contextos físico e sociossubjetivo que situam a produção dos textos (BRONCKART, 1999). As diferenças na utilização da linguagem, advinda da oralidade e conhecimento popular nos contos tradicionais, e a linguagem proveniente de um conhecimento formal com prevalência de figuras de linguagem nos contos contemporâneos, a estrutura linear nos contos tradicionais e a estrutura não linear nos contos contemporâneos são algumas dessas especificidades que não são exploradas pela escola.

Kleiman (2002) relata que consultou 60 professores de séries iniciais para fazer um levantamento do modo como, geralmente, eles desenvolviam o trabalho com o texto. Foi unânime a realização da leitura de qualquer texto sem considerar o gênero, sem explorar determinado gênero por um período. Em relação às atividades desenvolvidas com esse texto escolhido de maneira aleatória, foi notória a semelhança entre os roteiros usados por eles: uma conversa sobre o assunto (denominada motivação), leitura silenciosa para identificação dos verbetes ainda não conhecidos, leitura em voz alta por alguns discentes, leitura em voz alta pelo professor, elaboração de perguntas para identificação de elementos explícitos, alguma atividade de redação e ensino gramatical por meio de ditados de palavras e atividades para sublinhar palavras no texto.

A descrição acima em torno das atividades realizadas pelos docentes nas séries iniciais (KLEIMAN, 2002) não se difere das práticas adotadas por muitos professores nas séries finais. A maioria é resistente à mudança e defende os seguintes argumentos: o aluno precisa aprender nas aulas de língua portuguesa a ler, ou seja, a decodificar com boa entonação, obedecendo à pontuação, aprender a escrever e, nesse caso, precisa saber todas as regras ortográficas (quando “erra” a escrita de uma palavra, é penalizado na nota), e, no quesito compreensão e interpretação, a abordagem superficial é defendida como suficiente quando, no entanto, percebemos um entrave no próprio professor, pois ele mesmo não consegue fazer uma interpretação global e encontrar a essência do texto e os valores ali explícitos ou implícitos, as etapas de apresentação, introdução, realização de atividades e registro referente a determinado gênero são ignoradas, pois são muito trabalhosas e não farão diferença, pois o mais importante está sendo explorado, o assunto gramatical programado para aquela unidade.

Faz-se necessária, então, a inserção de outras trajetórias teórico-metodológicas que proponha o estudo textual, sob a perspectiva discursiva, como estratégia de integração entre a escola e o mundo contemporâneo. A teoria abordada, interacionismo sociodiscursivo, foi

adotada nesta pesquisa pela necessidade de promovermos um estudo que explorasse o texto na perspectiva de gênero textual, o seu contexto e os seus sentidos. As categorias sugeridas por Bronckart (1999), a saber, o arquiteito, o intertexto, as condições de produção, a infraestrutura textual (plano geral, tipos de discursos e tipos de sequências), os mecanismos de textualização (coesão nominal e coesão verbal) e os mecanismos enunciativos (vozes e modalizações), mostram-se relevantes em uma estratégia de leitura. O presente estudo utilizou as quatro primeiras categorias citadas (arquiteito, intertexto, condições de produção e infraestrutura textual). O quadro teórico da pesquisa também é construído com a contribuição de Jean Michel Adam (1999), no estudo das sequências textuais, Rildo Cosson (2011), no estudo do letramento literário, e Dolz e Schneuwly (2011).

A leitura dos contos de fadas tradicional e contemporâneo constitui um desafio nas atividades de leitura na sala de aula. Muitos alunos não percebem que os textos passam valores e que estes se diferem se considerarmos a época e as condições de produção em que eles foram escritos. Nos contos de fadas tradicionais, a representação da mulher é submissa, ligada aos afazeres domésticos (saber cozinhar é um dos mais valorizados) e aos aspectos da valorização da beleza. Já nos contos de fadas contemporâneos, a mulher é representada de maneira independente, bem-sucedida, com a preservação de alguns aspectos tradicionais como a valorização da beleza.

Por conta dessa realidade, resolvemos executar uma proposta de SD com os alunos, realizando a leitura de contos de fadas que promovam valores tradicionais, ligados à sociedade tradicional, e contos de fadas que suscitem valores contemporâneos, ligados à sociedade contemporânea. Optamos, então, por analisar, com uma turma de 7º ano, dois contos de fadas tradicionais “Rumpelstiltskin” (Irmãos Grimm, 1812, 2005) e “Pele de asno” (Charles Perrault, 1697, 2015). Junto a esses dois que captam a visão tradicional, selecionamos textos que dialogam com esses contos numa relação intertextual, “A moça tecelã” (1982, 2015) e “Entre a espada e a rosa” (1992, 2015), respectivamente, que abarcam os mesmos conteúdos e a mesma temática, porém assumindo uma perspectiva diferenciada de valores em relação à representação da mulher.

A proposta é a organização de uma sequência didática de leitura para explorar uma visão crítica do que esses textos passam em termos de valores a partir do confronto entre eles. Acreditamos que esse tipo de relação possa fazer com que o aluno perceba diferenças no modo de representação da mulher e construção do texto, já que os recursos utilizados para a produção de um texto numa esfera tradicional se constituem de forma diferente dos textos que são construídos numa esfera contemporânea que traz, entre outras coisas, uma visão feminista.

Marina Colasanti, escritora de contos contemporâneos, entre outros gêneros, destaca-se das demais por valer-se do universo feminino em suas produções. Dando voz à mulher e promovendo a denúncia de comportamentos machistas ainda muito existentes na sociedade contemporânea, ela procura desconstruir a ideia de que a mulher é um ser inferior. Além disso, Marina trata das relações humanas com muita sensibilidade, utilizando uma linguagem poética, metafórica. Essas características diferenciam-se das dos contos tradicionais e foram abordadas nos módulos da sequência didática, na busca de promovermos uma reflexão intertextual que auxiliasse na compreensão crítica de como os contos projetam valores sobre as decisões tomadas pelas mulheres nessas narrativas.

A oportunidade de desenvolver um trabalho voltado para a prática docente na área de língua portuguesa surgiu por meio do ingresso no Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, ofertado em rede nacional, cujo objetivo é preparar os participantes do programa para atuar em sala de aula, desenvolvendo as competências e habilidades dos discentes de ensino fundamental, tornando-os proficientes em leitura e escrita de acordo com as exigências do mundo globalizado.

Neste trabalho realizamos um estudo de caso que investigou como os alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Estado da Bahia reagem diante de uma proposta de leitura sistemática na qual observamos a projeção de valores por meio de recursos linguístico-discursivos que instauram a construção das personagens femininas nos contos de fadas tradicionais que assumem valores da tradição cristã em oposição a contos de fadas que promovem uma visão emancipadora da mulher frente às relações sociais e afetivas. Sendo assim, utilizamos como *corpus* a análise dos textos e das interações de leitura junto aos alunos, apresentando ao final uma sequência didática com dois contos de fadas que assumem valores emancipadores, escritos por Marina Colasanti, “A moça tecelã” (1982, 2015) e “Entre a espada e a rosa” (1992, 2015), em confronto a dois contos de fadas tradicionais, “Rumpelstiltskin” (GRIMM, 1812, 2005) e “Pele de asno” (PERRAULT, 1697, 2015).

Destacamos como objetivos específicos a) discutir a contribuição do interacionismo sociodiscursivo para a leitura de contos de fadas com valores tradicionais e contemporâneos; b) discutir o reconhecimento dos valores tradicionais e contemporâneos presentes na leitura dos textos escolhidos; c) apresentar as condições de produção dos contos de fadas escolhidos; d) apresentar uma proposta de sequência didática voltada para o ensino fundamental (7º ano) com contos de Marina Colasanti que assumem uma abordagem contemporânea.

Considerando o trabalho em sala de aula, sob a perspectiva do ISD, faz-se necessário reestruturarmos as estratégias de leitura para proporcionarmos um ensino/aprendizado

significativo, compatível com as interações sociais em que o aluno está inserido fora da escola. Contribuir para a formação do leitor por meio de uma estratégia metodológica que tem como embasamento teórico o interacionismo sociodiscursivo é de suma importância para o desenvolvimento do discente no que diz respeito à sua aprendizagem e às suas relações sociais. Um leitor proficiente é capaz de compreender o mundo à sua volta, fazer inter-relações e emitir o seu ponto de vista de maneira contextualizada.

Mata (2017) apresenta contribuições relevantes para a compreensão de algumas estratégias gerais de leitura pertinentes à compreensão do gênero conto de fadas em confronto com outros textos de outros gêneros. Mata (2017, p. 1) afirma: “A leitura é a prática letrada mais frequente em nossa vida social”. Ela declara que a leitura dos mais variados gêneros, em diversas situações de atividade de linguagem, deve ser o principal objetivo do ensino fundamental.

Leitor proficiente é aquele que não só decodifica as palavras que compõem o texto escrito, mas também constrói sentidos de acordo com as condições de funcionamento do gênero em foco, mobilizando, para isso, um conjunto de saberes (sobre a língua, outros textos, o gênero textual, o assunto focalizado, o autor do texto, o suporte, os modos de leitura). No processamento do texto, portanto, são articulados os elementos linguísticos que compõem a materialidade desse texto e o contexto de produção e de leitura. Dito de outro modo: o leitor deve considerar: quem escreveu o texto? para quem? com que finalidade? para circular onde? E, ao mesmo tempo, pensar: para que vou ler o texto? o que preciso saber para entendê-lo? o que espero encontrar? Podemos dizer, então, que o processo de leitura envolve uma dimensão individual, relacionada às operações cognitivas realizadas (levantamento de hipóteses, geração de inferências e outras estratégias de leitura) e uma social, caracterizada pelas práticas sociais letradas em que estão envolvidos variados gestos de leitura (MATA, 2017, p. 1).

A sequência didática com base na comparação de textos que assumem perspectivas diferentes de abordar os conteúdos e a forma de narrar foi uma estratégia específica de leitura do gênero conto de fadas. O confronto entre os contos mencionados permitiu ao aluno a percepção das diferenças entre o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997 p. 279).

O conteúdo temático nos contos tradicionais está intimamente relacionado aos paradigmas tradicionais, entre eles, podemos citar, segundo Coelho (2000a, p. 19), o “espírito individualista, obediência absoluta à Autoridade, sistema social fundado na valorização do **ter** e do **parecer**, acima do **ser** e a reverência ao passado”. Já os contos contemporâneos fazem referência aos novos paradigmas, que, segundo Coelho (2000a, p.19), são o “espírito solidário,

o questionamento da Autoridade, sistema social fundado na valorização do **fazer** como manifestação autêntica **do ser e redescoberta e** reinvenção do passado. (onde se fecham as aspas?)

O estilo verbal, segundo Bakhtin (1997, p. 279), refere-se aos “recursos da língua-recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais”, enquanto os contos tradicionais apresentam um estilo verbal mais simples; por estarem relacionados a uma linguagem advinda da oralidade e do conhecimento popular, os contos contemporâneos apresentam um estilo verbal mais complexo, metafórico, com presença também de outras figuras de linguagem que exigem um nível de leitura mais maduro para serem decifradas.

Na estrutura composicional dos contos tradicionais alguns autores apresentam no final das histórias a moralidade referente a ela, como é o caso do escritor Charles Perrault (1697, 2015), enquanto os contos maravilhosos de Marina Colasanti (1982, 1992, 2015) têm algumas particularidades, como a não apresentação do desfecho da narrativa, como acontece, por exemplo, no conto “Entre a espada e a rosa”.

O trabalho realizado com o gênero textual conto de fadas contou com estratégias gerais e específicas para que a apresentação do gênero, problematização das condições de produção dos contos, apresentação da temática, da forma composicional e do estilo de linguagem presentes nos contos de fadas tradicionais e contemporâneos escolhidos. A apresentação da autora Marina Colasanti também fez parte da sequência didática com o objetivo de analisarmos as representações do universo feminino em suas criações, especialmente em dois contos de fadas.

Os alunos encontraram sentido na leitura dos contos de fadas já que foram previamente apresentados ao gênero. Tiveram mais estímulo para ler, pois estavam mais aptos a interpretar o que liam e, por isso, percebemos que, depois da realização do trabalho, eles mostraram-se motivados para buscar também outros gêneros com diversas temáticas para leitura e interpretação, ou seja, a formação do leitor, já iniciada, estará em construção nos próximos anos letivos. O horizonte de expectativas (o termo será explorado no capítulo quatro) foi rompido e ampliado a cada leitura realizada e a cada momento de reflexão e interação provocado entre leitor/texto.

O professor que tiver contato com a proposta metodológica apresentada nesta dissertação poderá tomá-la como ponto de partida para modificar as suas aulas de língua portuguesa, pois perceberá que a leitura na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo é relevante para o desenvolvimento pedagógico e social dos discentes.

1. O CONTO DE FADAS: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO UM PERCURSO HISTÓRICO

O presente capítulo tem o objetivo de fazer um breve levantamento histórico do gênero conto de fadas, perpassando pelo seu surgimento, meados do século V a.C., os principais escritores de contos de fadas: Charles Perrault (França, século XVII), Irmãos Grimm (Alemanha, século XVIII), Hans Christian Andersen (Dinamarca, século XIX), o crescimento da literatura infantil brasileira por meio das criações de Monteiro Lobato (início século XX), o surgimento de novos escritores na literatura infantil brasileira, entre eles, Marina Colasanti (final do século XX), autora dos contos contemporâneos, usados na pesquisa. Ao final do capítulo, são apresentados os paradigmas tradicionais predominantes até o final do século XIX e os paradigmas emergentes, surgidos no século XX.

A literatura infantil, hoje conhecida como clássica, tem suas raízes mais remotas em fontes orientais (Índia) ou, mais precisamente, indo-europeias, e a sua difusão, no Ocidente europeu, se deu durante a Idade Média, período intermediário entre a civilização pagã e a civilização cristã, por meio da transmissão oral. Entre as fontes originais que interessam diretamente à literatura popular/infantil em língua portuguesa está *Calila e Dimma*, antologia mais antiga da literatura popular europeia, que tem a Índia como provável local de surgimento em meados do século V a.C. Ela serviu de fonte à literatura narrativa ocidental (COELHO, 1991).

A linguagem literária utilizada nesta coletânea registra a tendência do homem para explicar o real por meio de símbolos, mitos ou metáforas (COELHO, 1991). É resultante da fusão de três livros sagrados da Índia primordial: *Pantschatantra*, *Mahabharata* e *Vischno Sarna*. São narrativas exemplares ou fantásticas, destinadas originalmente a adultos e depois transformadas em literatura para crianças, em que os personagens eixos, dois chacais, dão nome à obra. A crítica contemporânea considera essas narrativas um manual de arte política (COELHO, 2012).

Em grande parte desses relatos primitivos, a ação se passa *fora dos limites do mundo conhecido*, o que mostra que, desde as origens, a palavra que se perpetuou de geração a geração ou de povos para povos, procurava dizer algo que explicasse não só a existência concreta do dia – a – dia ... mas também a que ficava para além dos limites conhecidos e compreensíveis (COELHO, 1991, p.15).

Sendebar (1263), coletânea do fabulário oriental, originária da Índia, divulgou a mulher como astuta, mentirosa, traidora, ambiciosa, ou seja, a imagem negativa da mulher foi colocada

em evidência. Mais tarde a imagem positiva da mulher – anjo que aparece na novelística ocidental - dará origem à dualidade da imagem da mulher que a caracteriza até hoje. A estrutura caixa de surpresas, apresentada em *Calila e Dimma*, também aparece em *Sendebbar*. As 26 narrativas nascem e se entrelaçam, provocadas por um argumento principal (COELHO, 1991).

Seu argumento gira em torno do eixo paixão – ódio – sabedoria. O motivo é semelhante ao de *Os Dois Irmãos*: uma paixão rejeitada que gera ódio. O filho de um rei falsamente acusado pela madrasta de tentar violentá-la é condenado a morte pelo pai. Mas a execução vai sendo adiada por estratégia de sábios que queriam proteger o príncipe. Ao final, ele consegue falar e provar sua inocência, e a madrasta mentirosa é entregue às chamas (COELHO, 2012, p.39).

Sendebbar pode ser inserido entre os iniciadores do conto de fadas, uma vez que o seu conflito principal é de natureza existencial: a paixão e o conhecimento são colocados em jogo, para defesa de uma vida (COELHO, 2012). A partir da coletânea *Sendebbar*, surgiram vários contos maravilhosos, entre eles, as *Aventuras de Simbad, o Marujo, ou Ali Babá e os Quarenta Ladrões e Aladim e o gênio*. A coleção *Sendebbar* ficou famosa com essa nomenclatura, *Sendebbar*, porventura pela aproximação com o nome do seu autor - o filósofo indiano Sendabad (COELHO, 1991).

A compilação mais significativa do fabulário oriental, *As mil e Uma Noites*, deve ter sido finalizada no término do século XV, mas só no início do século XVIII foi divulgada no mundo ocidental, traduzida por Antoine Galland e publicada em 1704. Os relacionamentos entre homem e mulher que incluem amor, morte e palavra ligados à dual natureza atribuída à mulher - fiel/infiel, pura/ímpura - fascinam os mais diferentes povos há séculos e se tornaram universais (COELHO, 2012).

As narrativas mais antigas (*Calila e dimma, Sendebbar, etc.*) giram em torno de certos elementos que derivam ou desembocam na violência: a vitória ou prepotência dos fortes sobre os fracos; a luta pelo poder através de quaisquer meios; as metamorfoses contínuas; a falsidade ou traição das mulheres; a ambição desmedida de riqueza e poder; a astúcia dos fracos para escapar à prepotência dos fortes; a utilização de animais para “representarem” as ações humanas... Por outro lado, registram-se narrativas ‘edificantes’, isto é, transmissoras de modelos de moral (*Hitopadesa*), onde , através de variadas situações, difunde-se uma atitude moral básica: *o respeito pelo próximo*. Dela decorre todo um corolário de ações “exemplares” para um convívio comunitário equilibrado, aspecto que vai ser sobremaneira ampliado na literatura europeia que surge no período medieval (COELHO, 1991, p.21).

Conforme os teóricos, por volta dos séculos IX e X, em locais europeus, começa a aparecer na modalidade oral uma literatura popular que, séculos mais tarde, se tornaria a literatura nomeada hoje como literatura infantil (COELHO, 1991). Esta literatura seduz e cativa

a criança por meio de histórias, poemas, entre outros, mesmo quando o seu público alvo não é o infantil (AGUIAR, 2001). Após o reconhecimento social da criança, século XIX, com a intenção formativa, as crianças passaram a se inteirar dessas narrativas (COSTA, 2009).

As obras infantis podem ser classificadas como pedagógicas ou emancipatórias. As pedagógicas objetivam ensinar ou incitar a criança para determinado comportamento, e as emancipatórias estimulam a criatividade, a curiosidade e a fantasia do leitor, proporcionando diferentes entendimentos entre a realidade e o mundo em que este está inserido (AGUIAR, 2001). A literatura infantil em geral não surgiu simplesmente como diversão sem relevância (COELHO, 1991). A literatura, particularmente a infantil, tem uma função primordial para desempenhar nesta sociedade em constante mudança, a responsabilidade de atuar como formadora entre os seus leitores (COELHO, 2000a).

Na verdade, o principal responsável pelo surgimento da literatura infantil é o próprio homem que, ao sentir necessidade de transmitir ideias e acontecimentos, buscou na ficção uma maneira de transmitir a herança cultural, acumulada pela humanidade ao longo do tempo. Há, portanto, um forte elo entre a literatura e a oralidade (COSTA, 2009, p.126).

A literatura infantil apresenta-se sob as formas expressivas prosa e verso. Em prosa encontram-se os mitos, as lendas, as fábulas, os apólogos, os contos e as novelas, e, em verso, as canções e os poemas de todos os tipos. Os contos são curtos, apresentam trama linear, concentração de ação, tempo e espaço, os fatos podem ser contados num passado indeterminado, iniciando a narrativa com a fórmula consagrada era uma vez, ou podem abordar situações mais reais, recorrendo ou não à fantasia, possuem um núcleo de ação e são consideradas narrativas fechadas (AGUIAR, 2001). Os conhecidos contos de fadas, consagrados como clássicos infantis, foram transmitidos durante séculos, oralmente, de geração em geração, até serem transcritos, registrados em livros e receberem os nomes de seus recriadores (COELHO, 1991). A literatura oral e a escrita configuram a herança que passa por transformações considerando os valores que são herdados de outras épocas e os que se renovam conforme os valores contemporâneos (COELHO, 2000a).

O gênero conto de fadas apresenta uma narrativa ficcional, cujas principais características são marcadas por uma problemática existencial em que há o enfrentamento de situações que permitam ao leitor refletir sobre questões sociais e morais. Para a criação de um mundo de fantasia, não é primordial a presença de uma fada, mas o uso de magias e encantamentos são recursos constantemente utilizados. O desfecho das narrações tradicionais é sempre a felicidade plena dos personagens principais, contemplados por meio da realização de sonhos ou de desejos (GUIMARÃES; SINHORETTI, 2014, p.2).

Cada época compreendeu e produziu literatura de maneira particular, e conhecer cada momento é inteirar-se das suas peculiaridades e contribuições para evolução daquela, é

conhecer os ideais, valores ou desvalores sobre os quais cada povo se firmou (COELHO, 2000a).

No livro *Contos da Mãe Gansa* (1697), a primeira coletânea de contos infantis registrada pela história da literatura, Charles Perrault reuniu oito histórias em versos: *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela ou A Gata Borracheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar* (COELHO, 2012).

Vulgarmente, tais histórias circulam na França (e daí para os demais países) como, “contos de fadas”, rótulo que os franceses usam até hoje para indicar “contos maravilhosos” em geral. Nessa coletânea, a metade não apresenta *fadas*. São apenas “contos maravilhosos”, por existirem em um espaço “maravilhoso”, isto é, fora da realidade concreta. É o caso de “chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas” e o “Pequeno Polegar”. No primeiro, o elemento “maravilhoso” está na presença do lobo que fala; no segundo, na chave cuja mancha de sangue não pode ser lavada; no terceiro, no gato de botas que se comporta como uma personagem humana e na presença do Ogre, com sua capacidade de transformação, até que transformado em rato é comido pelo gato. E, no último, nas botas de sete léguas que o Pequeno polegar usa, no final de suas aventuras.

Nos demais, o “maravilhoso” está ligado à intervenção das *fadas* (boas e más) (COELHO, 1991, p. 90).

No mesmo período, na corte francesa, Jean de La Fontaine investigou, entre documentos da Antiguidade e a memória popular, o resgate das fábulas. Após um trabalho de 25 anos de busca, reelaborou os escritos primitivos em versos e lhes deu a forma literária final: *Fábulas de La Fontaine*, *O Lobo e o Cordeiro*, *O Leão e o Rato*, *A Cigarra e a Formiga*, *A Raposa e as Uvas*, entre outras fábulas, denunciam as intrigas, os desequilíbrios e as injustiças que aconteciam na vida da Corte ou entre o povo (COELHO, 2012).

La Fontaine foi colher seus fundamentos nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais e renascentistas e em várias outras leituras que desafiavam sua incansável curiosidade. Os seus poemas narrativos são encerrados com uma moral, fato comum entre eles, a particularidade de curtas histórias com situações humanas resumidas, que visam os costumes e o comportamento social dos homens, divertem, ensinam e contribuem para a imortalização de suas fábulas na história da literatura (COELHO, 1991).

A literatura infantil nascida com Charles Perrault teve o início de sua expansão pela Europa e pelas Américas no século XVIII por meio das pesquisas linguísticas realizadas pelos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm). Eles contaram com duas mulheres, Katherina Wieckmann e Jeannette Hassenpflug, para recolher antigas narrativas, lendas e sagas que permaneciam vivas, transmitidas de geração para geração pela tradição oral. Assim, descobriram inúmeras narrativas maravilhosas que acabaram por formar, depois de selecionadas, a coletânea que hoje é conhecida como Literatura Clássica Infantil (COELHO, 2012).

Por volta de 1812 e 1822, os contos foram disseminados separadamente e, depois, inseridos no volume *Contos de Fadas para Crianças e Adultos*, hoje conhecidos como *Contos de Grimm* (COELHO, 2012). Os dois objetivos da pesquisa eram a conservação da tradição popular germânica e o embasamento teórico das pesquisas filológicas do alemão (COELHO, 1991).

Falar da importância de Jacob e de Wilhelm Grimm implica retomar instantes essenciais para a cultura literária do Ocidente, isso porque, como já assinalado, em 1812, veio a lume a primeira edição do primeiro volume da coletânea de narrativas elaborada pelos Grimm. O trabalho da dupla se estendeu até o ano de 1815 e a obra foi publicada de acordo com o espírito romântico de resgate das origens e saberes populares. Configura-se como a mais conhecida antologia de contos de fadas e de lendas já realizada na cultura ocidental, reunindo cerca de 210 narrativas plenas de magia e encantamento. A tarefa de colecionar histórias e canções populares, que corriam o risco de caírem no esquecimento, já havia sido empreendida cerca de um século antes por Perrault na França e, alguns anos antes, por Herder, Goethe, Brentano e Arnim na Alemanha. Cerca de um século depois, foi realizada no Brasil por Sílvia Romero, Câmara Cascudo e Mário de Andrade (MOURA; CAMBEIRO, 2013, p. 7).

Nessa época, a maneira de o homem ver e compreender o próprio homem, seu mundo e seus objetivos difere da época em que Perrault escreve a primeira coletânea de literatura infantil. As referências negativas continuam sendo encontradas - a violência, os conflitos e agressividade -, no entanto a esperança e a confiança na vida predominam nas histórias narradas pelos Irmãos Grimm, o sentido do “maravilhoso” da vida aparece mesclado nelas. A exemplo, o final da história narrada por Perrault termina com o lobo devorando a menina e avó, enquanto, no final da história com o mesmo título, narrada pelos Irmãos Grimm, o caçador salva a menina e avó ao abrir a barriga do lobo, nesta versão o lobo morre com a barriga cheia de pedras, colocadas ali pelo caçador (COELHO, 1991).

Por vincular-se ao universo do imaginário ou da fantasia, quanto à sua natureza, os *Contos de Grimm* são inclusos na esfera das histórias do fantástico-maravilhoso. A estrutura das histórias é compreensível, contém um só núcleo dramático, predominam nas coleções de narrativas populares, enquanto as narrativas com estruturas complexas são raras nas coletâneas de contos populares. A apresentação de uma problemática simples, desenvolvida em unidades narrativas que se sucedem praticamente iguais entre si, é a característica básica de tais narrativas (COELHO, 1991).

A técnica da repetição, outro componente que integra a base dos contos populares, equivale à repetição cansativa das mesmas técnicas comuns (fundamentações, tipos e características de personagens, motivos, ocupações das personagens, princípios ideológicos etc.). Essa técnica é empregada para se respeitar a necessidade/prazer dos pequenos leitores de saber por antecipação tudo que acontecerá na história (COELHO, 1991).

Décadas depois dos Grimm (1835 a 1877), o dinamarquês Hans Christian Andersen publica os *Eventyr* com 168 contos. Entre eles, os mais conhecidos são *O Patinho Feio*; *Os Sapatinhos Vermelhos*; *O Soldadinho de Chumbo*; *A Pequena Vendedora de Fósforos*; *O Rouxinol e o Imperador da China*; *A Pastora e o Limpador de Chaminés*; *Os Cisnes Selvagens*; *A Roupas Nova do Imperador*; *Nicolau Grande e Nicolau Pequeno*; *João e Maria* e *A Rainha de Neve* (COELHO, 2012).

Nas narrativas de Grimm, o universo fantástico se destaca, enquanto nos de Andersen, na maior parte, é na existência real do dia a dia que os elementos mágicos são descobertos e, misturadas a eles, muita maldade e violência que seu humanismo tenta amenizar. Em relação às fontes, os Irmãos Grimm recolheram e adaptaram as narrativas pertencentes à tradição oral, enquanto Andersen recorreu a dois aspectos, a literatura popular e a vida real, e a maioria de suas histórias está presa ao cotidiano (COELHO, 1991). Complementados com os fundamentos maravilhosos, seus contos se nutrem do mundo real, no qual reinam a injustiça social e o egoísmo (COELHO, 2012).

Andersen, por meio de suas histórias, sugeria que as crianças, o seu público alvo, seguissem o padrão de comportamento imposto pela sociedade que naquele momento se organizava, a conduta cristã deveria guiar os pensamentos e ações da humanidade (COELHO, 1991). Os *Contos de Andersen*, resgatados do conhecimento popular nórdico ou idealizados, mostram a fatura de injustiças que estão na base da sociedade, mas, ao mesmo tempo, indicam como anulá-las por meio da fé religiosa (COELHO, 2012).

Entre os diversos valores ideológicos românticos, facilmente identificáveis em suas histórias, apontamos:

- a. Defesa dos direitos iguais, pela anulação das diferenças de classe. (*A Pastora e o Limpador de Chaminés*)
- b. Valorização do indivíduo por suas qualidades intrínsecas e não por seus privilégios ou atributos exteriores. (*O Patinho Feio*, *A Pequena Vendedora de Fósforos*)
- c. Ânsia de expansão do Eu, pelo conhecimento de novos horizontes, novos costumes, novos seres. Atração pelo diferente, pelo incomum, pela aventura... (*O Sapo*, *O Pinheirinho*, *A Sereiazinha*)
- d. Consciência da precariedade da vida, da contingência dos seres, das situações... (*O Soldadinho de Chumbo*, *O Homem da neve*)
- e. Crença na superioridade das coisas naturais em relação às artificiais. (*O Rouxinol*)
- f. O incentivo à fraternidade e caridade cristãs; a resignação e paciência com as duras provas da vida. (*O Pequeno Tuque*, *Os Cisnes Selvagens*)
- g. Sátira às burlas e mentiras de que os homens vivem se servindo para enganarem uns aos outros. (*João Grande e João Pequeno*, *A Roupas Nova do Imperador*)
- h. Condenação da arrogância, do orgulho, da maldade contra os fracos e com os animais e principalmente contra a ambição de riquezas e poder. (*João Grande e João Pequeno*, *A Menina que pisou no chão*, *Os Cisnes Selvagens*)
- i. Valorização da Obediência, Pureza, Modéstia, Paciência, Recato, Submissão, Religiosidade... como virtudes básicas da Mulher. Confirma-se em Andersen a

imagem da mulher como o ser *dual* que surge no Renascimento: no *plano do ideal*, ela é o ser do qual depende a realização total do Homem; no plano da *realidade social* e humana, é o ser-objeto, totalmente submisso à Vontade do homem a quem pertence (pai, irmão ou marido). Note-se em todas as estórias que afirmam tal imagem da mulher, que sempre *alguém decide de seu destino* sem consultá-la para nada; ela é totalmente passiva e a tudo se curva docilmente (COELHO, 1991, p. 151-152).

Autor de *Alice no País das Maravilhas*, publicado em 1865; *Alice através do Espelho* e o que *Alice Encontrou lá*, publicado em 1872, Lewis Carroll, escritor inglês, é o primeiro a se destacar na área do realismo maravilhoso dentro da literatura infantil moderna. Fazendo-se uma comparação com literatura inglesa da época, é perceptível a ligação dos livros de Lewis Carroll com a importante corrente do nonsense vitoriano (COELHO, 1991). “Indiscutivelmente, o grande valor literário de *Alice no País das Maravilhas* está em sua *invenção de linguagem*, correspondendo essencialmente à natureza das fantásticas aventuras ali concretizadas” (COELHO, 1991, p.161).

Essa invenção de linguagem apresenta-se como um impedimento para o surgimento de traduções fiéis ao original, a complexidade vocabular é eliminada e preservam-se apenas as aventuras contadas de maneira clara, facilitando o entendimento das histórias. Ao se efetuar a tradução, muitas vezes, não é possível encontrar na outra língua expressões que preservem o sentido original colocado pelo autor, sendo necessário procurar expressões que mais se aproximem, o que nem sempre é possível (COELHO, 1991). Quanto à contribuição básica de Lewis Carroll para a literatura infantil,

[...] L. Carroll consegue fundir o *mundo real*, conhecido, concreto (onde a vida cotidiana decorre) com o mundo imaginário, desconhecido e abstrato (onde o espírito do homem encontra espaço para se expandir livremente). Dessa fusão real/imaginário, resulta na matéria literária uma vivência muito mais rica ou gratificante do que a normalmente permitida pelo mundo real; ou então ameaçadora, pela descoberta, no mundo imaginário, de forças poderosas que a disciplina organizada do mundo real mantém ocultas e prisioneiras (COELHO, 1991, p.166).

No século XX, a literatura infantil brasileira rompe com as convenções desprovidas de autenticidade e abre as portas para novas ideias. Monteiro Lobato representa o divisor de águas entre o que era produzido no Brasil até então e o que passou a ser produzido após as suas criações. A sua primeira criação, *A menina do narizinho arrebitado*, teve duas publicações no mesmo ano, 1920, a primeira contava apenas com fragmentos da história, já a segunda contou com um formato mais elaborado e mais extenso, publicado pela editora Monteiro Lobato & Cia (editora fundada pelo próprio autor). O segundo volume, *Livro de Figuras*, por destacar a função da imagem nos livros didáticos, incluía-se na Escola Nova, nova diretriz pedagógica. O sucesso da obra o levou a publicá-la em 1921 em outro formato, com tiragem de 50.500

exemplares, dos quais, 50.000 foram distribuídos nas escolas públicas de São Paulo por aquisição do governo paulista (COELHO, 1991).

As situações familiares e afetivas, mergulhadas no universo maravilhoso/mágico, provocaram identificação dos leitores com as histórias narradas por Monteiro Lobato. Ele, assim como Lewis Carroll em *Alice no País das Maravilhas*, combinou o real e o maravilhoso em uma única realidade. Nos anos 1950, as histórias em quadrinhos e a televisão ganharam espaço, com isso, a leitura como fonte de lazer diminuiu significativamente. Em 1952, a série de teleteatro *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* era iniciada na TV Tupi São Paulo. Essa nova face que provocou encantamento durante anos ao público infantil e ao adulto aguçou a curiosidade destes para procurar as obras impressas e continuar a viagem pelo mundo encantado (COELHO, 1991).

A produção de Monteiro Lobato conta com obras originais, adaptações e traduções indicadas para o público inserido na faixa etária entre nove e dez anos. O sucesso das obras de Lobato não se deve apenas à sua capacidade de criar personagens envolvidos em tramas recheadas de humor e situações inusitadas por meio de uma linguagem singular, a harmonização entre suas criações e as ideias e valores que permeavam a época em que foram produzidas constitui o seu maior mérito (COELHO, 1991).

Dentre a complexidade dessas *ideias, valores e imposições*, destacamos duas atitudes que, a nosso ver, atuaram com mais força na lenta elaboração do universo literário que Lobato constrói durante mais ou menos vinte anos. São elas: a *necessidade de ruptura* com o sistema de vida tradicional (esclerosada, mas ainda vigente...) e a *defesa incondicional do homem – de - iniciativa*, cuja inteligência, vontade de realização e poder de trabalho abriam para o mundo a nova era de progresso tecnicista e financeiro (COELHO, 1991, p. 234).

Entre as décadas de 1930 e 1940, a produção de literatura infantil cresceu, motivada pela convicção de que o indivíduo deve se preparar como cidadão por meio do estudo, e o aprendizado da leitura é o início dessa preparação. Poucos escritores conseguiram se destacar com sua criação literária, prevaleceram, entre eles, os livros de Monteiro Lobato e as obras clássicas traduzidas e adaptadas por este. No mesmo período, por conta das reformas educacionais, os livros de Monteiro Lobato começaram a ser vetados em colégios religiosos sob a alegação de serem nocivos para a formação das crianças. Nos anos 1940, a produção de livros passou a prezar pelo real em detrimento do maravilhoso (COELHO, 1991). Nos anos 1940-1950, aos poucos, a literatura infantil foi ligada aos objetivos das mudanças educacionais em processo e, no geral, tornou-se leitura didática (COELHO, 2000b).

Nos anos 1950, a fantasia reapareceu na literatura infanto-juvenil, o real e o imaginário voltaram a estar em harmonia. As histórias em quadrinhos ganharam muito espaço, sendo

preferidas em comparação aos livros que não contavam com imagens, essa escolha dos leitores foi entendida como negativa e antipedagógica, consequentemente, o ingresso das mesmas foi proibido nos parques infantis e bibliotecas do Município de São Paulo. A inovação da década foi a formação do teatro infantil. A montagem e criação de textos para espetáculos teatrais apresentavam-se em ascensão (COELHO, 1991).

Nos anos 1960, a literatura ocupou um espaço secundário, no entanto a poesia, por meio da música popular, tornou-se destaque. A música era veículo de protesto contra os erros ou contradições da lei vigente. Nessa época, foi votada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A reformulação proposta em 1971 dava ênfase à leitura como base para a formação e como suporte para o desenvolvimento do discente no processo de aprendizagem. Essa nova instrução aumentou a demanda de livros literários que passaram a ser explorados por meio de uma ficha ou um roteiro de questões, objetivando direcionar as atividades referentes à leitura no ambiente escolar ou fora dele. A literatura em quadrinhos continuava em alta, predominando a importada, pois a divulgação dos personagens por meio da televisão e o custo mais baixo em comparação à nacional faziam com que o interesse por aquela fosse maior. Dos autores nacionais, Mauricio de Sousa ganhou destaque com a criação da *Turma da Mônica* e conquistou o mercado nacional e o internacional (COELHO, 1991).

Nessa época (anos 50-60), os inventos audiovisuais começam a ser industrializados em maior escala e, ao se expandirem no mercado, alteram definitivamente o relacionamento do homem com o mundo e com os seus semelhantes. A televisão chega para inaugurar oficialmente a *civilização da imagem, do som, da fragmentação e da velocidade*, na qual a *palavra*, como valor, passa para plano secundário, embora ela continue a ser a base de tudo (sem texto, sem pensamento verbalizado, nada existe...) (COELHO, 2000b, p. 129).

Entre os anos 1970/80, a literatura infanto-juvenil passou por uma explosão de criatividade (COELHO, 1991). A capacidade de criar que estava enfraquecida voltou a existir com trabalhos para o público infantil, tendo como norteadores a inventividade, a percepção da linguagem e a percepção julgadora (COELHO, 2000b). Em 1983, o conjunto da obra de Lygia Bojunga Nunes ganhou o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen. A poesia ganhou espaço no mercado editorial e entre os pequenos leitores. Marina Colasanti é citada como um dos nomes mais significantes da poesia da época. A literatura infantil da década de 1980 apresenta três direções mais evidentes: a realista, a fantasista e a híbrida (COELHO, 1991).

1. A literatura realista pretende expressar o Real, tal qual é percebido ou conhecido pelo senso comum [...]
2. A literatura fantasista apresenta o mundo maravilhoso, criado pela Imaginação, e que existe fora dos limites do Real e do senso comum. [...]
3. A literatura híbrida parte do Real e nele introduz o Imaginário ou a Fantasia, anulando os limites entre um e outro. [...] (COELHO, 1991, p.264-265).

Na década de 1980, as criações artísticas e literárias foram multiplicadas. Pessoas que já atuavam e eram reconhecidas em outras áreas ingressaram no mundo da literatura infantil, surgindo, assim, novos escritores e ilustradores. Entre estes, Marina Colasanti, tendo como título de destaque *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. Os livros de poesia passaram por um processo de multiplicação, aumentando o espaço da ilustração/imagem e se transformando em uma nova forma narrativa. As criações passaram a fundir a linguagem verbal e a não verbal na decodificação da leitura, e esse detalhe chamou a atenção dos leitores pela capacidade criadora e pelo desafio provocado pelas obras (COELHO, 2000b).

A literatura infantil no século XX apresenta, por meio de suas criações, novos valores, denominados de “paradigmas emergentes”, em substituição aos valores antigos, denominados de “paradigmas tradicionais”. Os valores emergentes, a partir de certo período, são estabelecidos e provocam mudanças. Os paradigmas tradicionais e emergentes formam o “horizonte de expectativas” do autor moderno, responsável pela conscientização e descoberta de mundo de seu leitor por meio da imaginação. É por meio desta que cada ser pode adquirir o real conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive. Somente a razão e a lógica já não bastam (COELHO, 2000b).

Quadro 1 Confronto dos paradigmas tradicionais e dos paradigmas emergentes

PARADIGMAS TRADICIONAIS	PARADGMAS EMERGENTES
1. O individualismo e suas verdades (ou certezas) absolutas são a base do Sistema. Na Sociedade tradicional (cristã, liberal, burguesa, pragmática, progressista, capitalista, patriarcal) tudo <i>parte do indivíduo</i> e nele se sustenta. O ideal perseguido é realizar o <i>ser</i> através do <i>fazer</i> que levará <i>ao ter</i> . Embora guiado por ideais generosos (que visavam ao bem da coletividade), na prática o individualismo competitivo que era a base do Sistema acabou por se transformar no poder absoluto das minorias privilegiadas.	1. A individualidade consciente de si e de sua responsabilidade em relação ao <i>outro</i> . Espírito solidário, consciente de que o <i>indivíduo</i> é parte essencial do <i>todo</i> (humanidade, sociedade, natureza), pelo qual cada um é visceralmente responsável.
2. Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). Tal dogmatismo acabou por transformar a <i>autoridade em autoritarismo</i> .	2. Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável. Consciência da relatividade dos valores e ideais criados pelos homens; descoberta de que a transformação contínua é uma das leis da vida.

<p>3. Sistema social baseado na <i>hierarquia de classes</i>, segundo sua maior ou menor fortuna; <i>sistema familiar</i> baseado na autoridade do homem; <i>sistema religioso</i> centrado na ideia de Deus criador. Sociedade fundada em certezas absolutas.</p>	<p>3. Sistema social das antigas hierarquias em desagregação; <i>sistema familiar</i> em base de transformação devido ao desequilíbrio das relações homem-mulher; <i>sistemas religiosos</i> em fase de reestruturação; ecumenismo vs. fundamentalismos; ateísmo vs. fanatismo, etc. Sociedade, em geral, desorientada pela perda das antigas certezas e pela proliferação de novas “verdades” que logo se desgastam e são substituídas por outras. Sociedade alimentada pelo “espetáculo” da vida virtual...</p>
<p>4. Sistema moral baseado em valores dogmáticos, de base religiosa: o sentido último da vida é de natureza transcendente (prêmio ou castigo ao comportamento humano, após a morte: céu para os bons e inferno para os maus). <i>Moral sexófoba</i>, forjada pela interdição ao sexo, que é um dos fundamentos da civilização cristã, desde que o concílio de Trento (século XVI) estigmatizou o sexo como pecado.</p>	<p>4. Moral “virtual”, resultante da ausência de um centro sagrado (que o positivismo destruiu) ou de padrão aferidor do certo ou do errado. Na prática hodierna, predomínio do comportamento vale-tudo (segundo “modelos” oferecidos pela televisão e pelos multimeios de comunicação), comportamento dependente dos fins imediatos a serem alcançados. Perdeu-se o sentido último da vida. <i>Moral sexófila</i>, forjada pela supervalorização do sexo como suprema liberação do ser. Sexofilia que vem sendo o grande instrumento de liberação (ou degradação?) feminina e, ao mesmo tempo, porta aberta para os vícios e para a violência dominantes na Sociedade. No âmbito da “nova consciência” que se forma, impõem-se a <i>moral da responsabilidade</i>, a <i>ética da solidariedade</i>, pelas quais a consciência individual busca equilíbrio em meio à relatividade dos valores em transformação.</p>
<p>5. Racismo. Valorização das etnias “brancas” do Ocidente sobre as demais (negra, indígena, asiática) ou a de certas etnias que tentam destruir outras, por razões religiosas, fundamentalistas (árabes e judeus, russos e chechenos, etc., etc.).</p>	<p>5. Antirracismo (reconhecimento dos direitos humanos universais) em luta constante contra os “racismos” de toda natureza que explodem em violência pelo mundo.</p>
<p>6. Racionalismo é a base do sistema. Tudo é explicado e suas causas e natureza por meio de uma única via de acesso à verdade: a via do racionalismo científico que, para compreender o universo, compartimentou-o em campos ou disciplinas independentes e incomunicáveis, com limites bem definidos (Galileu, descartes, Newton). Valorização</p>	<p>Irracionalismo (no sentido da visão oposta à do racionalismo tradicional). As descobertas da Física, Química e Biologia no século XX produziram uma revolução conceitual drástica: do reino das certezas absolutas de ontem fomos jogados ao reino das incertezas dos quanta e da relatividade (Max Planck, Einstein, Bohr). Rompem-se os limites entre as</p>

da Razão como a única via de acesso ao pleno conhecimento das coisas para além do visível.	disciplinas, e uma nova lógica se impõe: a da <i>transdisciplinaridade</i> , o inter-relacionamento de disciplinas através de determinado esquema cognitivo (“temas transversais”). Valorização da <i>intuição</i> ou da <i>inteligência emocional</i> como possíveis vias de acesso ao conhecimento das coisas para além das aparências sensíveis.
7. A linguagem literária é mimética; procura <i>representar</i> a realidade em foco e dela ser testemunha. Sua criação pelos poetas ou escritores em geral obedece a modelos a serem imitados ou recriados. A palavra escrita é entendida como <i>índice</i> ou <i>signo</i> de verdade investida de uma autoridade indiscutível. É o tempo do <i>magister dixit</i> . Não pode haver dúvida sobre o que a “autoridade” dizia ou escrevia. É o tempo do “narrador onisciente”, seguro acerca das verdades do universo que sua narração desvenda.	7. A linguagem literária assume a si como <i>invenção</i> . Diante das incertezas inerentes ao Real, os antigos cânones faliram, a palavra poética ou narrativa se torna <i>questionadora</i> das realidades; e, por outro lado, descobre-se <i>criadora</i> ou instauradora de um novo real: linguagem de questionamento e descoberta, para a qual todo experimentalismo é permitido. Tal como Deus que, no início dos tempos, pela palavra criou o mundo (“deus disse: Faça-se a luz, e a luz se fez”, ou: “No princípio era o Verbo”.), agora o homem se vê investido do <i>poder da palavra</i> , que engendrará a Nova Ordem.
8. A criança é vista como um “adulto em miniatura”, cujo período de imaturidade (infância) deve ser encurtado o mais possível pela ação de uma educação rigorosa e inibidora da espontaneidade e da livre individualidade de seu ser. Para essa criança foi escrita a “literatura exemplar” medíocre e autoritária que (ao lado dos contos de fadas e contos maravilhosos) proliferou no Romantismo (século XIX) e estigmatizou a Literatura Infantil como ‘gênero menor’.	8. A criança é vista como um <i>ser em formação</i> , cujo potencial deve desenvolver-se em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar a maior plenitude em sua realização. Para essa criança, vem sendo criado o novo universo da Literatura Infantil, cujo marco histórico é Monteiro Lobato (anos 20-30) e cujo ponto mais alto (até este limiar do terceiro milênio) está na Literatura Infantil/Objeto Novo, engendrada a partir do <i>boom</i> dos anos 70-80.

Fonte: COELHO, 2000b, p138-141

Segundo Cunha (2012), um paradigma é formado pela concepção dos modelos existentes no mundo que controlam a maneira de pensar, sentir e querer da humanidade. O quadro Confronto dos paradigmas tradicionais e dos paradigmas emergentes, mostrado acima, traz um paralelo entre “os chamados ‘valores tradicionais’ (consolidados pela sociedade romântica no séc. XIX) e os ‘valores novos’ (gerados em reação aos antigos, mas que ainda não foram equacionados em sistema)” (COELHO, 2000a, p. 19).

O quadro mostrado é de suma importância para a análise dos valores dos contos de fadas tradicionais “Rumpelstiltskin”, século XIX, “Pele de asno”, século XVII, e dos contos de fadas

contemporâneos “A moça tecelã”, século XX, e “Entre a espada e a rosa”, século XX, trabalhados nesta pesquisa. Por serem de épocas diferentes, trazem nos seus enredos marcas do pensamento prevalente de quando foram escritos. Com o passar do tempo, os conceitos construídos em determinada época sofrem modificações, provocando o surgimento de novos paradigmas (RIBEIRO, LOBATO, LIBERATO, 2010).

No momento atual da história humana, tornou-se evidente que se vive entre um sistema herdado da civilização ocidental racionalista, progressista/cristã, cujos valores de base já se deterioraram, e uma nova dinâmica cultural em processo de construção, que, cada vez com mais força, vem se impondo ao homem, às ciências e às artes. O ser humano, hoje, encontra-se em uma fase de transição paradigmática, fala-se em crise da educação, em constantes metamorfoses da literatura que se rearticula com as modificações da realidade mutante. (CUNHA, 2012, p. 774).

Os paradigmas tradicionais centrados no individualismo, no racionalismo e na figura masculina como a detentora do saber e da autoridade, perceptíveis nos contos de fadas tradicionais, passam por um processo de transição em que esses valores não são totalmente substituídos, mas perdem força, dando lugar ao espírito coletivo, à fantasia e, principalmente, à figura da mulher menos submissa, ou até independente. É possível perceber essa transição comparando-se os paradigmas predominantes nos contos de fadas tradicionais “Rumpelstiltskin” (1812, 2005), “Pele de asno” (1697, 2015) e nos contos de fadas contemporâneos “A moça tecelã” (1982, 2015) e “Entre a espada e a rosa” (1992, 2015), respectivamente.

2. ANÁLISE DOS CONTOS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Este capítulo apresenta as análises dos contos de fadas tradicionais e contemporâneos, realizadas para servirem de embasamento para a construção da sequência didática apresentada nesta pesquisa: contexto de produção, elementos da narrativa, relações intertextuais e análise dos paradigmas presentes nos contos de fadas trabalhados.

2.1 ANÁLISE DO CONTO TRADICIONAL “*RUMPELSTILTSKIN*”

Serão apresentadas, abaixo, as análises do contexto de produção, dos elementos da narrativa, das relações intertextuais e dos paradigmas presentes no conto tradicional “Rumpelstiltskin”.

2.1.1 Contexto de produção do conto tradicional “Rumpelstiltskin”

Os aspectos físicos, sociais e subjetivos dizem respeito ao contexto de produção, ou seja, o que pode influenciar a organização de um texto. O aspecto físico, também denominado contexto físico, engloba quatro parâmetros: o lugar de produção (onde o texto foi produzido); o momento de produção (quando o texto foi produzido); o emissor (quem produziu o texto e em qual modalidade, oral ou escrita); o receptor (quais pessoas terão contato concreto com o texto). Quanto à modalidade de produção, é possível afirmar que o espaço e o tempo são os mesmos para o emissor e para o receptor quando a modalidade é oral, enquanto na modalidade escrita isso geralmente não acontece (BRONCKART, 1999).

Os aspectos sociais e subjetivos, também nomeados como contexto sociossubjetivo, podem ser definidos em quatro fundamentos principais: o lugar social (maneira de comunicação em que o texto é escrito); a posição social do emissor (qual é o papel social que o emissor desempenha na interação); a posição social do receptor (qual é o papel social atribuído ao receptor do texto); o objetivo da interação (qual é o efeito que o texto pode produzir no destinatário) (BRONCKART, 1999).

2.1.1.1 Contexto físico do conto tradicional “Rumpelstiltskin”

Inicialmente, os contos de fadas eram difundidos na modalidade oral para divertir adultos e crianças, sem distinção. Na modalidade escrita eles passaram a ser publicados para o público infantil, por Perrault, no século XVII na coletânea *Contos da Mãe Gansa* (COELHO, 1991). Dando continuidade à tradição dos contos escritos alemães, Jacob e Wilhelm Grimm, os Irmãos Grimm, com base em recontos orais coletados, escrevem o conto “Rumpelstiltskin” que faz parte de uma coletânea de histórias contendo cerca de 210 narrativas (MOURA; CAMBEIRO, 2013). “Patrimônio cultural de toda a humanidade, os ‘contos maravilhosos’ (Märchen) dos irmãos Grimm ocupam certamente o primeiro lugar entre os textos alemães mais traduzidos” (MAZZARI, 2011, p.1)

O momento de produção data de 1812, primeira edição das narrativas (PULLMAN, 2014). Com o passar do tempo, outras edições surgiram, como é o caso da utilizada nesta pesquisa para obtermos o conto “Rumpelstiltskin”, editada, selecionada e prefaciada pela Dra. Clarissa Pinkola Estés, traduzido por Lia Wyler e ilustrado por Arthur Rackham, cujo título é *Contos dos Irmãos Grimm* (2005). A edição *Contos de Grimm* traduzida por Heloisa Jahn, Companhia das Letrinhas (1996), ganhou o prêmio Título Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil FNLIJ 1996 / Categoria: Tradução/Criança (ZORZATO, 2014). O lugar de produção é a Alemanha.

Os receptores, tomando como base o título da primeira coletânea *Contos de fadas* para crianças e adultos, são, desde a primeira edição das narrativas, tanto crianças quanto adultos.

2.1.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto tradicional “Rumpelstiltskin”

Quanto ao lugar social, Jacob e Wilhelm foram “filólogos, grandes folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e da história do Direito alemão” (COELHO, 1991, p. 140). Jacob Grimm cursou Direito, foi diplomata, bibliotecário e professor do Departamento de Alemão da Universidade de Bonn, e seu irmão, Wilhelm Karl Grimm, estudou Direito, foi bibliotecário, professor extraordinário e catedrático (MATA; MATA, 2006).

A posição social do emissor refere-se, principalmente, à reunião dos contos populares germânicos preservados pela tradição oral (COELHO, 1991). “Eles passaram também por um processo de depuração moral. Somente depois dessa dupla tradução, por assim dizer, tornaram-se clássicos da literatura mundial” (MATA; MATA, 2006, p.7).

A posição social do receptor na primeira edição, 1812 refere-se aos estudiosos da cultura popular, já que a linguagem utilizada tinha cunho erudito. Nas edições posteriores, voltadas para o público infantil, revisões foram realizadas para se retirar o que fosse impróprio para crianças (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2006).

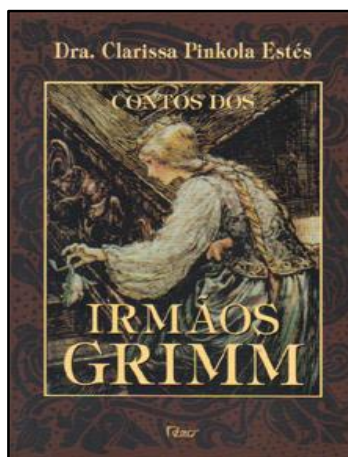
Os objetivos da transcrição desses contos populares foram “o levantamento de elementos linguísticos para fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã e a fixação dos textos do folclore literário germânico, expressão autêntica do espírito da raça” (COELHO, 1991, p. 140-141).

Ilustração 1 Versão alemã dos Contos de Grimm



Fonte: Google¹

Ilustração 2 Versão usada na pesquisa



Fonte: Google²

¹ https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/Grimm%27s_Kinder-_und_Hausm%C3%A4rchen%2C_Erster_Theil_%281812%29.cover.jpg

² https://antroposofica.lojavirtualfc.com.br/lojas/00000472/prod/dra_cla_g.jpg?cccfc=21b7b5db

2.1.2 Conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”

RUMPELSTILTSKIN

Irmãos Grimm

ERA UMA VEZ UM MOLEIRO muito pobre que tinha uma filha bonita. Ora aconteceu que ele teve oportunidade de falar com o rei e, para se dar ares de importância, disse:

- Tenho uma filha que é capaz de tecer a palha transformando-a em ouro.

O rei disse ao moleiro:

- Essa é uma arte que estou muito interessado. Se ela é tão habilidosa como diz, traga sua filha ao meu castelo amanhã e eu porei à prova.

Assim, quando a moça foi trazida ao castelo, o rei a conduziu a um quarto cheio de palha, deu-lhe uma roda de fiar e uma dobadeira e disse:

- Agora comece a trabalhar, e se entre hoje e amanhã de manhã você não tiver tecido ouro com essa palha, morrerá. – Em seguida, trancou cuidadosamente a porta do quarto e deixou-a sozinha.

Ilustração 3 Rumpelstiltskin

Sentou-se então a infeliz filha do moleiro, que por mais que tentasse não sabia o que fazer. Não tinha a menor ideia de como fiar ouro com aquela palha, e foi ficando cada vez mais aflita até que por fim começou a chorar. Então, de repente, a porta de escancarou e entrou no quarto um homenzinho que se dirigiu a ela:

- Boa noite, senhorita Moleira, por que está

Fonte: Google³

chorando tanto?

- Ai de mim! – exclamou a moça. – Tenho de fiar ouro com esta palha e não sei como fazer isso.

- Que me dará se eu a fiar para você? – disse o homenzinho.

- O meu colar.

³ <https://previews.123rf.com/images/carlacastagno/carlacastagno1506/carlacastagno150600018/41966225-sad-princess-from-rumpelstiltskin-folktale-Stock-Photo.jpg>

Ilustração 4 Rumpelstiltskin



O homenzinho aceitou o colar, sentou-se diante da roda de fiar, trrrem, trrrem, trrrem, e num instante a bobina se encheu.

Ele trocou a bobina e trrem, trrrem, trrrem, com três giros encheu a segunda também; e assim continuou até de manhã, quando terminou de fiar toda a palha e de encher todas as bobinas de fio de ouro.

Fonte: Google⁴

Logo depois de amanhecer o rei entrou e, quando viu o ouro, ficou muito espantado e satisfeito, mas sua cabeça apenas se tornou mais avarenta. Então mandou levar a filha do moleiro a outro quarto cheio de palha, maior que o anterior, e ordenou que ela fiasse tudo naquela noite, se desse valor à própria vida.

A moça se sentiu completamente desorientada e começou a chorar. Mais uma vez a porta se abriu, o homenzinho apareceu e disse:

- Que me dará se eu fiar ouro com esta palha para você?
- O anel que tenho no dedo – disse a moça.

O homenzinho recebeu o anel e começou mais uma vez a girar a roda, e quando amanheceu tinha transformado a palha em fio de ouro.

O rei ficou encantado á vista daquela quantidade de ouro, mas ainda assim não se satisfez. Mandou então levarem a filha do moleiro a outro quarto maior cheio de palha e disse:

- Você deve fiar tudo isso esta noite, e se conseguir eu a farei minha rainha.

“Mesmo que essa moça seja apenas a filha de um moleiro”, pensou ele, “não encontrarei mulher mais rica em todo mundo”.

Quando a moça ficou sozinha o homenzinho reapareceu e disse pela terceira vez:

- Que me dará desta vez se eu fiar a palha para você?
- Não tenho mais nada que possa lhe dar.
- Então me prometa seu primeiro filho se vier a ser rainha.

⁴<https://previews.123rf.com/images/carlacastagno/carlacastagno1506/carlacastagno150600023/41966230-rumpelstiltskin-had-spun-with-a-magic-spindle-making-gold--Stock-Photo.jpg>

“Quem sabe o que pode acontecer”, pensou a filha do moleiro, pois não via nenhum outro modo de sair desse apuro, então prometeu ao homenzinho o que exigia e, em troca, ele mais uma vez fiou ouro com a palha.

Ilustração 5 Rumpelstiltskin



Fonte: Google⁵

Quando o rei veio pela manhã e encontrou tudo como queria, celebrou seu casamento com a moça, e a filha do moleiro se tornou rainha.

Passado mais ou menos um ano nasceu uma bela criança, mas a rainha esquecera completamente o homenzinho. De repente, ele apareceu em seu quarto e disse:

- Agora, entregue-me o que me prometeu.

A rainha ficou aterrorizada e ofereceu ao homenzinho toda a riqueza do reino se a deixasse conservar a criança. Mas ele respondeu:

- Não, eu prefiro ter um ser vivo do que todos os tesouros do mundo.

Então a rainha começou a gemer e a chorar de tal maneira que o homenzinho se compadeceu.

- Vou lhe dar três dias – disse ele – e se nesse período a senhora descobrir o meu nome poderá conservar a criança.

Então durante a noite a rainha procurou lembrar todos os nomes que já ouvira e mandou um mensageiro percorrer o país para indagar em toda parte que outros nomes haveria. Quando o homenzinho veio no dia seguinte, ela começou com Gaspar, Melquior, Baltazar e citou todos os nomes que conhecia, um após o outro, mas ao ouvir cada nome o homenzinho respondia:

- Não, esse não é o meu nome.

No segundo dia ela mandou indagar em toda vizinhança os nomes dos moradores e recitou para o homenzinho todos os nomes mais esquisitos e raros.

- Talvez o seu nome seja costelinha. Cambito ou Aranhoso?

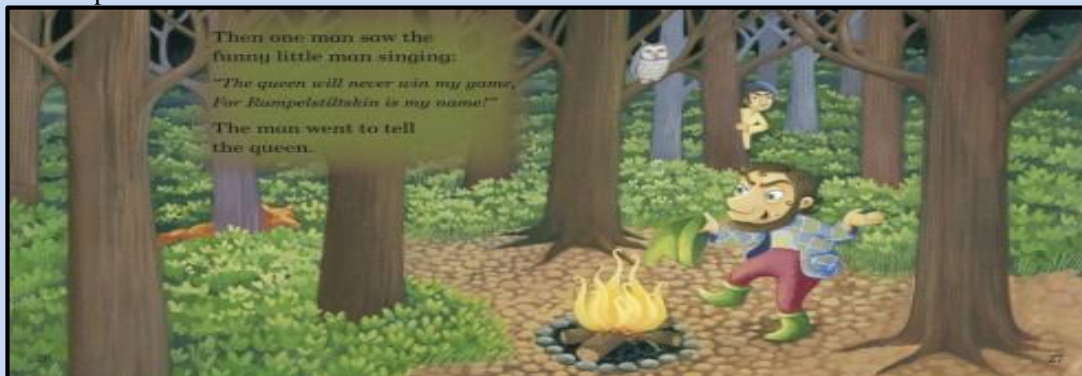
Mas todas as vezes a resposta era: “Não, esse não é o meu nome.”

No terceiro dia o mensageiro voltou dizendo que não conseguira encontrar nenhum nome novo, mas que ao virar uma trilha na mata em uma alta montanha onde a raposa dá boa-noite à lebre ele vira uma casinha e diante dela uma fogueira e em volta da fogueira um

⁵ <https://i2.wp.com/www.slaphappylarry.com/wp-content/uploads/2015/02/Rapunzel-Paul-O-Zelinsky.jpg>

homenzinho indescritivelmente ridículo que dava saltos e pulava em um pé só enquanto cantava:

Ilustração 6 Rumpelstiltskin



Fonte: Google⁶

- Hoje asso meu pão, amanhã faço cerveja;
depois terei o filho do rei.

Ah! Que sorte, que nenhum vivente saiba
que me chamo Rumpelstiltskin. Eh! Eh! Eh! Eh!

Vocês podem bem imaginar a alegria da rainha quando ouviu esse nome e, mais tarde, quando o homenzinho entrou e perguntou:

- Agora, majestade, qual é o meu nome?

Primeiro ela indagou:

- O seu nome é Antônio?

- Não.

- É Ricardo?

- Não.

- Será por acaso Rumpelstiltskin?

- Foi o diabo que lhe contou! Foi o diabo que contou! – gritou com voz aguda o homenzinho, e em sua explosão de raiva bateu e sapateou no chão com tanta força que afundou o corpo até a cintura.

Então, no auge da emoção ele agarrou sua perna esquerda com as duas mãos e se rasgou em pedaços.

⁶<http://cdn26.us1.fanshare.com/photo/rumpelstiltskin/ladybird-book-1013352070.jpg>

2.1.3 Estrutura do conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”

Abaixo estão relacionados os elementos presentes na estrutura do conto tradicional “Rumpelstiltskin” encontrados nesta pesquisa.

Personagens: aparecem cinco personagens e só um nome é revelado.

Espaço: as ações se desenvolvem, do início ao fim, no castelo do rei.

Marido: o rei não ficou sabendo que a filha do Moleiro não tinha o poder de transformar palha em ouro. O marido da filha do moleiro a explorou para conseguir mais riqueza, passou a fazer exigências maiores, quis um quarto cheio de palha, transformado em ouro, depois, mais outro e, por fim, um quarto ainda maior, transformado em ouro através da roda de fiar.

Elemento mágico: o elemento maravilhoso é o homenzinho que aparece para ajudar a filha do moleiro em troca de presentes, ela não tem controle sobre o elemento mágico.

Casamento: o casamento aconteceu por determinação do homem, o rei, apoiado pelo moleiro, pai da noiva.

Estrutura familiar: a filha do moleiro tem pai e, depois do casamento com o rei, monta sua própria estrutura familiar, formada por marido, esposa e filho.

Presença de rimas: não há presença de rimas.

Desfecho: o desfecho não é surpreendente, pois segue o modelo tradicional em que os conflitos são sempre resolvidos no final, sem ruptura da estrutura familiar.

Questionamento quanto à maneira de viver: a personagem principal, a filha do moleiro, não questiona a sua maneira de viver, apenas obedece, vive de maneira acomodada.

Características psicológicas: a personagem principal, a filha do Moleiro, apresenta-se submissa, dependente, insegura, nervosa e obediente.

Estabilidade emocional: a personagem principal, a filha do moleiro, demonstra não ter estabilidade emocional, pois em todas as situações de conflito se descontrola.

Ação de tecer: a personagem principal, a filha do moleiro, não domina a técnica de tecer. Dessa ação são originadas as riquezas descritas nos contos. A filha do moleiro, com a ajuda do homenzinho, tece palha em ouro, tornando o rei muito rico.

Desaparecimento de personagem: o homenzinho desaparece durante a explosão de raiva por saber que a rainha tinha descoberto seu nome.

2.1.4 Relações intertextuais presentes no conto tradicional “Rumpelstiltskin”

Para Bronckart (1999), o intertexto é formado por um apanhado de textos produzidos por gerações anteriores que passam por transformações norteadas pela estruturação social contemporânea. A organização do intertexto se dá a partir de uma junção de gêneros com fronteiras sobrepostas, que pode ser constituído por textos avaliados e reconhecidos pelo julgamento social, como também por textos que causam dúvida quanto a sua classificação. O processo intertextual configura-se como um empréstimo de um texto existente que sofre alterações no intuito de fazer uma adaptação dos valores nele contidos, tornando-os contemporâneos.

Sublinhemos, enfim, que esse processo de adoção-adaptação gera novos exemplares de gêneros, mais ou menos diferentes dos exemplares pré-existent, e que, conseqüentemente, é pelo acúmulo desses processos individuais que os gêneros se modificam permanentemente e tomam um estatuto fundamentalmente dinâmico ou histórico (BRONCKART, 1999, p. 103).

Segundo Koch e Elias (2015, p. 101), “[...] todo texto remete sempre a outro ou a outros [...]. Em sentido restrito, todo texto faz remissão a outro (s) efetivamente já produzido (s) e que faz (em) parte da memória social dos leitores”. São classificados vários tipos de intertextualidade, entre eles, intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade explícita, intertextualidade implícita, intertextualidade intergenérica e intertextualidade tipológica (SANTOS, 2010, *apud* KOCH, BENTES; CAVACALCANTE, 2007).

A intertextualidade temática se refere ao uso de um mesmo tema/conteúdo contidos em outros textos literários ou não literários. A intertextualidade estilística diz respeito ao uso repetido do estilo ou das variedades linguísticas de um produtor textual. A intertextualidade explícita acontece quando, dentro do próprio texto, aparece uma referência a outro texto já existente. A intertextualidade implícita requer do leitor a capacidade de reconhecer no texto novos elementos que o remetem a outra produção textual, já conhecida por ele. A intertextualidade intergenérica ocorre quando a função de gênero é exercida por outro gênero com o propósito de dar origem a efeitos de sentido. Na intertextualidade tipológica observamos a existência de propriedades semelhantes em relação às sequências ou tipos textuais existentes (SANTOS, 2010, *apud* KOCH, BENTES; CAVACALCANTE, 2007).

A arquitextualidade do texto é definida por Gérard Genette (2010, p.13) como “o conjunto das categorias gerais ou transcendentais – tipos de discurso, modos de enunciação, gêneros literários, etc. – do qual se destaca cada texto singular”. Em nota, Gérard Genette (2010) esclarece que o vocábulo arquitexto foi sugerido por Louis Marin (1974) para denominar a origem do texto.

O conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin” retoma “os mitos das Moiras”, “de Penélope”, “de Ariadne”.

2.1.4.1 O conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”, “O mito das moiras”, “O mito de Penélope” e “O mito de Ariadne”: relações intertextuais

O conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin” narra a história de uma moça que foi levada ao castelo do rei para transformar palha em ouro por indicação do pai dela. A jovem, não tinha tal habilidade e, para conseguir desempenhá-la, foi ajudada por um homenzinho em troca de alguns objetos e da promessa de que, se ela se tornasse rainha, daria ao homenzinho seu primeiro filho. Ao perceber que a princesa era uma fonte de riqueza, o rei pediu que ela transformasse mais e mais quartos cheios de palha e, se ela conseguisse, ele se casaria com ela. O casamento aconteceu e, anos depois, após o nascimento do seu primeiro filho, o homenzinho voltou para buscá-lo. Desesperada, a moça que se transformou em rainha ofereceu a este todas as riquezas do reino para não perder o seu filho, mas a proposta não foi aceita. O homenzinho lhe deu o prazo de três dias para buscar a criança e disse-lhe que, se a rainha descobrisse o seu nome, a criança estaria salva. A rainha contou com a ajuda dos mensageiros para descobrir o nome do homenzinho e conservar a criança.

“O mito das Moiras” conta a história de três mulheres que eram responsáveis pelo destino dos homens. Cloto era responsável pela existência da vida, Láquesis, pelo destino das pessoas enquanto viviam e Átropos retirava a vida. No conto tradicional “Rumpelstiltskin”, o tecer representa a transformação, primeiro o objeto palha é transformado em ouro, depois a filha do moleiro, plebeia e sem condições financeiras, transforma-se em rainha e passa a ocupar uma posição de destaque. Essas mudanças ocorrem durante a vida da personagem, sendo possível levantarmos a hipótese de que Láquesis, responsável pelo destino das pessoas, teria interferido no destino da personagem filha do moleiro, de maneira positiva.

“O mito de Pénélope” traz a história de uma mulher que esperou, por mais de 20 anos, seu marido, Ulisses, voltar da guerra. Passado esse tempo, foi pressionada a casar-se novamente, mas, como esse acontecimento era contra sua vontade, colocou uma condição para aceitar se casar novamente, a de que se casaria após terminar de tecer uma colcha. Para ganhar tempo, Pénélope a tecia durante o dia e desmanchava-a durante a noite. A sua atitude foi descoberta e ela precisou ter outra ideia para continuar esperando seu marido. A ideia foi de que ela se casaria com quem conseguisse atirar uma flecha usando o arco e flecha de Ulisses,

mas, pela dificuldade em completar a prova, nenhum dos pretendentes conseguiu cumpri-la, tempo suficiente para Ulisses voltar da guerra.

Enquanto no “Mito de Penélope” a habilidade de tecer foi utilizada como pretexto para afastar os pretendentes, no conto “Rumpelstiltskin” aconteceu ao contrário, a habilidade de tecer foi utilizada como pretexto para a filha do moleiro se aproximar do rei e, com a ajuda do homenzinho, concretizar a transformação da palha em ouro e conseguir se casar com o rei.

“O mito de Ariadne” conta a história de uma princesa que tinha um irmão metade homem e metade touro que morava em labirinto. Todos os anos sete homens e sete mulheres eram devorados pelo Minotauro. Teseu, com o objetivo de livrar as pessoas desse castigo, se ofereceu para enfrentar o Minotauro e vencê-lo, tirando a vida deste. Ariadne e Teseu se apaixonaram e ela lhe deu um novelo de fio de ouro para que ele usasse como guia para sair do labirinto. O plano deu certo, Teseu derrotou o Minotauro e conseguiu sair ileso do labirinto.

O fio usado por Ariadne para ajudar o seu amado é retomado no conto “Rumpelstiltskin” como o objeto usado pelo homenzinho para ajudar a filha do moleiro a transformar palha em ouro. No mito o fio é de ouro, passando a ideia de algo muito valioso, no conto a palha é transformada em fio de ouro, tornando-se algo muito valioso.

2.1.5 A importância de trabalhar valores morais em sala de aula

“Valor é um elemento de um sistema simbólico que serve de critério ou padrão para seleção entre alternativas” (VIANA, 2007, p.1 *apud* Silva *et al*, 2013a, p. 1). Apesar de muitos defenderem que é dever da família promover a reflexão sobre valores morais, entendemos que é também papel da escola oportunizar esse debate, afinal, valor e educação são inerentes. A discussão sobre valores em sala de aula pode contribuir para a formação de educandos capazes de assumir responsabilidades, com senso de respeito e tolerância, para, assim, tornar a convivência social mais pacífica (SILVA *et al*, 2013a).

O trabalho com textos literários em sala de aula para leitura e discussão deve fazer parte da rotina dos professores. Essas atividades, com o objetivo de ocupar-se dos valores morais, podem ser desenvolvidas por meio de debates entre os alunos da turma, possibilitando o discernimento entre as definições de certo/errado, bom/ruim, justo/injusto. As atitudes dos personagens servirão para análise e desenvolvimento da personalidade moral dos discentes, e o docente os conduzirá nesse procedimento de construção e desconstrução de conceitos. Os valores morais sofrem modificações de acordo com a época e a formação da sociedade,

portanto, as interpretações do que é positivo e negativo também mudam. Sendo assim, é necessário analisarmos e conceituarmos os valores morais de acordo com a época em que o texto foi escrito e a época em que está sendo lido (FERREIRA; ROSA, 2015).

2.1.5.1 A leitura de “Rumpelstiltskin”: valores do casamento e as tomadas de decisão

Segundo o dicionário *Miniaurélio Século XXI Escolar* (2000, p. 137), o casamento é definido como “1.União solene entre duas pessoas de sexos diferentes, com legitimação religiosa e/ou civil; núpcias. 2.A cerimônia.3 Fig. Aliança, união”.

Ao ler o conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”, é possível visualizarmos a presença das acepções 1, 2 e 3 referentes ao verbete casamento. Esse conto de fadas traz de maneira explícita os valores, cultivados na época em que esse conto foi escrito (1812), em relação ao casamento. Observamos que havia a necessidade de se oficializar a união entre duas pessoas por meio de uma cerimônia.

A mulher não tinha direito de escolher com quem se casaria, os homens faziam esse papel, o pai da moça buscava encontrar um pretendente que tivesse condições financeiras para sustentá-la, pois a mulher deveria ocupar-se somente das tarefas domésticas. E o homem que queria se casar buscava uma moça com atributos físicos específicos como ser bonita e de pele branca. Os valores morais tinham grande importância, a mulher deveria ser obediente, fiel, cuidar da casa, do marido e dos filhos com presteza, entre outros.

No conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”, o pai da moça procurou o rei com o intuito de arranjar o casamento dela com sua majestade. Usou um pretexto falso, mas provavelmente confiou no fato de sua filha ser bonita e chamar a atenção do rei, se isso acontecesse, a filha do moleiro passaria a ocupar lugar de destaque no reino e deixaria de ser pobre. Ela, apesar de não saber transformar palha em ouro, aceitou ir até o castelo, pois, além de dever obediência ao pai e ao rei, apresentar-se no castelo poderia lhe render bons frutos, como o encantamento do rei por ela.

Ao perceber que a filha do moleiro poderia torná-lo mais rico, o rei a escolheu como esposa. Além desse fato, a beleza e a obediência contribuíram para essa escolha. Percebemos, por meio desse acontecimento, que o poder de decisão em relação ao casamento era de exclusividade masculina. O casamento, para o rei, representou aumento de sua riqueza, a presença de alguém que cuidasse do seu bem-estar e a garantia de sucessores para o reino. Para a filha do moleiro, representou proteção e ganho de status.

2.1.6 Análise dos paradigmas presentes no conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin”

No conto de fadas “Rumpelstiltskin” prevalece o paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo) [...]” (COELHO, 2000b, p. 138). A filha do moleiro aceita as ordens do pai e as do seu futuro marido, o rei, sem questionar.

O paradigma tradicional “Sistema social baseado na hierarquia de classes, segundo sua maior ou menor fortuna; sistema familiar baseado na autoridade do homem; sistema religioso centrado na ideia de Deus criador. Sociedade fundada em certezas absolutas” (COELHO, 2000b, p. 138) prevalece no conto tradicional “Rumpelstiltskin”. Observamos a presença de um rei que detém riquezas e é o mais poderoso dos homens, o sistema religioso pode ser encontrado pela presença do sacramento casamento e por meio da citação ao diabo na narrativa, já que o sacramento casamento e o diabo fazem referência à religião cristã.

No conto de fadas “Rumpelstiltskin” aparece o paradigma tradicional “Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser” (COELHO, 2000a, p.19). A filha do moleiro aceitou mentir para o rei, arriscando a vida dela, por colocar a possibilidade de casar com sua majestade como mais importante do que sua dignidade.

2.2 ANÁLISE DO CONTO CONTEMPORÂNEO “A MOÇA TECELÃ”

Serão apresentadas as análises do contexto de produção, dos elementos da narrativa, das relações intertextuais e dos paradigmas presentes no conto contemporâneo “A moça tecelã”.

2.2.1 Contexto de produção do conto contemporâneo “A moça tecelã”

Segue abaixo os contextos físico e sociossubjetivo do conto contemporâneo “A moça tecelã”.

2.2.1.1 Contexto físico do conto contemporâneo “A moça tecelã”

O conto “A moça tecelã” integra o livro “Doze reis e a moça no labirinto do vento” composto por 13 contos e cuja emissora é Marina Colasanti, utilizando a modalidade escrita da língua portuguesa. Em 1982 o livro “Doze reis e a moça no labirinto do vento” ganhou o Prêmio Altamente Recomendável para Jovens, da FNLIJ (SOUZA; FRANÇA; JESUS, 2014).

O seu momento de produção data do ano de 1982, 1ª edição do livro pela editora Nórdica atual Editoras.com, e o livro conta com outras edições, como a edição pela editora Global, 2006, a 1ª edição digital em 2014 também pela editora Global e a edição utilizada que reúne todos os contos de fadas escritos por Marina Colasanti, “Mais de 100 histórias maravilhosas”, editora Global, 2015.

Quanto ao lugar de produção, subentendemos que seja a cidade do Rio de Janeiro já que Marina Colasanti vive nessa cidade desde que se mudou com a família para o Brasil. Outro indício é a localização da sede da editora que publicou a primeira edição do livro no Rio de Janeiro.

Por se tratar do gênero conto de fadas, a primeira ideia é de que os receptores serão indivíduos que estão na fase da infância, no entanto os textos destinam-se a todas as pessoas, independente da faixa etária. “... são textos verticais, são textos que podem ter variantes de leitura infinitas e que, portanto, se adaptam a qualquer idade...” (COLASANTI, 2015)

2.2.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto contemporâneo “A moça tecelã”

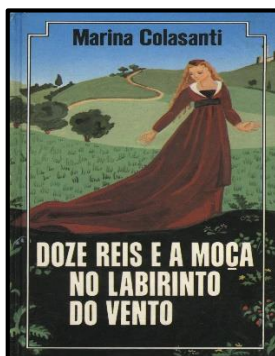
Marina Colasanti formou-se pela Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, foi jornalista, repórter, redatora, editora, atuou em publicidade, televisão e realizou numerosas traduções. Em 1968, lançou seu primeiro livro dos mais de 30 já publicados (COLASANTI, 2008).

Hoje, o lugar social que a emissora ocupa é de escritora renomada que recebeu vários prêmios. “A fortuna crítica em torno dos contos de fadas da autora é bastante significativa, visto que Marina Colasanti é premiada como autora de literaturas brasileira infantil, infanto-juvenil e adulta” (MEDEIROS, 2009, p. 17).

“Suas obras são conhecidas pela abordagem sensível de temas, que vão da condição da mulher até os problemas sociais brasileiros” (COLASANTI, 2008, p. 126). No conto “A moça tecelã” a posição social da emissora está relacionada à condição da mulher que rompe com os paradigmas tradicionais.

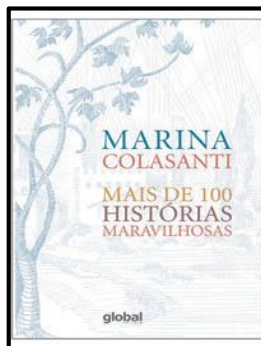
A posição social do receptor - os contos de fadas de Marina Colasanti são classificados como literatura infanto-juvenil mas podem ser lidos por indivíduos em qualquer faixa etária com o objetivo de ser apenas uma leitura despreocupada ou uma leitura engajada que une o deleite pela fantasia, pelos elementos maravilhosos com as questões sociais e o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Ilustração 7 Versão 1ª edição



Fonte: Google⁷

Ilustração 8 Versão usada na pesquisa



Fonte: Google⁸

⁷ https://3.bp.blogspot.com/-F_5KFpsRMM8/UwEXdrUX-fi/AAAAAAAAFUo/ml580OVsxwk/s1600/doze+reis+e+a+mo%C3%A7a+no+labirinto+do+vento.png

⁸ <http://globaleditora.com.br/capas/200/3725.jpg>

2.2.2 Conto contemporâneo “A moça tecelã”

A moça tecelã

Marina Colasanti

Ilustração 9 A moça tecelã



Fonte: Google⁹

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

⁹ http://4.bp.blogspot.com/_jhTYu6jX7M0/RvBiXWm4mvI/AAAAAAAAADE/hzckwaIxM5k/s1600/roca2.jpg

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado.

Ilustração 10 A moça tecelã



Fonte: Google¹⁰
todas que ele poderia lhe dar.

Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas

Ilustração 11 A moça tecelã



Fonte: Google¹¹

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

¹⁰ http://4.bp.blogspot.com/-eEGRpftTunQ/T1gTUIImC2wI/AAAAAAAAAPw/F-5aB7x84rc/s1600/56277_spin-wheel_md.gif

¹¹ http://1.bp.blogspot.com/-DPHDk1XMUvw/T_Iw9ELiN4I/AAAAAAAAArY/amiqlij5er8/s1600/tecela.jpg

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. — Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Ilustração 12 A moça tecelã



E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Fonte: Google¹²

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos,

¹² <http://4.bp.blogspot.com/-jI8V2WdScgI/T0410OvRhPI/AAAAAAAAADA/2f7JqoXNMK8/s1600/mo%C3%A7a-tecel%C3%A3.jpg>

e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

2.2.3 Estrutura do conto de fadas contemporâneo “A moça tecelã”

Abaixo estão relacionados os elementos presentes na estrutura do conto contemporâneo “*A moça tecelã*”, encontrados nesta pesquisa.

Personagens: apenas dois personagens aparecem e nenhum deles tem o nome revelado.

Espaço: as ações se desenvolvem em uma casa simples, depois, em uma casa melhor, em um palácio e terminam novamente em uma casa simples.

Marido: o marido da moça ficou sabendo de onde vinha o poder da esposa. Ele a explorou para conseguir riqueza. Passou a fazer exigências maiores, quis uma casa melhor, um palácio e luxos para o palácio.

Elemento mágico: o elemento maravilhoso é o tear que pertence à moça. Ela tem total controle sobre ele.

Casamento: o casamento aconteceu por determinação da mulher, a moça tecelã.

Estrutura familiar: a moça começa sozinha (sem pai, mãe, irmãos), depois inicia uma estrutura familiar formada por esposa e marido e termina sozinha novamente.

Presença de rimas: a presença de rimas é marcante, pois a autora Marina Colasanti utiliza a prosa poética nos seus contos. Aparecem rimas nos parágrafos 10 (chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado), 13 (tear, dar.), 16 (dia, tecia, entristecia) e 23(acordou, olhou, aprumado, emplumado).

Desfecho: o desfecho foi surpreendente, pois a moça demonstrou ter uma personalidade singular ao destecer o seu marido, romper com a estrutura familiar iniciada e retomar a vida anterior.

Questionamento quanto à maneira de viver: a personagem principal, a moça, questiona a sua maneira de viver solitária e resolve tecer um marido e, ao observar que o seu marido só tinha interesse pelo que ela podia lhe proporcionar de riqueza, passou a questionar a sua maneira de viver depois de casada e resolveu destecer o marido para voltar a viver sozinha.

Características psicológicas: a personagem principal, a moça, apresenta-se decidida, independente, segura, calma, habilidosa, trabalhadora.

Estabilidade emocional: a personagem principal, a moça, demonstrou ter estabilidade emocional, pois em nenhum momento mostrou descontrole.

Ação de tecer: a personagem principal, a moça, dominava a técnica de tecer. Desta ação são originadas as riquezas descritas no conto. A moça, por meio do poder do tear, teceu casa, palácio e muitos luxos para este para satisfazer a ambição do marido.

Desaparecimento de personagem: o marido desapareceu ao ser destecido pela moça tecelã.

2.2.4 Relações intertextuais presentes no conto contemporâneo “A moça tecelã”

Marina Colasanti, para escrever os seus contos de fadas contemporâneos, lança mão de um arquitexto. O conto “A moça tecelã” tem sua origem na retomada dos “mitos das Moiras”, “de Penélope”, “de Ariadne” e também na retomada de conto de fadas tradicionais a exemplo de “Rumpelstiltskin”, escrito pelos Irmãos Grimm. A construção desse conto também faz alusão ao “movimento feminista”.

2.2.4.1 “A moça tecelã”, “As moiras”, “O mito de Penélope”, “O mito de Ariadne”, “Rumpelstiltskin” e “O movimento feminista”: relações intertextuais

O conto “A moça tecelã” conta a história de uma moça que vivia sozinha em uma casa simples. Ela tinha um tear mágico que transformava em realidade tudo que era tecido nele pela moça. Ela tecia tudo o que precisava para viver. Vivia feliz até que um dia se sentiu sozinha e resolveu tecer um marido para lhe fazer companhia e formar uma família que seria completada pela presença dos filhos. Durante algum tempo foi feliz com o marido, mas ele descobriu o poder do tear e passou a explorar sua esposa, queria que ela tecesse cada vez mais riquezas para ele. Com o passar do tempo, a moça percebeu que não estava feliz e resolveu destecer todas as riquezas que tinha tecido para o marido, também desteceu o seu marido e voltou a viver feliz na casa simples.

“O mito das Moiras” é retomado no conto “A moça tecelã”, a moça tece o seu marido, portanto, é responsável pela vida dele, e ocorre a retomada a deusa Cloto. Quando a moça destece o marido, retirando a vida deste, ocorre a retomada da deusa Átropos.

O tecer, presente no “mito de Pénélope”, é retomado no conto “A moça tecelã” quando a moça tece tudo de que ela precisa para viver, quando tece um marido com o intuito de fugir da solidão e construir uma família e no momento em que ela aceita tecer os caprichos do marido como ter uma casa melhor, um palácio, empregados, luxos e estrebaria. O destecer existente no “mito de Pénélope” é retomado quando a moça percebe que, ao invés de lhe trazer felicidade, o marido lhe trouxe tristeza e uma solidão maior que a que sentia antes de tê-lo e decide destecer todos os caprichos exigidos por ele e logo após também destece sua criação humana.

O fio usado por Ariadne no “Mito de Ariadne” para ajudar o seu amado é retomado no conto “A moça tecelã” como o objeto usado pela moça para tecer e concretizar os seus desejos. No mito o fio é de ouro, passando a ideia de algo muito valioso, no conto, apesar de não ser descrito o material do fio usado pela moça, fica claro se tratar de um fio também muito valioso, pois é capaz de tornar realidade, por meio da ação de tecer, os fenômenos da natureza, alimento, seres humanos e objetos de grande valor financeiro como palácios e luxos.

A possibilidade de usar a ação de tecer para conseguir riquezas que aparece no conto de fadas “Rumpelstiltskin” é retomada no conto “A moça tecelã” no momento em que o marido descobre o poder do tear e mostra-se ambicioso tal qual o rei do conto “Rumpelstiltskin” que ordenou que a filha do moleiro transformasse uma quantidade cada vez maior de palha em ouro. O marido da moça tecelã também lhe “pede” uma quantidade cada vez maior de caprichos e, não contente com a casa simples, pede-lhe que teça uma casa maior, não agrado com uma casa maior, pede-lhe que teça um palácio, e, ainda não satisfeito, pede-lhe que encha o palácio de empregados e luxo.

O “movimento feminista”, que teve início na década de 1960, retrata a luta das mulheres pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Entre outras reivindicações estavam a diminuição da jornada de trabalho que até então chegava a 14 h por dia, de segunda a sábado, incluindo também a manhã de domingo, salários iguais para homens e mulheres e o direito ao voto. Com o intuito de manter em total controle as operárias das tecelagens, os seus patrões deixavam as portas das fábricas fechadas e os relógios cobertos durante as várias horas de trabalho. O conto “A moça tecelã” faz alusão a esse movimento feminista. O seu marido a fez trabalhar por longos períodos sem descanso para concretizar os desejos dele e também com o intuito de controlá-la e mantê-la afastada de qualquer distração, para isso, ele escolheu no palácio, entre tantos cômodos, a mais alta torre para que sua esposa trabalhasse no tear (HENRIQUES, 2010).

Antes de as mudanças provenientes do movimento feminista serem iniciadas, as mulheres permaneciam em situação totalmente submissa, e após períodos de luta algumas

transformações começaram a ocorrer, dando início a uma figura feminina mais independente. No conto “A moça tecelã”, a ideia de submissão da mulher é observada em vários acontecimentos, entre eles está a sequência seguida pela moça na hora de tecer o seu marido, ela começa pela sua face e termina por seus pés, fazendo alusão ao pensamento de que as mulheres devem estar aos pés dos homens, ou seja, deve obedecê-los. Com o desenrolar do conto, essa condição de submissão é alterada, ela passa a refletir sobre os acontecimentos depois da chegada do marido e resolve destecê-lo, mostrando o seu novo estado, surge uma mulher independente que não precisa de marido para ser feliz. A sequência para destecê-lo é inversa, começa pelos pés e termina na face (HENRIQUES, 2010).

2.2.5 A leitura do conto contemporâneo “A moça tecelã”: os valores do casamento e as tomadas de decisão

Retomando as definições de casamento trazidas pelo *dicionário Miniaurélios Século XXI Escolar* e a leitura do conto de fadas contemporâneo “A moça tecelã”, não mais observamos a presença das acepções 1 e 2 referentes ao verbete casamento. Os valores cultivados na época em que esse conto foi escrito (1982) diferem dos valores existentes na época de produção do conto de fadas tradicional “Rumpelstiltskin” (1812). No século XX, a oficialização do casamento por meio de uma cerimônia começa a perder força.

A mulher passa a escolher com quem se casar, o critério para essa escolha geralmente é a afeição, o sentimento amoroso existente entre o casal. A mulher conquista espaço no mercado de trabalho e pode arcar com os seus gastos financeiros, não sendo necessário casar para ter quem a sustente. Apesar de trabalhar fora como os homens, as mulheres continuam tendo como obrigação o desempenho das tarefas domésticas. Os atributos físicos continuam a ser observados e valorizados pelos homens, sendo um dos motivos instantâneos de interesse, mas é possível observar que não é o mais prevalente, os valores morais continuam a ser valorizados, a obediência dá espaço a uma liberdade moderada, já que muitos homens ainda preservam a ideia de que alguns comportamentos não devem ser realizados pela mulher, o cuidar do bem-estar do marido, da casa e dos filhos permanece apesar das lutas para que também seja de responsabilidade do homem. A fidelidade da mulher continua sendo vista como um valor moral muito importante.

No conto “A moça tecelã”, a moça vive sozinha e passa a sentir-se solitária e, para resolver esse problema, resolve tecer um marido. Percebemos a inversão no quesito escolha, nesse momento é a mulher que escolhe quando casar e com quem se casar. A oficialização do casamento não acontece, deixando claro que não é uma cerimônia que garante a boa convivência, muito menos a sua duração. Com a chegada do marido, ela faz planos de ter filhos e constituir uma família. Essa atitude retoma a ideia tradicional de que a mulher deve se casar e ter filhos, pois só assim sua felicidade estará completa.

No desenrolar da narrativa há marcas de que a felicidade esteve presente, mas que logo deu lugar ao interesse individual: “E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar” (COLASANTI, 2015, p. 39). É notório que os valores relacionados ao casamento, atribuídos pela moça, eram diferentes dos atribuídos pelo seu marido. Para ela, essa união representava amor e cuidado e, para o seu marido, simbolizava a aquisição de bens materiais.

Ao perceber que a sua escolha tinha lhe tirado a felicidade ao invés de completá-la, a moça resolve desfazer o marido. “E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo” (COLASANTI, 2015, p. 40). Essa decisão deixa evidente que o valor moral casamento para a vida toda vem perdendo espaço na sociedade contemporânea, a mulher pode e deve se separar, quando não estiver feliz, e não deve ser julgada por isso. O que prendia muitas mulheres em casamentos infelizes era a dependência financeira, e a mudança no mercado de trabalho com a inserção cada vez maior de mulheres contribui para o encorajamento destas em relação à separação, elas podem sustentar a casa e a si sem a presença do marido. Outro fator que possibilita essa tomada de decisão é o olhar da sociedade para com as mulheres separadas, o preconceito tem diminuído, a mulher separada deixa de ser vista como a errada, como a que não foi suficiente para o marido, os dois lados começam a ser observados.

A possibilidade de casar-se novamente é considerada possível, podendo acontecer quantas vezes a mulher quiser, se houver oficialização, é necessário cumprir os trâmites legais para casar novamente. O objetivo de uma união tem sido cada vez mais pautado no sentimento mútuo e no fortalecimento do cuidado e, quando estes deixam de existir, não há motivo para se continuar casado.

2.2.6 Análise dos paradigmas presentes no conto contemporâneo “A moça tecelã”

No conto de fadas “A moça tecelã”, a moça se cansa de receber as ordens do marido e resolve destecê-lo, evidenciando o paradigma emergente “Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável. Consciência da relatividade dos valores e ideais criados pelos homens; descoberta de que a transformação contínua é uma das leis da vida” (COELHO, 2000b, p. 138).

Nesse conto também é encontrado o paradigma emergente:

Sistema social das antigas hierarquias em desagregação; sistema familiar em base de transformação devido ao desequilíbrio das relações homem-mulher; sistemas religiosos em fase de reestruturação; ecumenismo vs. fundamentalismos; ateísmo vs. fanatismo, etc. Sociedade, em geral, desorientada pela perda das antigas certezas e pela proliferação de novas “verdades” que logo se desgastam e são substituídas por outras. Sociedade alimentada pelo “espetáculo” da vida virtual... (COELHO, 2000b, p. 138).

Não há um ser superior, a moça vive conforme a sua vontade, a família da moça não aparece no conto, a religiosidade não se faz presente, até os fenômenos da natureza são realizados por meio do poder do tear, a obrigatoriedade de permanecer casada, mesmo estando insatisfeita, é substituída pela escolha de ambos os cônjuges pela separação.

É perceptível o paradigma emergente “Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser” (COELHO, 2000a, p.19). As escolhas da moça estão relacionadas ao seu querer mais profundo, ao que lhe faz bem, a sua felicidade enquanto mulher.

A escritora Marina Colasanti escreve contos de fadas que revisitam o passado, *A moça tecelã* traz uma releitura do conto tradicional “Rumpelstiltskin”, dos Irmãos Grimm (2005), do “Mito das Moiras”, “Mito de Penélope”, “Mito de Ariadne” e do “movimento feminista”, porém com uma estrutura particular em relação aos elementos da narrativa e principalmente pela presença de paradigmas emergentes. “(...) surge, na literatura, a intertextualidade como processo criador, e a redescoberta de formas literárias do passado, que são recriadas pelo novo espírito dos tempos. (...)” (COELHO, 2000a, p. 26).

Os acontecimentos, assim como nos contos de fadas tradicionais, não são guiados pelo racionalismo. “Daí o atual renascimento da fantasia, do imaginário, da magia, do ocultismo... Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p.26). O ato de tecer que dá origem aos fenômenos da natureza, ao alimento, a um ser humano, tornando-os reais, e

o ato de destecer um ser humano, fazendo com que este desapareça, são exemplos da presença do imaginário nesse conto.

2.3 ANÁLISE DO CONTO TRADICIONAL *PELE DE ASNO*

Serão apresentadas as análises do contexto de produção, dos elementos da narrativa, das relações intertextuais e dos paradigmas presentes no conto tradicional “Pele de asno”.

2.3.1 O contexto de produção

Seguem abaixo os contextos físico e sociossubjetivo do conto tradicional “Pele de asno”.

2.3.1.1 Contexto físico do conto tradicional “Pele de asno”

O conto “Pele de asno”, inicialmente disseminado na modalidade oral da tradição popular, tem como emissor, na modalidade escrita, Charles Perrault (COELHO, 1991). Os contos transcritos pelo emissor são originalmente em versos e posteriormente adaptados à prosa (ALVAREZ, 2015).

O momento de produção data de 1697, segunda edição dos “Contos da Mãe Gansa”, na qual Perrault acrescenta este e mais dois contos (COELHO, 2012). A edição utilizada nesta pesquisa foi traduzida por Renata Cordeiro e ilustrada por Rafael Nunes Cerveglieri, tem como título “Histórias ou Contos de Outrora” (2015).

O lugar de produção é a França.

Os receptores, segundo a prefaciadora da edição utilizada nesta pesquisa, Alvarez (2015), é o público infanto-juvenil. “Charles Perrault, autor deste livro, apresenta-nos um conjunto de histórias voltadas para o público infanto-juvenil” (ALVAREZ, 2015, p. 9).

2.3.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto tradicional “*Pele de asno*”

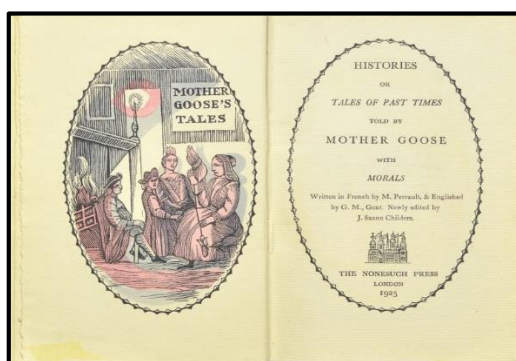
Quanto ao lugar social, Charles Perrault formou-se em advocacia (COELHO, 1991). Foi poeta, tradutor e entrou para a história ao iniciar a transcrição das narrativas maravilhosas, hoje conhecidas como contos de fadas integrantes da literatura infantil (COELHO, 2012).

A posição social do emissor refere-se, principalmente, a sua importância na iniciação da história da literatura infantil. Ao finalizar cada narrativa com uma moral, o escritor aponta normas de comportamento que, se seguidas, evitariam problemas futuros aos seus leitores (COELHO, 1991).

A posição social do receptor insere-se em um contexto educacional inferior ao das classes abastadas. Os receptores dos contos, em seu momento de produção, faziam parte do grande público menos favorecido que precisava de uma linguagem acessível, assim como a utilizada por Charles Perrault, pois não tinha acesso à educação em latim (SOUZA, 2015). Hoje, os leitores são tanto crianças que têm acesso aos contos na escola como adultos que se sentem atraídos pelos seus escritos ou que os utilizam para as mais diversas análises.

O objetivo inicial “era valorizar o gênio moderno (francês) em relação ao gênio antigo (dos gregos e romanos) então consagrado pela cultura oficial europeia como modelo superior” (COELHO, 2012, p. 81). Depois de algum tempo o objetivo de Charles Perrault volta-se para a produção de literatura infantil (COELHO, 2012).

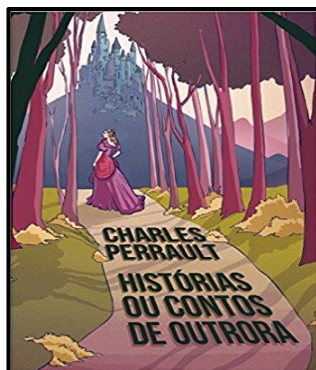
Ilustração 13 Versão inglesa



Fonte: Google¹³

¹³ <https://i1.wp.com/fantasticursos.com/wp-content/uploads/2016/12/Gansa.jpg?resize=768%2C589>

Ilustração 14 Versão usada na pesquisa

Fonte: Google¹⁴

2.3.2 Conto tradicional “Pele de asno”

Pele de asno

Charles Perrault

Era uma vez um boníssimo rei, a quem o povo muito amava e os vizinhos muito respeitavam, sendo por isso o rei mais feliz do mundo. Além do mais, ele teve a sorte de casar-se com uma princesa linda e por igual virtuosa, que lhe deu apenas uma filha, porém tão encantadora, que os pais viviam num verdadeiro êxtase.

Ilustração 15 Pele de asno



No palácio real, havia abundância de tudo e muito bom gosto. Os ministros eram muito sagazes e habilidosos, os cortesãos, muito dedicados, e os empregados, muito leais. Na grande estrebaria, havia os mais soberbos cavalos jamais vistos e com os melhores arreios, embora todos estranhassem que o mais importante animal fosse um asno com orelhas compridíssimas. Mas não. fora

Fonte: Google¹⁵

¹⁴ https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51RvLjVHrSL._SX341_BO1,204,203,200_.jpg

¹⁵ http://www.mexicoescultura.com/galerias/actividades/principal/asno_2.jpg

por um mero capricho que o rei lhe dera tamanha distinção. O asno era merecedor de todas as regalias e honras, pois, na verdade, se tratava de um asno com poderes mágicos. Todo dia, ao nascer do sol, a sua baía estava coberta de moedas de ouro, que o rei mandava recolher.

Mas como a vida não é para sempre um mar de rosas, certo dia a rainha caiu de cama, com uma doença desconhecida que nenhum médico era capaz de curar. No palácio, baixou uma intensa tristeza. O rei foi a todos os templos do castelo e fez promessas, em que se comprometia a dar sua própria vida em troca da cura da amada rainha. Mas tudo foi em vão.

Certo dia, sentindo que ia morrer, a rainha chamou o marido e lhe disse, aos prantos:

– Meu fiel esposo e amigo, quero fazer-lhe antes de ir-me um pedido: se de novo se casar...

Nesse ponto, o rei a interrompeu, apertando-lhe as mãos e desfazendo-se em lágrimas, como que para dizer-lhe que jamais sequer pensara nisso.

– Não, não, minha fiel esposa e amiga, em vez disso, peça-me que a siga na tumba!

– O reino – continuou a rainha com tranquila firmeza – precisa de sucessores e eu só lhe dei uma filha. Portanto terá que se casar de novo, e eu lhe peço que só se case se encontrar uma princesa mais bonita e mais bem-dotada do que eu. Se me jurar isso morrerei feliz e em paz.

Parece que a rainha tinha muito amor-próprio, e que se forçou o marido a essa promessa, foi porque não cogitava que pudesse haver outra princesa que excedesse em beleza e dotes. Porém, o rei jurou e ela, alguns minutos depois, morreu.

Ilustração 16 Pele de asno



Fonte: Google¹⁶

¹⁶ <http://omundodemarco.blogspot.com.br/2015/10/p-e-l-e-d-e-s-n-o-peau-dane-historia-de.html>

O rei sofreu imensamente. Durante vários dias, só chorou e se lamentou. Mas, com o tempo, se foi conformando, e, certo dia, os seus ministros lhe mandaram uma representação, pedindo-lhe que se casasse de novo. Tal pedido o fez desfazer-se em lágrimas pelo pesar reavivado e respondeu que jurara à esposa que só voltaria a se casar quando aparecesse uma princesa mais bonita e mais bem-dotada do que a falecida, o que era praticamente impossível. Os ministros disseram que a beleza era algo supérfluo, e que para o bem do reino bastava uma rainha virtuosa e fértil, que lhe desse muitos filhos homens e, assim, tranquilizasse o povo quanto à sucessão. Também disseram que a princesa real tinha todos os atributos para se tornar uma grande rainha, mas, por ser mulher, logo se casaria com um príncipe estrangeiro, o que poria em risco a coroa, já que o rei não tinha filhos que lhe sucedessem.

O rei ouviu tudo e meditou sobre aqueles argumentos racionais, prometendo que voltaria a se casar. E, de fato, procurou, entre as princesas em idade de casar uma que lhe fosse conveniente. Todos os dias, os ministros lhe traziam retratos de princesas dos reinos das cercanias – porém o rei respondia negativamente com a cabeça. Nenhuma chegava aos pés da sua amada falecida.

O tempo passava e, à medida que passava, a princesa real ficava cada vez mais linda, excedendo a própria mãe. O rei reparava naquilo, e como já não estava muito no seu juízo perfeito, começou a sentir pela filha um amor profundo e forte, que não se assemelhava ao amor paterno. Enfim, não conseguindo mais esconder os seus sentimentos, declarou que só se casaria com ela.

A jovem princesa, que era muito virtuosa, quase desfaleceu quando ouviu a declaração do rei seu pai. Lançou-se-lhe aos pés e lhe suplicou eloquentemente a não cometer aquele crime hediondo.

O rei foi consultar um druida para ficar com a consciência tranquila, e o druida, que era muito ambicioso e só queria tornar-se um dos favoritos do rei, convenceu-o de que não havia mal algum naquele casamento e que, além de ser vantajoso para todos, era até mesmo um ato de caridade. O rei o abraçou e retornou ao palácio mais decidido ainda, e mandou que a princesa se preparasse para as bodas.

A princesa, em desespero, só ocorreu uma ideia: ir consultar a fada Lilás, sua madrinha. Então, partiu naquela noite mesmo, numa espécie de carro puxado por um cordeiro que conhecia todos os caminhos. A fada gostava muito da princesa e logo que a viu chegar lhe disse que já sabia de tudo:

Ilustração 17 Pele de asno



Fonte :Google¹⁷

– É claro, minha menina, que seria um grande erro casar-se com o seu pai. Porém, eu vejo um jeito de arranjar as coisas sem que haja um confronto. Concorde com as bodas, mas lhe exija como condição que ele lhe dê um vestido da cor do tempo. Nem com todas as riquezas que possui, nem com todo o seu poder, ele conseguirá semelhante vestido.

A princesa agradeceu à sua madrinha, retornou ao palácio e disse ao rei que se casaria com ele, contando que lhe desse um vestido com a cor do tempo. O rei ficou tão maravilhado com a resposta, que mandou vir os mais habilidosos costureiros do reino, e lhes ordenou que fizessem o vestido, sob pena de serem enforcados.

Mas isso não foi necessário, porque após dois dias os costureiros trouxeram o vestido encomendado – um magnífico vestido, leve como as manhãs e azul como o céu. A princesa ficou desapontada e correu de novo ao encontro da madrinha:

– O que fazer agora? – Perguntou-lhe.

– Peça agora um vestido da cor da lua – responde-lhe a fada.

E a princesa real pediu ao rei o vestido da cor da lua, que foi encomendado de imediato.

No dia seguinte, o vestido foi entregue e era tal e qual da cor da lua. A princesa se desesperou de novo e se lamentava quando a fada apareceu e disse:

-Se pedir um vestido da cor do sol, tenho certeza de que o rei ficará muito embaraçado, pois é impossível fazer um vestido da cor do sol – e, pelo menos, você ganhará tempo.

A princesa fez o que a fada lhe recomendou – pediu ao rei um vestido da cor do sol, que foi, de pronto, encomendado. E para que os costureiros o pudessem fazer, o rei lhes deu todos os diamantes e rubis da sua própria coroa para enfeitar o vestido. Quando trouxeram, todos os habitantes do palácio tiveram que fechar os olhos, tamanho era o seu esplendor.

A moça se sentiu perdida, e sob o pretexto de que o vestido lhe havia feito mal aos olhos, retirou-se para seus aposentos, onde a aguardava a boa fada.

Ilustração 18 Pele de asno



Fonte: Google¹⁸

-Minha menina, não se desespere! Nem tudo está perdido! – disse-lhe ela. – O rei está obcecado e nossos estratagemas falharam. Mas acho que se pedir a pele do asno que fornece todo o ouro que é sustento da riqueza dessa Corte, ele negará. Vá pedir-lhe a pele do asno.

A jovem, alegre e cheia de esperanças, correu e foi pedir ao pai a pele do asno. O rei ficou espantado com aquele capricho, mas na hora ordenou que sacrificassem o asno, cuja pele foi dada à princesa.

A princesa subiu, correndo para seus aposentos e se desfez em lágrimas, mas sua madrinha conseguiu acalmá-la facilmente.

Ilustração 19 Pele de asno



-Mas o que há menina? Pois fique sabendo que isso foi ótimo. Envolve-se na pele do asno e saia pelo mundo. Deus recompensa quem tudo sacrifica pela virtude. Vá. Tudo o que lhe pertence a acompanhará, eu lhe garanto. Fique com a minha varinha de condão. Sempre que a bater no chão, verá surgirem as coisas de que estiver precisando.

Fonte: Google¹⁹

A princesa deu um abraço apertado na madrinha, suplicando-lhe que não a abandonasse jamais. Em seguida, envolveu-se na pele do asno, passou fuligem no rosto e saiu do palácio despercebida.

O desaparecimento da princesa foi um verdadeiro escândalo.

¹⁷ https://www.notrecinema.com/images/filmsi/peau-d-ane_337890_8445.jpg

¹⁸ <http://loralis.paris/wp-content/uploads/2016/07/plaid4.jpg>

¹⁹ https://cdna.artstation.com/p/assets/images/images/007/214/936/smaller_square/nadezhda-illarionova-jpg?1504531438

O rei, que já ordenara uma esplêndida festa para o dia de suas bodas, mergulhou no desespero. Mandou mais de mil mosqueteiros saírem à procura da filha. Mas tudo foi em vão. A varinha de condão tinha a fantástica propriedade de tornar a princesa invisível a todos seus perseguidores.

Assim que saiu do palácio, a princesa foi andando sem rumo, até muito longe, à procura de uma casa onde pudesse empregar-se. Todo mundo lhe dava esmolas, mas ninguém a recebia na sua casa. Aquele rosto cheio de fuligem e aquela pele de asno fazia as pessoas se sentirem nojo dela. Por fim, chegou às cercanias de uma cidade onde havia granja. Naquele exato local, estavam à procura de uma empregada que executasse as tarefas mais grosseiras, como lavar a pocilga, guardar os gansos e outras coisas do tipo. Vendo aquela maltrapilha tão suja, a dona da granja se dispôs a empregá-la, coisa que a princesa aceitou de pronto, de tão cansada que estava.

A mísera princesa teve de ficar num canto da cozinha, com toda a criadagem a caçoar dela da maneira mais estúpida – e tudo devido à pele de asno que ela usava. Enfim, acabou por se acostumar com aquilo, e caprichava tanto na execução das suas tarefas, que a dona da granja começou a vê-la com melhores olhos.

Certo dia em que sentara à beira de um tanque, resolveu mirar-se no espelho d'água e assustou-se com sua horrível aparência. Lavou-se e ficou clara como era – linda e branca como a lua. Algum tempo depois, teve que vestir de novo a medonha pele de asno a fim de voltar para casa.

No dia seguinte, não havia trabalho, porque era dia de festa, então a princesa tocou a varinha, e à sua frente surgiram os seus pertences, e ela se divertiu em pentear-se e enfeitar-se com os seus mais lindos ornamentos. O seu quarto era tão pequenininho que as caldas dos vestidos não se podiam desdobrar. Com justo mérito, a princesa se admirou no espelho e teve, dessa forma, um dia feliz. Depois desse dia, resolveu que em todas as horas vagas poria os seus lindos vestidos e se enfeitaria – mas sempre às escondidas, dentro das quatro paredes do seu quartinho. Por vezes, ficava tão encantadoramente linda que até suspirava por não haver ninguém que a visse.

Ilustração 20 Pele de asno



Fonte: Google²⁰

Num dia de folga, em que Pele de Asno (chamavam-na por esse nome) pusera o seu vestido da cor do sol, ocorreu de ali parar o filho do rei, que fora à caça. Era um belo príncipe, o povo o idolatrava e os seus pais o adoravam. A dona da granja mostrou-lhe tudo, as aves, as plantações, e como o príncipe era muito curioso, percorreu a propriedade toda, examinando tudo.

Mas quando passava por um corredor, encontrou uma porta trancada e resolveu espiar pelo buraco da fechadura: vislumbrou, lá dentro, uma beleza que o deixou fascinado. Era Pele de Asno com seu vestido da cor do Sol.

Muito intrigado, o príncipe saiu dali e foi perguntar quem ocupara aquele quarto escuro. Responderam-lhe que era uma pastora imunda chamada Pele de Asno, pois sempre vestia uma pele desse animal; disseram também que era tão suja que ninguém tinha vontade de aproximar-se dela, nem de falar-lhe, e que só por caridade a tinham empregado como pastora de carneiros e gansos.

O príncipe logo percebeu que era inútil inquirir aquelas pessoas tolas e voltou para a Corte com o coração palpitando de transtorno. Não conseguia tirar da cabeça a fascinante deusa vislumbrada por alguns segundos pelo buraco da fechadura. Arrependeu-se amargamente de não ter arrombado a porta. E tamanha foi a sua excitação que ficou com uma febre altíssima. A rainha se desesperou com o estado do seu filho único e prometeu milhões de recompensa a quem pudesse curá-lo.

²⁰ http://www.moustique.be/sites/default/files/field/image/peau_dane6_doc.jpg

Todos os melhores médicos do reino acudiram e, depois de vários exames, concluíram que a doença do príncipe provinha de uma inquietude moral. Assim que a rainha ficou sabendo disso foi perguntar ao filho o que realmente se passava no seu coração. Disse-lhe que o que quer que fosse, ela faria tudo por amor a ele; que se queria a coroa, com certeza o seu pai daria sem problema algum; que se queria tomar por esposa alguma princesa, a tomaria, mesmo que fosse necessário declarar uma guerra. Mas que, pelo amor de Deus, não continuasse daquele jeito e lhe confessasse tudo, senão também ela morreria.

-Minha querida mãe – respondeu o príncipe com voz agonizante – não sou um filho desnaturado que quer subir ao trono quando seu pai ainda está vivo. Pelo contrário: quero que ele viva por muitos anos mais.

-Eu sei meu filhinho, mas sua vida é o que temos de mais precioso e queremos saber qual é o motivo do seu desassossego, que tudo faremos para salvar a vida, pois salvando a sua vida estaremos salvando também a nossa.

-Tudo bem mãe, vou contar-lhe a verdade. O que quero é que Pele de Asno me faça um bolo para saciar a minha vontade.

A rainha ficou estupefata ao ouvir aquele pedido tão estranho, ainda mais com a menção de uma pessoa toda desconhecida e de nome tão feio.

-Meu filho, quem é Pele de Asno?

Um dos palacianos que já estivera na granja respondeu:

-Majestade, Pele de Asno é uma pastora imunda, encardida, que guarda os carneiros e gansos numa granja de propriedade real.

Ilustração 21 Pele de asno



Fonte: Google²¹

²¹ http://4.bp.blogspot.com/-_0P0NETxt0/UWRQub1tH1I/AAAAAAAAAIrA/JL6pP3Z3Lrw/s1600/Cake+d%27amou+peau+d%27ane+3.jpg

-Pouco importa! – disse a rainha. – Talvez o meu filho, numa das suas caçadas, tenha comido um bolo feito por ela e agora está com esse desejo doentio. Mandem Pele de Asno preparar o mais rápido possível, o bolo.

Cumpre dizer que, no instante em que o príncipe olhou pelo buraco da fechadura, quando visitou a granja, a princesa o percebeu, e depois, pela janelinha, pode vê-lo quando ele se afastava – e admirou o porte e a beleza viril do príncipe. Alguns dizem até que suspirou – e que desse dia em diante sempre suspirava quando se lembrava daquela cena. O que quer que seja, quando Pele de Asno recebeu a ordem de preparar o bolo, ficou agitadíssima e foi correndo a fechar-se no seu quartinho para pôr a mão na massa. Para tanto, lavou-se, penteou-se, pôs o seu vestido mais bonito e começou a amassar a mais branca e pura farinha com a manteiga e os ovos mais frescos e amarelinhos. Num dado momento, não se sabe se por obra do acaso ou se de propósito, deixou cair na massa um anel que tinha no dedo. Uma vez pronto o bolo, escondeu-se de novo sob a medonha e repugnante pele, e abriu a porta para entregar aos mensageiros o que lhe fora encomendado, e, tímida, lhes perguntou como passava o príncipe. Os mensageiros, muito soberbos, nem lhe responderam. Pegaram o bolo e se foram a galope para o palácio.

O príncipe recebeu, ávido, o bolo, e o comeu com tamanha voracidade que os médicos ficaram estupefatos, não achando aquilo nem um pouco natural. Alguns segundos depois, começou a tossir desesperadamente, como se algo o asfixiasse. Era o anel. Tirou-o da boca e viu que se tratava de uma joia rara e linda, que só poderia caber num dedinho de extrema delicadeza.

Ilustração 22 Pele de asno



Fonte: Google²²

O príncipe o beijou inúmeras vezes e pôs à sua cabeceira, para de novo contemplá-lo e beijá-lo sempre que ficava sozinho. Agora, o que atormentava era o desejo de conhecer a dona do anel, porém receava contar o que vira pelo buraco da fechadura, pois tinha a certeza de que todos zombariam dele. E, torturado por sentimentos tão contraditórios, acabou piorando. A febre aumentou. Então, os médicos disseram à rainha que a doença do príncipe era simplesmente amor.

²² https://licavincenzi.files.wordpress.com/2014/09/10399450_689710591109744_263139897065181001_n.jpg?w=372&h=335

Na hora, a rainha e o rei foram ao quarto do adorado doente.

– Meu filho! – disseram-lhe. – Seja bom conosco e nos diga o nome daquela que conquistou o coração, porque juramos aceitar a sua escolha, mesmo que seja a mais humilde serva.

O príncipe, comovido com as palavras dos pais, respondeu-lhes:

– Meus queridos pais, eu não quero casar-me com alguém que lhes desagrade, e para provar o que digo declaro que só me casarei com a dona deste anel. Acho que a dona de um dedinho que nele caiba não pode ser nenhuma aldeã indigna de nós.

O rei e a rainha pegaram o anel, examinaram-no com atenção e concordaram com o filho. Em seguida, o rei beijou o filho e se retirou, e fez um decreto em que se proclamava que a moça cujo dedo coubesse o anel seria a esposa do príncipe. Houve uma verdadeira peregrinação de moças em idade de casar ao palácio. Vieram, primeiro, as princesas, que eram muitas; em seguida, as duquesas, as marquesas e as baronesas, mas em nenhum dos seus dedos coube o anel. Depois, vieram as mais belas moças da cidade, que não pertenciam à nobreza, e tampouco nos dedos coube o anel. O príncipe melhorara e ele próprio fazia a prova.

Por fim, chegou a vez das milhares de moças de baixa condição, criadas, camareiras, e o mesmo aconteceu com elas. Então, o príncipe mandou vir também as cozinheiras e as guardadoras de gado, mas foi em vão.

– Agora só resta vir a tal Pele de Asno que me preparou o bolo – disse o príncipe – e todos riram, dizendo que uma criatura tão suja não era digna sequer de pôr os pés no palácio.

– Ordeno que a tragam – declarou o príncipe – Não há por que venham todas menos ela.

Os cortesãos lhe obedeceram e foram buscá-la, porém dando gargalhadas daquela excentricidade do príncipe.

Ilustração 23 Pele de asno



Fonte Google²³

Pele de Asno, que já amava o príncipe, sentiu o coração pular quando soube do tumulto que ocorria na Corte por causa de seu anel e, desconfiada de que também a viriam buscar, arrumou-se o melhor que pôde e pôs o seu mais lindo vestido. Em seguida, envolveu-se na pele do asno e aguardou. Algum tempo depois, chegaram os mensageiros com a ordem de levá-la, e os tais mensageiros não conseguiram parar de rir daquele horrendo ser. “Chamam-na ao palácio, ó imunda! Para casar-se com o filho do rei, ah! ah! ah!”.

O príncipe ficou desapontado quando Pele de Asno entrou no seu quarto.

– É você mesma que ocupa aquele quartinho no fundo da granja?

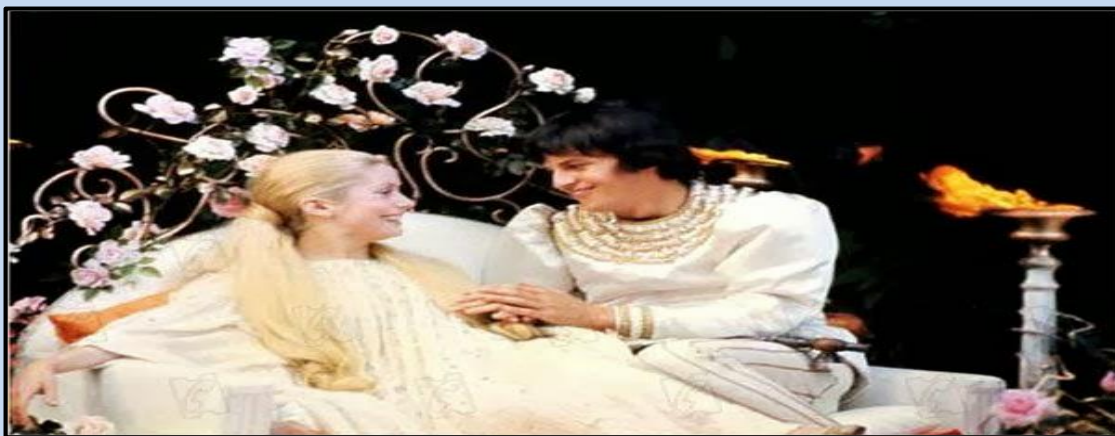
– Sim, senhor príncipe – respondeu ela.

– Mostre-me a mão – disse-lhe o príncipe por desengano de consciência, e suspirando de desânimo.

Então, o que se sucedeu foi qualquer coisa. Assim que recebeu a ordem de mostrar a mão, Pele de Asno pôs para fora da medonha pele que a cobria a mais delicada mão do mundo, rósea, em cujo dedo médio o anel coube como se tivesse sido feito especialmente para ele. De súbito, a pele de asno lhe caiu dos ombros e aos olhos de todos surgiu uma criatura de beleza exuberante. O príncipe pulou da cama e, ajoelhando aos seus pés, abraçou-a com ternura. Em seguida, o rei e a rainha fizeram o mesmo, perguntando-lhe se aceitava o príncipe por esposo. A princesa, toda confusa, já abria a boca para responder, quando o teto se abriu e a fada Lilás apareceu numa carruagem maravilhosa, tecida de pétalas de lilases, e contou a todos a história da princesa tim-tim por tim-tim.

A alegria do rei e da rainha foi imensa quando ficaram sabendo que Pele de Asno era uma princesa real e, portanto, digna de ser a esposa do herdeiro do trono, e de novo, a abraçaram e beijaram.

Ilustração 24 Pele de asno
Fonte: Google²⁴



O príncipe estava tão impaciente para se casar que mal houve tempo para preparar uma festa à altura do faustoso acontecimento. O rei e a rainha, que tinham adoração pela nora, não paravam de mimá-la e de beijá-la. Porém, a moça estava triste e disse que não poderia casar-se sem o consentimento do pai. Assim sendo, ele foi o primeiro a receber o convite para as bodas, que, a conselho da fada Lilás, não mencionava o nome da noiva. Às núpcias, compareceram reis de todas as regiões: alguns foram de liteira, outros de cabriolé, e os de terras mais longínquas, montados em elefantes, em tigres e em águias. Porém, o mais poderoso e magnífico era o pai da princesa, que, para alegria geral, havia esquecido aquele amor impossível e descabido e se havia casado com uma bela rainha viúva, com a qual não teve filhos. A princesa assim que o viu, correu ao seu encontro, e ele logo a reconheceu e a beijou ternamente, antes que ela pudesse ajoelhar-se aos seus pés. O rei e a rainha lhe apresentaram o filho, de quem se tornou muito amigo. As bodas se deram com pompa e circunstâncias, mas os noivos nem perceberam isso, pois só tinham olhos um para o outro.

Então, o rei, pai do príncipe, aproveitou a ocasião para passar o trono ao adorado filho. Este não o queria, mas o rei o forçou, e, para comemorar tão majestoso acontecimento, decretou três meses de festas contínuas que ficaram célebres nos anais do reino.

²³https://cdn.radiofrance.fr/s3/cruiser-production/2016/03/2cfe43d6-6dbf-4361-9516-562c1b070a6b/738_peau-dane.jpg

²⁴<http://c8.alamy.com/compde/b7tff9/peau-d-ne-peau-d-ne-anne-1970-frankreich-catherine-deneuve-jacques-perrin-ralisateur-jacques-demy-b7tff9.jpg>

MORALIDADE

Não é difícil perceber

Que este conto deseja às crianças mostrar

Que vale mais expor-se ao mais rude penar

Do que não cumprir o dever;

Que a virtude talvez não seja afortunada,

Porém, é sempre coroada;

Que contra o louco amor e os transportes fogosos,

É a mais forte razão um fraco barreiral,

E que não há tesouros mais preciosos,

De que o amante não seja liberal;

Que o pão preto, mais a água clara

Bastam para a alimentação

Dos mais novos da criação,

Caso possuam roupas raras;

Que não há fêmea sob o azul celestial

Que não se julgue muito bela,

Que tampouco pense em geral,

Se do trio da Beleza a famosa querela

Tivesse fim por meio dela,

Teria a maçã divinal

É difícil crer neste conto, história,

Porém, enquanto houver neste universo

Vovó que a conte em prosa, em verso,

Será guardada na memória

2.3.3 Estrutura do conto de fadas tradicional “Pele de asno”

Abaixo estão relacionados os elementos presentes no conto tradicional “Pele de asno”, encontrados nesta pesquisa.

Personagens: aparecem vários personagens, mas só dois têm nome, a fada Lilás e Pele de asno, como era chamada a princesa.

Espaço: os acontecimentos começam no palácio do pai de Pele de Asno, mudam para a granja onde esta trabalhou e terminam no palácio da família do príncipe.

Pai: o pai queria se casar com sua própria filha para garantir a sucessão da sua família no poder.

Elemento mágico: o elemento mágico é a varinha de condão da fada Lilás.

Casamento: a princesa que ficou conhecida como Pele de Asno casa-se com o príncipe. Os pais do príncipe demonstram alívio ao descobrir que Pele de Asno é uma princesa, deixando claro que se preocupam mais com o “ter” do que com o “ser”.

Estrutura familiar: é perceptível a presença de uma estrutura familiar nos dois núcleos que aparecem no conto. A família de Pele de Asno era constituída pela sua mãe, seu pai e ela, seu pai ficou viúvo, mas casou-se novamente, restabelecendo a estrutura familiar, e a família do príncipe era formada pela sua mãe, seu pai e ele. O casamento entre Pele de Asno e o príncipe deu origem a outro núcleo familiar.

Presença de rimas: há presença de rimas na moralidade escrita em versos que aparece no final do conto. No primeiro verso temos perceber/dever, mostrar/penar, afortunada/coroada.

Moralidade: aparece no final do conto, escrita em versos.

Desfecho: o desfecho não é surpreendente, é previsível. Depois de tantos conflitos, todos terminam felizes.

Uso de disfarce: a princesa usa a pele do asno sacrificado pelo pai para não ser reconhecida no reino e, assim, fugir do casamento com o próprio pai.

Vaidade: a princesa, depois de fugir do castelo, vive em ambiente pobre e sujo, mas nem por isso perde a vaidade. Sempre que pode, toca a varinha de condão e, trancada no quarto, cesa veste os seus lindos vestidos e se arruma.

Questionamento quanto à maneira de viver: a princesa não questiona a sua maneira de viver, não toma decisões sozinha, procura a fada Lilás para ajudá-la.

Características psicológicas: a princesa apresenta-se virtuosa, submissa, trabalhadora, dependente, insegura, nervosa, obediente.

Aproximação com características da mulher contemporânea: não há aproximação com características da mulher contemporânea, pois a personagem principal, a princesa, não questiona sua maneira de viver e casa-se para manter a formação da estrutura familiar, para ter quem a sustente, e não é perceptível a presença de sentimentos entre ambos, o homem escolhe com quem quer se casar.

2.3.4 Relações intertextuais presentes no conto tradicional “*Pele de asno*”

O conto de fadas tradicional “*Pele de asno*” é retomado no conto de fadas contemporâneo “*Entre a espada e a rosa*”.

2.3.4.1 “*Pele de asno*” e “*Entre a espada e a rosa*”: relações intertextuais

O conto de fadas tradicional “*Pele de asno*” é retomado no conto de fadas contemporâneo “*Entre a espada e a rosa*”.

O conto “*Pele de Asno*” narra a história de uma família feliz composta por um rei, uma rainha e uma princesa. A rainha adoeceu e, ao perceber piora no seu estado de saúde, ela mandou chamar o rei e lhe pediu que só se casasse de novo com a condição de encontrar uma moça que superasse as qualidades de sua primeira esposa. O rei ficou muito triste com a morte de sua esposa e só depois de ser pressionado pelos ministros aceitou a ideia de casar-se novamente. Procurou e não encontrou no reino princesas que ao menos se aproximassem da beleza da falecida rainha. Com isso passou a observar que sua filha se parecia muito com sua mãe e passou a nutrir por esta um amor diferente do amor paterno.

Ao saber que o seu pai queria casar-se com ela, a princesa ficou desesperada e procurou ajuda da fada Lilás, após algumas tentativas malsucedidas para fazer o rei desistir do casamento. A fada Lilás sugeriu que a princesa pedisse que o rei sacrificasse o asno que fornecia ouro para o reino, acreditando que a resposta dele seria negativa. O rei estava tão obstinado que mandou sacrificar o asno. Esse fato deixou a princesa ainda mais desesperada, mas foi tranquilizada pela fada que alegou ser essa a solução para o problema da princesa. A fada Lilás aconselhou a princesa a fugir usando como disfarce a pele do asno e uma varinha de condão que seria responsável pelo aparecimento dos pertences desta.

Assim ela fez, fugiu disfarçada com a pele de asno, conseguiu emprego em uma granja para desempenhar as tarefas mais grosseiras. Com o tempo, um príncipe a viu no quartinho em que *Pele de Asno* morava e se apaixonou por ela. Sem saber lidar com o sentimento, ele adoeceu e pediu que os empregados do reino fossem até *Pele de Asno*, como era chamada, e pedissem que ela preparasse um bolo para ele. No preparo do bolo, a princesa deixou cair um anel que quase provocou engasgo no príncipe. O príncipe resolveu que casaria com a dona do anel.

Depois de procurar em todo reino em qual dedo caberia aquele anel, mandou chamar Pele de Asno para também fazer a prova. Descobriu que ela era a dona do anel como também uma princesa. Logo preparam a festa do casamento e chamaram o pai da princesa para abençoar a união. Este, que já tinha se casado novamente e esquecido o amor carnal pela própria filha, abençoou a união e a princesa e o príncipe casaram. O fato de ela ser princesa provocou a aceitação dos pais do noivo que também abençoaram essa união.

A necessidade de a personagem principal do conto “Pele de Asno” esconder a identidade por meio de um disfarce é retomada no conto “Entre a espada e a rosa”. A princesa, para não se casar com um desconhecido, buscou na sua força interior uma solução para o problema, e, como resposta ao seu pedido, brotou uma barba em seu rosto. Esse fato desencadeou um desentendimento com seu pai e ela foi obrigada a deixar o castelo.

Ao sair em busca de emprego, foi recusada para fazer serviços de mulher por ter barba e, portanto, parecer um homem e também foi recusada para fazer serviços de homem por ter corpo de mulher. Diante dessa situação, a princesa vendeu os seus únicos pertences, decidiu comprar uma couraça, uma espada e um elmo e decidiu tornar-se guerreira, dessa maneira, poderia manter sua identidade em segredo e conseguir trabalhar para sobreviver.

2.3.5 A leitura de “Pele de asno”: atributos femininos e valores da divisão de trabalho

A definição de atributo, segundo o dicionário *Miniaurélio Século XXI Escolar* (2000, p. 74), é “1. O que é próprio de um ser. 2. Emblema distintivo; símbolo”. Logo, ao iniciar a narrativa do conto tradicional “Pele de asno”, *Charles Perrault* menciona dois atributos à rainha, linda e virtuosa, e um atributo à princesa, encantadora. Percebemos que são características valorizadas, e fica subentendido que, para ser rainha, é necessário tê-las. O atributo dado à princesa é consequência de ela ser filha de uma rainha, se a mãe era linda, esperava-se que a filha também o fosse.

Quando a rainha estava à beira da morte, fez o rei prometer que só se casaria novamente se encontrasse uma princesa mais bonita e mais bem-dotada que ela. Mais uma vez o atributo físico beleza é mencionado, dando a entender que só seria digna de ocupar o lugar da falecida rainha a princesa que fosse ainda mais bela que ela. Como seria quase impossível encontrar princesa tão bela, entendemos que, com essa promessa, a rainha tentava impedir que o rei se casasse novamente.

Quando os ministros começaram a pressionar o rei para que se casasse novamente,

mencionaram quais atributos consideravam imprescindíveis em uma rainha, a virtude e a fertilidade, o último estava ligado à necessidade de garantir a sucessão do trono através de filhos homens. Para os ministros, o poder só poderia estar centrado em uma figura masculina, jamais cogitariam a ideia de a princesa tornar-se a sucessora de seu pai no reino.

Ao receber a proposta de se casar com seu próprio pai, a princesa ficou desesperada. Nesse momento da narrativa é mencionado outro atributo da princesa, a virtude. Por ser muito virtuosa, considerou a proposta do seu pai inviável e por isso procurou a fada Lilás. A fada ajudou a princesa a ganhar tempo até encontrar uma solução para não haver o casamento entre pai e filha. A solução foi a princesa envolver-se na pele do asno que foi sacrificado a pedido dela e fugir.

Trajando a pele de asno e coberta de fuligem, a princesa não seria reconhecida. A sua aparência então era feia e suja, características que se distanciam das encontradas em uma princesa. Por estar assim, ela foi tratada com desprezo pela dona da granja onde arrumara emprego e pelos demais empregados que havia lá. Se ela estivesse bem vestida e fosse reconhecida como princesa, teria sido tratada com respeito e veneração, o que demonstra que a aparência é colocada acima de outras características. Quando tinha a oportunidade de lavar-se, voltava a ter os atributos de ser linda e branca. A menção à sua cor subentende a ideia de que o não ser branco não era sinônimo de beleza.

Em relação ao trabalho, este era relacionado às tarefas domésticas, sendo reforçada a ideia de que esse é o trabalho que deve ser desenvolvido pelas mulheres. Como a princesa se apresentou maltrapilha, só lhe restou desempenhar as atividades domésticas mais sujas e grosseiras, como, por exemplo, limpar a pocilga.

O príncipe que estava caçando e vira Pele de Asno pelo buraco da fechadura ficou encantado com a beleza desta, ela estava limpa e trajando o seu vestido da cor do Sol. Mais uma vez é feita menção ao atributo beleza, se ele tivesse encontrado suja e com a pele de asno, não teria se encantado por ela. Após ver Pele de Asno e se encantar por ela, o príncipe ficou doente e foram feitas várias tentativas sem sucesso para curá-lo até descobrirem que se tratava de “uma inquietude moral”.

Quando estava doente, o príncipe pediu que Pele de Asno lhe fizesse um bolo, o que foi logo providenciado pelos seus súditos. Novamente uma tarefa doméstica, preparar bolos, é mencionada como atribuída a uma mulher, pois, para ser considerada uma boa esposa, é necessário dominar a arte de cozinhar.

Ao preparar o bolo, Pele de Asno deixou cair um anel dentro da massa que quase provocou um engasgo no príncipe. Ele entendeu esse fato como uma pista de que Pele de Asno

era na verdade uma princesa e, como não podia contar o que tinha visto no buraco da fechadura, disse que se casaria com a dona do anel. Após testar o anel em todas as moças do reino, mandou chamar Pele de Asno, mas, ao vê-la suja e trajando a pele de asno, pediu que ela mostrasse a mão, suspirando de desânimo, mas, ao ver que o anel cabia em seu dedo e após a pele de asno cair mostrando a exuberância da princesa, o príncipe caiu de amores por ela e logo a pediu em casamento.

Se dentro do bolo houvesse um pedaço da pele que Pele de Asno usava como disfarce, o príncipe não teria ficado encantado, pelo contrário, teria ficado com nojo e não mais buscaria saber quem era ela. Percebemos que a aparência e a riqueza exerceram grande influência na escolha matrimonial do príncipe. Os pais do príncipe não queriam desagradá-lo, pois o amavam muito, mas só ficaram realmente felizes e tranquilos ao descobrir que a escolhida de seu filho era uma princesa. Provavelmente, se ela fosse uma plebeia, não sereia tão bem tratada pelos pais do príncipe.

2.2.4 Análise dos paradigmas presentes no conto de fadas contemporâneo “Pele de asno”

No conto “Pele de asno” o paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo) [...]” (COELHO, 2000b, p. 138) é prevalente. Mesmo diante da proposta absurda de casar com o próprio pai, a princesa não foi rude com seu genitor, buscou formas de não realizar o pedido do pai, conseguiu fugir e, quando estava prestes a casar com um príncipe, disse que precisava do consentimento de seu pai para concretizar o casamento.

O paradigma tradicional “Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser” (COELHO, 2000a, p.19) aparece evidenciado no momento em que o rei concorda com o pensamento do druida que foi consultar, casando-se novamente, conservaria o poder de sua família nas próximas gerações.

O paradigma tradicional “sistema religioso centrado na ideia de Deus criador” (COELHO, 2000b, p. 138) é percebido pela presença do nome de Deus nas conversas entre a fada de Lilás e a princesa.

2.4 ANÁLISE DO CONTO CONTEMPORÂNEO *ENTRE A ESPADA E A ROSA*

Serão apresentadas as análises do contexto de produção, dos elementos da narrativa, das relações intertextuais e dos paradigmas presentes no conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”.

2.4.1 O contexto de produção

Seguem abaixo os contextos físico e sociossubjetivo do conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”.

2.4.1.1 Contexto físico do conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”

O conto “Entre a espada e a rosa” faz parte do livro que contém dez contos de fadas cujo título também é “Entre a espada e a rosa”. Este livro recebeu o Prêmio Jabuti, categoria Melhor Livro Infantil ou Juvenil, 1993 – Câmara Brasileira do Livro (SOUZA; FRANÇA; JESUS, 2014) A sua emissora, Marina Colasanti, utilizou a modalidade escrita da língua portuguesa para produzi-lo.

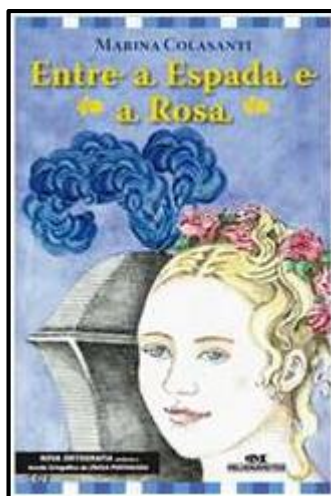
O seu momento de produção data de 1992, 1ª edição do livro pela editora Salamandra, depois outras edições foram lançadas, entre elas estão a edição pela editora Melhoramentos, 2011, a 1ª edição digital em maio de 2013 também pela editora Melhoramentos e a edição utilizada que reúne todos os contos de fadas escritos por Marina Colasanti, “Mais de 100 histórias maravilhosas”, editora Global, 2015.

O lugar de produção, considerando a residência da emissora, é a cidade do Rio de Janeiro. Os receptores, assim como todos os outros contos de fadas escritos por Marina Colasanti, são indivíduos de qualquer faixa etária.

2.4.1.2 Contexto sociossubjetivo do conto tradicional “Entre a espada e a rosa”

Por se tratar da mesma emissora do conto de fadas “A moça tecelã”, o lugar social, a posição social da emissora, a posição social do receptor e os objetivos da interação se assemelham, não sendo necessário repeti-los.

Ilustração 25 Versão 1ª edição



Fonte: Google²⁵

Ilustração 26 Versão utilizada na pesquisa



Fonte: Google²⁶

2.4.2 Conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”

²⁵ <https://d1pkzhm5uq4mnt.cloudfront.net/imagens/capas/bce8e1067ade9fbca485bd31bc72fd56e548f3b3.jpg>

²⁶ <http://globaleditora.com.br/capas/200/3725.jpg>

Entre a espada e a rosa

Marina Colasanti

Ilustração 27 Entre a espada e a rosa



Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz "quero"? A hora que o pai escolhe. Isso descobriu a Princesa na tarde em que o Rei mandou chamá-la e, sem rodeios, lhe disse que, tendo decidido fazer aliança com o povo das fronteiras do Norte, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha frente aos soldados que traria para o reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Estivesse pronta, pois breve o noivo viria buscá-la.

Fonte: Google²⁷

De volta ao quarto, a Princesa chorou mais lágrimas do que acreditava ter para chorar. Embotada na cama, aos soluços, implorou ao seu corpo, a sua mente, que lhe fizesse achar uma solução para escapar da decisão do pai. Afinal, esgotada, adormeceu.

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou. E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido.

Passou os dedos lentamente entre os fios sedosos. E já estendia a mão procurando a tesoura, quando afinal compreendeu. Aquela era a sua resposta. Podia vir o noivo buscá-la. Podia vir com seus soldados, suas ovelhas e suas moedas. Mas, quando a visse, não mais a quereria. Nem ele nem qualquer outro escolhido pelo Rei.

Salva a filha, perdia-se porém a aliança do pai. Que tomado de horror e fúria diante da jovem barbada, e alegando a vergonha que cairia sobre seu reino diante de tal estranheza, ordenou-lhe abandonar o palácio imediatamente.

²⁷ http://2.bp.blogspot.com/_ajoHVX5o_2E/SU6zrN2t4hI/AAAAAAAAAJY/kFvkr4SSU18/S220/rosa+e+espada.jpg

A Princesa fez uma trouxa pequena com suas joias, escolheu um vestido de veludo cor de sangue. E, sem despedidas, atravessou a ponte levadiça, passando para o outro lado do fosso. Atrás ficava tudo o que havia sido seu, adiante estava aquilo que não conhecia.

Na primeira aldeia aonde chegou, depois de muito caminhar, ofereceu-se de casa em casa para fazer serviços de mulher. Porém ninguém quis aceitá-la porque, com aquela barba, parecia-lhes evidente que fosse homem.

Na segunda aldeia, esperando ter mais sorte, ofereceu-se para fazer serviços de homem. E novamente ninguém quis aceitá-la porque, com aquele corpo, tinham certeza de que era mulher.

Cansada mas ainda esperançosa, ao ver de longe as casas da terceira aldeia, a Princesa pediu uma faca emprestada a um pastor, e raspou a barba. Porém, antes mesmo de chegar, a barba havia crescido outra vez, mais cacheada, brilhante e rubra que antes.

Então, sem mais nada pedir, a Princesa vendeu suas joias a um armeiro, em troca de uma couraça, uma espada e um elmo. E, tirando do dedo o anel que havia sido de sua mãe, vendeu-o a um mercador, em troca de um cavalo.

Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria mais homem, nem mulher. Seria guerreiro.

E guerreiro valente tornou-se, à medida que servia aos Senhores dos castelos e aprendia a manejar as armas. Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já não precisava apresentar-se, diante dos muros de cidades e castelos, já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome.

Pouco se demorava em cada lugar. Lutava cumprindo seu trato e seu dever, batia-se com lealdade pelo Senhor. Porém suas vitórias atraíam os olhares da corte, e cedo os murmúrios começavam a percorrer os corredores. Quem era aquele cavaleiro, ousado e gentil, que nunca tirava os trajes de batalha? Por que não participava das festas, nem cantava para as damas? Quando as perguntas se faziam em voz alta, ela sabia que era chegada a hora de partir.

E ao amanhecer montava seu cavalo, deixava o castelo, sem romper o mistério com que havia chegado.

Ilustração 28 Entre a espada e a rosa



Somente sozinha, cavalgando no campo, ousava levantar a viseira para que o vento lhe refrescasse o rosto acariciando os cachos rubros. Mas tornava a baixá-la, tão logo via tremular na distância as bandeiras de algum torreão.

Assim, de castelo em castelo, havia chegado àquele governado por um jovem Rei. E fazia algum tempo que ali estava.

Fonte: Google28

Ilustração 29 Entre a espada e a rosa



Fonte: Google29

Desde o dia em que a vira, parada diante do grande portão, cabeça erguida, oferecendo sua espada, ele havia demonstrado preferi-la aos outros guerreiros. Era a seu lado que a queria nas batalhas, era ela que chamava para os exercícios na sala de armas, era ela sua companhia preferida, seu melhor conselheiro. Com o tempo, mais de uma vez, um havia salvado a vida do outro. E parecia natural, como o fluir dos dias, que suas vidas transcorressem juntas.

Companheiro nas lutas e nas caçadas, inquietava-se, porém o Rei vendo que seu amigo mais fiel jamais tirava o elmo. E mais ainda inquietava-se, ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que um homem sente por um homem.

Pois não podia saber que à noite, trancado o quarto, a princesa encostava seu escudo na parede, vestia o vestido de veludo vermelho, soltava os cabelos, e diante do seu reflexo no metal polido, suspirava longamente pensando nele.

Muitos dias se passaram em que, tentando fugir do que sentia, o Rei evitava vê-la. E outros tantos em que, percebendo que isso não a afastava da sua lembrança, mandava chamá-la, para arrepende-se em seguida e pedia-lhe que se fosse.

Por fim, como nada disso acalmasse seu tormento, ordenou que viesse ter com ele. E, em voz áspera, lhe disse que há muito tempo tolerava ter a seu lado um cavaleiro de rosto sempre encoberto. Mas que não podia mais confiar em alguém que se escondia atrás do ferro. Tirasse o elmo, mostrasse o rosto. Ou teria cinco dias para deixar o castelo.

Sem resposta, ou gesto, a Princesa deixou o salão, refugiando-se no seu quarto. Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a queria como guerreiro, com seu corpo de mulher. Chorou todas as lágrimas que ainda tinha para chorar. Dobrada sobre si mesma, aos soluços, implorou ao seu corpo que a libertasse, suplicou a sua mente que lhe desse uma solução. Afinal, esgotada, adormeceu.

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo brotou. E ao acordar de manhã, com os olhos inchados de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Não ousou levar as mãos ao rosto. Com medo, quanto medo! aproximou-se do escudo polido, procurou seu reflexo. E com espanto, quanto espanto! viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo.

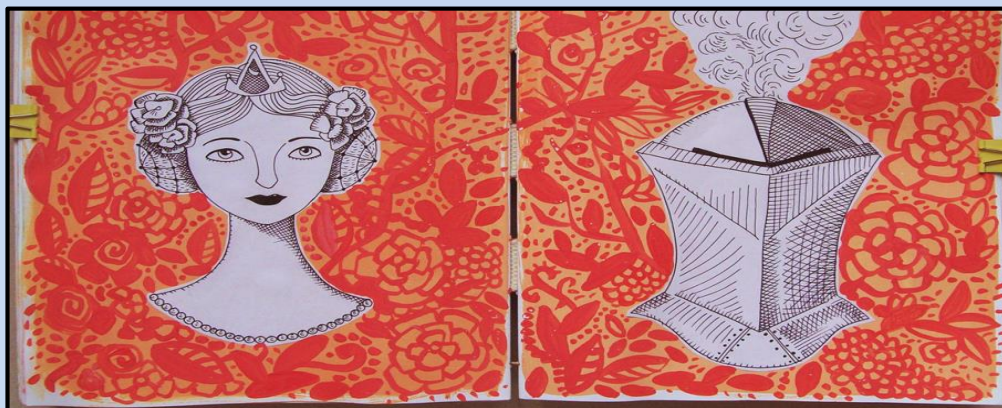
Naquele dia não ousou sair do quarto, para não ser denunciada pelo perfume, tão intenso, que ela própria sentia-se embriagar de primavera. E perguntava-se de que adiantava ter trocado a barba por flores, quando, olhando no escudo com atenção, pareceu-lhe que algumas rosas perdiam o viço vermelho, fazendo-se mais escuras que o vinho. De fato, ao amanhecer, havia pétalas no seu travesseiro.

Uma após a outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. Sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher.

²⁸http://2.bp.blogspot.com/_ajoHVX5o_2E/SU6zrN2t4hI/AAAAAAAAAJY/kFvkr4SSU18/S220/rosa+e+espada.jpg

²⁹ <https://historiaprimeiroanoalasallesp.files.wordpress.com/2015/08/cavaleiros-medievais.jpg?w=457&h=263>

Ilustração 30 Entre a espada e a rosa



Fonte: Google³⁰

Era chegando o quinto dia. A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo.

2.4.3 Estrutura do conto de fadas contemporâneo “Entre a espada e a rosa”

Abaixo estão relacionados os elementos presentes no conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”, encontrados nesta pesquisa.

Personagens: aparecem poucos personagens e nenhum tem nome.

Espaço: os acontecimentos começam no palácio do pai da princesa, mudam para as aldeias, passam pelos castelos dos senhores para quem a princesa trabalhou e terminam no castelo do jovem rei.

Pai: o pai queria casar sua filha com o chefe das fronteiras do Norte em troca do aumento de suas riquezas.

Elemento mágico: o elemento mágico é o próprio corpo da princesa que atendia as suas súplicas.

Casamento: o casamento arranjado pelo pai da princesa não acontece. O desfecho do conto dá a entender que a princesa e o jovem rei viverão um romance, mas permanece a dúvida

³⁰ <http://3.bp.blogspot.com/-trLbS08ovTw/Ut5v4u7Lm1I/AAAAAAD00/u24OXbvFJsY/s1600/entre+o+espinho+e+a+rosa.png>

já que o conto termina com a princesa descendo as escadas para encontrá-lo e mostrar o seu rosto.

Estrutura familiar: percebemos uma quebra da estrutura familiar, não aparecem a mãe da princesa nem a família do jovem rei.

Presença de rimas: a presença de rimas é marcante, pois a autora Marina Colasanti utiliza a prosa poética nos seus contos. Aparecem rimas nos parágrafos 2 (solução/decisão), 3 (ordenou /ficou) e 22 (esperou/brotou).

Moralidade: não aparece moralidade explícita.

Desfecho: o desfecho é surpreendente, principalmente por ficar em aberto, não sabemos o que aconteceu após o jovem rei ver o rosto da princesa que ele julgava ser um homem.

Uso de disfarce: a princesa usa uma couraça e um elmo, para esconder o corpo de mulher, e o rosto barbado que lhe dava característica de homem, dessa forma, conseguiu passar-se por guerreiro para sobreviver longe do palácio.

Vaidade: a princesa também demonstrava continuar vaidosa. Trancada no quarto, ela vestia seu vestido de veludo vermelho, o único que conseguiu levar, e soltava os cabelos admirando-se no espelho a pensar no jovem rei.

Questionamento quanto à maneira de viver: a princesa questiona a sua maneira de viver ao implorar ao seu corpo uma solução para não se casar com um desconhecido e ao implorar o desaparecimento da barba do seu rosto para seguir sua trajetória com características femininas.

Características psicológicas: a princesa apresenta-se desobediente, decidida, independente, segura, habilidosa, trabalhadora.

Aproximação com características da mulher contemporânea: observamos aproximação com características da mulher contemporânea, pois a personagem principal não aceita a imposição da família para casar-se e busca solucionar os seus conflitos sozinha.

2.4.4 Relações intertextuais presentes no conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”

O conto “Entre a espada e a rosa” retoma o conto tradicional “Rumpelstiltskin”, cuja análise foi apresentada no item 2.3.4.1. O conto “Entre a espada e a rosa” também retoma uma personagem feminina da história da França, “Joana D’arc”. As relações intertextuais entre o conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa” e a história de “Joana D’arc” são apresentadas abaixo.

2.4.4.1 “Entre a espada e a rosa” e “Joana D’arc”: relações intertextuais

O conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa” narra a história de uma princesa que vivia em um castelo com seu pai. Um dia o pai decide dar a mão de sua filha em casamento ao chefe das fronteiras do Norte, pois essa união lhe traria boas recompensas. A filha não aceita a imposição do pai de querer casá-la com um desconhecido e implora ao seu corpo uma solução. Ao acordar no outro dia, percebe uma barba em seu rosto e entende ser essa a solução. O seu pretendente não a queria barbada. Apresenta-se ao pai que a expulsou do palácio. A princesa sai em busca de emprego. Não consegue emprego de mulher pela presença da barba, não consegue emprego de mulher por ter um corpo de mulher. Ela, então, decide tornar-se guerreiro, compra uma couraça, uma espada e um elmo, assim esconderia seu rosto. Ganha fama e desperta a curiosidade por onde passa por não tirar o elmo em nenhuma ocasião. Depois de muitas andanças chega ao castelo de um jovem rei, conquista sua confiança e seu coração. Depois de um período de dúvida sobre o que sente, já que o rei pensa que o guerreiro é um homem, decide ordenar que o guerreiro tire o elmo e mostre o rosto em cinco dias ou deixe o castelo. Da mesma forma que a barba surgiu, por meio da força do corpo, é transformada em rosas e depois desaparece. O guerreiro se arruma e desce as escadas para mostrar o rosto ao jovem rei.

A história da princesa no conto “Entre a espada e a rosa” faz alusão à história de Joana D’arc, uma heroína que viveu no século XV. Ela, religiosa e muito devota, desde muito menina ouvia vozes que lhe preparavam para o cumprimento da vontade de Deus, vontade esta relatada como o desígnio de fazer com ela se tornasse guerreira e lutasse contra os borgonheses. Joana ignorava, pois não sabia lutar. No entanto, as vozes não paravam e tornavam-se mais fortes, ela, então, resolveu procurar o quartel militar da cidade, instruída pelas vozes, mas foi tratada com zombaria. Depois de muita insistência, a heroína começou a combater, conseguiu uniforme de chefe, o comando do exército e a autoridade sobre os homens. Ao seu comando, os franceses conseguiram se livrar dos invasores (HENRIQUES, 2010).

Assim como Joana D’arc, a princesa do conto “Entre a espada e a rosa” “tornou-se também um guerreiro respeitado e destemido” (HENRIQUES, 2010, p. 107). A diferença é que, na história de Joana D’arc, ela apresenta-se como mulher, como enviada de Deus e consegue, depois de muita insistência, a aceitação entre os homens. Já no conto “Entre a espada e a rosa”, por não mostrar o seu rosto, a princesa é tida como um homem.

2.4.5 A leitura de “Entre a espada e a rosa”: atributos femininos e valores da divisão de trabalho

A leitura do conto de fadas contemporâneo “Entre a espada e a rosa” traz uma desconstrução dos atributos femininos. Para escapar de um casamento com um desconhecido, a força interior da princesa fez surgir em seu rosto uma barba. Por se tratar de um atributo masculino, o seu pretendente certamente se recusaria a tê-la como esposa. A barba dá a entender que, a partir daquele momento, a princesa teria um comportamento que lembrava o de um homem. Existe a concepção de que a coragem é uma característica masculina, no entanto a princesa demonstrou tê-la ao enfrentar o seu pai e preferir ser expulsa do castelo ao invés de aceitar as imposições daquele.

Em relação ao trabalho, também notamos o conceito de que há trabalhos que devem ser somente desenvolvidos por homens e outros que devem ser exclusivamente executados por mulheres. Foi o que a princesa constatou logo que começou a procurar trabalho. Ela não foi aceita para realizar trabalhos de mulher pela existência da barba que a tornava parecida com um homem nem para realizar trabalhos de homem porque o seu corpo a tornava parecida com uma mulher.

Sem conseguir emprego mostrando a sua aparência, a princesa continuou demonstrando sua coragem e se tornou guerreiro. Passou a usar uma couraça, uma espada e um elmo para esconder seu rosto. Essa definição no masculino demonstra que uma mulher não era considerada capaz de lutar, essa era uma habilidade tida como de exclusividade masculina. Se ela se apresentasse como mulher guerreira, continuaria sendo recusada por ser considerada frágil, sem agilidade, incapaz de manejar uma espada, estereótipo atribuído à mulher.

Apesar dos atributos considerados masculinos que a princesa estava apresentando, ela não perdeu a sua feminilidade e a sua capacidade de amar. No castelo do jovem rei ela conseguiu destaque como guerreiro e como alguém especial para ele. Esse sentimento era recíproco. A sua vaidade era nutrida à noite, ela vestia-se com seu vestido de veludo vermelho, soltava os cabelos e ficava a se admirar no espelho suspirando pelo príncipe.

O sentimento do príncipe o deixava perturbado. Como ele poderia estar apaixonado por um guerreiro? Após muitos dias de inquietação resolveu ordenar que o guerreiro mostrasse o rosto escondido atrás do elmo em até cinco dias, o que provocou sofrimento para a princesa. Ela mais uma vez implorou à sua força interior uma solução. A resposta foi a substituição da barba por rosas. A rosa simboliza a delicadeza feminina, mostra que a princesa estava pronta para deixar transparecer os seus atributos de mulher, corajosa e também delicada e amável. Aos

poucos as rosas murcharam e o seu rosto rosado voltou a aparecer. A caracterização do seu rosto provoca a suposição de que a mulher, para ser considerada delicada e bela, precisa ter a pele rósea.

Chegando o quinto dia, a princesa se arrumou para mostrar o seu rosto ao príncipe. O seu vestido era da cor de sangue, vermelho, cor que simboliza a paixão, sentimento que envolvia a princesa e o rei naquele momento. Ela estava com os cabelos soltos, o cabelo é considerado um dos atributos femininos mais simbólicos, provoca atração, desejo. A princesa também exalava um cheiro de rosas. Ser perfumada também uma característica atribuída à mulher, um complemento a sua vaidade. O final não é narrado, ficando por conta da imaginação do leitor o que aconteceu após o rei descobrir que o seu guerreiro mais valente era na verdade uma mulher. Será que ele ainda a aceitou nas batalhas? Será que eles se casaram?

2.4.6 Análise dos paradigmas presentes no conto contemporâneo “Entre a espada e a rosa”

No conto “Entre a espada e a rosa” o paradigma emergente “Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável. Consciência da relatividade dos valores e ideais criados pelos homens; descoberta de que a transformação contínua é uma das leis da vida.” (COELHO, 2000b, p. 138) se faz presente. A princesa não aceita casar-se com um desconhecido para satisfazer o desejo do pai.

No conto “Entre a espada e rosa”, o pai da princesa demonstra conservar o paradigma tradicional “Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser” (COELHO, 2000a, p.19), para ele não importava quem era o noivo e sim as vantagens que este traria para o reino. Já a princesa demonstrava cultivar o paradigma emergente “Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser” (COELHO, 2000a, p.19). Ao ser expulsa do palácio pelo pai por aparecer barbada, a princesa enfrentou as dificuldades encontradas fora do castelo, deixando claro que o seu bem-estar era mais importante que a vida luxuosa que teria casando sem amor.

O paradigma emergente “sistemas religiosos em fase de reestruturação; ecumenismo vs. fundamentalismos; ateísmo vs. fanatismo, etc.” (COELHO, 2000b, p.138) é perceptível. Apesar da presença do sacramento cristão casamento no enredo do conto, as personagens não demonstram ter apego religioso. A princesa, ao encontrar-se em uma situação difícil, não buscou conforto na fé em Deus, implorou ao seu próprio corpo uma solução para o conflito que ela estava vivendo.

O conto “Entre a espada a rosa” traz uma releitura do conto tradicional “Pele de asno”, de Charles Perrault (2015), e da história de Joana D’arc. “(...) surge, na literatura, a intertextualidade como processo criador, e a redescoberta de formas literárias do passado, que são recriadas pelo novo espírito dos tempos. (...)” (COELHO, 2000a, p. 26).

Assim como nos contos de fadas tradicionais há a presença do universo mágico, “Daí o atual renascimento da fantasia, do imaginário, da magia, do ocultismo... Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p.26).

Ao implorar ao seu corpo uma solução para não se casar, a princesa é surpreendida pelo surgimento de uma barba em seu rosto, fato que não pode ser explicado pela razão, perpassa pelo mágico, pela fantasia. Em outros momentos outros fatos recorrem aos elementos maravilhosos como a continuidade de crescimento da barba mesmo depois da princesa deixar o palácio, o surgimento de rosas em seu rosto em substituição da barba e por fim o desaparecimento das rosas após murcharem, fazendo surgir a pele delicada da princesa novamente.

O paradigma tradicional “Racismo” (COELHO, 2000a, p.19) aparece no texto por meio da caracterização da pele da princesa, “uma rósea pele”, e fica subentendido que somente as pessoas de pele branca ocupam posição de destaque na sociedade, essa condição não é permitida ao que tem pele negra.

Também é possível notar o preconceito de gênero masculino/feminino. Quando a princesa tentou trabalhar desenvolvendo serviços domésticos impostos pela sociedade como serviços de mulher, não foi aceita, pois a sua aparência fazia alusão a um homem e, quando buscou tarefas taxadas como serviços de homem, também não foi aceita, pois o seu corpo tinha curvas de mulher. O comportamento das pessoas que recusaram os serviços da personagem evidencia um pensamento preconceituoso, deixa claro que, para elas, o mais importante é a aparência convencional biológica e não o respeito pelo ser, independente da sua identidade de gênero.

O jovem rei, ao sentir um sentimento diferente pelo seu “amigo mais fiel”, também demonstra não aceitar esse acontecimento por se tratar de outro homem, evita vê-la, até que um dia resolveu ordenar que o “cavaleiro” mostrasse o rosto em até cinco dias ou deixasse o castelo. Após longos dias de desespero a princesa retomou, com a ajuda dos acontecimentos maravilhosos, a aparência convencional biológica de mulher e foi ao encontro do jovem rei. O que aconteceu depois do encontro não é relatado.

3. CONTRIBUIÇÕES DAS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS PARA COMPREENSÃO GLOBAL DO TEXTO

O trabalho com o gênero textual a partir das sequências contribui para um estudo mais minucioso com o texto, possibilitando ao aluno a compreensão das sequências predominantes em cada gênero textual para que aquele seja capaz de classificar e produzir gêneros textuais nas diversas situações de comunicação.

Bronckart (1999) conceitua cinco tipos de sequências: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal e cita o conceito de sequências de acordo com Adam:

As sequências são unidades estruturais relativamente autônomas, que integram e organizam macroposições, que, por sua vez, combinam diversas proposições, podendo a organização linear do texto ser concebida como o produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências (BRONCKART, 1999, p. 218).

O quadro abaixo descreve cada sequência conforme as suas características e fases de construção. O presente estudo se concentrará na sequência narrativa, pois é a sequência que predomina no gênero conto de fadas.

Quadro 2 Protótipos das sequências textuais

SEQUÊNCIAS	CARACTERÍSTICAS	FASES
Narrativa	Sua organização é baseada em processos de intriga envolvendo personagens implicados em acontecimentos estruturados no eixo da sucessão.	1) Situação inicial: apresentação de um estado inicial de coisas que se encontram em equilíbrio. 2) Complicação: introdução do movimento de transformação, gerando tensão. 3) Ações: reunião dos fatos gerados pela transformação. 4) Resolução: introdução de acontecimentos que amenizam a tensão. 5) Situação final: explicitação do novo estado de coisas estabelecido pela resolução das tensões. 6) Avaliação: comentário relativo ao desenrolar da história; sua posição é livre na sequência. 7) Moral: apresentação de uma significação para orientar na interpretação do texto; geralmente aparece no final da sequência. Obs.: As fases 6 e 7 são eventuais
Descritiva	Composição cujas fases não, necessariamente, são organizadas em ordem linear, mas em ordem	1) De ancoragem: apresentação do tema-título que inicia a descrição; geralmente introduzida por uma forma nominal. 2) De actualização: enumeração de aspectos ligados ao tema-título.

	<p>hierárquica.</p> <p>Frequentemente está a serviço de outras sequências. Realiza-se por operações orientadas a fazer ver</p>	<p>3) De relacionamento: os elementos descritos são associados a outros, por meio de comparações ou metáforas.</p>
Argumentativa	<p>Operações orientadas para persuadir o leitor. Existência de uma tese à qual são articulados dados novos, que geram inferências responsáveis por conduzir a uma conclusão.</p>	<p>1) De premissas: apresentação de dados tomados como ponto de partida.</p> <p>2) De apresentação de argumentos: exposição de elementos que orientam para uma conclusão provável.</p> <p>3) De apresentação de contra-argumento: colocação de restrições em relação à orientação argumentativa.</p> <p>4) De conclusão (ou de nova tese): integração dos efeitos dos argumentos e contra-argumentos.</p>
Explicativa	<p>Operações que visam explicar, esclarecer um dado. Apresentação de um objeto de discurso incontestável.</p>	<p>1) Constatação inicial: introdução de um fenômeno não contestável.</p> <p>2) Problematização: emergência de uma questão da ordem do porquê ou do como, associada a um enunciado de contradição aparente.</p> <p>3) Resolução: apresentação das causas ou razões da afirmação inicial, responsáveis pela explicação propriamente dita.</p> <p>4) Conclusão-avaliação: reformulação da constatação inicial devido à inclusão das informações adicionais.</p>
Dialogal	<p>Operação que visa regular a interação entre os actantes. Realização concreta exclusivamente em segmentos de discursos interativos dialogados. Discurso interativo primário: relacionado ao mundo ordinário dos agentes da interação e as instâncias de agentividade remetem diretamente aos interactantes (dêixis externa).</p> <p>- Conversação e entrevista.</p>	<p>Ocorre em três níveis articulados:</p> <p>1.º nível: - fase de abertura: segmento, de caráter fático, por meio do qual os interlocutores estabelecem contato com base nas convenções sociais da formação social em que estão inscritos. - fase transacional: co-construção do conteúdo temático. - fase de encerramento: segmento, também de caráter fático, que põe fim, de modo explícito, à intenção verbal.</p> <p>2.º nível: - fase dialogal ou de troca: expansão de cada uma das fases efetivadas ordenadamente pelos turnos de fala, que podem ter estrutura binária ou ternária.</p> <p>3.º nível: - fase da intervenção: decomposição das intervenções em atos discursivos, isto é, em enunciados que realizam um ato de fala específico (pedido, ordem, afirmação).</p>

	<p>Discurso interativo secundário: ocorre, em forma de discurso direto, encaixado em gêneros escritos.</p> <p>- Peça teatral e romance</p>	
Injuntiva	<p>Orientação que visa a fazer o destinatário agir de certo modo ou em determinada direção.</p>	<p>1) Expositiva: apresentação de elementos, conforme a função do texto.</p> <p>2) Procedimentos: exposição detalhada das ações a serem realizadas.</p> <p>Propriedades dessa sequência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - uso de formas verbais no imperativo ou no infinitivo; - ausência de estruturação espacial ou hierárquica.

FONTE: GUSSO, 2011, p. 49-50 Elaborado a partir de BRONCKART (2009, p. 218-238)

No conto “Entre a espada e a rosa” (1992, 2015) as sequências narrativas e descritivas predominam durante o desencadeamento das ações, as sequências injuntiva e dialogal também aparecem no decorrer do conto.

O conto “A moça tecelã” (1982, 2015) está apresentado abaixo para exemplificação das fases da sequência narrativa.

Quadro 3 A Moça Tecelã – Sequência Narrativa

A moça tecelã – Sequência narrativa	
Fases	
Situação inicial	Uma moça tecelã que passava os dias tecendo um tapete que nunca acabava e que tinha o poder de materializar tudo o que tecia nele (o tempo, alimento, objetos e até pessoas) passava os dias sentada ao tear, tecendo tudo o que precisava para viver, tranquila e feliz.
Complicação	Tecendo, ela mesma trouxe o tempo em que se sentia sozinha e pensou como seria bom ter um marido ao seu lado.
Ações	Tecer o tapete e materializar a claridade da manhã e o horizonte, nuvens, a chuva, o sol, um peixe, leite e o marido.
Resolução	No mesmo dia, teceu com capricho sua companhia.
Complicação	A moça queria tecer filhos, mas se o marido tinha pensado em filhos já tinha esquecido. Descobriu o poder do tear e seu pensamento só estava voltado para as coisas que ele poderia lhe dar.

Ações	Tecer a casa, o palácio, as estrebarias, os cavalos, os luxos do palácio, as moedas e os criados.
Resolução	A moça teceu sem descanso tudo que o marido desejou.
Situação final	Tecendo, ela mesma trouxe o tempo em que sua tristeza parecia maior que todo o seu palácio com todos os seus tesouros. Esperou anoitecer e desta vez, jogou a lançadeira ao contrário. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins, os criados, o palácio e todas as maravilhas que continha nele. Viu-se novamente na casa pequena e sem dar tempo do marido se levantar, o desteceu também e como se ouvisse a chegada do sol, voltou a tecer o que desejava.

Fonte: COLASANTI, 2015, p. 38 a 40.

Como outras formas de planificação são citadas o **script** e as **esquematizações**. O primeiro pertence à ordem do narrar e aparece quando os acontecimentos da história são dispostos em ordem cronológica, sem registrar qualquer processo de tensão (BRONCKART, 1999). A música “Era uma vez”, interpretada por Sandy e Júnior, é um exemplo de script que contém elementos comuns nos contos de fadas. A presença da expressão era uma vez é o que imediatamente nos reporta aos contos de fadas clássicos da literatura infantil, a expressão história de amor, as palavras magia, fantasia e a referência à criança (só tem a ver quem já foi criança um dia) também são elementos recorrentes no gênero em questão. É considerado script por apresentar acontecimentos em ordem linear, sem apresentar conflitos entre eles:

Era uma vez

Um lugarzinho no meio do nada
Com sabor de chocolate
E cheiro de terra molhada...

Era uma vez
A riqueza contra
A simplicidade
Uma mostrando prá outra
Quem dava mais felicidade...

Prá gente ser feliz
Tem que cultivar
As nossas amizades
Os amigos de verdade
Prá gente ser feliz
Tem que mergulhar
Na própria fantasia
Na nossa liberdade...

Uma história de amor
De aventura e de magia
Só tem haver
Quem já foi criança um dia
(SOCCI, A. ; MATTA, C., 1998).

A esquematização pertence à ordem do expor, também apresenta segmentos organizados, mas não se realiza em uma sequência convencional. A definição, a enumeração, o enunciado de regras etc. são exemplos de esquematização (BRONCKART, 1999). O trecho a seguir é um exemplo de esquematização, é uma definição que apresenta segmentos organizados sem realizar-se em uma sequência convencional.

O surgimento dos contos de fadas perde-se no tempo. A literatura registra que são histórias transmitidas oralmente de geração a geração e que, mesmo com toda a tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque narrativo junto à infância. Já não se reservam apenas à função de distração ou de acalanto ao sono das crianças, mas seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam no infante. Tornam-se, assim, alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil, como a Pedagogia, a Psicologia e, em especial, a psicanálise (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p.133-134).

O trabalho com o gênero textual conto de fadas, a partir do estudo das fases da sequência textual narrativa, contribuiu significativamente para o entendimento dos fatos ocorridos em cada fase dos contos de fadas estudados, como também possibilitou a compreensão global do textual e as interpretações relacionadas às relações intertextuais e aos valores tradicionais e contemporâneos existentes nos contos de fadas.

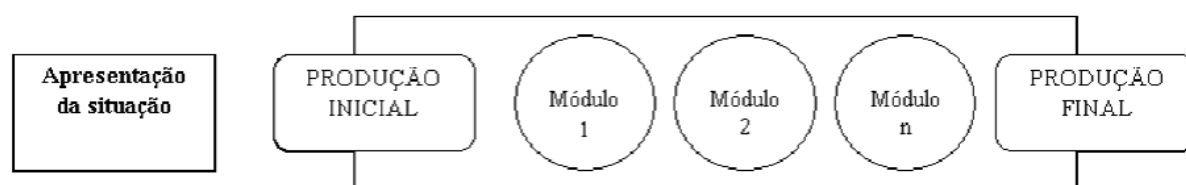
4. UMA PROPOSTA DE LEITURA DE CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA

A importância de uma sistematização dos saberes, para se trabalhar com a leitura de contos de fadas, é de extrema importância para o êxito em sala de aula. Trata-se de um gênero que pode apresentar duas versões, tradicional e contemporânea, que, ao serem confrontadas, possibilitam a percepção das relações intertextuais entre elas. Cada versão traz também um apanhado de valores que precisam ser estudados considerando a época em que cada texto foi escrito. Considerando esses fatores, foi desenvolvida e aplicada uma proposta de leitura com o gênero conto de fadas em sala de aula.

Amparados nos estudos de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Michèle Noverraz (2011), expomos uma experiência com a aplicação de uma sequência didática com o gênero textual contos de fadas tradicional e contemporâneo em uma turma de 7º ano de uma escola pública, localizada no interior da Bahia.

A sequência didática foi iniciada por meio da apresentação da situação. Nesse momento de apresentação da situação ocorreu a descrição da atividade oral ou escrita que foi desenvolvida pelos alunos em etapas. A primeira etapa configurou-se com a produção inicial. Ao avaliar a produção inicial, o professor identificou quais eram os conhecimentos já adquiridos pelos discentes e os que precisavam ser explorados com mais cuidado. Os módulos previamente preparados tiveram a finalidade, no caso dessa sequência didática, de trabalhar o gênero conto de fadas. Como última etapa, a produção final foi a amostra do que foi adquirido de conhecimento, o avanço em relação à produção inicial, desenvolvida pelos alunos (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011).

Ilustração 31 Esquema da sequência didática



Fonte: DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 83

4.1 DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA

A **apresentação da situação** tem por função externar aos alunos o trabalho que será desenvolvido por eles durante determinado período e prepará-los para o primeiro momento da sequência didática, a produção inicial. É uma atividade que exige esforço intelectual para reavivar os conhecimentos sobre o gênero em questão. Algumas informações precisam ficar claras nessa primeira etapa: o gênero a ser explorado, qual o destinatário da produção, qual canal será utilizado e quem estará envolvido na produção. Também é importante explicitar quais conteúdos serão estudados no decorrer na sequência (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011).

Apresentação da situação

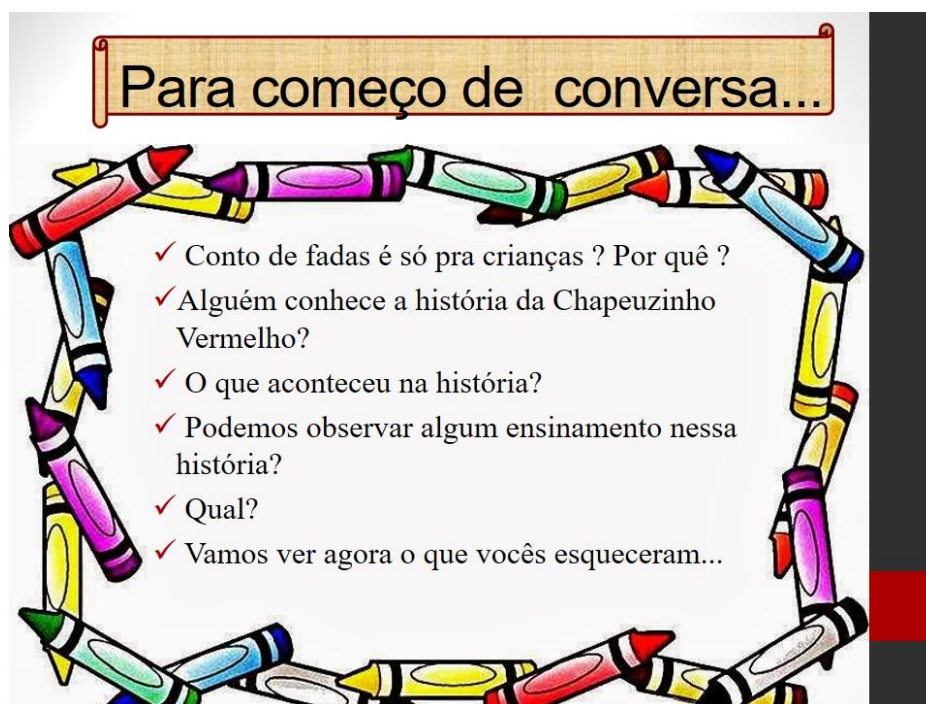
Aulas: 1 e 2

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Identificar os saberes prévios dos alunos acerca do gênero conto de fadas, do conceito de moral e valores; mostrar as diferenças entre os gêneros mito, lenda e conto de fadas.

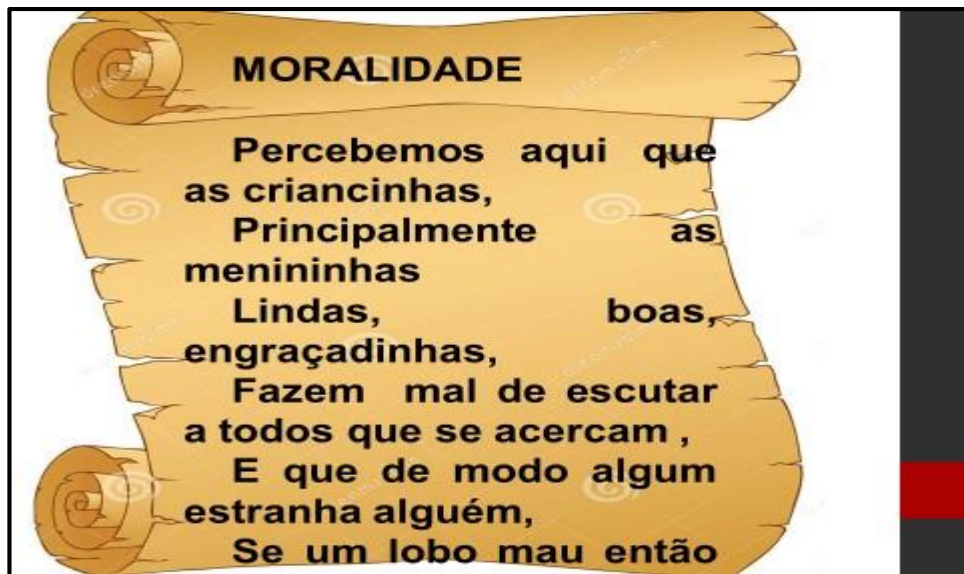
A sequência didática proposta foi iniciada com uma atividade diagnóstica, apresentada nos slides abaixo.

Ilustração 32 Slide para atividade diagnóstica



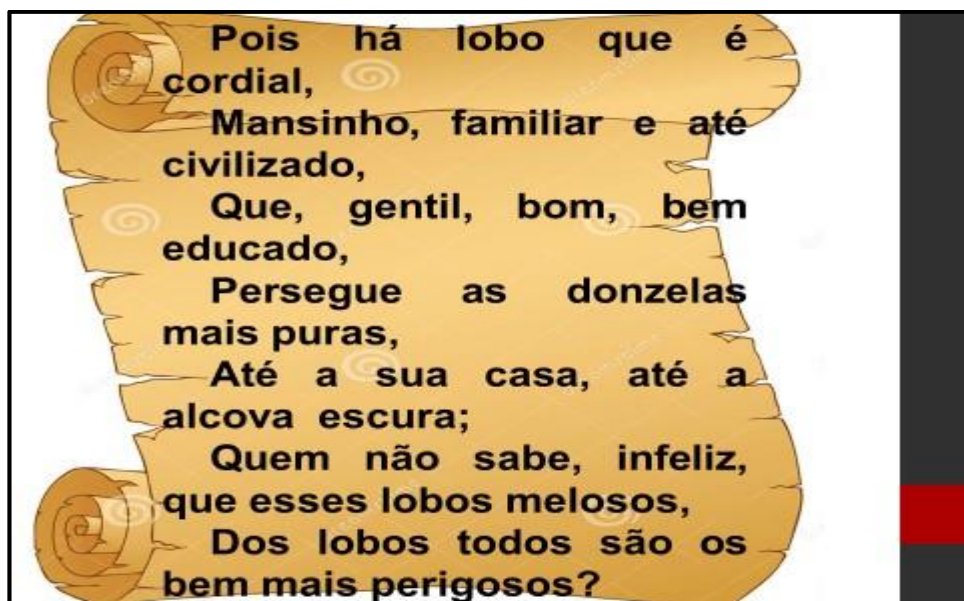
Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2.

Ilustração 33 Slide para atividade diagnóstica



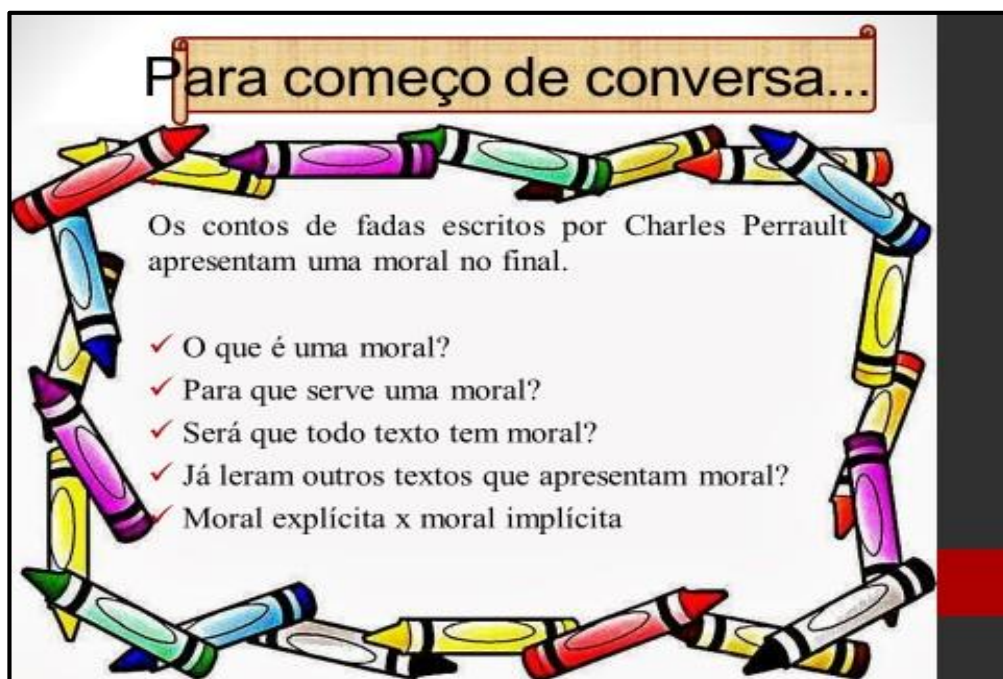
Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2. (PERRAULT, 2015, p. 38.)

Ilustração 34 Slide para atividade diagnóstica



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2. (PERRAULT, 2015, p. 38.)

Ilustração 35 Slide para atividade diagnóstica



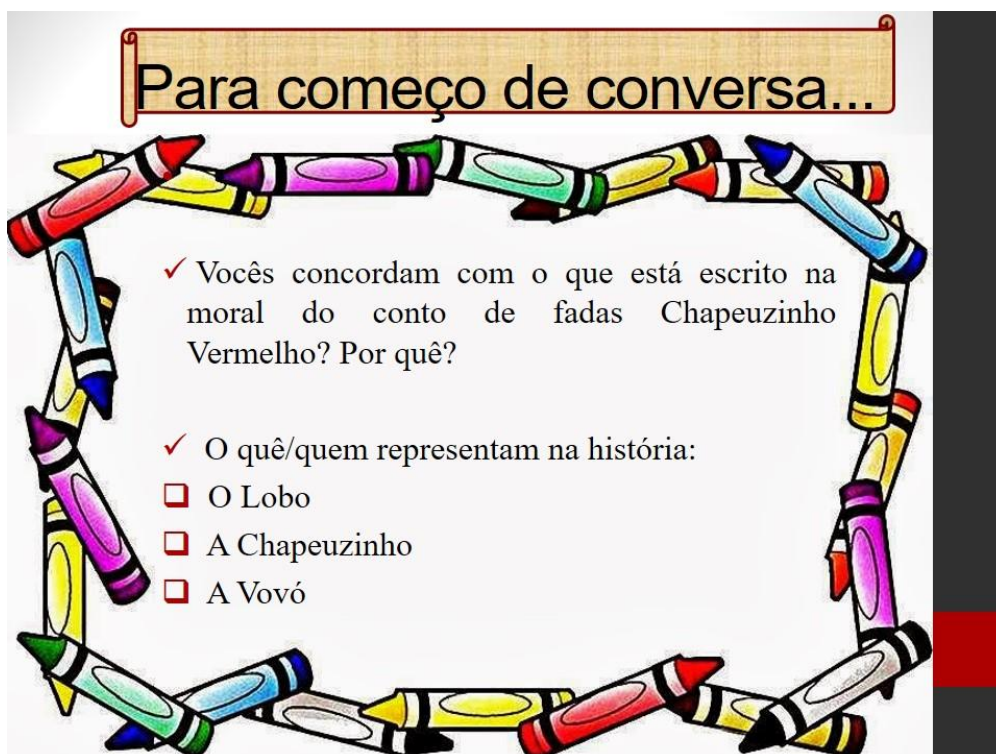
Para começo de conversa...

Os contos de fadas escritos por Charles Perrault apresentam uma moral no final.

- ✓ O que é uma moral?
- ✓ Para que serve uma moral?
- ✓ Será que todo texto tem moral?
- ✓ Já leram outros textos que apresentam moral?
- ✓ Moral explícita x moral implícita

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2.

Ilustração 36 Slide para atividade diagnóstica

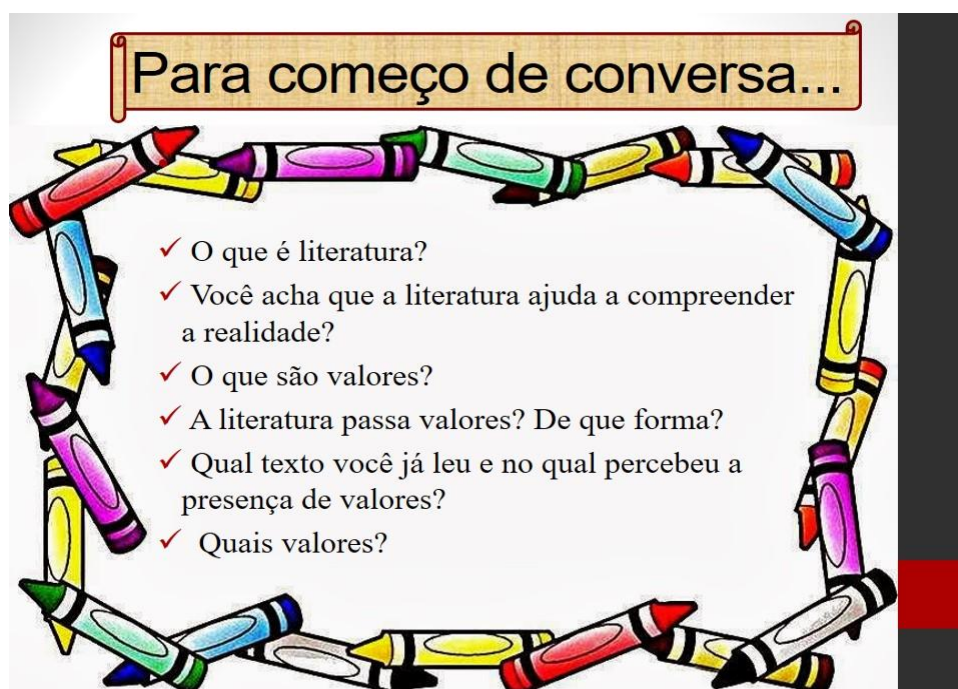


Para começo de conversa...

- ✓ Vocês concordam com o que está escrito na moral do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho? Por quê?
- ✓ O quê/quem representam na história:
 - ☐ O Lobo
 - ☐ A Chapeuzinho
 - ☐ A Vovó

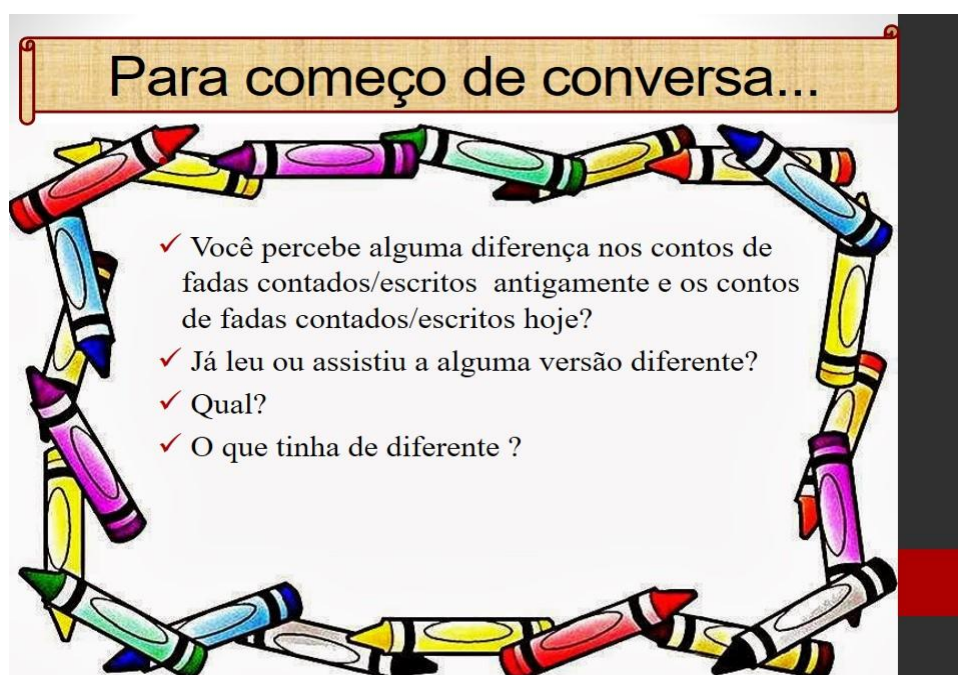
Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2.

Ilustração 37 Slide para atividade diagnóstica



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2.

Ilustração 38 Slide para atividade diagnóstica



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2.

As respostas mais relevantes, dadas pelos alunos da turma de 7º ano, envolvida na pesquisa, estão descritas abaixo.

A primeira pergunta questionava se os contos de fadas eram somente para crianças e por quê. Os alunos responderam que não, pois, segundo eles, todas as pessoas gostam de ler e de fadas por serem interessantes e terem o final bonito, feliz.

A segunda pergunta se referia à história da Chapeuzinho Vermelho, se eles conheciam a história e o que tinha acontecido nessa história. Responderam que conheciam, “era a história que tinha o lobo mau, a menininha, a vovó e o caçador”, “no final o lobo mau termina com a barriga cortada e cheia de pedra”.

A terceira pergunta foi sobre os ensinamentos presentes na história. Os alunos listaram: obedecer à mãe, não andar sozinha, não conversar com pessoas estranhas.

Após essas perguntas foi apresentada a moralidade escrita por Charles Perrault no final da história do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, os alunos demonstraram desconhecimento sobre a presença dessa moralidade nos contos de fadas.

A quarta pergunta foi referente ao conceito de moral, que foi conceituada pelos alunos como ensinamento, para que os leitores aprendessem algo com ela. Ao serem questionados sobre outros textos que apresentam moral, eles não souberam identificar outros que já haviam lido que também a apresentavam.

A sexta pergunta foi sobre a diferença entre moral explícita e moral implícita, à qual os discentes também não souberam responder, sendo, assim, dada a informação pela pesquisadora.

A sétima pergunta pedia que eles dessem a representação dos personagens Lobo, Chapeuzinho e Vovó. Segundo eles, o Lobo representa o vilão, que são os homens, a Chapeuzinho, a mocinha em perigo, que são as mulheres ainda crianças ou adolescentes, e a Vovó, a refém que representaria as avós mesmo.

A oitava pergunta pedia para conceituar literatura, para eles, alunos, a literatura está relacionada aos livros, à leitura. A nona pergunta considerava a opinião deles sobre a possibilidade de a literatura ajudar a compreender a realidade, eles disseram que sim, pois conseguiam se ver nas histórias.

Ao serem questionados sobre o conceito da palavra valores, na décima pergunta, eles primeiro listaram várias palavras: amizade, amor, carinho etc., depois a conceituaram como pontos positivos e negativos, sentimentos bons e ruins.

A 11ª pergunta foi para indagar se os alunos identificavam valores nas leituras realizadas por eles. A resposta foi que é possível perceber por meio da observação das personagens, como estas agem, quais as suas atitudes no desenrolar da história. Eles também citaram as imagens como um recurso para a percepção dos valores presentes nos textos.

Ao perguntar sobre a que assistiram no dia anterior, deram o exemplo da novela *Malhação* que exibiu um episódio em que uma mãe estava impedindo a filha de namorar um rapaz porque ele era pobre e negro. Eles caracterizaram a mãe como preconceituosa, ambiciosa e autoritária por impor que a filha estudasse medicina para seguir a mesma carreira que a dela. Caracterizaram a filha como humilde, que para ela importava a felicidade enquanto, para a sua mãe, o dinheiro estava acima de tudo. Em relação ao rapaz, disseram ser trabalhador e estudioso, apontando essas características como valores positivos presentes nele. Os alunos defenderam o relacionamento dos dois jovens, alegando que dinheiro não é tudo, a felicidade deve estar em primeiro lugar.

Em relação à última pergunta, a diferença entre os contos de fadas contados/escritos antigamente e os contados/escritos hoje, eles não souberam listar diferenças.

No segundo momento da aula foi abordada a diferença entre os gêneros mito, lenda e conto de fadas por meio de uma aula explicativa com uso de recurso visual (slides) e audiovisual (vídeos). O primeiro vídeo apresentado tem o título de Diferença de mito e conto de fadas (<https://www.youtube.com/watch?v=zctAdA3IvfI>), em seguida foi apresentada a história “O mito do destino”. Após a realização da leitura do mito, as ações da história foram retomadas para que os alunos percebessem o que cada moira representava na vida real e qual elemento era usado para decidir o destino das pessoas. Para melhor entendimento e fixação das informações, foi apresentado o vídeo “As irmãs do destino” (<https://www.youtube.com/watch?v=hsX6a-o5oRo>) que traz a encenação do mito. Em seguida os vídeos “Lenda de Penélope” (<https://www.youtube.com/watch?v=VxKs64iRRmA>) e “Lenda de Ariadne” foram exibidos. Ao serem questionados sobre o que havia de semelhante entre as histórias, os alunos identificaram a presença dos fios ou linhas, elementos importantes no decorrer das ações e desfecho das narrativas. Para finalizar, foi mostrado um quadro explicativo sobre as diferenças entre os gêneros mito e lenda.

Ilustração 39 Slide: Mito x Conto de Fadas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2.

Ilustração 40 Slide: Mito x Conto de Fadas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2)(BRANDÃO, 1986, p.230)

Ilustração 41 Slide: Mito x Conto de Fadas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2 (BRANDÃO, 1986, p. 231)

Ilustração 42 Slide: Mito x Conto de Fadas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2

Ilustração 43 Slide: Mito x Conto de Fadas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2

Ilustração 44 Slide: Mito x Conto de Fadas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2

Ilustração 45 Slide: Mito x Lenda

MITO	LENDA
Tem caráter explicativo ou simbólico e relaciona-se com uma data ou com uma religião.	Se utiliza da fantasia ou ficção, misturando-as com a realidade dos fatos.
Procura explicar as origens do mundo e do homem por meio de personagens sobrenaturais como deuses ou semi-deuses.	Assim como os mitos, fornecem explicações aos fatos que não são explicáveis pela ciência ou pela lógica. Essas explicações, porém, são mais facilmente aceitas, pois apesar de serem fruto da imaginação não são necessariamente sobrenaturais ou fantásticas.

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2 (PACHECO, 2013 e SILVA, 2013b)

Ilustração 46 Slide: Mito x Lenda

MITO	LENDA
Explica a realidade através de suas histórias sagradas, que não possuem nenhum tipo de embasamento para serem aceitas como verdades.	Usam fatos reais e históricos para dar suporte às histórias, mas junto com eles envolvem a imaginação para “aumentar um ponto” na realidade.
Alguns fatos históricos podem se tornar mitos, desde que as pessoas de determinada cultura agreguem uma simbologia que tornem o fato relevante para as suas vidas.	Sofrem alterações ao longo do tempo, por serem repassadas oralmente e receberem a impressão e interpretação daqueles que a propagam.

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2 (PACHECO, 2013 e SILVA, 2013b)

Ilustração 47 Slide: Mito x Lenda

MITO	LENDA
Todas as culturas possuem seus mitos. Alguns assuntos, como a criação do mundo, são bases para vários mitos diferentes.	Fazem parte da realidade cultural de todos os povos.
Mito não é o mesmo que fábula, conto de fadas ou lenda.	Faz parte da tradição oral, e vem sendo contada através dos tempos.
Exemplos: Mito das moiras,	Exemplos: Lobisomem, Mãe d'água, Curupira, Mula - sem - cabeça, Saci - Pererê. Lenda de Penélope, Lenda de Ariadne.

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 1 e 2 (PACHECO, 2013 e SILVA, 2013b)

A **produção inicial** apresenta-se como a primeira criação do texto oral ou escrito. A apresentação da situação influencia diretamente no desenvolvimento desse ciclo, se foi bem delineada, proporcionará ao aluno, ao menos, um desempenho parcial que confirma as habilidades já dominadas e quais precisam ser conquistadas pelos discentes. O professor tem o papel principal de ajudar os alunos nessas conquistas. A fase de produção inicial não serve para atribuição de valores de 0 a 10, mas para observação e consequente aprimoramento da sequência, adequando-a às necessidades da turma (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011).

Produção inicial

Aulas: 3 e 4

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Propor a produção inicial do gênero conto de fadas.

Após os alunos terem um momento para relembrar o que já conhecem a respeito do gênero conto de fadas, foi proposta a elaboração da produção inicial do gênero.

Apresentamos, a seguir, cinco textos da produção inicial que demonstraram a percepção que os alunos tinham sobre o modo de projeção dos valores vinculados à representação da mulher em suas narrativas. As produções textual inicial, intermediária e final revelaram que os alunos apresentam muitos problemas referentes à ortografia, pontuação, concordância etc., e, pelo curto tempo para desenvolver esse trabalho, os problemas referentes à escrita ficarão em aberto para uma posterior fase de estudo, com etapas voltadas para o melhoramento desses

quesitos.

Produção inicial I

Ilustração 48 Produção Textual – A Princesa Vitoria

A Princesa Vitoria

Era uma vez uma Princesa que se chamava Vitoria que morava em um reino onde havia muitas regras. Uma dessas regras era que não podia sair desse reino. O rei não queria que ela saísse fora do reino. A rainha sempre ficava lá com o rei.

O rei era gordo, baixo de olhos verdes, ele era um pai coruja, sempre preocupado com a filha, não queria que ela contatasse com estranhos.

A rainha era magra, alta, de olhos claros, ela sempre estava do lado do rei.

O seu irmão sempre se defendia a uma nenhum estranho podia encontrar nela.

Seu irmão sempre a protegia, não deixava nada de mal acontecer com Vitoria. Ela amava andar de cavalo com seu irmão pelos campos do reino.

Um certo dia seu irmão amanheceu doente e não podia andar a cavalo com ela. Ela resolveu andar só a cavalo, mas no caminho encontrou uma Polve Velhinha com frio e fome, mas ela não tinha comida.

Seu pai sempre falou para ela não falar com estranhos. Mas vendo o estado da Polve Velhinha, ela ajudou-a a Princesa a levou para o reino chegando lá sua mãe perguntou:

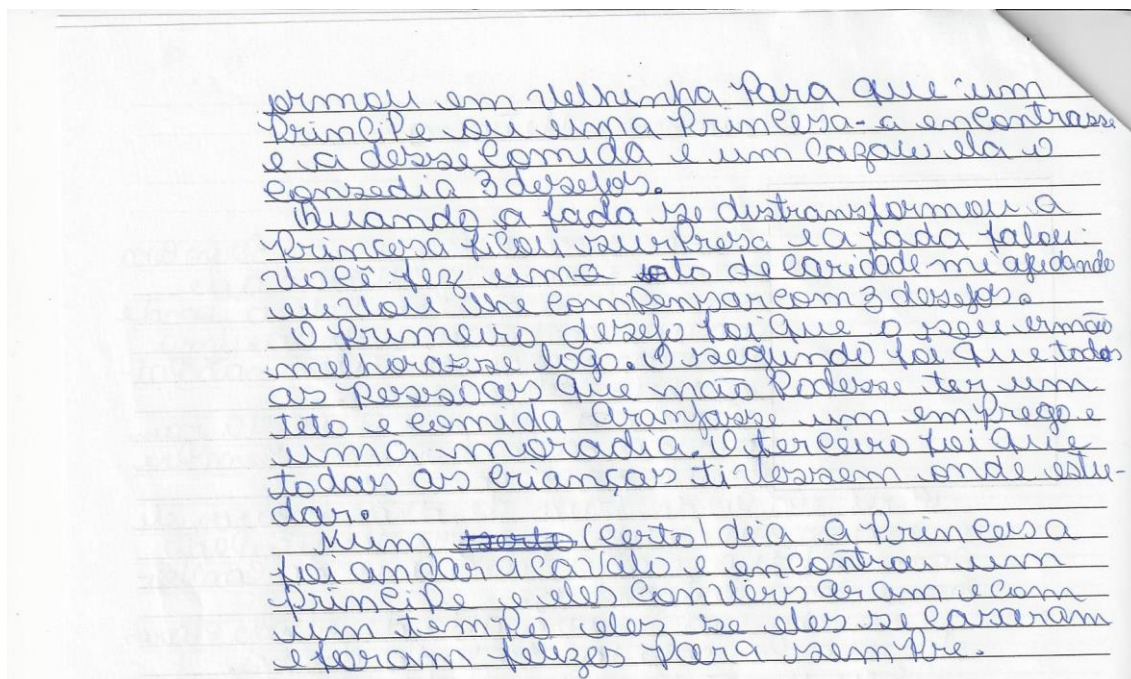
Quem é essa Velhinha?

Responde a Princesa:

É uma Polve Velhinha que está com fome e frio.

A Princesa levou a Velhinha a cozinha deu-lhe comida, e deu-lhe um casaco.

Mas ela não sabia que essa Velhinha era uma fada. A fada se transformou.



Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A princesa Vitória

Era uma vez uma princesa que se chamava Vitória que morava em um reino onde havia muitas regras. Uma dessas regras era que não podia sair desse reino. O rei não queria que ela saísse fora do reino. A rainha sempre concordava com ele.

O rei era gordo, baixo, de olhos escuros, ele era um pai coruja sempre preocupado com a filha não queria que ela conversasse com estranhos.

A rainha era magra, alta, de olhos claros, ela sempre estava ao lado do rei. O seu irmão sempre a defendia nenhum estranho podia encostar nela. Seu irmão sempre a protegia não deixava nada de mal acontecer com vitória. Ela amava andar de cavalo com seu irmão pelos campos do reino.

Num certo dia seu irmão amanheceu doente e não podia andar a cavalo com ela. Ela resolveu andar só a cavalo mas no caminho encontrou uma pobre velhinha com frio e com fome mas ela não a conhecia e seu pai sempre falou pra ela não falar com estranhos. Mas vendo o estado da pobre velhinha ela ajudou-lhe. A princesa a levou para o reino chegando lá sua mãe perguntou:

Quem é essa velhinha ?

Responde a princesa:

É uma pobre velhinha que está com fome e frio.

A princesa levou a velhinha a cozinha deu-lhe comida e deu-lhe um cazaco. Mas ela não sabia que essa velhinha era uma fada. A fada se transformou em velhinha para que um príncipe ou princesa a encontrasse e a desse comida e um cazaco ela concedia 3 desejos.

Quando a fada se destransformou a princesa ficou surpresa e a fada falou: você fez um ato de caridade me ajudando eu vou lhe compensar com 3 desejos.

O primeiro desejo foi que o seu irmão melhorasse logo. O segundo foi que todas as pessoas que não podesse ter um teto e comida arranjasse um emprego e uma moradia. O terceiro foi que todas as crianças tivessem onde estudar.

Num certo dia a princesa foi andar a cavalo e encontrou um príncipe e eles conversaram e com um tempo eles se casaram e foram felizes para sempre.

A produção inicial I “A princesa Vitória” apresenta o paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). [...]” (COELHO, 2000b, p. 138). A rainha sempre concordava com as decisões do seu marido e a princesa precisava da companhia do irmão para sair do castelo e passear pelos campos do reino.

No dia em que seu irmão ficou doente, ela passeou sozinha pelo reino, o que não configura desobediência, pois a ordem do seu pai era que ela não ultrapasse os limites do reino. A sua obediência é confirmada pela lembrança da imposição do pai para que ela não falasse com estranhos, mas o seu espírito solidário, perceptível nas princesas jovens que ainda não foram corrompidas pela valorização do poder e do dinheiro acima de qualquer coisa, foi mais forte e ela ajudou a pobre velhinha que encontrara pelo caminho.

O pai da princesa não ficou sabendo do acontecimento, por isso, não houve conflito por conta da atitude dela. Somente a sua mãe soube da presença da velhinha no castelo e fez vistas grossas, comportamento comum entre as mães, que tem o intuito de proteger a filha dos conflitos com o pai. A atitude da princesa lhe rendeu três desejos e, confirmando o seu coração puro, a sua alma virtuosa, ela usou o primeiro para curar seu irmão e os outros dois em prol da humanidade. Esse conto de fadas é finalizado com o casamento entre a princesa e um príncipe, deixando evidente que a mulher precisa de um marido para ser feliz.

Produção inicial II

Ilustração 49 Produção textual – O fiel cavaleiro do Rei

O Fiel Cavaleiro do Rei

Era uma vez, um homem que não tinha nada na vida, ele era muito pobre, só que tinha uma especialidade para de lutar. Quando um dia o rei decidiu colocar um duelo, que o cavaleiro que conseguisse ganhar do chefe da guarda real do reino, lhe tomaria o cargo do chefe da guarda.

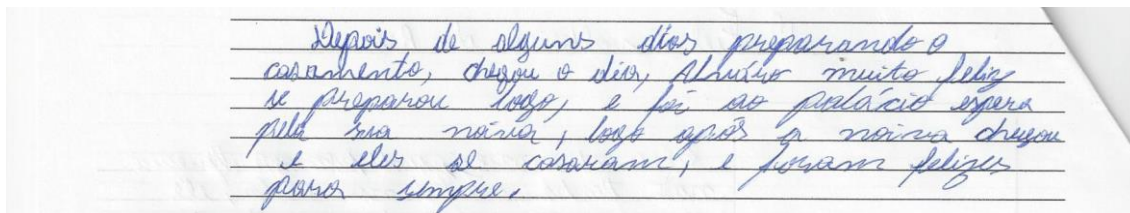
Poderiam-se reunir e reunir dias, o homem muito ansioso pelo duelo, todos esses dias que se passaram ele não parava de pensar. Quando o dia chegou, o homem que se chamava Alvaro muito alegre, falou para o próprio rei, dizendo Alvaro vou fazer de tudo para conseguir ganhar esse duelo, para me tornar chefe da guarda. Foi nesse dia que a princesa Ana Clara, conheceu Alvaro e se apaixonou eternamente

pelo moço, quando começou a luta, Alvaro se ajoelhou no chão do gramado dizendo que "Deus" lhe ajudasse a ganhar o duelo.

Nos começou a lutar logo após com o chefe da guarda, depois de alguns minutos Alvaro conseguiu ganhar o duelo, e celebrou junto com o rei, rainha e princesa que era sua amada, nos dias da celebração ele se ajoelhou novamente para "Deus" obrigado

sempre!

Depois de alguns dias o Alvaro falou para o rei. Me deixe casar com a sua filha Ana Clara, o rei pensando, ele é um cavaleiro muito decerto e obediente ao rei, e o rei lhe disse, você pode "sim" se casar com a minha filha, só que você Alvaro tem que fazer o pedido à ela e disposto a tudo o cavaleiro foi fazendo pedido, chegou no apartamento da princesa e lhe fez o pedido "eternamente", e a princesa lhe falou, "sim" eu quero se casar com você Alvaro.



Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

O Fiel cavaleiro do Rei

Era uma vez um homem que não tinha nada na vida, ele era muito pobre, so que tinha especialidade rara de lutar. Quando um dia o rei decidiu colocar um duelo, que o cavaleiro que conseguisse ganhar do chefe da guarda real do reino lhe tomaria o cargo do chefe da guarda.

Passaram-se vários e vários dias, o homem muito ancioso pelo duelo, todos esses dias que se passaram ele não parava de treinar. Quando o dia chegou, o homem que se chamava Álvaro muito alegre falou para si próprio dizendo Álvaro vou fazer de tudo para conseguir ganhar esse duelo para me tornar chefe da guarda. Foi nesse dia que a princesa Ana Clara conheceu Álvaro e se apaixonou eternamente pelo moço. Quando começou a luta, Álvaro se ajoelhou ao chão do gramado pedindo que “Deus” lhe ajudasse a ganhar o duelo e começou a lutar logo após com o chefe da guarda, depois de alguns minutos Álvaro conseguiu ganhar o duelo e celebrou junto com o rei, rainha e princesa que era sua amada. Mas depois da celebração ele se ajoelhou novamente para “Deus” obrigado senhor !

Depois de alguns dias o Álvaro falou para o rei. Meu rei deixar-me casar com sua filha Ana Clara? O rei pensando ele é um cavaleiro muito decente e obediente ao rei, e o rei lhe disse você pode sim se casar com a minha filha, só que você Álvaro tem que fazer o pedido a ela. E disposto a tudo o cavaleiro foi fazer o pedido, chegou nos aposentos da princesa e lhe fez o pedido cuidadosamente e a princesa lhe falou sim eu aceito se casar com você Álvaro.

Depois de alguns dias preparando o casamento chegou o dia, Álvaro muito feliz se preparou logo, e foi ao palácio esperar pela sua noiva, logo após a noiva chegou e eles se casaram e foram felizes para sempre.

Na produção inicial II “O Fiel cavaleiro do Rei” é perceptível o paradigma tradicional “Individualismo [...] O ideal perseguido é realizar o ser através do fazer que levará ao ter”

(COELHO, 2000b, p.138). O homem pobre utilizou a sua habilidade de lutador para mudar de condição, tornar-se chefe da guarda real do reino. Para isso ele dedicou muitos dos seus dias para treinar.

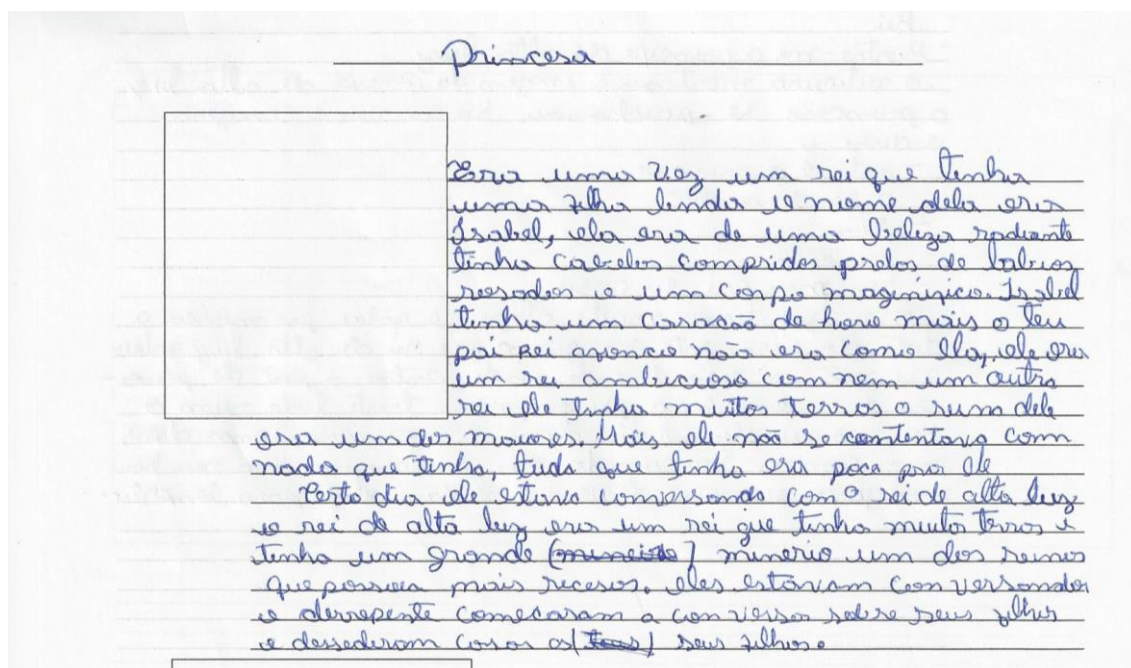
Outro paradigma tradicional encontrado na narrativa é “[...] sistema religioso centrado na ideia de Deus criador [...]” (COELHO, 2000b, p.138). O homem pediu ajuda a Deus para ganhar a luta e agradeceu a Ele por ter ganhado.

A princesa Ana Clara já tinha visto Álvaro e já nutria um amor por ele, mas, como as mulheres não podiam demonstrar seus sentimentos, precisou esperar que Álvaro se interessasse por ela e a pedisse em casamento para o pai dela. O casamento só poderia se concretizar se o pai da moça permitisse. Depois da permissão do pai, Álvaro foi fazer o pedido à princesa. Ela aceitou, pois já sabia que o moço só poderia lhe fazer o pedido depois do consentimento do pai e que ela não poderia recusar, já que os noivos eram escolhidos pelo pai e não pelas moças.

O desfecho com a celebração de um casamento é comum nos contos de fadas tradicionais, pelo modelo de família estabelecido na época em que foram escritos, a mulher casava para cuidar da casa, do marido e lhe dar filhos que garantissem a continuação da família e, no caso dos nobres, a preservação do poder e da riqueza.

Produção inicial III

Ilustração 50 produção textual Princesa



Mais o rei tinha que convencer a princesa Isabel pois se a filha concordasse o rei de alta luz era quem devia um favor ao duque para o rei de pai de Isabel ou era quem devia uma carta alta de ~~carta~~ ~~buena~~. O rei foi falar para a filha que ela havia casar com o príncipe de alta luz a princesa temeu um susto e logo disse mais papai eu não conheço o príncipe de alta luz, o rei falou para a princesa conhecer ao e casar caso com ele e assim sendo a princesa abraçou a cabeça e falou

(onde o) sim papai eu caso ~~o~~ sim meu pai ver a imagem do meu marido chame cedrique por favor papai o rei pediu para um guarda chamar cedrique, cedrice era o zelador da castela, logo depois de ~~de~~ cedrice receber a ordem ~~cedrice~~ cedrique foi até o rei. chegando perto de onde o rei estava o rei disse:

- Cedrique

Cedrique respondeu

- Aqui está a majestade

o rei disse

- Você está com sua varinha de mágica?

Cedrique

- Sim

Pai

- Mostre-me o príncipe de alta luz

o zelador mostrou a imagem do príncipe de alta luz

a princesa se aproximou de lá para ver a imagem.

e disse:

- este é o príncipe

o rei respondeu:

- Sim

princesa

- Sem meu pai eu caso

o rei ficou muito alegre e falou para a princesa a data do casamento de que o ~~o~~ rei de alta luz falou que não ia ter nenhuma dívida entre a pai da princesa e a princesa. A princesa ficou triste todo tempo o rei morreu alguns dias depois e a princesa ficou depois casou com o seu amado eles se casaram bem nem ~~nem~~ ~~foram~~ ~~foram~~ ficaram de novo e viveram felizes para sempre.

Princesa

Era uma vez um rei que tinha uma filha linda o nome dela era Isabel, ela era de uma beleza radiante tinha cabelos compridos pretos e lábios rosados e um corpo magnifico. Isabel tinha um coração de ouro mais o teu pai Rei Afonso não era como ela, ele era um rei ambicioso como nem um outro rei. Ele tinha muitas terras o reino dele era um dos maiores. Mais ele não se contentava com nada que tinha, tudo que tinha era pouco para ele.

Certo dia ele estava conversando com o rei de alta luz. O rei de alta luz era um rei que tinha muitas terras e tinha um grande minério um dos reinos que possuía mais riquezas. Eles estavam conversando e de repente conversaram sobre seus filhos e decidiram casar os seus filhos.

Mas o rei tinha que convencer a princesa Isabel pois se a sua filha casasse o rei de alta luz iria ficar devendo um favor ou dinheiro para o rei pai de Isabel ou ia ficar devendo uma coroa de ouro. O rei foi falar para a filha que ela iria casar com o príncipe de alta luz. A princesa tomou um susto e logo disse mais papai eu não conheço o príncipe de alta luz, o rei falou não precisa conhecer só é casar, case com ele é uma ordem, a princesa abaixou a cabeça e falou sim papai eu caso, só mim deixe ver a imagem do meu marido. Chame Cedrique, Cedrique era o feiticeiro do castelo, logo depois de Cedrique receber o chamado, Cedrique foi até o rei. Chegando perto de onde o rei estava o rei disse:

- Cedrique

Cedrique respondeu:

- Aqui estou majestade.

O rei disse:

- Você está com sua varinha de corda?

Cedrique

-Sim rei.

- Mostre-me o príncipe de alta luz.

O feiticeiro mostrou a imagem do príncipe de alta luz a princesa se apaixonou só ao ver a imagem e disse:

- Este é o príncipe?

O rei respondeu:

-Sim

- Sim meu pai, eu caso.

O rei ficou alegre e falou para marcar a data do casamento só que o rei de alta luz falou

que não ia ficar devendo nada então o pai da princesa desmarcou a princesa ficou triste, todo o reino. O rei morreu alguns dias depois e a princesa dois anos depois casou com seu amado. Eles se casaram sem nenhum favor e viveram felizes para sempre.

A produção inicial III “Princesa” traz o paradigma tradicional “ O sistema social sobrepõe o ter ao fazer e ao ser. Quanto às classes: valoriza as minorias privilegiadas pela fortuna [...] (COELHO, 2000a, p.21). O rei Afonso e o rei de Alta Luz eram muito ricos e decidiram casar seus filhos por interesse, para aumentar a riqueza de ambos os reinos, principalmente o rei Afonso que queria receber uma recompensa por casar a filha com o príncipe de Alta Luz.

A princesa, quando soube da escolha do pai, ficou assustada, mas sabia que não podia recusar o noivo, pediu apenas para ver a imagem deste que foi mostrada por meio de magia. A princesa, ao ver o príncipe, se apaixonou pelos atributos físicos deste. A beleza é um dos valores muito explorados nos contos de fadas tradicionais, provocando a imposição desse modelo na vida dos leitores desses contos, primeiro observamos a beleza e, se esta não for de acordo com a imposta da sociedade da época, o interessante é diminuído ou até exterminado.

A valorização da riqueza entre os reis era tão grande que o rei Afonso morreu de desgosto ao saber que o rei de Alta Luz não lhe daria recompensa pelo casamento, e o rei de Alta Luz só aceitou o casamento do seu filho com a princesa quando não precisou pagar nada à família da noiva.

Mais uma vez a mulher apresenta-se submissa e não consegue mudar o conceito de que casamento é sinônimo de felicidade e a representação de ter alguém que possa cuidar dela e quem possa protegê-la na ausência de seu pai.

Produção inicial IV

Ilustração 51 Produção textual – A história do Príncipe e da Princesa

A História do Príncipe e da Princesa

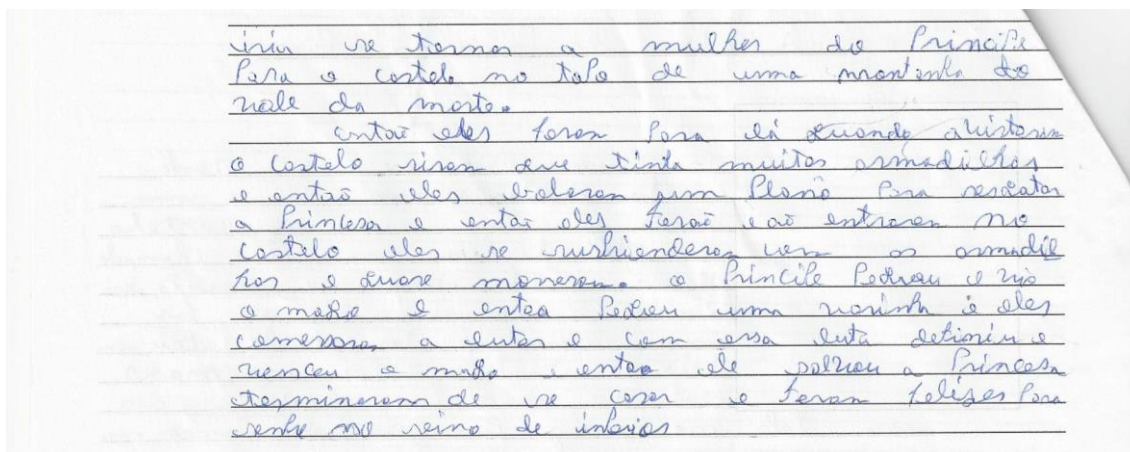
Era uma vez, em um tempo muito distante, um rei e uma rainha moravam em um castelo. Eles já tinham um filho chamado Renato. O filho deles era muito bonito, e em um dia ele fez uma brincadeira terrível. Ele pegou uma lata de tinta e jogou no chão. Quando a mãe ficou brava e deu um tapa no menino para que ele obedecesse uma lição, o rei e a rainha mandaram matar a mãe mais o menino. E prometeu, no dia dos de todos os Passos daquela Páscoa, inclusive do rei e da rainha e do Príncipe Renato.

Depois de passarem o ano daquela Páscoa, o Príncipe já tinha ouvido alguns boatos

de que a mãe havia retornado ao reino, mas o Príncipe não acreditava e nem se preocupava com os boatos de que a mãe havia retornado ao reino, e então conheceu uma mulher. O nome dela era Clotilde. O Príncipe e a Clotilde se apaixonaram e viveram no castelo, mas pouco depois, sua mãe deu este casamento e a mãe tinha prometido matar o menino e o reino inteiro ele e seus abençoados de felicidade.

A mãe começou a atacar o casamento do Príncipe e a destruir a festa inteira, e ainda no dia seguinte, ela levou a Princesa para o seu castelo. O Príncipe então se desistiu e chamou toda a guarda real para vir com ele resgatar a Princesa.

O Príncipe era valente, então levou o seu cavalo e foi a procura da Princesa. Perambulando por os caminhos, ele não tinha visto o meio por onde ele e alguns cavalos disseram que tinham visto um menino e que a mãe tinha levado a mulher que



Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A história do príncipe e da princesa

Era uma vez em um tempo muito distante um rei e uma rainha moravam em um castelo. Eles tinham um filho chamado Renato. O filho deles era muito brincalhão e em um dia ele fez uma brincadeira terrível. Ele pegou uma lata de tinta e jogou no mago real e o mago ficou bravo e deu um tapa no menino para que ele aprendesse uma lição. O rei e a rainha mandaram matar o mago, mas o mago fugiu e prometeu se vingar de todas as pessoas daquele palácio, inclusive do rei e da rainha e do príncipe Renato.

Depois se passaram 6 anos daquele ocorrido o príncipe já tinha ouvido alguns boatos de que o mago havia retornado aquele reino, e então conheceu uma mulher cujo nome era Clarise. O príncipe e a Clarise se apaixonaram e queriam se casar, mas pouco sabiam que no dia deste casamento o mago tinha prometido voltar a dominar o reino inteiro, ele e seus aprendizes de feiticeiro.

O mago começou a atacar o casamento do príncipe e devastou a festa inteira e ainda não se satisfazia e levou a princesa para o seu castelo sombrio. O príncipe então se desesperou, chamou toda a guarda real para vir com ele resgatar a princesa.

O príncipe era valente então pegou o seu cavalo e foi à procura da princesa, perguntou para os camponeses se eles não tinham visto o mago passar por lá e alguns camponeses disseram que tinham visto sim o mago e que o mago tinha levado a mulher que iria se tornar a mulher do príncipe para o castelo no topo de uma montanha do vale da morte.

Então eles foram para lá quando avistaram o castelo viram que tinha muitas armadilhas e então eles bolaram um plano para resgatar a princesa e então eles foram e ao

entrarem no castelo eles se surpreenderam com as armadilhas e quase morreram. O príncipe viu o mago e

então pegou uma varinha e começaram a lutar e com essa luta ele venceu o mago, salvou a princesa, terminaram de se casar e foram felizes para sempre no reino de Impérios.

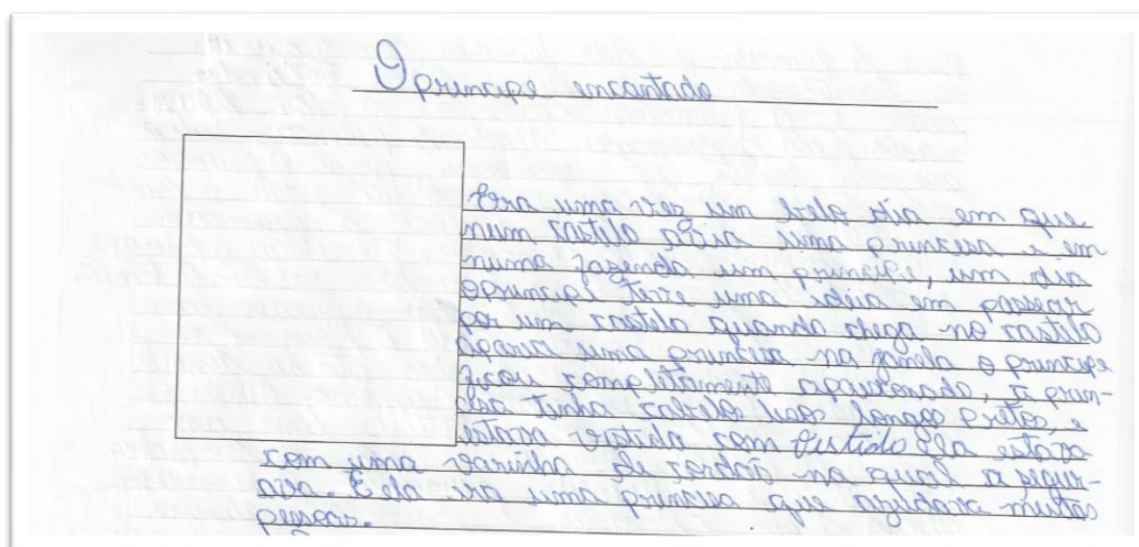
A produção inicial IV “A história do príncipe e da princesa” é iniciada com uma situação em que o filho do rei teve um comportamento errado e foi punido por um dos criados do castelo. Como consequência disso o rei mandou matar o criado do reino. Essa situação evidencia o conceito de que as atitudes dos nobres não podem ser questionadas nem punidas.

Passados seis anos desse acontecimento, o príncipe escolheu com quem se casaria e no dia do seu casamento foi surpreendido pela vingança do criado do reino, um mago. Este destruiu a festa de casamento e raptou a noiva. O príncipe, acompanhado da guarda real, saiu à procura de sua noiva, demonstrando coragem e determinação, características disseminadas nos contos de fadas tradicionais. Ele conseguiu resgatá-la e o casamento foi concretizado.

Observamos nesse conto que a mulher é apenas mencionada, Clarice foi só a escolhida pelo príncipe para se casar com ele. A mulher não participou de nenhum acontecimento, não pôde decidir se casaria ou não. É o comportamento relatado nos contos de fadas tradicionais, a mulher sempre à parte, sempre submissa.

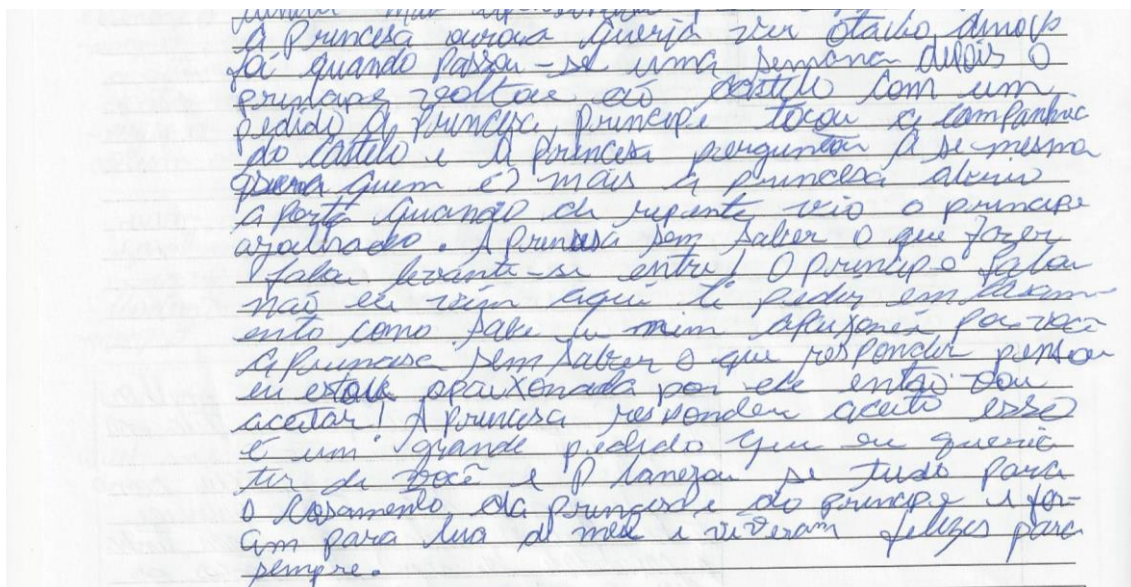
Produção inicial V

Ilustração 52 Produção textual – O príncipe encantado



O príncipe ainda anda a seguir seu pai, mas
sem a cidade onde a princesa mora, e
ele decidiu esquecer porque não poderia fazer
tudo isso, indo a cidade e ele também trabalh-
ava, mas ganhava pouco, e ele queria a prin-
cesa porque tinha sensação melhor
que ele, mas ele não poderia ter, na
dia seguinte o príncipe estava com dor
na cabeça e não conseguia dormir, mas como
ela não dormia, então o príncipe
tinha que esquecer porque não tinha
a capacidade de ver ela todos os
dias. E passou tempo e tempo em
que o príncipe o esqueceu e não tin-
ha mais visto ela, dias após dias o prin-
cipe decidiu ir a cidade novamente para
ver a princesa, quando chegou perto
do Castelo Aberto a princesa de longe, e prin-
cipe se viu o príncipe e a princesa mostram
afetuosidade e gentileza com ele e ficou
sentado o príncipe e viu a princesa e se
afundou a princesa, e tudo bem? a princesa
responde! Oh, tudo ótimo, o príncipe se aproximou
e perguntou, como se chama seu nome? Ela
respondeu meu nome é princesa. A princesa
de sempre perguntou o seu? O príncipe a res-
pondeu a princesa falou ao príncipe que
um prazer ter te conhecido. O príncipe
respondeu com a mesma delicadeza O
prazer foi todo meu! e lá ficou o prin-
cipe e a princesa, os dois juntos com o que
se aconteceu e lá eles ficaram falando
ideias e a princesa começou a falar apri-
xada pelo o príncipe mas a princesa falou
que não podia se aproximar, porque o príncipe
não tinha condições igual a ela então o prin-
cipe falou a princesa falou a princesa
falou o mesmo para o príncipe. Foi então o príncipe
se aproximou e falou a princesa respondeu
tchau. Quando passou de dois dias a princesa ficou
ainda mais apaixonada pelo o príncipe e

pe e a princesa, os dois juntos com o que
se aconteceu e lá eles ficaram falando
ideias e a princesa começou a falar apri-
xada pelo o príncipe mas a princesa falou
que não podia se aproximar, porque o príncipe
não tinha condições igual a ela então o prin-
cipe falou a princesa falou a princesa
falou o mesmo para o príncipe. Foi então o príncipe
se aproximou e falou a princesa respondeu
tchau. Quando passou de dois dias a princesa ficou
ainda mais apaixonada pelo o príncipe e



Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

O príncipe encantado

Era uma vez, um belo dia em que num castelo avia uma princesa e numa fazenda um príncipe, um dia o príncipe teve uma ideia em passear por um castelo quando chega no casrelo aparece uma princesa na janela o príncipe ficou completamente apaixonado, a princesa tinha cabelos lisos longos pretos e estava vestida com vestido ela estava com uma varinha de cordão na qual segurava. Ela era uma princesa que ajudava muitas pessoas.

O príncipe anda, anda e segue seu passeio, mais como a cidade onde a princesa morava era longe ele desidio esquecela porque não poderia ficar toda vez indo a cidade e ele também trabalhava, mais ganhava pouco, e ele queria a princesa porque tinha condição melhor que ele, mas ele não poderia tela, no dia seguinte o príncipe estava emdeciso se ia a cidade ou não, mais como era longe não dava, então o príncipe tinha que esquecela porque não tinha a capacidade de ver ela todos os dias. E passou tempos e tempos em que o príncipe esqueceu e não tinha mais visto ela, dias após o príncipe decidio ir a cidade novamente para ver a princesa, quando chegou perto do castelo avistou a princesa de longe. A princesa viu o príncipe e a princesa mostrou obediência e sentou se com obediência e ficou sentada, o príncipe veio ate a princesa e se apresentou a princesa, oi tudo bem? A princesa responde olá tudo ótimo, o príncipe se encantou e perguntou como se chama, seu nome? Ela respondeu meu nome é aurora, a princesa perguntou e o seu ? a príncipe a responde Otavio. A princesa falou ao príncipe foi um prazer ter te conhecido. O príncipe respondeu com a maior

delicadeza o prazer foi todo meu. E lá ficou o príncipe e a princesa trocando ideias e a princesa começou a ficar apaixonada pelo príncipe mais a princesa sabia que não podia se apaixonar porque o príncipe não tinha condições igual a ela. Então o príncipe fala a princesa gostei de você a princesa falou o mesmo para o príncipe. Foi então o príncipe se despediu tchau a princesa responde tchau.

Quando passou se dois dias a princesa ficou ainda mais apaixonada pelo príncipe e a princesa Aurora queria ver Otávio de novo. Foi quando passou-se uma semana depois o príncipe voltou ao castelo com um pedido a princesa. O príncipe tocou a campainha do castelo e a princesa perguntou a si mesma quem é? Mais a princesa abriu a porta quando de repente viu o príncipe ajoelhado. A princesa sem saber o que fazer falou levante-se, entre. O príncipe falou não eu vim aqui te pedir em casamento como sabe eu mim apaixonei por você. A princesa sem saber o que responder pensou eu estou apaixonada por ele então vou aceitar. A princesa respondeu aceito. Isso é um grande pedido que eu queria ter de você e planejou se tudo para o casamento da princesa e do príncipe e foram para a lua de mel e viveram felizes para sempre.

A produção inicial V “O príncipe encantado” apresenta o paradigma tradicional “O sistema social sobrepõe o ter ao fazer e ao ser. Quanto às classes: valoriza as minorias privilegiadas pela fortuna [...]” (COELHO, 2000a, p.21). O príncipe queria se casar com a princesa porque ela tinha uma condição financeira melhor que a dele. Ele se aproximou da princesa despertando os sentimentos dela em relação a ele até que um dia a pediu em casamento e casou com ela.

Nesse conto de fadas ocorre uma mistura de valores tradicionais e contemporâneos, reflexo da escrita de um discente situado no mundo contemporâneo. Apesar de notarmos muitos elementos dos contos tradicionais, como iniciar a narrativa com era uma vez, a nobreza dos personagens (príncipe e princesa), o local ser um castelo, ser contado no passado, a mulher esperar a decisão do homem em fazer o pedido de casamento, ocorrer um casamento e terminar com final feliz, notamos também elementos que são do mundo contemporâneo. Não aparece no conto menção aos pais da princesa, sendo possível pensar que ela morava sozinha, outro elemento do mundo contemporâneo é que o pedido de casamento foi feito diretamente à princesa.

Apesar de aparecerem alguns elementos do mundo contemporâneo, a mulher ainda se apresenta como a mocinha que espera o casamento para sentir-se realizada. Não há marcas que demonstrem se tratar de uma mulher que questiona o seu modo de viver e seu destino, ela

continua submissa aos quereres masculinos.

Os **módulos** apresentam-se como ferramenta para o professor dedicar-se à aprendizagem dos saberes necessários para a criação final com todas ou a maioria das características pertencentes ao gênero proposto. As tarefas devem ser diversificadas para enriquecer a experiência orientada no ambiente escolar. A efetuação dos módulos favorece a ampliação do vocabulário e o conhecimento sobre o gênero. Ao final da sequência é interessante anotar os saberes conquistados, montando um quadro resumo (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011).

Módulos

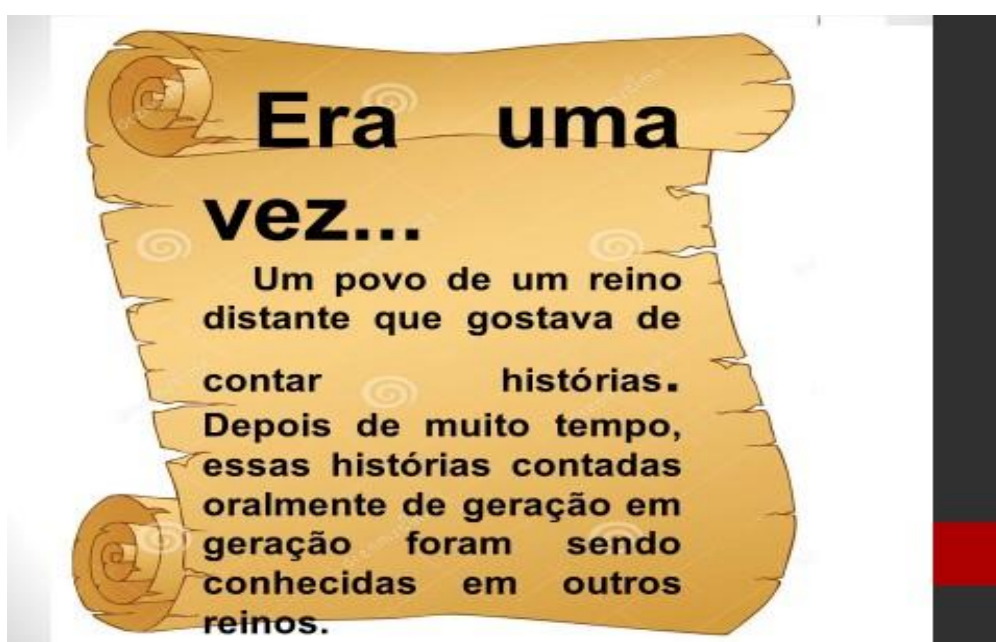
Aulas: 5 e 6 – Módulo 1

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivo: apresentar a história do gênero conto de fadas e os autores Charles Perrault e Irmãos Grimm; o conceito de intertextualidade; as diferenças entre os contos de fadas tradicionais e os contos de fadas contemporâneos.

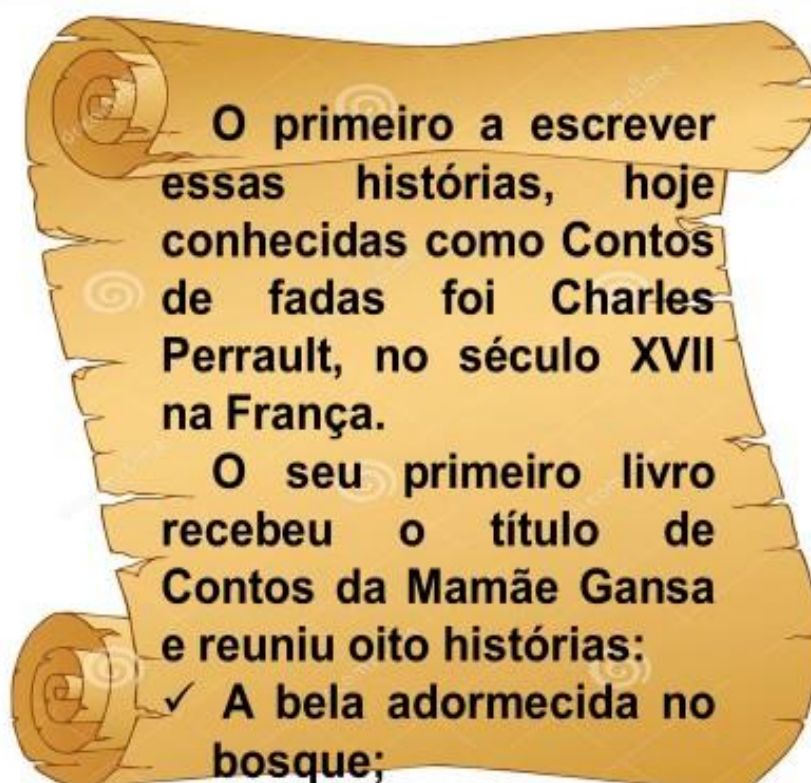
O quinto momento foi dedicado ao breve relato da história do gênero conto de fadas, como e onde surgiu. O autor Charles Perrault foi apresentado assim como os títulos dos primeiros contos transcritos por ele, bem como qual conto de fadas presente nessa primeira coletânea seria trabalhado durante as aulas, chamando atenção para a sua importância na história do gênero.

Ilustração 53 Slide Era uma vez...



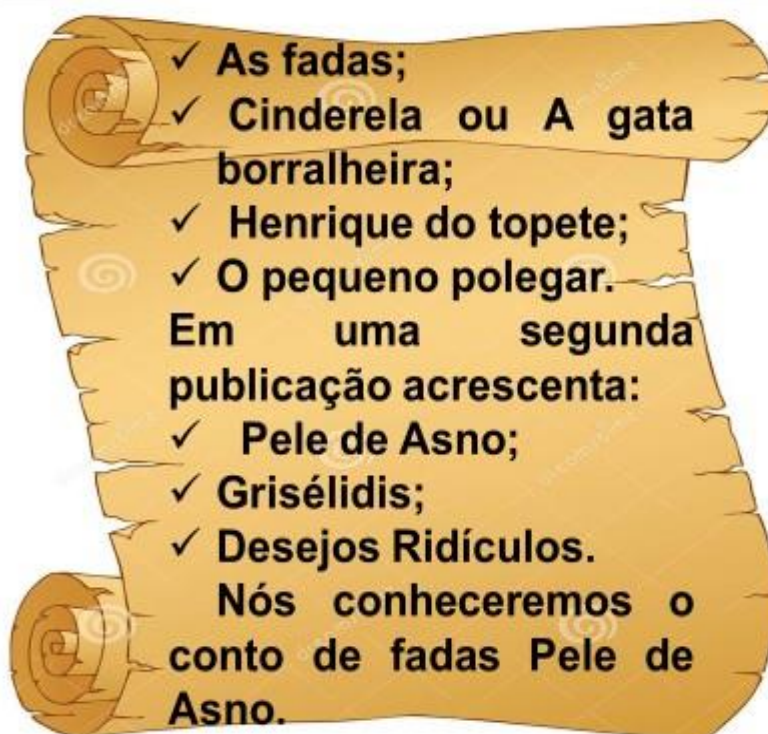
Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (COELHO, 1991)

Ilustração 54 Slide Era uma vez...



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (Idem)

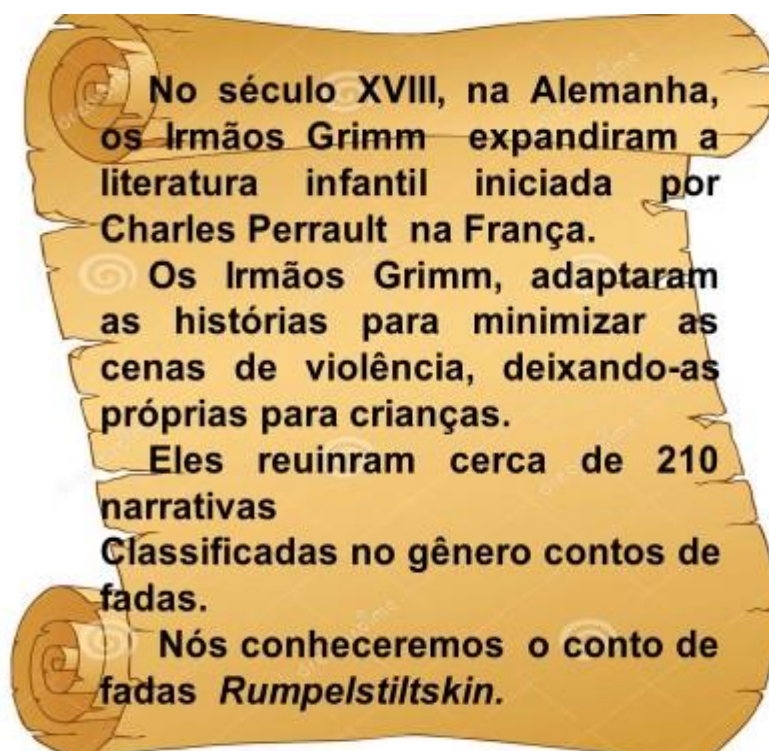
Ilustração 55 Slide Era uma vez...



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (Ibidem)

Os Irmãos Grimm também foram apresentados, a relevância deles na continuidade do gênero e qual conto transcrito por eles seria abordado no projeto.

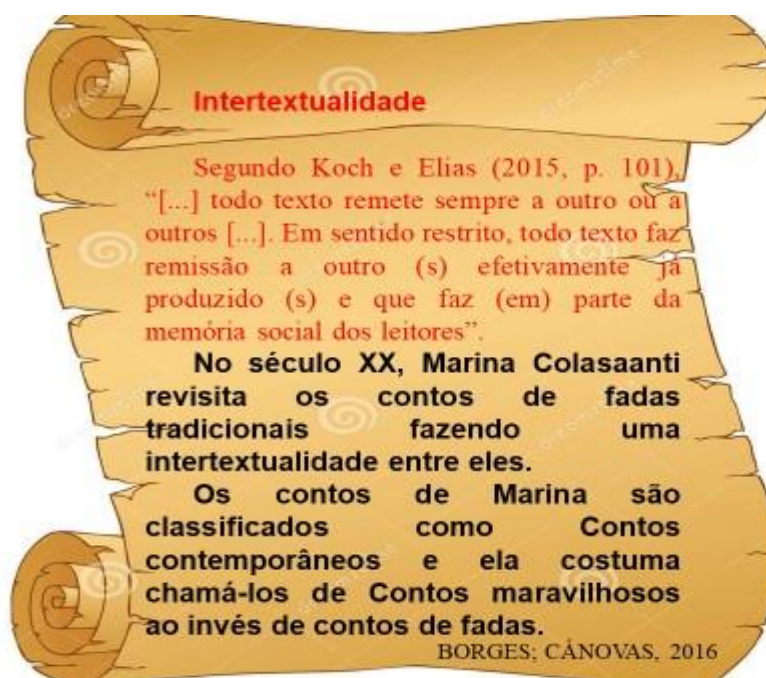
Ilustração 56 Slide Era uma vez...



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6

O conceito de intertextualidade foi apresentado, sendo citado que a turma conheceria, além dos contos tradicionais de Charles Perrault e Irmãos Grimm, contos contemporâneos de Marina Colasanti que, apesar de serem escritos em épocas distantes, apresentavam intertextualidade com os contos de fadas tradicionais.

Ilustração 57 Slide Era uma vez...



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (KOCH; ELIAS, 2015,p.101 e BORGES; CÂNOVAS, 2016)

Ilustração 58 Slide Era uma vez...



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (*Idem*)

No sexto momento, as diferenças encontradas nos contos de fadas tradicionais contemporâneos foram exploradas por meio de um quadro comparativo.

Ilustração 59 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos

Diferenças entre o conto de fadas tradicional e o conto de fadas contemporâneo	
TRADICIONAL	CONTEMPORÂNEO
Uso de expressões como “Era uma vez”, “Em tempos e épocas longínquas”, “Num reino muito distante”	Pela observação dos contos de Marina Colasanti nota-se que a expressão “Era uma vez” raramente aparece, sendo mais comum iniciar a narrativa com a forma verbal “era” antecedida ou não pelo advérbio de negação não.
Narrador onisciente.	Tanto em 1º pessoa como em 3º pessoa.
Tempo Linear.	Nem sempre obedecem à linearidade; Pode contar com o uso de flashbacks.
Espaços como castelos, palácios e bosques pouco descritos.	Espaço variável, cenários simples

JUVINO, 2010, p. 19-20/25-26

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (Juvino, 2010)

Ilustração 60 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos

Diferenças entre o conto de fadas tradicional e o conto de fadas contemporâneo	
TRADICIONAL	CONTEMPORÂNEO
Personagens principais: crianças, jovens, princesas, anões, gigantes, bruxas, reis.	Presença marcante de figuras femininas que assumem identidade sociais semelhantes as das personagens dos contos de fadas tradicionais “[...] elas continuam princesas, rainhas, donzelas, damas, etc. [...]” (BORGES; CÂNOVAS, 2016, p.148-149)
Baseiam-se em narrativas populares	São frutos da imaginação e criatividade de seus autores; Tendência a retomar temas e recursos antigos; Presente e passado se fundem para gerar novos recursos.

JUVINO, 2010, p. 19-20/25-26

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (*Idem*)

Ilustração 61 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos

Diferenças entre o conto de fadas tradicional e o conto de fadas contemporâneo	
TRADICIONAL	CONTEMPORÂNEO
Se passa no mundo mágico ou maravilhoso – fora da realidade comum	O realismo se alterna com a fantasia.
Com ou sem a presença de fadas - sempre com a presença do maravilhoso	Segundo Marina Colasanti (2014, p. 419) “Eu poderia usar a expressão conto de fadas, mas não quero enganar ninguém. Em mais de 100 desses contos que escrevi até agora, aparece uma única fada, que nem fada é, mas feiticeira. Fiquemos, então, com maravilhosos”.

JUVINO, 2010, p. 19-20/25-26

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (*Ibidem*)

Ilustração 62 As diferenças entre contos de fadas tradicionais e conto de fadas contemporâneos

Diferenças entre o conto de fadas tradicional e o conto de fadas contemporâneo	
TRADICIONAL	CONTEMPORÂNEO
Criação de um herói que sempre vence o mal.	O espaço comunitário ganha lugar de destaque, disputando espaço com o herói.
Final feliz – o bem é recompensado e o mal é punido	Os finais podem ser surpreendentes.
Baseiam-se em narrativas populares	São frutos da imaginação e criatividade de seus autores; Tendência a retomar temas e recursos antigos; Presente e passado se fundem para gerar novos recursos.
Charles Perrault teve a intenção de trazer ensinamentos através da moral que aparece no final do conto; Irmãos Grimm suavizar as narrativas pra torná-las acessíveis para crianças.	Humor e intenção satírica são algumas características encontradas.

JUVINO, 2010, p. 19-20/25-26

Fonte: Print Screen de Slide das aulas 5 e 6 (*Ibidem*)

Aulas: 7 e 8 – Módulo 2

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Preparar os discentes para a leitura do conto de fadas tradicional *Rumpelstiltskin* (1812, 2014); realizar a leitura pausada do conto de fadas tradicional *Rumpelstiltskin* considerando as fases da sequência narrativa; preparar os discentes para o reconto oral do conto *Rumpelstiltskin* (1812, 2014)

Durante o sétimo momento foi realizada a atividade de pré-leitura em que os alunos foram convidados a pensar sobre as seguintes indagações referentes ao texto *Rumpelstiltskin*:

- ✓ Ao ler título *Rumpelstiltskin*, o que é possível imaginar sobre esse personagem?
- ✓ A personagem principal responde por seu destino ou depende dos outros para tomar decisões?

- ✓ Quais problemas aparecerem no conto de fadas?
- ✓ Como os problemas são solucionados?
- ✓ Quem resolve os problemas?
- ✓ A moça reflete sobre a sua situação de vida?
- ✓ O conto de fadas deixa alguma mensagem implícita para o leitor ? Qual?

Após a atividade de pré-leitura aula foi utilizado um recurso audiovisual (<https://www.youtube.com/watch?v=6323m-YPdnQ>) que trazia o conto de fadas sendo narrado com projeção de ilustrações que remetiam a passagens do conto. Em seguida, a leitura do conto de fadas tradicional *Rumpelstiltskin* foi realizada com paradas a cada fase da sequência narrativa.

Aulas: 9 e 10 – Módulo 3

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivo: Identificar como os alunos caracterizam as mulheres de antigamente e as mulheres de hoje em relação aos elementos casamento, filhos, afazeres domésticos, estudos, vestimentas, lazer, beleza e mercado de trabalho.

No nono momento foi lançada a proposta de montar individualmente um quadro comparativo sobre as mulheres de antigamente e as mulheres de hoje em relação a oito elementos. No décimo momento foi montado um único quadro sintetizando as respostas dadas por eles. Segue abaixo o quadro comparativo, preenchido com as respostas colocadas pela turma.

Quadro 4 Comparativo Mulher Antigamente x Mulher Hoje

	Mulher antigamente	Mulher hoje
Casamento	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tinha poucas brigas; ✓ Casavam na igreja e no civil; ✓ Duravam muito; ✓ Algumas mulheres eram forçadas a se casar; ✓ Tinha respeito no casamento, não tinha traição; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tem muitas brigas ✓ Não casam mais na igreja nem no civil ✓ Duram pouco ✓ Casam por escolha ✓ Não tem mais respeito, tem muita traição;
Filhos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tinham muitos filhos; ✓ Obedeciam aos pais. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Têm poucos filhos ✓ Não obedecem aos pais

Afazeres domésticos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ As mulheres faziam essas atividades; ✓ Só se ocupavam dessas tarefas; ✓ A dona da casa fazia todas as tarefas; ✓ As mães colocavam as filhas para ajudar nas tarefas do lar muito cedo; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ As mulheres fazem essas atividades; ✓ Fazem as tarefas domésticas e trabalham fora; ✓ Agora podem contar com a ajuda de uma empregada; ✓ Hoje as filhas demoram a ajudar nas tarefas de casa;
Estudos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Não tinham acesso; ✓ Tinha poucas escolas; ✓ Se errassem eram castigadas, levavam bolo (palmada); ✓ Não tinha transporte escolar ✓ Só quem tinha mais condições financeiras, estudava; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Hoje têm acesso; ✓ Tem muitas escolas; ✓ Hoje não tem mais bolo; ✓ Tem transporte escolar ✓ Todas podem estudar
Vestimentas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Usavam roupas compridas, principalmente vestidos; ✓ Eram simples; ✓ Por não trabalhar, tinham poucas roupas; ✓ Eram comportadas; ✓ Usavam vestido e saia; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Usam roupas curtas; ✓ São roupas modernas, da moda; ✓ Por terem seu dinheiro podem comprar muitas roupas; ✓ São muito decotadas; ✓ Usam short curto e calça justa;
Lazer	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Não tinham lazer, ficavam só em casa; ✓ Iam a igreja; ✓ Precisam de permissão do pai ou do marido; ✓ Não consumiam bebidas alcoólicas; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Saem muito; ✓ Vão pra festas, churrascos; ✓ Não precisam de permissão de ninguém; ✓ Consomem muita bebida alcoólica;
Beleza	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Não ligavam muito para isso; ✓ Não usavam maquiagem; ✓ Não se preocupavam; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ São muito vaidosas; ✓ Sam muita maquiagem; ✓ Agora se preocupam e querem estar magras;
Mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Não tinham oportunidade em quase nenhum lugar; ✓ Trabalhavam na roça ou em casa; ✓ Trabalhavam na própria casa e em outra como empregada doméstica; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalham em várias funções; ✓ Trabalham em hospitais, escolas, etc.; ✓ Trabalham na própria casa e fora em qualquer emprego;

Fonte: Respostas da turma do 7º ano

Aulas: 11 e 12 – Módulo 4

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Preparar os discentes para a leitura do conto de fadas contemporâneo “A moça tecelã” (1982, 2015); realizar a leitura pausada do conto de fadas contemporâneo “A moça tecelã”, considerando as fases da sequência narrativa; preparar os discentes para o reconto oral e o reconto escrito do conto “A moça tecelã”; apresentar a autora Marina Colasanti.

No 11º momento foi realizada a atividade de pré-leitura em que os alunos foram convidados a pensar sobre as seguintes indagações referentes ao texto “A moça tecelã”:

- ✓ Ao ler título “A moça tecelã”, o que é possível imaginar sobre essa personagem?

- ✓ A personagem principal responde por seu destino ou depende dos outros para tomar decisões?
- ✓ Quais problemas aparecerem no conto de fadas?
- ✓ Como os problemas são solucionados?
- ✓ Quem resolve os problemas?
- ✓ A moça reflete sobre a sua situação de vida?
- ✓ O conto de fadas deixa alguma mensagem implícita para o leitor? Qual?

Logo após foi realizada a audição do conto “A moça tecelã” (www.ubook.com.br), acompanhada do texto escrito, em seguida houve a observação das ilustrações presentes no decorrer do texto escrito para que os alunos se preparassem para ilustrar suas produções textuais.

No 12º momento foi apresentada a biografia de Marina Colasanti (COLASANTI, 2012, p. 98-99) e exibida uma entrevista em vídeo com a autora (<https://www.youtube.com/watch?v=DSW17sQQAZ4>). Foi realizada a leitura do conto contemporâneo *A moça tecelã* com pausas a cada fase da sequência narrativa e mostradas as capas dos livros dos quais foram retirados os contos de fadas contemporâneos trabalhados na pesquisa.

Conhecendo a autora

Marina Colasanti: artista múltipla

Em 26 de setembro de 1937, quando nasceu Marina Colasanti, a família estava em Asmara, na Eritreia, então colônia da Itália. Estava porque o pai de Marina, italiano, precisava mudar-se frequentemente, por motivos de trabalho.

De Asmara, foram para outra cidade africana: Trípoli, na Líbia. Lugares de que Marina quase não guarda recordações, pois tinha 3 anos quando sua família voltou para a Itália, em plena guerra.

Em 1948, a família muda-se para o Brasil. Para a menina de 11 anos, a descoberta do país tropical começou com os bichos, plantas e flores de uma casa gostosa no que mais tarde se transformou no Parque Laje, no Rio de Janeiro, seu porto de chegada. Só depois vieram a língua e a escola.

A fala perfeitamente brasileira foi adquirida bem rápido. Mas ainda hoje o italiano

persiste no diário, no pensamento, em sonhos e em certos poemas.

Os formulários burocráticos que Marina tem que preencher precisam ser espaçosos. Assim como ela é brasileira (por escolha), italiana (por natureza) e eritreia (por acaso), suas profissões também são múltiplas. Além de escritora, é jornalista e artista plástica.

Como não bastasse, cada uma dessas atividades ramifica-se em outras. A escritora é poeta, contista, cronista, novelista. A jornalista já foi redatora, colunista, repórter, editora, entrevistadora e apresentadora de TV. E a artista plástica é pintora e gravadora em metal (é ela que ilustra seus livros, como é o caso desta coletânea).

Até 1982 Marina também trabalhou – e ganhou mais de vinte prêmios – como publicitária.

E acima de tudo, manteve-se sempre vigilante defensora dos direitos da mulher. Inclusive o de não se sentir culpada por gostar, como ela, de costurar, bordar e fazer tricô. Marina ainda encontra tempo para cuidar (com o carinho que demonstra em suas crônicas) de plantas e bichos. Coabitantes da cobertura em que ela e seu marido, o poeta Affonso Romano de Sant’Anna, vivem no Rio de Janeiro. As duas filhas já adultas, mudaram de pouso.

Dos vários prêmios literários que recebeu por sua obra, destacam-se o latino-americano Norma-Fundalectura de 1996, por *Longe como o meu querer*, o Jabuti de 1193, por *Ana Z. aonde vai você?*, e o de 2011, por *Antes de virar gigante*, todos publicados pela Ática.

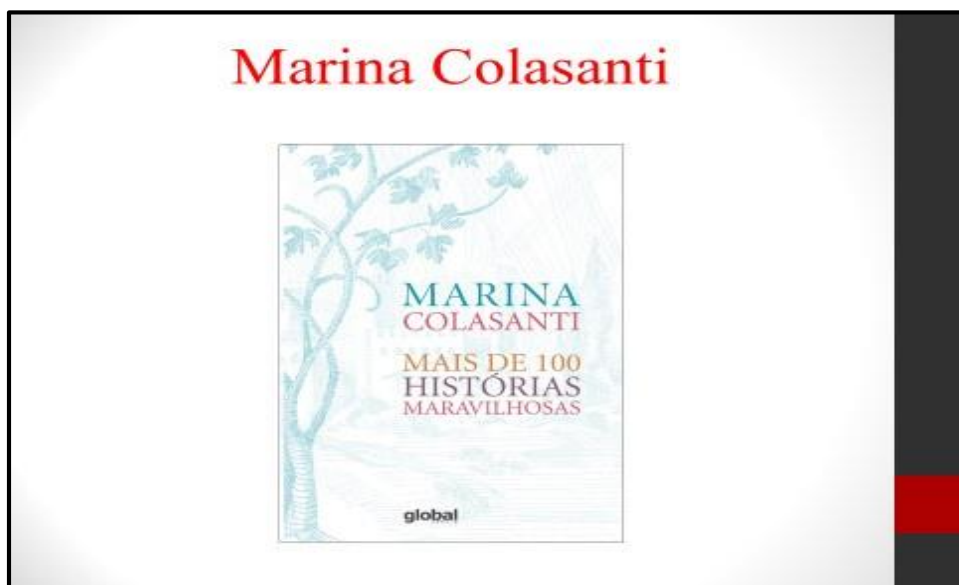
Ilustração 63 Capas das obras: Doze Reis e a moça no Labirinto do vento e Entre a espada e a rosa



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 11 e 12 (Google³¹)

³¹ <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/acima-de-7-anos/literatura-infantil/doze-reis-e-a-moca-no-labirinto-do-vento-3194893>

Ilustração 64 Capa da obra: Mais de 100 histórias maravilhosas



Fonte: Print Screen de Slide das aulas 11 e 12 (Google³²)

Aulas: 13 e 14 – Módulo 5

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Apresentar a intertextualidade entre o conto de fadas contemporâneo *A moça tecelã* (1982, 2015) e o movimento feminista.

No 13º momento foi apresentada a intertextualidade entre o conto de fadas contemporâneo *A moça tecelã* e o movimento feminista por meio da leitura de dois textos, o primeiro intitulado *A independência feminina em “A moça Tecelã”* (HENRIQUES, 2010, p. 98-101) e o segundo *Movimento feminista* (<http://www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil/>). Foi realizada a releitura do conto de fadas “*A moça tecelã*” e a discussão envolvendo os três textos.

A independência feminina em “A moça Tecelã”

“A moça tecelã” remete-nos à lembrança da busca igualdade social entre homens e mulheres, marcada por fortes movimentos de reivindicação política, trabalhista, greves,

³² <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/liteatura-nacional/contos-e-cronicas/mais-de-100-historias-maravilhosas-42886979>

passeatas e perseguição policial. É o surgimento da Independência feminina a partir da década de 60.

O feminismo dos anos 60 e 70 vieram abalar a hierarquia de gênero dentro da esquerda. A luta das mulheres contra a ditadura de 1964 uniu provisoriamente as feministas e as que autodenominavam membros do “movimento de mulheres”. Havia uma data: 8 de março, comemoração esta ocorrida através da luta pelo retorno da democracia, de denúncias sobre pressões arbitrárias, desaparecimentos políticos.

A consagração do direito de manifestação pública veio com o apoio internacional – a ONU (Organização das Nações Unidas), que instituiu em 1975, 8 de março, como “O Dia Internacional da Mulher”

Este dia passou a ser associado a um incêndio que ocorreu em Nova Iorque em 1911. No século XIX e no início do século XX, nos países em que se industrializava, o trabalho da tecelagem era realizado por homens, mulheres e crianças, em jornadas de 12 a 14 horas, em semanas de seis dias inteiros e frequentemente incluindo as manhãs de domingo. Fato este que se relaciona com o trabalho contínuo da “moça tecelã” na execução do que lhe era imposto por seu marido, o trabalho de tecer com imposição a levava à tristeza, como mostra no texto (“Tecia e entristecia”).

Os salários eram de fome, havia terríveis condições nos locais da produção e os proprietários tratavam as reivindicações dos trabalhadores como uma afronta, operárias e operários considerados como as “classes perigosas”. Sucediavam-se as manifestações dos trabalhadores por melhores salários, pela redução das jornadas e pela proibição do trabalho infantil.

Pouco tinha sido alterado, sobretudo nas fábricas de pequeno e médio porte, e os movimentos reivindicatórios retornaram. A reação dos empresários repetia-se: portas fechadas durante o expediente; relógios cobertos; controle total; baixíssimos salários e longas jornadas de trabalhos. Este acontecimento também se relaciona com o conto “A moça tecelã”, o marido a mantém em total controle, escondendo a máquina de tear: “[...] E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto da mais alta torre” (COLASSANTI, 1999, p. 13).

O dia 25 de março de 1911 era um sábado, e às 5 horas da tarde, quando todos trabalhavam, houve um grande incêndio, na Triangle Shirtwaist Company, que se localizava na esquina da rua Green com o Washington Place. A Triangle ocupava os três últimos de um prédio de dez andares. O chão e as divisórias eram de madeira, havia grande quantidade de

tecidos e retalhos e a instalação elétrica era precária. Na hora do incêndio, algumas portas da fábrica estavam fechadas. Tudo contribuía para que o fogo se propagasse rapidamente.

A Triangle empregava 600 trabalhadores e trabalhadoras, a maioria mulheres imigrantes, judias e italianas, jovens de 13 a 23 anos.

Fugindo do fogo, parte das trabalhadoras conseguiu alcançar as escadas, desceu para as ruas ou subiu para o telhado. Outras desceram pelo elevador, mas a fumaça e o fogo se expandiram e trabalhadores/as pularam pelas janelas, para a morte. Outras morreram nas próprias máquinas. O Forward publicou terríveis depoimentos de testemunhas e muitas fotos.

Morreram 146 pessoas, 125 mulheres e 21 homens, a maioria judeus. A comoção foi imensa. No dia 5 de abril houve um grande funeral coletivo que se transformou numa demonstração trabalhadora.

Atualmente, no local onde se deu o incêndio, está construída a Universidade de Nova Iorque. Uma placa lembrando o terrível episódio foi lá colocada pela International Ladies Gament Workes Union (ILGWU). Assim dizia a placa: “Neste lugar, em 25 de março de 1911, 146 trabalhadores perderam suas vidas no incêndio da Companhia de blusas Triangle. Deste martírio resultaram novos conceitos de responsabilidade social e legislação do trabalho que ajudaram a tornar as condições de trabalho as melhores do muno” (ILGWU, 1911).

Em 8 de março de 1917, trabalhadoras russas do setor de tecelagem entraram em greve e pediram apoio aos metalúrgicos.

Na década de 60, o 8 de março foi sendo escolhido como o dia comemorativo da mulher e se consagrou nas décadas seguintes.

O feminismo foi responsável por várias mudanças nas sociedades ocidentais, como:

- O direito ao voto (para as mulheres);
- Crescimento das oportunidades de trabalho para mulheres e salários iguais ou próximos aos dos homens;
- Direito o divórcio;
- Controlo sobre o próprio corpo em questões de saúde, inclusive quanto ao uso de preservativos e ao aborto.

Em alguns relacionamentos, houve uma mudança sensível na relação entre o homem e a mulher.

Em “A moça tecelã”, é interessante ressaltar que a tecedura do marido dá-se de cima para baixo: chapéu, rosto, corpo e sapato; termina a seus pés, mostrando sua condição submissa.

No momento de destecê-lo há uma inversão, ela inicia de baixo para cima, começa pelos pés e termina em seu chapéu, mostrando sua nova condição de mulher independente.

Em alguns momentos específicos, como na primeira e segunda Guerra Mundial, foi necessária a presença da mulher na esfera do trabalho, mas ainda por necessidades econômicas encontradas no momento, posteriormente a mulher passa a absorver de maneira mais homogeneia as necessidades do mercado de trabalho.

A mulher é sobrecarregada pela tripla jornada de trabalho: o trabalho doméstico, o trabalho formal e remunerado e o papel de cuidar dos filhos. Essa nova condição coloca para os relacionamentos tradicionais entre homens e mulheres um questionamento quanto à divisão de funções entre ambos, já que a mulher ocupa também o lugar de provedora. Logo a lutas das mulheres por creches, como direito de toda criança a ser garantido pelo estado, passa a fazer parte também da luta feminista.

No conto “A moça tecelã”, o sonho de construir uma família e ter filhos foi logo anulado pelo marido, pois a sua intenção era somente a de acumular bens, sendo assim, sua atitude para com a moça não era de afeição, e sim de exploração.

Ao que notamos no conto, permeia uma relação entre o real e o ficcional, em seu desfecho ficou clara a independência e a liberdade da moça: ter-se a si própria, porque até então ela pertencia ao marido e às suas vontades capitalistas. Ela não tinha autonomia, vontade própria, mas após enxergar a ganância, a hipocrisia do homem capitalista, predador de si mesmo e destruidor da natureza, pôde perceber ao seu tempo que não era o que buscava, e com isso libertar-se desse mal.

No 14º momento, a partir da leitura e discussão da intertextualidade presente entre o conto de fadas contemporâneo *A moça tecelã* e o movimento feminista, os alunos responderam às questões abaixo, apresentadas com sugestões de resposta:

1. A moça tecelã tecia inicialmente para a concretização dos seus desejos e necessidades, no decorrer do conto de fadas contemporâneo a ação de tecer tornou-se obrigatória, com longas jornadas e deixou de ser algo benéfico para ela, pois estava tecendo para a concretização dos desejos do marido. Qual a relação existente entre esse enredo e o trabalho realizado pelas mulheres nas fábricas entre os séculos XIX e XX?

Podemos observar a semelhança entre o trabalho realizado pela moça do conto de fadas e o realizado pelas mulheres nas fábricas, o tecer, o costurar e assim como a moça essas mulheres deixaram de executar essa tarefa por prazer e passaram a desempenhá-la para gerar lucros para

seus padrões, no caso da moça para agradar ao marido. A moça tecelã e essas mulheres passaram a viver submissas, exploradas em longos períodos de trabalhos sem direito a descanso.

2. Para total controle das horas trabalhadas, os empresários, donos das fábricas de tecelagem, mantinham as portas das fábricas fechadas e os relógios encobertos durante as longas jornadas de trabalho. Qual atitude do marido da moça tecelã se assemelha às práticas dos donos das fábricas?

O desejo do marido da moça por riquezas e luxos era cada vez maior, para isso foi necessário que ela passasse a trabalhar cada vez mais para dar conta dos caprichos do marido. Para que ela estivesse sempre ocupada, tecendo para atender aos pedidos do marido, ele a colocou na torre mais alta do castelo, dessa maneira ela não teria distrações, nem tempo para satisfazer aos seus próprios desejos.

3. A moça tecelã, ao sentir-se sozinha, resolve tecer um marido e, ao sentir-se sozinha novamente pela falta de companheirismo do marido, resolve destecê-lo.
 - a) Observe e descreva a sequência utilizada pela moça em tecer e em destecer o marido.

Ao tecer, a moça começa pela cabeça e termina nos pés, ao destecer, ela faz a sequência inversa, começa pelos pés e termina na cabeça.

- b) O que significa a expressão estar aos pés de alguém?

Significa a existência de uma relação de submissão, dependência que pode ser decorrente de uma paixão.

- c) Qual a relação entre o término do tecer do marido nos pés e o comportamento da moça após a chegada do marido?

A sequência do tecer do marido faz alusão aos valores tradicionais em que o homem é soberano, não pode ser contrariado, é ele quem dita as regras sem se importar com as consequências, malefícios que elas podem trazer principalmente para as mulheres.

- d) Qual a relação entre iniciar o destecer do marido pelos pés e o comportamento da moça após o desaparecimento do marido?

A sequência do destecer do marido faz alusão aos valores contemporâneos em que a mulher não vive mais “aos pés do marido”, tem vontade própria, busca sua liberdade e independência.

- e) O movimento feminista defende a existência de direitos/comportamentos iguais entre homens e mulheres. O conto *A moça tecelã* nos traz um comportamento predominante masculino. Explique-o.

O enredo do conto nos mostra uma mulher que tomou a atitude de escolher um marido e, ao perceber que a sua escolha não correspondia aos seus ideais, resolveu voltar a ser solteira. Esse é um comportamento tipicamente masculino, os valores tradicionais ditam que o homem deve

tomar a atitude em pedir uma moça em namoro, noivado e casamento e que de ser dele a decisão de terminar os relacionamentos.

- f) Apesar de trazer um comportamento contemporâneo no início e no final da história, no decorrer do conto a moça demonstra também ter um comportamento tradicional ao ser submissa às vontades do marido. Quais influências poderiam ser responsáveis por tais comportamentos?

Em relação ao comportamento tradicional, a influência pode estar primeiramente na família das moças que reproduzem o pensamento machista de que a mulher deve obediência ao marido, e a sociedade, na sua maioria, ainda sustenta essa concepção. O comportamento contemporâneo é influenciado pelo movimento feminista que tem se expandido, mas ainda sofre muito preconceito.

Aulas: 15 e 16 – Módulo 6

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Realizar o reconto oral dos contos de fadas *Rumpelstiltskin* (1812, 2014) e *A moça tecelã* (1982, 2015).

No 15º momento os alunos foram convidados a reler os contos de fadas *Rumpelstiltskin* e *A moça tecelã*. Em seguida foi explicada a atividade de reconto oral a ser realizada naquele momento. Um grupo de cinco meninas se dispôs a participar da atividade.

No 16º momento ocorreu o reconto oral. O primeiro conto a ser recontado oralmente foi *Rumpelstiltskin*, o segundo foi *A moça tecelã*.

Transcrição do reconto oral do conto de fadas *Rumpelstiltskin*

Rsrtrs...O texto fala de uma menina...é de uma moleira, rsrs, o rei quer que a menina transforme a palha em ouro... né... E ela não sabe e ela fica desesperada por não saber fazer isso, aí chega um homenzinho...fala pra ela... aí ele perguntou o que ela daria em troca que ele transformaria a palha em ouro ...ela falou que dava o colar. Já falei colar...

Aí no dia seguinte, o rei chegou... e aí viu tudo... e aí depois mandou ela ir pra outro quarto cheio de palha... que era pra ela fiar se não ela ia morrer e... aí o homenzinho chegou novamente... e aí... e perguntou o que ela dava em troca se ele fiasse o ouro... ela disse que dava o anel... aí ele fiou todo o ouro que tinha na palha... e aí depois ele saiu e o rei entrou no quarto... Humm... Como é depois dessa daí ... Aí ele... aí o rei falou que se ela

transformasse o outro quarto... aí ele chegou colocou ela em outro quarto que era maior e tinha mais palha... e que se ela transformasse casaria com ela... rsrs e ela seria a rainha...é...rsrs.

Aí o homenzinho... de repente... apareceu e perguntou o que ela dava em troca, ela falou que não tinha mais nada... aí ele disse seu primeiro filho... ele pediu seu primeiro filho... e ela como não tinha escolha... né... escolheu... aceitou.... E é só... não...aí, depois que eles se casaram ela teve o primeiro filho... de repente o homenzinho apareceu pedindo o filho que ele tinha prometido a ele... aí ela chorou muito e ele disse que ia dá três dias para descobrir o nome dele....

Aí no primeiro dia... ela falou um monte de nome e ele sempre dizia não... no segundo dia a mesma coisa... de repente apareceu o mensageiro... não, mas o mensageiro viu o homenzinho pulando em volta de uma fogueira e cantando que ninguém ia descobrir o nome dele... que ele falou o nome dele e o mensageiro viu e contou pra rainha... Aí... no terceiro dia ...ela falou... ela gaguejou... falou o primeiro nome... Antônio... e depois o segundo Ricardo... depois ela falou...rsrs... que por acaso seria Rupequilsque...sei lá, eu não sei não esse nome, ele ficou estressado... aí ele falou “foi o Diabo que te contou”...“foi o diabo que te contou” ...aí ele de tanto pular afundou o chão e se rasgou no meio...e pronto rsrs.

Transcrição do reconto oral do conto de fadas *A moça tecelã*

Ela acordava no escuro ainda... e já era de manhã... o sol já tinha saído... atrás das beiras da noite... ela jogava a lanceira dum lado e começava a tecer ...aí um dia ela ... sentiu que ela tava ficando sozinha... que tava precisando de um marido ... aí ela fez o marido.... Aí...Aí toda hora ... rsrs... conte então ... Eu tô ocupada ...

Aí ela pegou...ele tinha ombros altos... sapatos pretos... chapéu...como é...Ele tinha o nome de lâ... Aí ela já tava imaginando ter filhos... só que aí ele não pensava a mesma coisa que ela e... já pensou em castelos... muitas riquezas... aí ela fez um monte de coisas... fez empregados... cavalos... um reino... um monte de coisa... eu não sei mais não.... Eu também não... aí...teve um dia que ela acordou, bem baixinho rsrs... e ela colocou o coisa ao contrário e começou a destecer tudo... desfez tudo...aí o marido sentiu a cama dura aí... e depois viu que ele tava desaparecendo...

Os alunos não conseguiram fazer o reconto oral dos contos de fadas *Rumpelstiltskin* e *A moça tecelã* obedecendo às fases da sequência narrativa. As hipóteses levantadas foram que o fato de ter suas falas sendo gravadas inibiu o grupo de alunas e provocou nervosismo, dificultando a concentração para relembrar os acontecimentos dos contos de fadas mencionados acima. Observamos a necessidade de realizar atividades dessa natureza em outros momentos para melhorar o desempenho dos alunos.

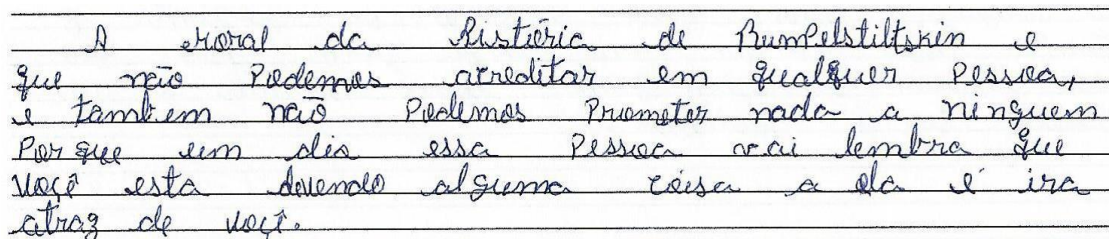
Aulas 17 e 18 – Módulo 7

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Identificar a moral da história presente nos contos de fadas *Rumpelstiltskin* (1812, 2014) e *A moça tecelã* (1982, 2015); realizar o reconto escrito do conto *A moça tecelã*.

No 17º momento foi retomado o conceito de moral implícita e moral explícita, em seguida foi pedido que os alunos escrevessem a (as) moral (is) que conseguiam perceber nos contos de fadas *Rumpelstiltskin* e *A moça tecelã*.

Ilustração 65 Moral I conto de fadas *Rumpelstiltskin*

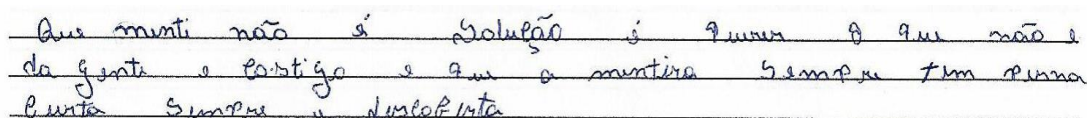


A moral da história de Rumpelstiltskin é que não podemos acreditar em qualquer pessoa, e também não podemos prometer nada a ninguém porque um dia essa pessoa vai lembrar que você está devendo alguma coisa e ela é ir atrás de você.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A moral da história de *Rumpelstiltskin* é que não podemos acreditar em qualquer pessoa, e também não podemos prometer nada a ninguém porque um dia essa pessoa vai lembrar que você está devendo alguma coisa e ela é ir atrás de você.

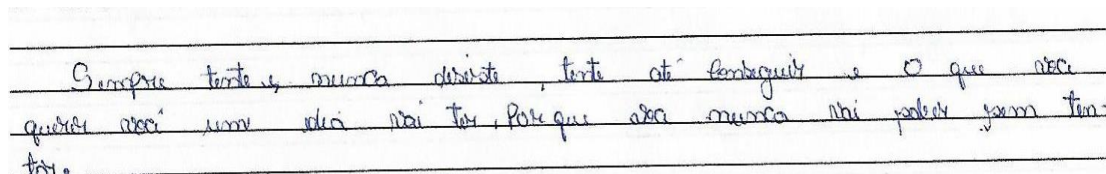
Ilustração 66 Moral II conto de fadas *Rumpelstiltskin*



Que menti não é solução é querer o que não é da gente e castigo é que a mentira sempre tem perna curta sempre é descoberta

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

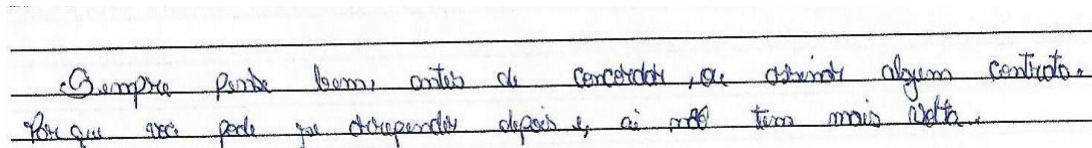
Que menti não é solução é querer o que não é da gente e castigo é que a mentira sempre tem perna curta sempre é descoberta

Ilustração 67 Moral III conto de fadas *Rumpelstiltskin*


Sempre tente e nunca desiste, tente até conseguir e o que você quer um dia vai ter, porque você nunca vai saber sem tentar.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

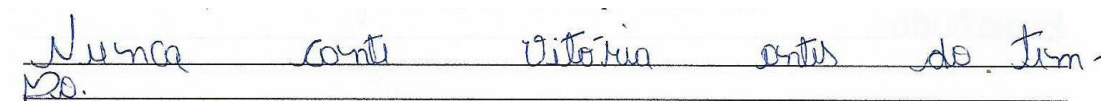
Sempre tente e nunca desiste, tente até conseguir e o que você quer um dia vai ter, porque você nunca vai saber sem tentar.

Ilustração 68 Moral IV conto de fadas *Rumpelstiltskin*


Sempre pense bem antes de concordar, ou assinar algum contrato. Por que você pode se arrepender depois e, aí não tem mais volta.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Sempre pense bem antes de concordar ou assinar algum contrato. Por que você pode se arrepender e, aí não tem mais volta.

Ilustração 69 Moral V conto de fadas *Rumpelstiltskin*


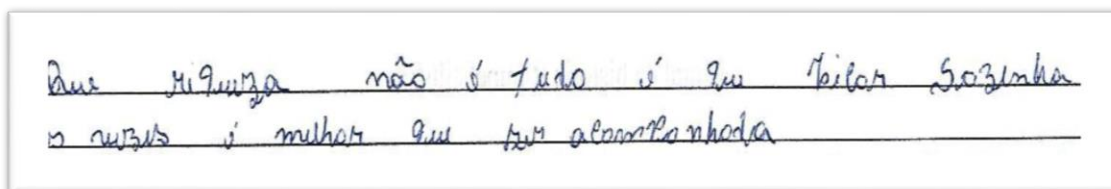
Nunca conte vitória antes do tempo.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Nunca cante vitória antes do tempo.

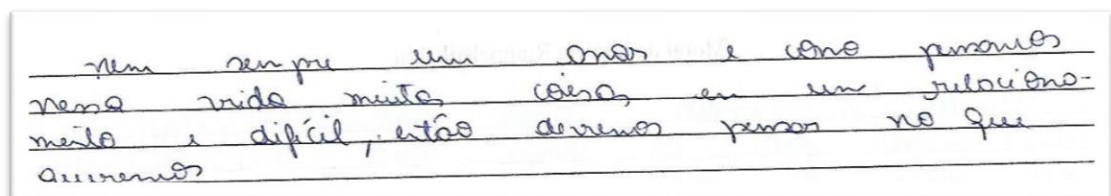
As reflexões provocadas com a leitura dos contos de fadas *Rumpelstiltskin* e *A moça tecelã* geraram entre os alunos o julgamento dos valores trazidos nesses contos de fadas. O resultado foi a construção de várias morais para essas histórias, trazendo um olhar do que deve e não deve ser feito para garantir a integridade de caráter das pessoas.

Foram trazidas como exemplo cinco morais construídas pelos alunos em sala de aula do conto de fadas *Rmpelstiltskin*. Elas reforçam os valores positivos internalizados por eles durante a aplicação da atividade: não acreditar em qualquer pessoa, não prometer o que não tem certeza de que poderá cumprir, não mentir, ser persistente nos objetivos, refletir antes de tomar uma decisão e esperar o final dos acontecimentos para começar a comemorar.

Ilustração 70 Moral I conto de fadas *A moça tecelã*

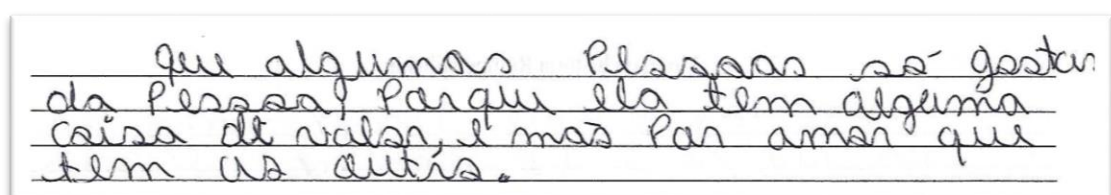
Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Que riqueza não é tudo é que ficar sozinha as vezes é melhor que ser acompanhada.

Ilustração 71 Moral II conto de fadas *A moça tecelã*

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Nem sempre um amor e como pensamos nessa vida muitas coisas em um relacionamento é difícil, então devemos pensar no que queremos.

Ilustração 72 Moral III conto de fadas *A moça tecelã*

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Que algumas pessoas só gostam da pessoa porque ela tem alguma coisa de valor e não por amor que tem ao outro.

Ilustração 73 Moral IV conto de fadas *A moça tecelã*

Não tenha pressa para ter as coisas, espera deixa que a vida te guia, por que tudo tem o seu tempo.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Não tenha pressa para ter as coisas, espera deixa que a vida te guia, por que tudo tem o seu tempo.

Ilustração 74 Moral V conto de fadas *A moça tecelã*

Antes de ficar com alguém ou fazer amizade conheça-o (a) melhor porque você pode se arrepender depois.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Antes de ficar com alguém ou fazer amizade conheça-o (a) melhor porque você pode se arrepender depois.

Foram trazidas como exemplo cinco morais construídas pelos alunos em sala de aula do conto de fadas *A moça tecelã*. Elas reforçam os valores positivos internalizados por eles durante a aplicação da atividade: o mais importante não é ter dinheiro, estar em um relacionamento amoroso não é sinônimo de felicidade, estar sozinha também pode ser bom, é necessário conhecer melhor as pessoas para depois depositar confiança nelas.

No 18º momento a turma foi incumbida de recontar por escrito o conto de fadas contemporâneo *A moça tecelã*.

Ilustração 75 *A moça tecelã*

A moça tecelã.

Elas estavam vivendo, e ela era a moça! E com suas delicadas mãos logo entendeu a fada. Ela escolhia cores mais bonitas para fazer um vestido. E o tempo não lhe ajudava, ela precisava fazer mais

Muitos e quisesse, e ali e tubento a churra
chigara ali.

Quando o Zilio e o Vinto e far-
maram o ~~Alto~~ ^{Alto}, a mais pigora sus
fuz eudis e es colocara na longadilla,
e tudo saltou ao seu lugar.
E assim que a passara no tempo,
se ficando, por que a amora jogu aqui-

lo.

Ela nunca quisera poder seu
compart nada, pois sempre que
quisera de algo, ela ia lá e
tiria.

Mais de muito cansado, ela
piora no zio usava a longadilla
e longadilla e detinha proque-
dormir.

Fica para ela sua vida!
mas um dia Natus e se-
zinha, e foi tanto que ela

Pensou um alguém para lhe fazer
compartia.

Ela estava tão cansada que não
usava a dia seguinte. E então pigou
sua longadilla e começou a tirar para
começar a trabalhar nos dias e nos
cinzas, e ali pouco um pouco aparecia nos
seus olhos, e ela tirou com a cinza, e
sua chapéu branca, ali ela saiu e zote.

Quando ela terminou tudo ela disse:
- Ela vai ser meu nomeado!

Ela abriu para ali de cima pa-
ra baixo e viu que saltou, e tirou
dela um último fio de sua chapéu, e ao

terminar a porta e abri, ali tirou sua
chapéu e logo vai combinando-la.

Assim e a ela estava lá ao lado dela
pensando um como seria depois do zente,
da istora ali pensando um seu combinando.

Aíto dia a mais trabalhava com
para o nomeado sobre seu link mais,
ela pensou que se ali trabalhava sobre ali
iria querer a ~~seu~~ ^{seu} cabot logo, pois ali
uma vida gostou de tudo algum. Mas
ali não gostou nada! Fica o nomeado imple-
cionado.

Um uma manhã de sol, o seu na-
meado acordou alegre, ali disse que ia
fazer uma grande quantia de dinheiro,
diamantes e jóias.

Ela perguntou-lhe sobre que ele faria
tudo aquilo, e ele respondeu-lhe que era
uma surpresa. E ali logo Natus e
e começou a tirar. Ela trabalhou durante

dias eu ali sempre, ficando delicadamente
 cada fio.
 Quando eu ficava sozinha e
 também lembrava de sua vida normal
 e foi aí que ela começou a tecer
 todo o dia e inclusive su nome
 mais antes disso a moça frequentava
 a um dia e ela que ali estava todo
 o dia e ela que ali estava todo
 o dia e ela que ali estava todo

Em outro lugar, a moça gostava de tecer com
 o dinheiro. E foi aí que ela começou a
 tecer com muita vontade.
 De dia seguinte ela começou a tecer
 um pouco a lançadeira e começou a tecer um

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Reconto escrito A moça tecelã

O sol ainda escondido, acordava a moça! E com suas delicadas mãos logo sentava-se e começava a tecer.

Ela escolhia cores mais doces para começar um novo dia.

Se o tempo não lhe agradava, ela pegava fios mais escuros e grossos, e de repente a chuva chegava ali.

Quando o frio e o vento se tornavam agrecivos, a moça pegava seus fios verdes e os colocava na lançadeira, e tudo voltava ao seu lugar.

E era assim que ela passava seu tempo, só tecendo, por que ela amava fazer aquilo.

Ela nunca precisou pedir ou comprar nada, pois sempre que precisava de algo, ela ia lá e tecia.

Depois de muito cansada, ela pegava seu fio escuro e lançava à lançadeira e dormia profundamente.

Tecer pra ela era tudo! mas um dia sentiu-se sozinha e foi então que ela pensou em alguém para lhe fazer companhia.

Ela estava tão ansiosa que não esperou o dia seguinte. E então pegou sua lançadeira e começou a tecer, para começar ela escolheu lãs brancas e lãs cinzas, e de pouco em pouco aparecia seus sapatos pretos, terno cor de cinza, e seu chapêu branco, ele era auto e forte.

Quando ela terminou tudo ela disse:

- Esse vai ser meu namorado!

Ela olhou pra ele de cima para baixo e viu que faltava intermediar um ultimo fio do seu chapêu, e ao terminar a porta se abre, ele tira seu chapêu e logo vai cumprimenta-lá.

Anoiteceu e ela estava lá ao lado dele pensando em como seria daqui pra frente, já estava até pensando em seu casamento.

Certo dia a moça resolveu contar para o namorado sobre seu tear mágico, ela pensou que se ele soubesse disso ele iria querer se casar logo, pois ele iria gastar dinheiro algum. Mas ele não falou nada! Ficou apenas impressionado.

Em uma manhã de sol, o seu namorado acordou exigente, ele disse que era tecer uma grande quantia de dinheiro, diamantes e joias.

Ela perguntou-lhe para que ele queria tudo aquilo, e ele respondeu-lhe que era uma surpresa. E ela logo sentou-se e começou a tecer. Ela trabalhou durante dias ou até semanas, tecendo delicadamente cada traço.

Tecendo e tecendo sentiu-se sozinha e também saudades de sua vida normal. E foi aí que ela resolveu destecer todo o dinheiro e inclusive seu namorado mais antes disso a moça perguntou a ele dinovo para que ele queria todo aquele dinheiro e ele lhe respondeu que era para fugir dali e ir viver sua vida em outro lugar, e iria gastar e luxar com o dinheiro. E foi aí que ela começou a destece-lo com muita raiva.

No dia seguinte ela acordou sentou-se em frente a lançadeira e começou a tecer um lindo sol.

O reconto escrito do conto *A moça tecelã*, colocado como exemplo da atividade realizada em sala de aula, abarca todos os acontecimentos do conto narrados do ponto de vista do discente.

Aulas 19 e 20 – Módulo 8

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Retomar de maneira breve o autor Charles Perrault; realizar a leitura pausada do conto de fadas tradicional *Pele de asno* (1697, 2015) considerando as fases da sequência narrativa.

No início do 19º momento foi realizada uma breve retomada do autor do conto de fadas tradicional, Charles Perrault. No decorrer do 19º e 20º momentos, a leitura do conto de fadas tradicional *Pele de asno* foi iniciada, realizando paradas a cada fase da sequência narrativa.

Aulas 21 e 22 – Módulo 9

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Retomar de maneira breve a autora Marina Colasanti; realizar a leitura pausada do conto de fadas contemporâneo *Entre a espada e a rosa* (1992, 2015).

No início do 21º momento foi realizada uma breve retomada da autora do conto de fadas contemporâneo, Marina Colasanti. Logo após foi realizada a audição do conto *Entre a espada e a rosa* (www.ubook.com.br), acompanhada do texto escrito, em seguida a observação das ilustrações presentes no decorrer do texto escrito para que os alunos se preparassem para ilustrar suas próximas produções textuais.

No 22º momento, foi realizada a leitura pausada do conto de fadas contemporâneo *Entre a espada e a rosa* considerando as fases da sequência narrativa.

Aulas: 23 e 24 – Módulo 10

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Apresentar a intertextualidade entre o conto de fadas contemporâneo *Entre a espada e a rosa* (1992, 2015) e a história de Joana D'arc.

No 23º momento os alunos assistiram ao vídeo *Joana D'arc bruxa ou santa* (<https://www.youtube.com/watch?v=4HIEgBC5yZI>), releam o conto contemporâneo *Entre a espada e a rosa* e participaram de uma discussão envolvendo a história de Joana D'arc e conto de fadas. No 24º momento os alunos responderam às questões abaixo, apresentadas com sugestão de resposta.

1. No conto de fadas contemporâneo *Entre a espada e a rosa*, a princesa, ao saber que estava prometida em casamento, recorreu ao seu corpo, implorando uma solução que a libertasse daquela situação. É possível afirmar que a princesa, assim como Joana D'arc, tinha poderes sobrenaturais? Em que momentos se observa essa existência?

Sim, a princesa mostrou possuir poderes sobrenaturais. O primeiro momento em que se observa essa existência é quando o seu próprio corpo a ajuda a não ser obrigada a casar-se sem amor, uma barba surge no seu rosto. E o segundo momento é quando o amor passa a habitar o seu coração, estando pronta para libertar-se da barba, o seu corpo então lhe dá a solução de que precisa naquele momento, transforma a barba em pétalas e em seguida as faz murchar e cair, deixando-a com a pele rosada de antes.

2. Ao tornar-se guerreira, Joana D'arc sofreu preconceito e precisou insistir muito para conseguir cumprir a sua missão. Quais situações vividas pela princesa no conto *Entre a espada e a rosa* nos remetem a situações de preconceito?

A primeira situação em que a princesa do conto sofreu o preconceito foi quando o pai, ao vê-la barbada, preferiu expulsá-la do castelo para não passar a vergonha que cairia sobre o seu reino. A segunda situação foi na chegada à primeira aldeia onde se ofereceu para fazer serviços de mulher e não foi aceita porque a barba lhe fazia parecer um homem. A terceira situação foi na chegada à terceira aldeia onde se ofereceu para fazer serviços de homem e não foi aceita porque o seu corpo dava a certeza de que era uma mulher.

3. Joana D'arc, para integrar o exército, recebeu um cavalo, uma veste de soldado e uma espada. A princesa do conto *Entre a espada e a rosa* também precisou mudar a sua aparência. Por qual motivo e como isso aconteceu?

Para conseguir oportunidade de trabalho que garantisse a sua sobrevivência, a princesa do conto precisou mudar as suas vestes. Na terceira aldeia, depois de uma tentativa frustrada de livrar-se da barba, a princesa vendeu suas joias e conseguiu uma couraça, uma espada, um elmo e um cavalo.

4. Joana D'arc conseguiu exercer a função de guerreira em uma época em que só homens eram incumbidos dela. No conto *Entre a espada e a rosa* também é possível perceber que ser guerreira não era algo comum e bem aceito pela sociedade?

É possível perceber sim, pois, apesar da habilidade e coragem demonstradas pela princesa em todas as batalhas, ela não podia tirar o elmo e mostrar-se como mulher, ainda mais mulher barbada, poderia passar por situações difíceis, ter a sua capacidade desacreditada e/ou ser tomada como feiticeira ou coisa do tipo.

5. Joana D'arc é considerada um símbolo de resistência e coragem. No conto *Entre a espada e a rosa*, a princesa demonstra também ter essas características? Justifique.

Sim, ela não foi submissa ao pai, foi fiel à sua vontade de não se casar por conveniência, apesar do conforto em que vivia no palácio, o que passa a ideia de pessoa frágil e medrosa, ela superou os obstáculos surgidos e conseguiu ser admirada pela habilidade de guerreira e ao final foi presenteada pelo surgimento do amor correspondido.

Aulas: 25 e 26 – Módulo 11

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Identificar a moral da história presente nos contos de fadas *Pele de asno* (1697, 2015) e *Entre a espada e a rosa* (1992, 2015).

No 25º momento foi retomado o conceito de moral implícita e moral explícita, em seguida foi pedido que os alunos relesem os contos de fadas *Pele de asno* e *Entre a espada e a rosa*.

No 26º momento foi solicitado que os discentes escrevessem a (as) moral (is) que conseguiram perceber nos contos de fadas *Pele de asno* e *Entre a espada e a rosa*.

Ilustração 76 Moral I *Pele de asno*

Nunca julga as pessoas pelo que vestem.
O amor supera tudo...

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Nunca julgue as pessoas pelo que vestem. O amor supera tudo.

Ilustração 77 Moral II *Pele de asno*

A gente não escolhe por quem se apaixonou
e nem o coração, então não mandamos nele,
E nunca julgar alguém sem conhecê-lo porque
você pensa que a pessoa é ruim metido, mas
ela pode ser ao contrário, muito legal e
brincalhona.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A gente não escolhe por quem se apaixonou e sim o coração, então não mandamos nele. E nunca julgar alguém sem conhecê-lo porque você pensa que a pessoa é ruim, metido, mas ela pode ser ao contrário, muito legal e brincalhona.

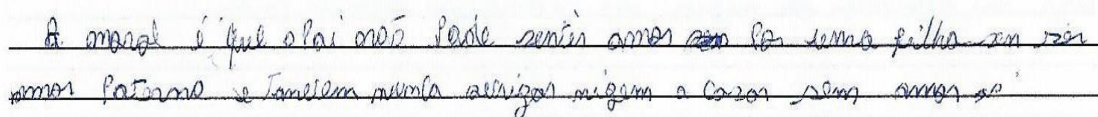
Ilustração 78 Moral III *Pele de asno*

Que não pode se casar com a filha e não
desejar o mal. Enquanto houver intertexto
estão conhecendo e guardando na memória.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Que não pode se casar com a filha e não desejar o mal. Enquanto houver intertexto estão conhecendo e guardando na memória.

Ilustração 79 Moral IV Pele de asno

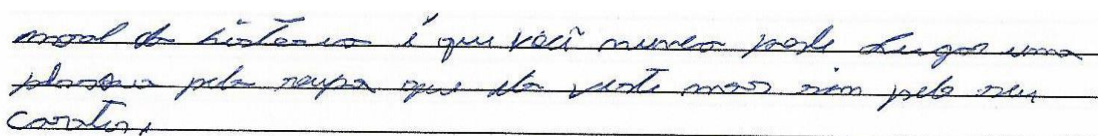


A moral é que o pai não pode sentir amor por uma filha sem ser amor paterno e também nunca obrigar ninguém a casar sem amor.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A moral é que o pai não pode sentir amor por uma filha sem ser amor paterno e também nunca obrigar ninguém a casar sem amor.

Ilustração 80 Moral V Pele de asno



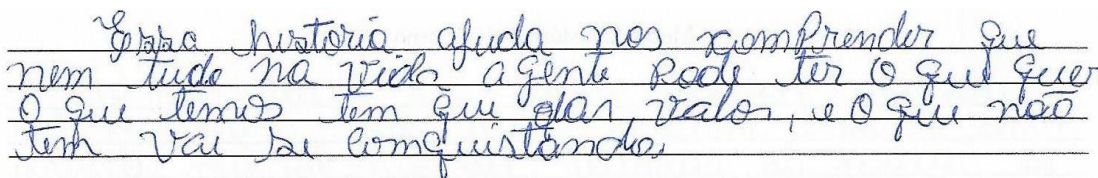
moral da história é que você nunca pode julgar uma pessoa pela roupa que ela veste mas sim pelo seu caráter.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Moral da história é que você nunca pode julgar uma pessoa pela roupa que ela veste mas sim pelo seu caráter.

Foram trazidas como exemplo cinco morais construídas pelos alunos em sala de aula do conto de fadas *Pele de asno*. Elas reforçam os valores positivos internalizados por eles durante a aplicação da atividade: não julgar as pessoas pela aparência, o amor de pai é só o paterno e não o carnal, não deve haver casamento sem amor, é necessário conhecer o caráter para se aproximar e fazer algum julgamento sobre a pessoa.

Ilustração 81 Moral I Entre a espada e a rosa

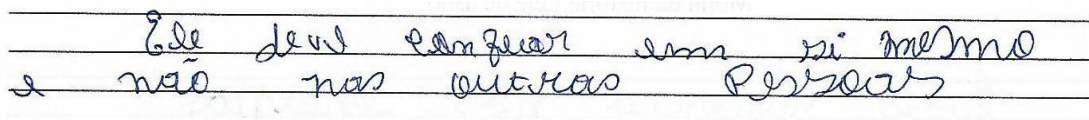


Essa história ajuda nos a compreender que nem tudo na vida a gente pode ter o que quer o que temos tem que dar valor e o que não tem vai se conquistando.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Essa história ajuda-nos a compreender que nem tudo na vida a gente pode ter, o que quer que temos tem que dar valor e o que não tem vai se conquistando.

Ilustração 82 Moral II Entre a espada e a rosa



Ele deve confiar em si mesmo e não nas outras pessoas.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Ele deve confiar em si mesmo e não nas outras pessoas

Ilustração 83 Moral III *Entre a espada e a rosa*

Moral, como fala na história que a mulher não queria se casar porque o pai tomou a decisão, o certo não é fugir, o certo é a pessoa tomar coragem e dizer a resposta que tem.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Moral, como fala na história que a mulher não queria se casar porque o pai tomou a decisão, o certo não é fugir, o certo é a pessoa toma coragem e dizer a resposta que tem.

Ilustração 84 Moral IV *Entre a espada e a rosa*

Nunca exclua as pessoas por sua aparência.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Nunca exclua as pessoas por sua aparência

Ilustração 85 Moral V *Entre a espada e a rosa*

Seja sempre como você é, por que ninguém é igual a nem uma pessoa, você é especial do seu jeito.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Seja sempre como você é, por que ninguém é igual a nem uma pessoa, você é especial do seu jeito.

Foram trazidas como exemplo cinco morais construídas pelos alunos em sala de aula do conto de fadas *Entre a espada e a rosa*. Elas reforçam os valores positivos internalizados por eles durante a aplicação da atividade: acreditar que o que não possuímos pode ser conquistado, confiar em si mesmo, não fugir de nenhuma situação difícil, ter coragem para enfrentá-las e resolvê-las, acreditar que todos são especiais.

Aulas: 27 e 28 – Módulo 12

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Recontar por escrito o conto de fadas contemporâneo *Entre a espada e a rosa* (1992, 2015);

mulher.

Quando ouviste a turca a abal-
ia, ela ficou numa sala simples-
toda e gostou a barba, mas logo
cresceu, e ela estava mais escura,
brilhante e rubra.

Então a primeira fez os seus
feitos e venceu, em troca de uma
coroa, uma espada e um limão. E
depois ficou o seu anel, que na ver-
dade era de sua mãe e vendeu-lhe
a um mercador, em troca de
um cavalo.

E assim estava decidida que não
ia lá nem homem nem mulher,
mas sim o primeiro valente. Depois
começou a fazer os trabalhos
dos castelos, e de pouco em pouco
conseguiu a mantê-los com os animais.

E foi assim que tornou-se
famosa por sua coragem e não
havia ninguém que lhe vencesse
nos jogos e batalhas, e não sucum-
bia, apesar de ser mais, pois a coroa
fazia mais que o nome.

Quando outros perguntavam coisas,
em voz alta, perguntos do tipo
"Quem é a mulher corajosa que
nunca tira os trófeus de batalha?"
"Porque não pergunta dos justos?"

"nem conta para os damas?" Já sabe

que era hora de partir, e logo que
amanheceu montou no seu cavalo e
ia embora, durante o mistério.
Calma onde se encontra, os vizes levantaram
a questão para saber o que era. Mas
logo um segundo barão fez a
os barões de algum tempo.

Então um dia chegou a um cas-
telo, ~~que~~ querendo por um seu homem.
Um jovem que ela tinha com os seus
batalhas. Com um tempo, um soldado
a vida de outro.

Eu sempre estava com os
 olhos nos colados, parecia que eu não
 nunca tirava o olho. E eu não
 via coisa com um sentimento distinto
 de si, um sentimento totalmente diferente
 de todos. Mais parecia uma nova eu
 toda feita a pensar, a pensar a sua
 de e a vista de tudo a volta
 um pouco, saltava seus olhos, e suspirava
 longamente pensando em.

Os dias se passaram, e eu não tirava
 nunca do que tinha e estava pensando
 ali lá.

Um dia ele mandou chama-la e
 com uma voz áspera falou que não
 podia mais contar com alguém que
 não podia tirar de um jeito. Então
 tirava o olho, e mostrava o rosto.

Eu lá ia sempre. A primeira vez
 comecei com o seu quarto, e lá comecei
 a chorar todos os dias, e pensei
 que nunca eu o vi, não mais lá.
 Com aquela boca suja.

A primeira vez que eu estava no
 seu quarto eu a beijei, beijei a
 sua mente que eu não disse uma palavra.

E foi naquela noite em que eu
 menti e disse que não sei o que aconteceu.

Então quando a manhã chegou, ela
 parecia que havia algo errado, ela
 não colocou a mão no rosto, ela ap-
 areceu-se e ele ficou pálido e quando
 chegou sua luz, parecia que sua
 boca havia desaparecido. Mas havia
 aparecido outra coisa no lugar da
 boca, eram lindos olhos vermelhos e

com um intenso brilho.

Os dias passaram, e os olhos mudaram
 drasticamente. E os poucos
 que eu ia aparecendo, ali que não
 havia mais luz nenhuma e eu não
 do rosto.

Quando o quinto dia chegou, ela
 veio ao quarto de tudo um pouco, saltou
 os olhos, e disse os escuros que
 tinham ali e eu, enquanto o seu
 brilho de olhos se espalhava.

Reconto escrito Entre a espada e a rosa

Em uma tarde a princesa descobriu que seu pai, ou seja, o rei decidiu- se que ela iria se casar com o povo do norte. Se o homem era velho ou feio para ela não tinha importância.

Logo logo o noivo iria lhe buscar e ela tinha que se arrumar. Quando ela voltou para seu quarto, começou a chorar.

A princesa dormiu implorando ao seu corpo uma solução para escapar da decisão do pai.

Amanheceu e ela acordou, e ela começou a estranhar algo, então ela correu para se olhar no espelho, e ao ver-se deparou-se com cachos ruivos ao redor do seu queixo.

Ela pensou em corta-los com uma tesoura mas logo compreendeu, que ali era sua resposta , e podia ir busca-la quem fosse, logo que a visse ninguém iria querer ela.

O pai ao ver a filha ficou horrorizado, e disse que ela causaria uma tremenda vergonha, e disse a ela para abandonar o palácio o mais rápido possível.

A princesa pegou suas joias e um vestido de veludo dor de sangue e fez uma trouxa e foi embora.

Ela passou em duas aldeias, na primeira aldeia ela se ofereceu para fazer serviços de de mulher mas quando viam aquela barba pensavam ser um homem. Na segunda aldeia ofereceu-se para fazer serviços de homem, mas quando viam aquele corpo pensavam que era uma mulher.

Quando avistou a terceira aldeia, ela pediu uma faca emprestada e raspou a barba, mas logo cresceu, e ela estava mais cacheada, brilhante e rubra.

Então a princesa pegou suas joias e vendeu em troca de uma couraça, uma espada e um elmo, e depois pegou o seu anel, que na verdade era de sua mãe e vendeu-lhe e a um mercador, em troca de um cavalo.

E assim estava decidida que não ia ser nem homem e nem mulher, iria ser guerreiro valente. Depois começou a servir os senhores dos castelos e de pouco em pouco começava a manejar com as armas.

E foi assim que tornou-se famoso por sua coragem e não havia ninguém que lhe vencesse nos torneios e batalhas, ele não precisava apresentar-se mais, pois a couraça falava mais que o nome.

Quando ouvias perguntas feitas em voz alta, perguntas do tipo “Quem era aquele cavaleiro gentil que nunca tira os trajes de batalha?” “ Porque não participa das festas e nem

canta para as damas” já sabia que era hora de partir e logo que amanhecia montava no seu cavalo e ia embora, deixando mistério.

Cavalgando sozinha, as vezes levantava a viseira para sentir o vento, mas logo em seguida baixava pois via as bandeiras de algum torreão.

Então um dia chegou a um castelo governado por um rei jovem que queria que ela ficasse com ele nas batalhas. Com um tempo um salvava a vida do outro.

Eles sempre estavam juntos nas lutas, nas caçadas, percebia que seu amigo nunca tirava o elmo. E o rei logo via crescer um sentimento totalmente diferente de todos. Pois nunca imaginava que toda noite a princesa encostava seu escudo e vestia seu vestido de veludo vermelho soltava seus cabelos e suspirava longamente pensando nele.

Os dias se passaram e o rei tentava fugir do que sentia e estava evitando vê-la.

Um dia ele mandou chama-la e com uma voz áspera falou que não podia mais confiar em alguém que se escondia atrás de um ferro. Ou ela tirava o elmo e mostrava o rosto ou ela ia embora. A princesa saiu correndo para o seu quarto e lá começou a chorar todas as lágrimas, e pensou que nunca que o rei iria amá-la com aquela barba ruiva.

A princesa adormeceu implorando ao seu corpo que a libertasse, suplicou a sua mente que lhe desse uma solução.

E foi naquela noite em que sua mente ordenou e no escuro seu corpo brotou.

Então quando a manhã chegou, ela percebeu que havia algo estranho, ela não colocou a mão no rosto, ela aproximou-se do escudo polido e quando achou seu reflexo percebeu que sua barba havia desaparecido. Mas havia aparecido outra coisa no lugar da barba eram lindas rosas vermelhas e com um intenso perfume.

Os dias passaram e as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. E aos poucos sua pele ia aparecendo, até que não houve mais flor nenhuma só seu delicado rosto.

Quando o quinto dia chegou, ela vestiu seu vestido de veludo vermelho, soltou os cabelos, e desceu as escadarias que a levavam até o rei, enquanto o seu perfume de rosas se espalhava.

O reconto escrito do conto *Entre a espada e a rosa*, colocado como exemplo da atividade realizada em sala de aula, abarca todos os acontecimentos do conto narrados do ponto de vista do discente.

Produção intermediária

Aulas: 29 e 30

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Propor a produção intermediária do gênero conto de fadas.

Os alunos foram convidados a produzir um conto de fadas de fadas. Foi distribuída a ficha abaixo para servir de apoio na produção.

PRODUÇÃO TEXTUAL – GÊNERO CONTO DE FADAS

A proposta de produção textual do gênero conto de fadas deve envolver valores da sociedade contemporânea contendo os seguintes elementos:

- ✓ A personagem principal deverá ser uma mulher;
- ✓ Não é obrigatório que os personagens sejam retratados como príncipes e princesas;
- ✓ Deve conter um elemento mágico presente na mulher que será a personagem principal;
- ✓ Intertextualidade - selecionar histórias que envolvam personagens femininas de que vocês gostam para serem inseridas na produção, mantendo a intertextualidade; (citar ao final quais textos, histórias vocês lembraram para realizar a produção);
- ✓ O cenário não pode ser atual, devem ser retratados em castelos, florestas, bosques...
- ✓ O tempo não deve ser atual, deve se referir a um passado distante.
- ✓ Deve aparecer situações de opressão (pai/personagem, marido/personagem, irmão/personagem, patrão/personagem), mas ela deve conseguir resolver esses problemas com inteligência.
- ✓ Colocar esses personagens femininos com poder de decisão (a personagem principal deve conseguir resolver os seus problemas sozinha) com características positivas da mulher contemporânea;
- ✓ Usar sequências descritivas de maneira poética;
- ✓ Finalizar a produção de maneira surpreendente;

Ao terminar a produção, ilustrá-la de acordo com as cenas, cenários, personagens que aparecem no seu conto de fadas.

Apresentamos a seguir cinco textos da produção intermediária que demonstraram mudanças na percepção dos alunos em relação aos valores vinculados à representação da mulher. As produções das etapas intermediária e final evidenciam a presença da multimodalidade. Neste trabalho não há tempo para analisarmos esse recurso que enriqueceu tanto as produções dos alunos, ficando para uma etapa posterior, em outra pesquisa.

Ilustração 87 Produção intermediária I

A menina e o Codurro mágico.

Há muito tempo atrás, havia uma floresta encantada. Lá vivia uma linda menina de cabelos longos e brilhantes, olhos azuis e lindos, e os pés e os olhos pontudos.

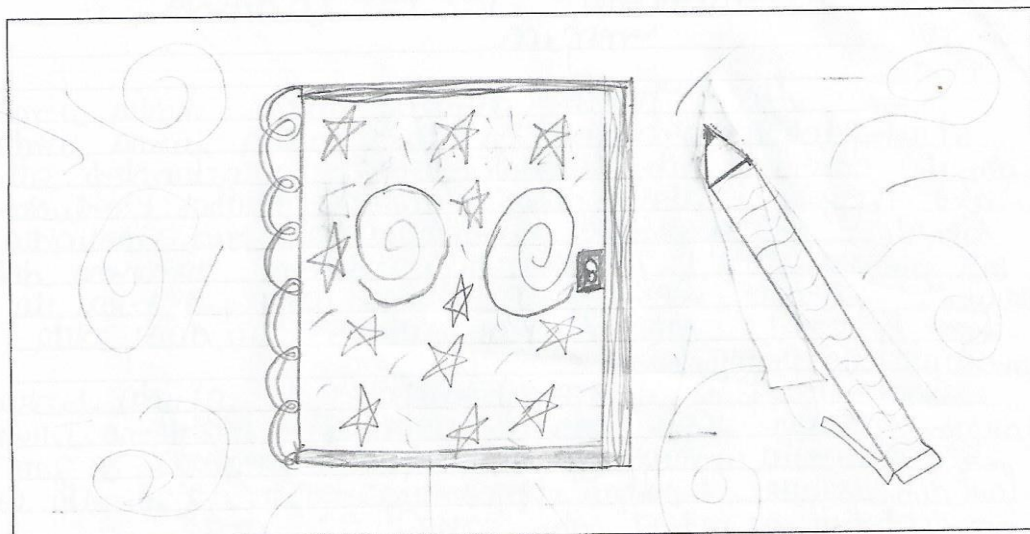
Ela não tinha casa, sua moradia era na floresta, ela dormia sempre nos troncos das árvores, pois não tem casa, e por isso a menina não a simplicidade dela é simples.

Ela não precisava de ajuda para viver. Pois ela tem um codurro mágico contra magias. Ela pode fazer o que quiser, e isso acontece aquilo que ela quiser.

Um uma bela manhã ela acordou e pegou o seu codurro e a conta. E escreveu "cozi da manhã" e de repente apareceu seu cozi! Ela tomou o cozi e saiu para colher algumas flores!

Chegando lá viu de longe um menino, ele era filho de um rei que morava em um castelo muito distante. O menino se viu lá viu um pouco abustoso por que nunca tinha visto alguém com os pés e os olhos pontudos, mas ele também viu um codurro por ele, foi então que ele deu um "oi" para ela.





Então ela respondeu com outro "Oi" foi então
 que eles começaram a conversar, e foram se
 conhecendo melhor. Foi então que ela perguntou
 se ele fazia por ali. Ele disse que estava
 com o seu pai, e que iria passar alguns dias
 por ali. E foi aí em que ela começou a se
 interessar por ele. E ela começou a ir
 lá no mundo. Mas teve um dia em que
 ele teve que partir, mas ele falou que um
 dia voltaria para vê-la, ele prometeu.
 O tempo passou e aquela menina se tornou
 uma linda mulher. E como prometido de
 menino ele voltou, mas não era mais um
 menino era um homem. Então eles se recon-
 taram e o amor deles era tão grande que
 eles se juntaram e se casaram. Teve um dia em
 que ela contou-lhe sobre o seu caderno mágico,
 e foi nesse dia em que ele mudou completa-
 mente! Ele se tornou ficando um jovem um
 pouco, e muitas amigas, mas não era só um
 amigo, ele queria que ela mudasse sua aparência,
 pois não se agradava das suas roupas e cabelos
 feiosos dela. E foi nesse dia em que ela de-
 cidindo pôs uma boneca e ficou tudo!
 Foi então que ele foi embora.
 E assim ela voltou a viver sua vida
 normal.
 Moral: nunca queira mudar a aparê-
 ncia dos outros.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Há muito tempo atrás, havia uma floresta encantada e lá vivia uma linda menina de cabelos longos e cacheados, olhos azuis e lindas asas pretas e orelhas pontudas.

Ela não tinha casa, sua moradia era na floresta, ela dorme em cima das árvores, pois não tem cama, e pra ela isso é normal pois a simplicidade dela é enorme.

Ela não precisa de ajuda para viver, pois ela esconde um caderno e uma caneta mágicos. Ela pode escrever o que quiser, e então aparecerá aquilo que ela escreveu.

Em uma bela manhã ela acordou e pegou o seu caderno e a caneta, e escreveu “café da manhã” e de repente apareceu seu café! Ela tomou o café e saiu para colher algumas flores!

Chegando lá deu de cara com um menino, ele era filho de um rei que morava em um castelo muito distante. O menino ao ver ela ficou um pouco assustado por que nunca tinha visto alguém com asas pretas e orelhas pontudas, mas ele também ficou encantado por ela, foi então que ele deu um “oi” para ela e então ela respondeu com outro “oi” foi então que eles começaram a conversar e foram se conhecendo melhor, foi então que ela perguntou o que ele fazia por ali e ele disse que estava com seu pai e que iria passar alguns dias por ali, e foi aí em que ela começou a ir ver o menino todo dia, e parecia que cada dia que passava eles sentiam algo diferente lá no fundo. Mas teve um dia em que ele teve que partir, mas ele falou que um dia voltaria para vê-la, ele prometeu. O tempo passou e aquela menina se tornou uma linda mulher. E como prometido do menino ele voltou, mas ele já não mais um menino era um homem. Então eles se recontraram e o amor deles era tão grande que eles se juntaram e se casaram. Teve um dia em que ela contou-lhe sobre o seu caderno mágico, e foi nesse dia em que ele mudou completamente! Ele já estava pensando em fazer um reino, e muitas riquezas, mas não era só em riquezas, ele queria que ela mudasse sua aparência, pois não se agradava das asas pretas e orelhas pontudas dela. E foi nesse dia em que ela decidiu passar uma borracha e apagar tudo!

Foi então que ele foi embora.

E assim ela voltou a viver sua vida normal.

Moral: Nunca queira mudar a aparência dos outros.

A produção intermediária I “A menina e o caderno mágico” apresenta o paradigma emergente “[...]sistema familiar em fase de transformação devido ao desequilíbrio das relações homem-mulher[...]” (COELHO, 2000b, p. 138). A menina mora sozinha, não há presença de uma estrutura familiar.

A personagem principal tem características físicas diferentes, “lindas asas pretas e orelhas pontudas”, e tem o poder de transformar o que escreve em seu caderno mágico realidade, esses aspectos estão ligados ao paradigma contemporâneo “Intuicionismo fenomenológico” (COELHO, 2000a, p. 19). “Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p. 26).

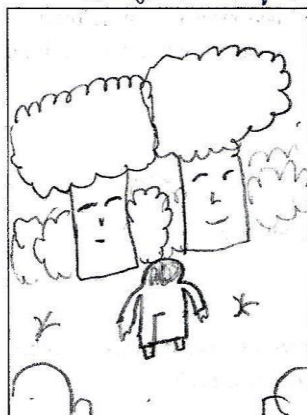
A menina vivia sozinha, uma vida simples, após alguns encontros se apaixonou e se casou. Aparenta ter tido uma vida conjugal agradável, sem conflitos, até o dia em que contou ao seu marido sobre a existência do caderno mágico. O seu cônjuge mudou de comportamento, passou a querer possuir riquezas e também pediu que sua esposa mudasse a aparência dela, no entanto ela não aceitou as imposições do marido e usou o seu caderno mágico para voltar a ter a vida simples e solitária de antes.

O enredo da produção inicial I traz o paradigma contemporâneo de “Concepção da vida como mudança contínua. A tendência já não é o ideal de alcançar a realização completa e definitiva do ser, mas participar da evolução contínua da vida.” (COELHO, 2000a, p.26). Ao invés da esposa ceder aos caprichos do marido para preservar o seu casamento, ela escolheu viver da maneira com a qual ela se sentia feliz, mesmo que isso resultasse em uma mudança na sua vida conjugal.

O comportamento do marido ao descobrir o caderno mágico da esposa faz referência ao paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). [...]” (COELHO, 2000b, p. 138).

O marido quis se impor como autoridade que deve ser obedecida, mas não conseguiu a subordinação de sua esposa. O comportamento da esposa traz para a narrativa o paradigma emergente “Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável. Consciência da relatividade dos valores e ideais criados pelos homens; descoberta de que a transformação continua é uma das leis da vida.” (COELHO, 2000b, p. 138).

Jilda é uma moça muito bonita e enfeitada da povoação florista e ao passar seu pai o rei ele sempre brincava com ela quando ela ia para florista ele sempre dizia - e' linda mais da povoação florista o perigo de ter um homem muito mais por lá. A moça só tinha medo - pai eu nunca de nenhum lá nunca me casaram mais por lá e por lá tinha medo de ir lá e de lá temer no quarto mais ante do castelo a moça tinha medo de ir lá e ir lá ela não queria ir lá sem lá para o florista ela pensou um jeito para lá ela arrumou duas coisas e foi para para do castelo mais lá ela tinha muitas guardas ela ficou pensando como iria sair do castelo mais como Jilda é uma moça inteligente ela pegou uma pedra e jogou longe e as guardas se assustaram e foram lá e que era pai o tempo de Jilda para para florista mas sempre com um medo de lá que o pai disse o da que tinha um homem perigoso na florista mas ela continuou mais ela não sabia que



a florista era magra e quisso a entrega na florista ela entregou um bode e poder dela era de magia ela poderia colocar o que ela queria de qual quer um mas como o pai dela disse tinha um homem ele era metade deus e metade humano mais ele não era como todos os outros que ele era mais ele disse a ela - eu sou um brinde que vai enfeitá - sabe por isso estou, mas como ela tinha um poder ela sabia se ele falava verdade ou se estava mentindo a gilda falou - é mesmo que estou? ele respondeu - é sim que já lá na montanha ela ficou montada com que ele disse e disse para a maga falou - um antídoto ele falou - sim ela disse - deixe o meu deus antídoto. ele regressou de lá da montanha e disse - minha é muito alta e mais ameaça tinha um amigo que tinha um pouco de chama e chamou o pouco de chama - Cullen Cullen. quando eles saíram foi diretamente a gilda ela mostrou me Cullen e subiu a alta montanha chegando lá ele se deitou com a chama. ela disse a chama - a qual que é o seu nome? ele a gilda disse - mas quero o antídoto para ele. então o Cullen falou - não é agora está lá longe de lá eles ficaram de cima da montanha de cima de lá mais Cullen andou e tinha que ir para cima ele tinha a chama gilda mais não tinha nem ela nem ele a chama ele, na verdade tinha para poder ajudar mais a chama dele tinha que ir para cima e ele não podia ir em um lugar de cima de lá para todo o mundo.

Jilda e a floresta

Jilda é uma moça muito bonita e carinhosa ela ama a floresta os pássaros seu pai o rei ele sempre brigava com ela quando ela ia para a floresta ele sempre dizia – filha não vá para floresta é perigoso lá tem um homem muito mau por lá.

A moça já triste falou – pai eu nunca vi ninguém lá nunca me fizeram mau por lá. O rei bravo falou se você ir eu vou te trancar no quarto mas auto do castelo. a moça triste saiu de cabeça baixa ela não queria ficar sem ir para a floresta ela pensou em fugir para lá ela arrumou suas coisas e sai para fora do castelo as lá fora tinha muitos guardas ela ficou pensando como iria sair do castelo mais como Jilda é uma moça inteligente ela pegou uma pedra e jogou longe e os guarda se assustaram e foram ver o que era foi o tempo da jilda correr para floresta mais sempre com um medo da quilo que o pai disse a ela que tinha um homem perigoso na floresta mas ela continuou mas ela não sabia que a floresta era magica e quando ela entrava na floresta ela obtinha um poder o poder dela era do coração ela poderia colocar amor n coração de qualquer um mas como o pai dela disse tinha um homem ele era metade boi e metade humano mas ele não era como todos diziam que ele era mau ele disse a ela – eu sou um principe que foi enfeitado por uma bruxa mas como ela tinha um poder ela sabia se ele falava verdade ou se tava mentindo a Jilda falou – é mesmo que bruxa? Ele respondeu – é uma que fica la no topo da montanha ela ficou assustada com que ele disse a moça falou – tem antidoto. Ele falou – sim. Ela disse – vamos a tras desse antidoto. Eles seguiram ate o pe da montanha e disse – nossa é muito alta. Mas a moça tinha um amigo que um pássaro ela chamou o passaro duas vezes – Euber Euber. Quando ele saltou foi diretamente ajudala eles montaram no Euber e subiro a alta montanha chegando lá ele se depararam com a bruxa ela disse a bruxa – o que é que vocês querem? A jilda disse – Nos queremos o antidoto para ele mas a bruxa falou – não. E jogou os três para longe de lá eles caíram de uma da montanha desacordados mas Euber acordou e tinha quebrado uma aza ele tenta acordar jilda mas não dava nem ela nem ele acordava ele, rapidamente tentou voar para pedir ajuda mais a aza dele estava quebrada eles acabaram presos em um lugar desconhecido para todo sempre.

A produção intermediária II “Jilda e a floresta” traz inicialmente o paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). [...]” (COELHO, 2000b, p. 138). O pai proíbe a filha de ir à floresta, alegando a existência de homem mau por lá, a filha não contesta a decisão do pai, mas procura uma forma de realizar o desejo dela. No momento em que a filha usa sua esperteza

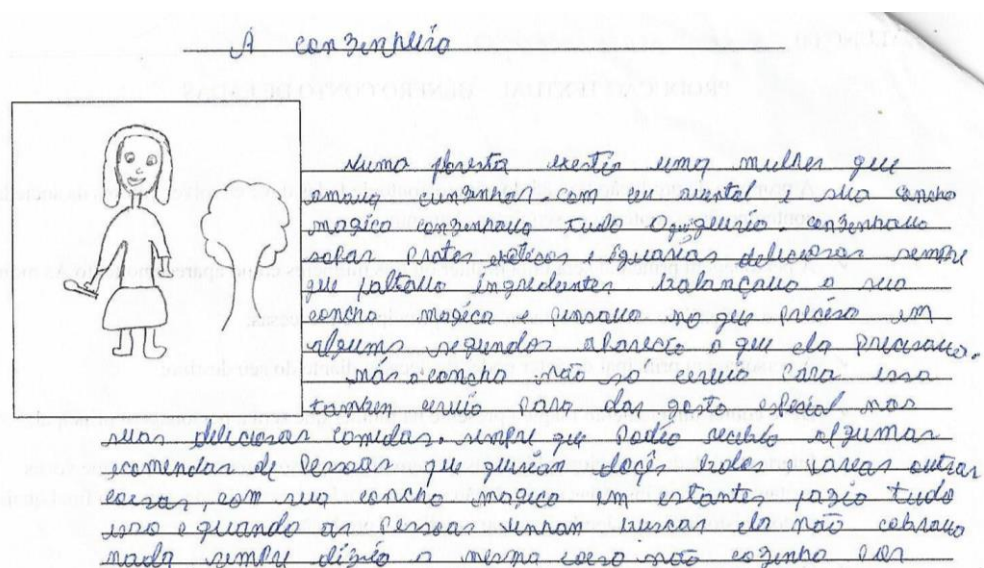
para sair do castelo, o paradigma contemporâneo “Questionamento da autoridade como poder absoluto. Repúdio ao autoritarismo. [...] (COELHO, 2000a, p. 24) fica evidente na narrativa, e, apesar de a filha não criar uma situação conflituosa com o pai, ela não aceita que ele tome as decisões por ela.

A presença de um personagem com características físicas de metade homem e metade boi faz intertextualidade com um personagem da mitologia grega, Minotauro. Nesse momento o paradigma emergente se faz presente: “Redescoberta do passado, como origem, como forma criadora que, pela primeira vez, expressou as relações essenciais do ser humano consigo mesmo, com o mundo e com os outros seres humanos.[...] (COELHO, 2000a, p.26).

A presença de elementos mágicos, como a floresta, a capacidade de colocar amor no coração das pessoas quando estava na floresta, o aparecimento de um pássaro para ajudar a personagem principal e o surgimento de uma bruxa fazem referência ao paradigma contemporâneo “Intuicionismo fenomenológico” (COELHO, 2000a, p. 19). “Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p. 26).

A disponibilidade de Jilda para ajudar um príncipe desconhecido, enfeitiçado por uma bruxa, mesmo correndo grande perigo como ser também enfeitiçada pela bruxa, traz para a narrativa a presença do paradigma emergente “A individualidade consciente de si e de sua responsabilidade em relação ao outro. ” [...] (COELHO, 2000b, p. 138). Demonstra que a personagem principal tinha o valor solidariedade presente no seu caráter.

Ilustração 89 Produção intermediária III



cozinha cozinha por que amo cozinhar com meu avental
e minha concha mágica cozinhar é tudo para mim eu
amo fazer pratos.



Num certo dia um enano de um castelo
que ficou perto dali chegou e disse eu
quero que você faça um banguete o rei
está fazendo um povo e está de casamento
do seu filho e ele quer o banguete com
o melhor comido e eu fiquei sabendo que
você é o melhor cozinheiro do reino eu
preciso que você faça melhores do que
um diabo do outro. a mulher fez apenas
uma pergunta para que dia é esse banguete
e o enano disse para hoje a noite então
a mulher assustada disse eu não consigo

fazer tanto comido tão rápido o enano então disse
e você não pode e eu mandei matar você e minha
cozinha e cozinhar quando eu e mais eu tinha bus-
car o comido.

A mulher aflita e com medo começou a cozinhar
fazia todo tipo de comido e o tempo ia passando
quando o meio ia chegando a mulher se sentia e começou
a chorar muito então apareceu um pequeno ser muito
pequeno com uma lesão na cabeça mas era muito pequeno
e disse eu sei ajudar você mas você tem que ajudar você
me para todos os tipos de comido que eu quiser a mulher
com medo assustada quando o enano chegou ela começou
com tanto comido e disse você comido você não a mulher
cozinheira e a mulher foi e fez comido para o enano
para sempre.

meses da história.

sempre substitua uma cozinheira e seu talento

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A conzinheira

Numa floresta existia uma mulher que amava cozinhar. com seu avental e sua concha mágica conzinhou tudo o que queria. conzinhou sopas pratos exóticos e iguarias deliciosas sempre que faltava ingredientes balançava a sua concha mágica e pensava no que precisa em alguns segundos aparecia o que ela precisava.

Más a concha não só servia para essa também servia para dar gosto especial nas suas deliciosas comidas. sempre que podia recebia algumas encomendas de pessoas que queriam doces bolos e varias outras coisas, com sua concha mágica em estantes fazia tudo isso e quando as pessoas vinham buscar ela não cobrava nada sempre dizia a mesma coisa não

cozinheiro por dinheiro cozinheiro por que amo cozinhar com meu avental e minha concha mágica cozinhar é tudo pra mim eu amo fazer pratos.

Num certo dia um cervo de um castelo que ficava perto dali chegou e disse eu preciso que você faça um banquete o rei está pensando em fazer a festa de casamento do seu filho e ele quer o banquete com a melhor comida e eu fiquei sabendo que você é a melhor cozinheira do reino eu preciso que você faça milhares de pratos um diferente do outro. A mulher fez apenas uma pergunta para que dia é esse banquete o homem disse para hoje a noite então a mulher assusta disse eu não consigo fazer tanta comida tão rápido o cervo então disse se você não fizer o rei mandará matar você é melhor começar a cozinhar quando cair a noite eu venho buscar a comida.

A mulher aflita e com medo começou a cozinhar fazia todo tipo de comida e um tempo ia passando quando a noite ia chegando a mulher se sentou e começou a chorar muito então apareceu um pequeno ser vivo parecia com uma pessoa normal mas era muito pequeno e disse eu lhe ajudarei mas se eu te ajudar você me fará todos os tipos de comida que eu quiser a mulher com medo aceitou quando o cervo chegou se impressionou com tanta comida e disse venha comigo você será a nova cozinheira e a mulher foi e fez comida para o ser vivo para sempre.

Moral da história: nunca subestime uma cozinheira e seu talento.

A produção intermediária III “A cozinheira” é iniciada com o paradigma contemporâneo “Intuicionismo fenomenológico” (COELHO, 2000a, p. 19). “Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p. 26). O elemento mágico citado no início do conto de fadas é a concha que tanto serve para fazer aparecer rapidamente os ingredientes como para dar um gosto especial aos pratos preparados pela cozinheira. No desenvolver da narrativa surge outro elemento mágico, o ser vivo muito pequeno que ajudou a cozinheira a preparar o banquete de casamento do filho do rei.

A personagem principal exercia a sua profissão, cozinheira, por amor, não cobrava das pessoas o preparo das iguarias. Essa característica traz o paradigma emergente “Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser” (COELHO, 2000a, p.19).

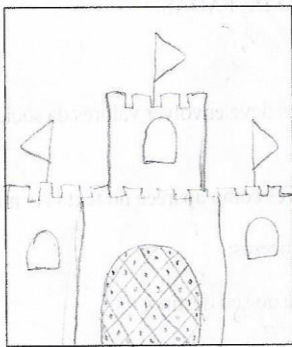
Quanto ao trabalho: para além das reivindicações dos trabalhadores por maior participação no produto final de sua força-trabalho, difunde-se cada vez mais a concepção de trabalho como meio de realização existencial do indivíduo e não apenas como uma maneira de ganhar dinheiro. (COELHO, 2000a, p.24).

O paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). [...]” (COELHO, 2000b, p. 138) aparece no momento em que o servo do rei ordena que a cozinheira prepare muitos pratos diferentes em um período muito curto de tempo, apesar de ter consciência de que seria muito difícil cumprir tal tarefa, a senhora não podia se recusar a tentar, pois poderia sofrer a penalidade de ser morta.

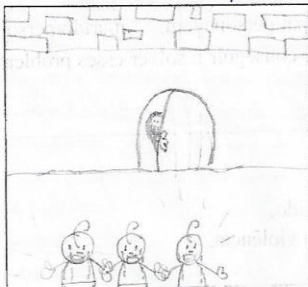
Depois de cumprir a tarefa graças ao aparecimento de mais um elemento mágico, o paradigma citado no parágrafo anterior mais uma vez se faz presente, a mulher foi eleita a nova cozinheira oficial do reino e, sem questionar, aceitou, mesmo ficando implícito que o seu ofício se transformaria em obrigação e sua satisfação pessoal, talvez, fosse diminuída. Percebemos uma mulher que ainda não consegue impor o seu querer e enfrentar situações de opressão.

Ilustração 90 Produção intermediária IV

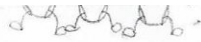
Os três poderes mágicos



Em um castelo vivia um rei e uma rainha. A rainha estava querendo de três comidas mágicas que logo logo iam chegar. Depois de um tempo as comidas chegaram, e ela a primeira das comidas as elas chegaram com três poderes mágicos: A primeira podia fazer o poder de fazer coisas muito a quem quiser a terceira podia transformar coisas em ouro. Ela queria os três poderes mágicos das comidas e foram transformados por um bruxo, que se tornou em um grande quarto cheio de pedras e então de repente a porta com a chave, disse: — De agora em diante a chave não funciona mais transformando todos os poderes em ouro, ele se tornou em um grande cheio de pedras. Então os três poderes mágicos entenderam o que o bruxo disse, e que cada um deles queriam de mais. Em quarto veio o rei e a rainha estavam muito preocupados com as pedras mágicas.



Então voltando ao bruxo, ele não conseguia dormir de mais por causa das pedras, então ele foi até o quarto e gritou: “Um, dois, três!!! Eu quero dormir!” Então ele voltou para o quarto e continuou a chorar. Então o bruxo pegou os três poderes mágicos e deu uma mágica de mais, logo as três comidas chegaram no reino, e aí que o bruxo falou: “Eu sou-lho como um belo grito.”



depois quando ficaram mais quietos se foi tudo o que
quizeu. E foi isso mesmo o que aconteceu e o céu
como uma filha.

O rei e a rainha mandaram todos os guardas de
seus para proteção as gemas, mas começaram com pedregulhos de pedras ditas.

Até que um dia a rainha estava em depressão por causa da perda das
trajanças, da chegada de tanta coisa e sei com a própria esposa dele.

As pé pedras lá embaixo, os animais se esqueceram quando que a
fui por lá, mas o bruxo, os seus olhos tinham acabado com uma queda
e aquela coisa.

Um dia ele foi um guarda está pedindo por uma montanha bem
distante da cidade, mas não tinha ninguém lá, então ele foi para uma tor-
ra bem alta, mas quando ele ia de lá o bruxo viu e gritou os ani-
mais.

— Quando foi que deu, está ficando tarde?

Passou um tempo sem de perguntar o nome a ela, mas o guarda não pediu
tempo e foi direto ao ponto: o rei e a rainha, qual chegou ao castelo e
ele foi logo gritando, bem alto.

— Rei, rainha eu escutei, escutei a gemas perdidas!

Você tá pedindo investigar a origem do rei, da rainha quando
construíam esse nome "gemas perdidas".

O rei e a rainha levantaram-se da mesa de chá, rapidamente quando
chegaram a rainha tropeçou em uma cadeira de chá e caiu e bateu a
cabeça, as crianças foram lá perto a rainha, mas o rei foi para o guarda, ele
chegou no guarda e perguntou:

— Onde está minhas filhas???

— Infelizmente não as tenho, mas, em uma montanha bem longe do
reino e da vila tinha uma casa com uma torre bem alta tinha três
meninas lá dentro e quando todos os dias! Perguntei o guarda.

— E como são elas que são realmente minhas filhas? Perguntei o
rei.

— Elas têm pedras mágicas!!! — Disse com a rainha?! Perguntei exaspera-
da o guarda.

— Não sei, mas o que aconteceu alguma coisa? Porque o rei, também, apen-
ta.

Até que um momento estava um círculo de luzes, mas quando o
rei e a rainha:

— Filhas, minhas filhas, a rainha está chorando!!!

O rei saiu em desespero para o guarda da rainha, e de repente a pes-
ta com cuidado, mas a rainha estava a chorar em uma praça.

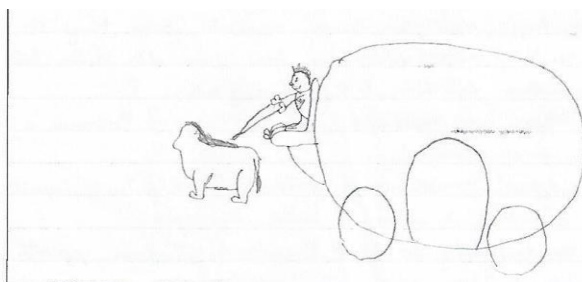
— Porque ela está assim? Ele perguntou.

— A pedra foi tão forte, que a rainha não se lembra! Respondeu uma das crianças.

O rei mandou chamar o guarda e falou para ele:

— Quero saber o nome das pedras que pedis mais tempo muitas filhas de quel-
ta, para que uma delas tenha a pedra mágica.

Ouvindo isso o guarda reuniu mais de 100 pedras e foi para
das pedras perdidas.



Quando há as crianças conhecem o bruxo e entregam as três meninas, o bruxo
 as resuscita dizendo:
 — Não são as meninas gêmeas!
 Os guardas pegaram as meninas e colocaram em uma ~~cadeira~~ cadeira e as
 levaram para o reino. O bruxo foi grande, tinha um animal de estimação um leão.
 Quando no reino, os guardas tinham a intenção de matar as gêmeas e levaram
 as para a prisão, onde estava o reino e a rainha, a menina que tinha o poder
 de transformar as pedras em ouro. A rainha levou sua mãe e o resto dela e descobriu a verdade
 e deu um castigo para o bruxo, quem agora estava no reino
 quando terminou toda a tempestade que chegou até que o bruxo desapareceu
 e nunca mais foi visto.

Moral

tema experiência, e foi a hora de ir para casa e os pais estavam muito felizes.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Os três poderes mágicos

Em um castelo vivia um rei e uma rainha. A rainha estava grávida de três meninas gêmeos que logo logo iam virar princesas.

Depois de um tempo as meninas nasceram, e para a surpresa das majestades elas nasceram com poderes mágicos: A primeira podia resuscitar pessoas, a segunda tinha o poder de fazer aparecer tudo o que quisesse e a terceira podia transformar pedras em ouro.

Com apenas 5 meses de nascimento da trigêmeas foram raptadas por um bruxo, que as trancou em um quarto cheios de pedras e antes de fechar a porta com a chave, disse:

- Se a até o amanhecer e vocês não tiverem transformado todas essas pedras em ouro, vou as trancar em um calabouço cheio de crocodilos. Mas as meninas não entenderam o que o bruxo disse, por que ainda eram pequenas demais.

Em quanto isso o rei e a rainha estavam muito preocupados com as princesas.

Mas voltando ao bruxo, ele não conseguiu dormir de noite por causa das gêmeas, então ele foi até o quarto e gritou bem alto:

- Parem de chorar !!! Eu quero dormir!

Mas elas não pararam, e continuaram a choradeira. Então o bruxo pegou-as no braço e cantou uma música de ninar e logo as trigêmeas caíram no sono, foi aí que o bruxo pensou: “vou cria-las como minhas filhas e depois quando ficarem mais grandes eu terei tudo o que quiser”. E foi isso mesmo que aconteceu e as criou como sua filha.

O rei e a rainha mandaram todos os guardas do reino para procurar as gêmeas, as majestades nem conseguiram dormir direito.

Até que um dia a rainha entrou em depressão por causa do sumiso das trigêmeas, ela chegou até tentar matar o rei com a própria espada dele.

Ao se passarem 10 anos, as meninas cresceram achando que o seu pai era o bruxo, e suas mães teriam morrido com uma queda a cavalo.

Um dia um guarda estava passando por uma montanha bem distante do reino e viu três meninas brincando no jardim de uma torre bem alta, mas quando ele ia até elas o bruxo viu e gritou as meninas:

- Crianças, já pra dentro, está ficando tarde!

Não deu tempo nem de perguntar o nome a elas, mas o guarda não perdeu tempo e foi direto ao castelo avisar o rei e a rainha, mal chegou no castelo e ele foi logo gritando, bem alto:

- Rei, rainha, encontrei a gêmeas perdidas!

Vocês até podem imaginar a alegria do rei e da rainha quando ouviram esse nome “gêmeas perdidas”.

O rei e a rainha levantaram-se da mesa de chá, rapidamente quando de repente a rainha tropeçou em uma chitará de chá, caiu e bateu a cabeça, os criados foram levantar a rainha, mais o rei foi ver o guarda, ele chegou no guarda e perguntou:

- Onde esta minhas filhas???

- Infelizmente não as trosse, mais, em uma montanha bem longe do reino e da vila tinha uma casa com uma torre bem alta tinha três menininhas lindas e gêmeas todas as três ...! Respondeu o guarda.

- E como você sabe que são realmente minhas filhas? Exclamou o rei.

- Elas tinham poderes mágicos!!! – Mais cade a rainha?! Perguntou espantado o guarda.

- Não sei, será que aconteceu alguma coisa? Pensou o rei, também espantado.

Até que no mesmo instante um criado veio correndo, para chamar o rei. Ele gritou:

-Majestade, majestade, a rainha esta morrendo !!!

O rei saiu em disparada para o quarto da rainha, e abrindo a porta com cuidado, viu a rainha prestes a morrer em sua frente.

-Porquê ela está assim ? Ele perguntou.

- A batida foi forte que a cabeça dela se rachou! Respondeu um dos criados.

O rei mandou chamar o guarda e falou pra ele:

- Reuna todos os soldados que poder mais traga minhas filhas de volta, para uma delas saue a sua mãe.

Ouvindo isso o soldado reuniu mais de 150 soudados e foi atrás das princesas perdidas.

Chegando lá os soldados ordenaram o bruxo a entregar as três meninas e o bruxo se recusou dizendo:

-Não. Elas são minhas filhas!

Os guardas pegaram as meninas colocaram em uma carruagem real e levaram elas para o reino. O bruxo foi voando atrás, afinal, ele era um bruxo.

Chegando no reino, os guardas pararam a carroagem, desceram a gêmeas e levaram-nas para o quarto, onde estava o rei e a rainha, a menina que tinha o poder de ressussitar se aproximou da rainha colocou sua mão no rosto dela e derrepente a rainha se levantou e deu um apertado abraço nas três gemias, que afinal eram as trigêmeas perdidas.

Quando terminou todo o tormento que deram conta que o bruxo desapareceu, e nunca mais foi visto.

Moral: Tenha esperança e fé e você terá seus sonhos realizados.

A produção intermediária IV “O três poderes mágicos”, logo no início da narrativa, traz a intertextualidade com o mito das Mouras. Cita três meninas com poderes mágicos: ressuscitar pessoas, fazer aparecer coisas/pessoas e transformar pedra em ouro. O paradigma emergente se faz presente: “Redescoberta do passado, como origem, como forma criadora que, pela primeira vez, expressou as relações essenciais do ser humano consigo mesmo, com o mundo e com os outros seres humanos” [...] (COELHO, 2000a, p.26).

Outro paradigma contemporâneo ocorre pela presença dos elementos mágicos, citados no parágrafo anterior “Intuicionismo fenomenológico” (COELHO, 2000a, p. 19). “Na literatura


para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p. 26).

O paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). [...]” (COELHO, 2000b, p. 138) aparece quando os guardas recebem ordem para procurar as gêmeas que tinham sido raptadas.


No momento em que o bruxo que raptou as meninas se recusa a entregá-las aos soldados, desobedecendo a uma ordem do rei, faz surgir o paradigma emergente “Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável [...]” (COELHO, 2000b, p. 138). Nessa narrativa, a mulher foi representada nos moldes tradicionais, esperou a atitude do rei para resolver o problema, demonstrou fragilidade e instabilidade emocional.

Ilustração 91 Produção intermediária V

Maria e seus cabelos



Nem certa dia Maria estava brincando numa árvore perto de sua casa. Lá abaixo dessa árvore tinha um belão que ela todos os dias gostava de brincar lá. De repente sua mãe a chamou e ela disse com muita tristeza, e falou que eles iam ter que morar em outro lugar. Então Maria disse a sua mãe que não ia porque ela ia perder todos os seus amigos. Sua mãe então disse que ela não gostava desse lugar e que ia fazer vários amigos. No dia seguinte era o dia de ir.



Embora, Maria se despediu de todos os seus amigos, de todos os seus parentes e vizinhos. Maria perguntou a sua mãe como era o nome desse lugar, ela falou que era chamado de reino do tempo.

Quando eles chegaram lá Maria viu aquele lugar muito bonito cheio de flores, árvores, e animais.

De manhã Maria se levantou para ir para a ~~escola~~ escola. Quando ela chegou lá ela se conheceu vários amigos, uma chamada de Alice, Luana, Vitória, e Larissa.

Elas se conheceram brincando com elas no recreio. No dia seguinte ela foi para a escola e quando chegou lá suas amigas perguntaram porque ela vivia com seus cabelos sempre amarrados, e ela disse que era segredo. depois disso ela ia com seus cabelos soltos e vivia feliz para sempre!!!

Moral da história

Esse texto pode nos ensinar a não ter vergonha de seus cabelos.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Maria e seus cabelos

Num certo dia Maria estava brincando numa árvore perto de sua casa lá debaixo dessa árvore tinha um balanço que ela todos os dias gostava de brincar lá. De repente sua mãe a chamou e lhe disse com muita tristeza, e falou que eles iam ter que mora em outro lugar. Então Maria disse a sua mãe que não ia porque ela ia perder todos os seus amigos. Sua mãe então disse que ela ia gostar desse lugar e que ia fazer vários amigos.

No dia seguinte era o dia de ir embora, Maria se despediu de todos os seus amigos de todos os seus parentes vizinhos. Maria perguntou a sua mãe como era o nome desse lugar ela falou que era chamado de ribeirão do tempo.

Quando eles chegaram lá Maria viu aquele lugar muito bonito cheios de flores, árvores, animais.

De manhã Maria se levantou para ir para a escola, Quando ela chegou lá ela já conheceu vários amigos, uma chamada de Alice, Luana, vitória, e Larisa. Elas se conheceram brincando com elas no recreio. No dia seguinte ela foi para a escola e quando chegou lá suas amigas perguntaram por que ela vivia com seus cabelos sempre amarrados, e ela disse que era segredo. depois disso ela ia com seus cabelos soltos, e vivia feliz para sempre!!!

Moral: Esse texto pode nos ensinar a não ter vergonha de seus cabelos.

A produção intermediária V “Maria e seus cabelos” traz a história de uma menina que era questionada sobre o hábito de não soltar os cabelos, esse fato deixa implícita a presença do paradigma tradicional “Racismo. Valorização das etnias “brancas” do Ocidente sobre as demais (negra, indígena, asiática) [...] (COELHO, 2000b, p. 139). Nas escolas e em outros espaços ainda é observado esse comportamento entre os colegas. A criança/adolescente negra sofre preconceito por ter os cabelos crespos e tem dificuldade de aceitar a sua identidade porque, muitas vezes, os seus familiares fortalecem as críticas sofridas por elas durante séculos com frases pejorativas e tentativas de esconder a sua identidade por meio de hábitos como alisamentos e a manutenção dos cabelos sempre presos.

Ao mudar de hábito no final do conto de fadas, soltar os cabelos, a menina traz implícito o paradigma emergente “Anti-racismo (reconhecimento dos direitos humanos universais) em luta constante contra os “racismos” de toda natureza que explodem em violência pelo mundo.” (COELHO, 2000b, p. 139).

Quadro 5 Avaliação das produções intermediárias

	Personagem principal	Elemento mágico	Intertextualidade	Cenário	Tempo	Opressão	Poder de decisão/ resolução inteligente pela personagem principal	Sequência descritiva poética	Desfecho surpreendente	Ilustrações	Moral
Produção I	Menina	Caderno mágico	Não	Floresta	Passado	O marido queria mudar a aparência da esposa.	Ela não permite que o marido modifique sua aparência.	Não aparece.	Sim, ela não realizou as vontades do marido e voltou a viver sozinha.	Sim	Sim, adequada. Nunca queira mudar a aparência dos outros.
Produção II	Jilda	Coração	O fio de Ariadne (Minotauro)	Floresta	Passado	O pai não queria que ela fosse para a floresta.	No início, a personagem consegue usar a inteligência para sair do castelo, mas depois ela passa a depender de um amigo, um pássaro, para ajudá-la. Ela não usa o poder.	Não aparece.	Sim. O final não é feliz, Jilda não consegue libertar o homem e eles ficam presos em um lugar desconhecido para sempre.	Sim	Não

Aluno (a)	Personagem principal	Elemento mágico	Intertextualidade	Cenário	Tempo	Opressão	Poder de decisão/ resolução inteligente pela personagem principal	Sequência descritiva poética	Desfecho surpreendente	Ilustrações	Moral
Produção III	Mulher	Concha mágica	Não	Floresta	Passado	O servo do rei encomenda uma grande quantidade de comida para ser entregue no mesmo dia, ao anoitecer, a ameaça de morte caso ela não consiga preparar tudo no tempo determinado.	Não acontece. Ela foi ajudada por outro ser.	Não aparece.	Não. No final a mulher conseguiu cumprir a tarefa solicitada pelo rei e obedece a sua ordem de ser a nova cozinheira do reino.	Sim	Sim, adequada. Nunca subestime uma cozinheira e seu talento.

Aluno (a)	Personagem principal	Elemento mágico	Intertextualidade	Cenário	Tempo	Opressão	Poder de decisão/ resolução inteligente pela personagem principal	Sequência descritiva poética	Desfecho surpreendente	Ilustrações	Moral
Produção IV	Três meninas	Ressuscitar pessoas; Aparecer o que quisesse; Transformar pedra em ouro.	As moiras	Castelo	Passado	As meninas foram raptadas por um bruxo.	Não acontece. Elas foram resgatadas pelos guardas do castelo	Não aparece.	Não. O final foi feliz, as trigêmeas encontraram e a que tinha o poder de ressuscitar pessoas ressuscitou a própria mãe.	Sim	Sim, adequada. Tenha esperança e fé e você terá seus sonhos realizados.
Produção V	Maria	Não	Não	Casa	Passado, mas faz referência a coisas atuais.	Mudança de endereço ; Vergonha do cabelo;	Não	Não aparece.	Não. O texto é finalizado com a expressão viveram felizes para sempre	Sim	Não

Fonte: Diagnóstico a partir da avaliação das produções intermediárias da turma do 7º ano do ensino fundamental

A **produção final** é o último estágio da sequência didática. É o momento de sistematizar as habilidades. A turma perceberá individualmente o que foi e o que ainda precisa ser aprendido, avaliará os progressos realizados. O docente também fará essa avaliação que pode ter ou não caráter somativo e que permitirá o planejamento para prosseguir com as atividades didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011).

Produção final

Aulas: 31 e 32

Tempo previsto: 2 aulas de 50 min.

Objetivos: Realizar a produção final do gênero conto de fadas.

No 31º e 32º momentos foi entregue novamente a cada aluno a ficha da proposta de produção intermediária do gênero conto de fadas contemporâneo que destacava em vermelho os elementos que cada aluno não conseguiu incluir na produção e em preto os elementos que conseguiram incluir e a produção intermediária.

Foi solicitado que os alunos realizassem a produção textual final do gênero conto de fadas contemporâneo, tentando incluir o máximo de elementos contidos na lista. Eles podiam continuar com o texto intermediário e acrescentar mais elementos no decorrer da produção ou modificá-lo na tentativa de adicionar o maior número de elementos na produção.

Apresentamos a seguir cinco textos da produção final do conto de fadas contemporâneo.

Ilustração 92 Produção final I



disconto.

Mob um uma noite da cordão,
 pegou seu livro e começou a ler.
 Tudo aquilo que o menino mandou
 da mulher, e foi assim que tudo acabou
 e por fim, mandou o menino a
 Lybeka. E assim voltou a sua vida
 calma e normal.



Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

A menina e o caderno mágico

Há muito tempo atrás havia uma floresta encantada, e lá vivia uma linda menina de cabelos longos e cacheados, olhos azuis e lindas asas pretas e orelhas pontudas.

Ela morava em uma casinha bem pequena, e não se importava, pois vivia feliz ali. Ela amava escrever, quando não tinha nada pra fazer ela pegava seu caderno e começava a escrever, ela era tão dedicada e delicada.

Ela não precisava de ajuda para se manter pois tinha um caderno mágico, bastava escrever o que ela queria e assim aparecia. Você deve estar se perguntando! Se ela tem um caderno mágico, por que ela vive em uma casinha tão pequena? Por que não em um castelo? Sabe por que? Porque sua simplicidade é enorme.

Em uma manhã de chuva ela pegou seu caderno e escreveu “Sol” e logo o sol chegou ali. E foi nessa manhã que ela saiu para colher algumas flores.

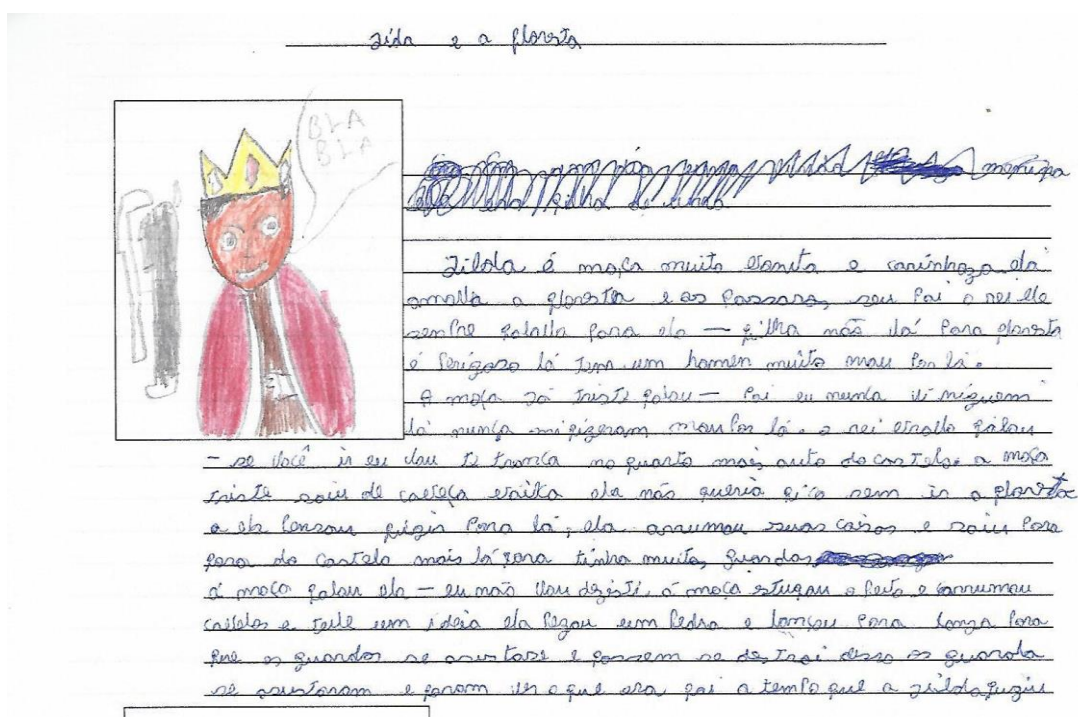
Chegando lá deu de cara com um homem, ele ficou assustado ao ver ela, igual ela também ficou assustada mas, logo depois começaram a se falar e se conhecer melhor.

E foi em um dia em que resolveram casar-se.

Algum tempo depois ela resolveu contar a ele sobre seu caderno mágico, e foi nesse mesmo dia em que ele mudou completamente. Ele já estava pensando em riquezas, castelos e muitas outras coisas. Ela passou dias e noites escrevendo e escrevendo, não tinha descanso. Mas em uma noite ela acordou, pegou seu livro e começou a rasgar tudo aquilo que o marido mandou ela escrever, e foi assim que tudo acabou e por fim mandou o marido ir embora. E assim voltou a sua vida calma e normal.

A produção final I “A menina e o caderno mágico” manteve o enredo e os valores descritos na produção intermediária, fazendo apenas algumas alterações na descrição dos acontecimentos. A mulher foi representada com valores contemporâneos: não coloca o casamento como sinônimo de felicidade, tem sua independência financeira e consegue lidar com situações de opressão com facilidade, não se deixa vencer pelo opressor.

Ilustração 93 Produção final II





Para floresta mais sempre com medo da quilo que
seu pai disse a' ela mais a floresta era magica
e quando ela entrava na floresta ela despertava um
poder maravilhoso do coração ela poderia colocar
amor no coração de qualquer uma pessoa mais não
no homem perigoso que tinha na floresta mais jilda
era muito corajosa e desidida falou - eu não tenho
medo medo eu não tenho por isso vou caça esse
homem elei ela foi atrás dele ele era muito mais
afinado mais na mais do caminho desgruou quando
para ela mais ela gostava de trabalhar suas coisas
mas sem ninguém atrapalhando quando ela chegou

em um certo ponto da floresta cansada ela parou para descansar
quando ela sentiu um peso na perna por ali ela ficou um pouco pensando
ponto dela disse ela pegou sua arma uma lança e atirou acertou
na perna de um animal quando ela ~~estava~~ estava ali ela viu o animal que ela
tinha procurado ela o colocou e ele ficou muito mais calmo quando eu o coloquei
quando ela chegou ela não ~~se~~ reconheceu o homem elei era o pai dela
ela se reconheceu e falou a ele - mais pai porque o senhor não
me falou ele disse - porque tinha medo que o animal me atacas
que eu fosse ~~uma~~ matado de uma criança de como tinha o poder
ela pegou falou - agora ~~porque~~ e porque me atrapalhou com o pai em
sentido de mais e é uma a queda da sua perna disse ela porque
eu costei disso ninguém sabe que ele era o homem elei
mas não mais ~~se~~ queria morada na outra casa sei morada e
pela queia das coisas disse.

Jilda e a floresta

Jilda é uma moça muito bonita e carinhosa ela amava a floresta e os pássaros seu pai o rei ele sempre falava para ela – filha não vá para floresta é perigoso lá tem um homem muito mau por lá.

A moça já triste falou – pai eu nunca vi ninguém lá nunca me fizeram mau por lá. O rei bravo falou se você ir eu vou te trancar no quarto mas auto do castelo. a moça triste saiu de cabeça baixa ela não queria ficar sem ir a floresta ela pensou fugir para lá, ela arrumou suas coisas e saiu para fora do castelo mas lá fora tinha muitos guardas a moça falou ela – eu não vou deixei a moça estufou o peito e arrumou cabelos e teve uma ideia ela pegou uma pedra e lançou para longe para que os guardas se assustasse e fossem se destri disso os guarda se assustaram e foram ver o que era foi o tempo que a jilda fugiu para floresta mais sempre com um medo da quilo que o pai disse mais a floresta era magica e quando ela entrava na floresta ela despertava um poder maravilhoso do coração ela poderia colocar amor no coração de qualquer um pessoa mais no homem perigoso que tinha na floresta mas jilda eramuito corajosa e desidida falou – eu não tenho medo medo eu não tenho por isso vou caça esse

homem boi ela foi atrás dele ele era feio feio era apelido mas no meio do caminho ofereceram ajuda para ela mas ela gostava de resolver suas coisas só sem ninguém atrapalhando quando ela chegou em um sertão ponto da floresta cansada ela parou pra descansar quando ela senta em um tronco por ali ela viu um vulto passando perto dela disso ela pegou sua arma bem ligeiro e atirou acertou na perna do bixo quando ela olhou era o animal que ela tava procurando ela falou bem cansada mas mesmo cansada eu achei quando ela olhou ela não acreditou o homem boi era o pai dela ela se surpreendeu e falou a ela – mais pai porque o senhor não me falou ele disse- porque tinha medo que o reino não me aceitasse que eu fosse uma aberração disso a filha como tinha o poder ela pegou falou – abra barca e conseguiu transforma seu pai em gente de novo e curar a ferida da sua perna disso eles foram ao castelo disso ninguém soube que ele era o homem boi.

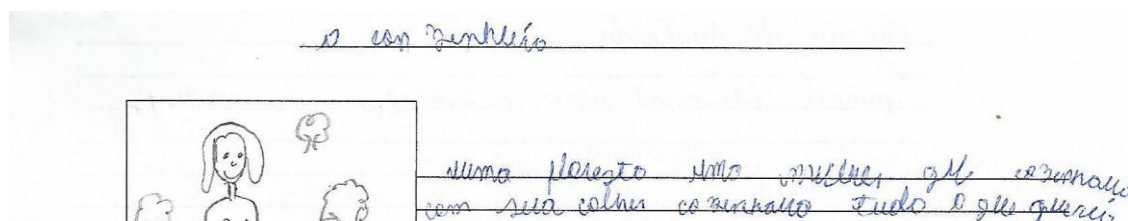
Moral: nunca queira manda nos outro como o rei mandou a filha fugio por causa disso.

Na produção final II “Jilda e a floresta” o discente manteve o que foi descrito nos dois primeiros parágrafos. Os elementos mágicos foram reduzidos, restando a floresta e a capacidade de colocar amor no coração das pessoas, quando Jilda estava na floresta, sendo, portanto, referência ao paradigma contemporâneo “Intuicionismo fenomenológico” (COELHO, 2000a, p. 19). “Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p. 26).

A disponibilidade de Jilda para ajudar continua presente, trazendo para a narrativa a presença do paradigma emergente “A individualidade consciente de si e de sua responsabilidade em relação ao outro.” [...] (COELHO, 2000b, p. 138). Demonstra que a personagem principal tinha o valor solidariedade presente no seu caráter. A diferença é que, na produção final, Jilda descobre que o ser estranho, metade homem e metade boi, era seu pai. Ela conseguiu usar outro poder, surgido no final do conto de fadas, o de transformar as pessoas, para fazer o seu pai ter somente a aparência de homem.

A mulher mostrou-se corajosa, decidida e capaz de resolver os seus problemas.

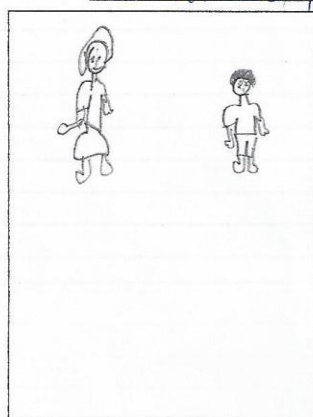
Ilustração 94 Produção final III





continham sobre pratos ricos e deliciosos
deliciosos sempre que faltava imediatamente
desaparecia o que comia magico em instantes
aparecia o que ele precisava.

Mas a comida não só podia fazer isso
também curava as dores e gostos especiais para
suas deliciosas comidas. sempre que podia
preparar algumas incomidas de plantas, ele queria
decer bolos e várias outras coisas, com seu comido
magico em instantes fazia tudo isso quando os pessoas
estavam juntas na sua cozinha nada sempre fazia
o mesmo caso não comia por dinheiro e sempre
cozinhava com carinho com muito amor e na
sua cozinha magica especial cozinhava e tudo para
mim e amor para famílias



um certo dia um certo dia um certo dia
que estava perto dali chegou o dono da
cozinha que veio fazer um banguete e
seu filho chegando fazer o banguete
de casamento do filho dele que o banguete
com o melhor comido e ele ficou sabendo
que veio o melhor comido do mundo
e ele veio que veio para melhorar os
pratos um diferente do outro a mulher
foi apenas uma mulher para que ele
e seu banguete e ele veio para no fim
o certo então a mulher assistindo de

o 7º então veio e não comia e não comia e não comia
o certo então ele veio e não comia e não comia
e ele comia muito e não comia e não comia
e ele comia quando caiu o certo e ele veio e ele
e ele comia.

A mulher e o filho e o comido começou a cozinhar
sem parar fazia todo tipo de comido e o tempo
foi passando quando a noite lá chegando a
mulher se sentiu muito cansada e quando
quando o certo chegou disse para eles que o
muito cozinhar do seu filho para o certo
e ele veio mas a mulher disse que não
queria ir porque não tinha mais de
fazer então o certo foi embora

marco do histórico

nunco substitui uma cozinheira e seu filho

A conzinheira

Numa floresta uma mulher que cozinhava com sua colher cozinhava tudo o que queria cozinhava sopas pratos exóticos e iguarias deliciosas sempre que faltava ingredientes balançava a sua concha mágica em estantes aparecia o que ela precisava. Más a concha não só servia para isso também cervia para dar gosto especial nas suas deliciosas comidas. Sempre que podia recebia algumas encomendas de pessoas que queriam doces bolos e varias outras coisas com sua concha magica em estantes fazia tudo isso e quando as pessoas vinham buscar ela não cobrava nada sempre dizia a mesma coisa não cozinho por dinheiro cozinho porque amo cozinhar com meu avental e minha concha magica é especial conzinhar é tudo para mim eu amo fazer comidas.

Num certo dia um cervo de um castelo que ficava perto dali chegou e disse eu preciso que você faça um banquete o rei esta precisando fazer o banquete de casamento do filho e ele quer o banquete com a melhor comida e eu fiquei sabendo que você é a melhor cozinheira do reino eu preciso que você faça milhares de pratos um diferente do outro, a mulher fez apenas uma pergunta para que dia é esse banquete o cervo disse para hoje a noite então a mulher assustada disse eu já estou velha e não consigo cozinhar tão rápido o cervo então disse se você não fazer o rei manda seu carrasco mata-la você é melhor se você começar a cozinhar quando cair a noite eu venho buscar a comida.

A mulher aflita e com medo começou a cozinhar sem parar fazia todo tipo de comida e u tempo foi passando quando a noite ia chegando a mulher se centou exausta morta de cançada e quando o cervo chegou disse parabéns você e a nova cozinheira do rei vamos para o castelo e celebrar más a mulher disse não eu não quero ir prefiro ficar na minha casa no meio da floresta então o servo foi embora.

Morau da história

Nunca subestime uma cozinheira e seu talento.

Produção final III

Na produção final III “A conzinheira” o discente manteve o que foi descrito no parágrafo 1 com apenas uma alteração, não surgiu outro elemento mágico no decorrer da narrativa. Também foi mantido o descrito no segundo e terceiro parágrafos.

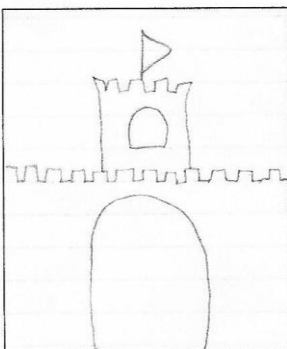
Ao final da narrativa surge uma mudança, a cozinheira não aceita a ordem para ser a nova cozinheira oficial do reino, fazendo surgir o paradigma emergente “Questionamento da autoridade como poder absoluto. Repúdio ao autoritarismo. [...] (COELHO, 2000a, p. 24). Essa atitude da cozinheira deixa implícita a presença do paradigma emergente “Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser” (COELHO, 2000a, p.19).

Nessa narrativa, a mulher consegue enfrentar a situação de opressão e demonstra ser capaz de resolvê-la. Ela escolhe ser livre e independente.

Ilustração 95 Produção final IV

Op poderes mágicos.

Kika Benthaziz



Em um castelo, vivia um rei e uma rainha. A rainha estava grávida de duas gemas que logo, logo vão virar príncipes.

Depois de um tempo, os ministros chegaram, com vestidos com corbéis, olhos azules e pele e cabelos brancos. E para para a presença dos reis eles tinham poderes: uma tinha o poder de transformar pedras em ouro e a segunda tinha o poder de ventar.

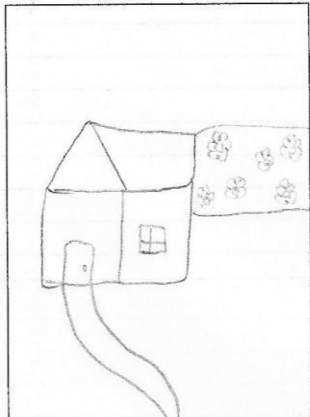
— O rei quer se perguntar o porquê que os filhos possam assim? E ela de rei na rainha, perguntou.

— Rainha, e você já se perguntou o porquê, que os meus filhos possam assim, com esse dom?

— Este rei, eu não posso mais entender. Escutem a rainha.

— Escutem a que, minha rainha? — O rei perguntou, espantado.

— Eles podem com esse dom, porque — Ela respondeu — por que eu também tenho esse poder! tudo o que eu penso se torna realidade.



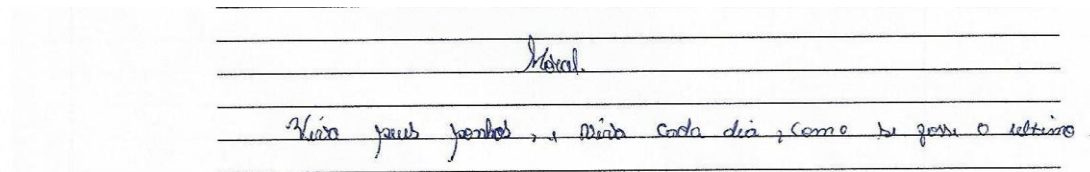
Jo sentiu aquilo o rei deu um, depois na sua e rainha e quando a mãe para com a mãe.

— Minha rainha, por que ela não me escutem isso, agora podemos ter tudo que sempre quisemos.

— Foi um longo choro de maldade, por isso...

A rainha e o rei aquilo ela rapidamente pegou seus filhos e se foi com uma casa com jardins, longe do reino. E quando disse os olhos se tornaram realistas.

E da vida feliz com seus filhos.



Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Os poderes mágicos

Em um castelo, vivia um rei e uma rainha. A rainha estava grávida de duas gêmeas que logo. Logo iam virar princesas.

Depois de um tempo, as meninas nasceram, com cabelos com cachos, olhos azulados e pele esbranquiçada. E para a surpresa dos pais elas tinham poderes: uma tinha o poder de transformar pedras em ouro e a segunda tinha o poder de voar.

O rei ficou se perguntando o por que que as filhas nasceram assim?! Então ele foi na rainha e, perguntou:

- Rainha, você já se perguntou o por quê que as nossas filhas nasceram assim, com esse dom?!

- Meu rei, eu não posso mais esconder ! – Exclamou a rainha.

- Esconder o que, minha rainha? – o rei perguntou espantado.

- Elas saíram com esse dom, porque, ela gagejou – por que eu também tenho poderes!

Tudo o que eu penso se torna realidade.

Ao ouvir aquilo o rei deu um abraço na rainha e levantando a mão pra cima disse:

- Minha rainha, por que você me escondeu isso, agora podemos ter tudo que sempre quisemos.

- Ter um cofre cheio de moedas, servos...

A rainha ao ouvir aquilo ela rapidamente pegou suas filhas e se viu em uma casa com jardim, longe do reino. E quando abriu os olhos se tornou realidade.

E ela viveu feliz com suas filhas.

Moral: viva seus sonhos, e viva cada dia, como se fosse o último.

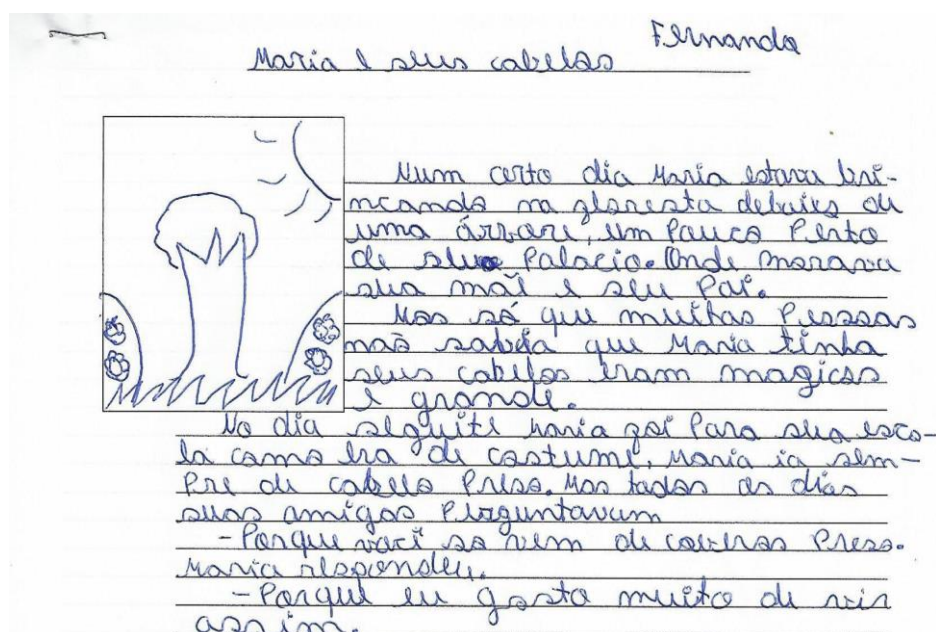
Na produção final IV “Os poderes mágicos” a discente retirou a intertextualidade com o mito das Moiras, na produção final a aluna refere-se apenas a duas meninas. O paradigma contemporâneo “Intuicionismo fenomenológico” (COELHO, 2000a, p. 19) continua presente

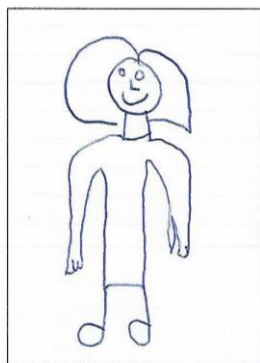
por meio dos poderes mágicos das duas filhas da rainha, os de transformar pedras em ouro e voar, e por meio do poder da rainha, tudo o que ela pensava se transformava em realidade. “Na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre real e imaginário” (COELHO, 2000a, p. 26).

O paradigma tradicional “Obediência absoluta ao poder e ao saber da autoridade, exercida exclusivamente pelos homens (Deus, governo, patrão, pai, esposo). [...]” (COELHO, 2000b, p. 138) aparece quando o rei faz planos de ter riquezas, aproveitando-se do poder da rainha, ele contava com a obediência da mulher para realizar os seus sonhos.

O comportamento da rainha em deixar o rei e passar a viver longe do reino com suas filhas traz para a narrativa o paradigma emergente “Descrédito da autoridade como poder absoluto e inquestionável [...]” (COELHO, 2000b, p. 138). A mulher passou a ser representada como forte e segura de si, não aceitou ser explorada pelo marido, escolheu ser independente.

Ilustração 96 Produção final V





quando chegou em casa
ela pensou e pensou em
cortar seus cabelos e sua
mãe disse não era
para cortar os seus
cabelos. Ela brava muito
brava ela foi lá para
o seu quarto e pensou
e falou.

- Eu tenho que arrumar
um jeito para isso.

No dia seguinte Maria

falou hoje eu vou "de cabelos
surtos e vou vencer meus
medos. E Maria foi e não pensou
duas vezes. Quando ela chegou
lá todos ficaram olhando para
ela. Ela pensou e falou.

- recuperei meus medos Maria
de esses dias para car ela
todos os dias ia com os seus
cabelos mágicos e grandes.

Fonte: Produção textual da turma do 7º ano do ensino fundamental

Maria e seus cabelos

Num certo dia Maria estava brincando na floresta debaixo de uma árvore, um pouco perto de seu palácio. Onde morava sua mãe e seu pai.

Mas só que muitas pessoas não sabia que Maria tinha seus cabelos eram mágicos e grande.

No dia seguinte Maria foi para sua escola como era de costume. Maria ia sempre de cabelo preso. Mas todos os dias suas amigas perguntavam

- Porque você só vem de cabelos presos. Maria respondeu.
- Porque eu gosto muito de vir assim.

Quando chegou em casa ela pensou e pensou em cortar seus cabelos e sua mãe disse que não era para cortar os seus cabelos. Ela brava muito brava ela foi lá para o seu quarto e pensou e falou

- Eu tenho que arrumar um jeito para isso. No dia seguinte Maria falou hoje eu vou de cabelos sultos e vou vencer meus medos. E Maria foi e não pensou duas vezes. Quando ela chegou lá todos ficaram olhando para ela. Ela pensou e falou.

- recuperei meus medos Maria de esses dias para car ela todos os dias ia com os seus cabelos mágicos e grandes.

Na produção final “Maria e seus cabelos” a discente manteve o que foi descrito nos parágrafos 1 e 2, acrescentando a intertextualidade com o conto de fadas *Rapunzel* ao citar que os cabelos de Maria eram longos e mágicos. Faz-se presente, então, o paradigma emergente “Redescoberta do passado, como origem, como forma criadora que, pela primeira vez, expressou as relações essenciais do ser humano consigo mesmo, com o mundo e com os outros seres humanos[...]”(COELHO, 2000a, p.26).

A mulher demonstrou superar o preconceito sofrido por ser negra e ter cabelos crespos. A sua atitude deixa implícito que é necessário valorizar as pessoas, independente das suas características e escolhas.

As cinco produções finais apresentadas demonstram as mudanças provocadas nos alunos referentes à representação da mulher. Eles conseguiram assumir a posição de um narrador que retrata a mulher com valores positivos: a capacidade de lidar com situações de opressão, resolver os seus problemas sozinha, ocupar um lugar de destaque no mercado de trabalho, trabalhar buscando a satisfação pessoal, ter a possibilidade de optar por casar ou continuar solteira, ter a possibilidade de optar em continuar casada ou se separar. O olhar de inferioridade direcionado à mulher foi mudado, dando lugar ao olhar de igualdade entre homens e mulheres.

Quadro 6 Avaliação das produções finais

	Personagem principal	Elemento mágico	Intertextualidade	Cenário	Tempo	Opressão	Poder de decisão/ resolução inteligente pela personagem principal	Sequência descritiva poética	Desfecho surpreendente	Ilustrações	Moral
Produção final I	Menina	Caderno mágico	Não	Floresta	Passado	O marido se aproveitou dos seus poderes mágicos para conseguir riquezas.	Ela percebeu que estava sendo escravizada pelo marido e mudou o seu comportamento, deixou de realizar as vontades do marido.	Aparece em um trecho do 2º parágrafo: “...ela era tão dedicada e delicada.”	Sim, ela desfez as riquezas feitas para o marido, o mandou embora e voltou a viver sozinha.	Sim	Não
Produção final II	Jilda	Coração	O fio de Ariadne (Minotauro)	Floresta	Passado	O pai não queria que ela fosse para a floresta,	Consegue usar sua inteligência para sair do castelo e seu poder mágico para reverter a condição de metade humano e metade boi do pai.	Não aparece	Não, o final foi feliz, Jilda consegue libertar o homem, seu pai, e ninguém no reino ficou sabendo da sua condição anterior, metade homem e metade boi,	Sim	Sim. Nunca queira mandar nos outros como o rei mandou, a filha fugiu por causa disso.

Aluno (a)	Personagem principal	Elemento mágico	Intertextualidade	Cenário	Tempo	Opressão	Poder de decisão/ resolução inteligente pela personagem principal	Sequência descritiva poética	Desfecho surpreendente	Ilustrações	Moral
Produção final III	Mulher	Concha mágica	Não	Floresta	Passado	O servo do rei encomenda uma grande quantidade de comida para ser entregue no mesmo dia, ao anoitecer, a ameaça de morte caso ela não consiga preparar tudo no tempo determinado.	Ela não aceita ser a nova cozinheira do reino, prefere continuar cozinhando na casa dela.	Não aparece	Sim. No final a mulher conseguiu cumprir a tarefa solicitada pelo rei, mas não obedece a sua ordem de ser a nova cozinheira do reino.	Sim	Sim, adequada. Nunca subestime uma cozinheira e seu talento.

Aluno (a)	Personagem principal	Elemento mágico	Intertextualidade	Cenário	Tempo	Opressão	Poder de decisão/ resolução inteligente pela personagem principal	Sequência descritiva poética	Desfecho surpreendente	Ilustrações	Moral
Produção final IV	Duas meninas	A filhas da rainha: Transformar pedra em ouro; Voar A rainha: transformar o seu pensamento em realidade.	Não	Castelo	Passado	O rei queria se aproveitar do poder da rainha, o que ela pensava se tornava real, para ter muitas riquezas.	Ao perceber que o rei queria se aproveitar do seu poder mágico, a rainha usou o seu poder para ficar longe do rei e assim viver em paz com suas duas filhas.	Não aparece	Sim. A rainha preferiu viver longe do seu marido para não ser explorada por ele.	Sim	Sim, adequada. Viva seus sonhos, e viva cada dia, como se fosse o último.
Produção final V	Maria	Cabelos	Rapunzel	Floresta/palácio/escola	Passado, mas faz referência a coisas atuais.	Vergonha do cabelo;	Ela decidiu sair com os cabelos soltos	Não aparece.	Sim, o medo, a vergonha de mostrar os cabelos foi superado.	Sim	Não

Fonte: Diagnóstico a partir da avaliação das produções finais da turma do 7º ano do ensino fundamental

A sequência didática básica, proposta por Cosson (2011), também é apresentada em quatro etapas: **motivação, introdução, leitura e interpretação**. A primeira etapa, motivação, é caracterizada pela aproximação dos alunos ao procedimento de leitura. Seu êxito incentivou o interesse do leitor pelas obras que foram apresentadas. Cosson (2011, p 55) ressalta “a construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação”.

A motivação aconteceu nas duas primeiras aulas com a atividade diagnóstica e apresentação das diferenças entre os gêneros mito, lenda e conto de fadas. Nesse primeiro momento, os alunos mostraram o que já conheciam sobre o gênero conto de fadas e ficaram motivadas a obter mais conhecimento sobre o mesmo.

A segunda etapa, introdução, consiste na exibição do agente produtor da obra e do exemplar literário. Alguns cuidados precisam ser tomados para não tornar essa fase enfadonha: expor de forma breve os dados biográficos do autor e justificar a escolha da obra e sua importância naquele espaço de tempo, favorecer o contato físico com o livro, se possível visitar a biblioteca da escola, incentivar a leitura dos elementos paratextuais como capa e orelha do livro e o levantamento de hipóteses referente ao desenrolar da trama que poderão ser confirmadas ou não pelos leitores após o término da leitura (COSSON, 2011).

A introdução, caracterizada pelo contato dos alunos com autor e obra, envolveu cinco módulos com duração de 100 min. por módulo, pois a sequência didática aplicada envolveu três autores e quatro contos de fadas. Durante o módulo I foram apresentados os autores Charles Perrault e os Irmãos Grimm, no módulo II os alunos conheceram o conto de fadas tradicional *Rumpelstiltskin* (1812,2014), no módulo IV foram apresentados a autora Marina Colasanti e o seu conto contemporâneo *A moça tecelã* (1982, 2015), no módulo VIII foi retomada a apresentação do autor Charles Perrault e os discentes conheceram o conto de fadas tradicional *Pele de asno* (1967, 2015) e no módulo IX foi retomada a apresentação da autora Marina Colasanti e a turma teve contato com o conto de fadas contemporâneo *Entre a espada e a rosa* (1992,2015).

A terceira etapa é apresentada como o momento de leitura do exemplar literário. O processo de leitura deve ser acompanhado com flexibilidade, respeitando o ritmo de leitura de cada aluno. Esse acompanhamento pode ser feito por meio de conversas na sala de aula onde o professor observa a apreensão dos acontecimentos e as dificuldades relacionadas ao vocabulário e à estrutura composicional. Outra possibilidade é propor a leitura individual até certo capítulo para que a leitura do posterior seja feito coletivamente (COSSON, 2011).

Após a apresentação dos contos de fadas e dos seus autores, dois módulos foram reservados para a realização de uma leitura intertextual. No módulo V foi mostrada a intertextualidade entre o conto *A moça tecelã* (1982, 2015) e o movimento feminista, no módulo X foi apresentada a intertextualidade entre o conto de fadas *Entre a espada e a rosa* (1992, 2015) e a história de Joana D'arc. Em outros módulos foi retomada a leitura dos contos de fadas: módulos VI, VII, XI e XII.

Cosson (2011, p. 64) considera “que a interpretação parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. Ele propõe que a interpretação deve considerar dois momentos: o interior e o exterior. O primeiro, de natureza individual, corresponde à decodificação e compreensão geral da obra, o segundo é a efetivação da interpretação que no caso do espaço escolar deve ser compartilhada para acrescentar mais significação em torno dos sentidos estabelecidos individualmente (COSSON, 2011).

A interpretação também foi explorada na aplicação da sequência didática envolvendo dois contos de fadas tradicionais e dois contos de fadas contemporâneos. No módulo III, os alunos demonstraram como interpretam as diferenças entre as mulheres de antigamente e as mulheres de hoje, no módulo V fizeram uma atividade de interpretação intertextual entre o conto *A moça tecelã* e o movimento feminista e no módulo X realizaram outra atividade intertextual entre o conto *Entre a espada e a rosa* e a história de Joana D'arc.

O registro, em seus múltiplos aspectos, deve ser incluso nas atividades de interpretação, variando conforme a complexidade da obra, a idade do aluno e o ano que esteja cursando. Alguns exemplos citados foram desenho de uma cena da narrativa, expressão de sentimentos que envolveram a leitura por meio de música, dramatização de trechos, diário anônimo, colagens, confecção de maquetes reproduzindo o cenário da obra, júri simulado e feiras culturais envolvendo projetos de leitura (COSSON, 2011).

No que diz respeito ao registro, o imprescindível é a realização de uma reflexão sobre o exemplar literário lido, externalizando-a de maneira explícita e estabelecendo a comunicação entre os leitores do agrupamento escolar. Entre outras estratégias, a resenha pode ser benéfica, pois é caracterizada como um gênero predominantemente argumentativo, possibilita a circulação entre os alunos, dando-lhe caráter de interação verbal, e contribui para a construção da memória do leitor (COSSON, 2011).

O registro ocorreu em diversos momentos, na produção inicial de um conto de fadas, proposta por Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2011, no módulo VI, reconto oral do conto

Rumpelstiltskin e do conto *A moça tecelã*, módulo VII, reconto escrito do conto *A moça tecelã*, módulo XII, reconto escrito do conto *Entre a espada e a rosa* e na produção intermediária e na produção final, momento em que os alunos procuraram aperfeiçoar a escrita do conto de fadas elaborado durante a etapa de produção intermediária.

Quadro 7 Resumo da sequência didática

RESUMO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA			
ETAPA	Descrição da etapa	Temas	Tempo previsto
1ª	Apresentação da situação	-Atividade diagnóstica; -Mito, lenda e conto de fadas.	2 aulas de 50 min.
2º	Produção inicial	Produção textual inicial do gênero conto de fadas.	2 aulas de 50 min.
3ª	Módulos	Módulo 1 -História do gênero conto de fadas e os autores Charles Perrault e Irmãos Grimm; -Intertextualidade; -Diferenças entre os contos de fadas tradicionais e os contos de fadas contemporâneos.	2 aulas de 50 min.
		Módulo 2 - Leitura do conto de fadas tradicional <i>Rumpelstiltskin</i> ; - Preparar os discentes para o reconto oral do conto <i>Rumpelstiltskin</i> .	2 aulas de 50 min.
		Módulo 3 - Caracterização das mulheres de antigamente e as mulheres de hoje em relação aos elementos casamento, filhos, afazeres domésticos, estudos, vestimentas, lazer, beleza e mercado de trabalho.	2 aulas de 50 min.
		Módulo 4 - Leitura do conto de fadas contemporâneo <i>A moça tecelã</i> ; -Preparar os discentes para o reconto oral e reconto escrito do conto <i>A moça tecelã</i> ; - Apresentar a autora Marina Colasanti.	2 aulas de 50 min.
		Módulo 5 - Intertextualidade entre o conto de fadas contemporâneo <i>A moça tecelã</i> e o movimento feminista.	2 aulas de 50 min.
		Módulo 6 - Reconto oral dos contos de fadas <i>Rumpelstiltskin</i> e <i>A moça tecelã</i> .	2 aulas de 50 min.
		Módulo 7 -Moral da história presente nos contos de fadas <i>Rumpelstiltskin</i> e <i>A moça tecelã</i> ; - Reconto escrito do conto <i>A moça tecelã</i> ;	2 aulas de 50 min.
		Módulo 8 - Autor Charles Perrault; - Leitura do conto de fadas tradicional <i>Pele de asno</i> ;	2 aulas de 50 min.

		Módulo 9 - Autora Marina Colasanti; - Leitura do conto de fadas contemporâneo <i>Entre a espada e a rosa</i> .	2 aulas de 50 min.
		Módulo 10 - Intertextualidade entre o conto de fadas contemporâneo <i>Entre a espada e a rosa</i> e a história de Joana D'arc.	2 aulas de 50 min.
		Módulo 11 - Moral da história presente nos contos de fadas <i>Pele de asno</i> e <i>Entre a espada e a rosa</i> ;	2 aulas de 50 min.
		Módulo 12 -Reconto escrito do conto de fadas contemporâneo <i>Entre a espada e a rosa</i> ; - Preparar a turma para a produção final do gênero conto de fadas.	2 aulas de 50 min.
4º	Produção intermediária	Produção textual intermediária do gênero conto de fadas contemporâneo.	2 aulas de 50 min.
5ª	Produção final	Produção textual final do gênero conto de fadas contemporâneo.	2 aulas de 50 min.

Fonte: Planejamento da Sequência Didática

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou estudar o gênero textual conto de fadas nas versões tradicional e contemporânea com o intuito de chamar atenção para o modo como a mulher é representada em ambas as versões e com isso contribuir para a construção de um olhar de igualdade entre homens e mulheres. A representação da mulher foi observada por meio do estudo dos valores apresentados em dois contos de fadas tradicionais, *Rumpelstiltskin* e *Pele de asno*, e dois contos de fadas contemporâneos, *A moça tecelã* e *Entre a espada e a rosa*.

O estudo da intertextualidade e a observação das condições de produção suscitam a leitura crítica. Com esse trabalho, os alunos puderam desenvolver a capacidade de observar a presença de outros textos nos contos de fadas estudados. O uso de textos que promoveram a discussão do papel da mulher na sociedade, como os contos de fadas *A moça tecelã*, *Entre a espada e a rosa*, a *história de Joana D'arc* e o *movimento feminista*, foi muito importante para que os alunos refletissem como estava construída, até então para eles, a importância da mulher na sociedade e pudessem reconstruir essa imagem com a presença predominante de valores positivos.

As atividades que envolveram a construção da moral da história fizeram com que os discentes observassem que a leitura do gênero conto de fadas transmite ensinamentos, valores que promovem a reflexão sobre as decisões que tomamos e como elas influenciam a nós mesmos e os que estão a nossa volta.

O estudo dos módulos promoveu a aquisição de conhecimento sobre o gênero conto de fadas, seu surgimento, a diferença entre o gênero conto de fadas, mito e lenda, as diferenças entre o gênero conto de fadas tradicional e conto de fadas contemporâneo. Os alunos passaram a conhecer dois autores de conto de fadas, Charles Perrault e Marina Colasanti. Foi apresentado o conceito de intertextualidade, bem como realizado um trabalho de análise dos aspectos intertextuais presentes nos contos de fadas tradicionais *Rumpelstiltskin* e *Pele de asno*, e contemporâneos, *A moça tecelã* e *Entre a espada e a rosa*, nos mitos das *Moiras*, *Ariadne*, *Penélope*, e nos acontecimentos históricos *Movimento feminista* e a *história de Joana D'arc*.

A oralidade foi instigada nas atividades de retomada das fases da sequência narrativa durante a leitura dos contos de fadas em sala de aula, nas atividades de reconto oral e nas atividades intertextuais, desenvolvidas durante a aplicação da sequência didática de leitura. O uso da modalidade escrita aconteceu nas produções textuais. A produção inicial trouxe as

informações que os alunos já tinham referentes ao gênero conto de fadas. Foi possível perceber que o contato deles com o gênero se restringia ao modelo tradicional. Depois do estudo dos módulos o conhecimento do gênero conto de fadas foi ampliado para o modelo contemporâneo e os discentes foram capazes de escrever um conto de fadas contemporâneo, na proposta de produção intermediária, que foi melhorada na produção final.

Nessa experiência foi possível observar as nuances entre as versões existentes do gênero contos de fadas e concluímos que eles não podem ser tratados da mesma maneira porque apresentam visões de mundo, estruturas e elementos diferenciados, sendo, portanto, necessária a implementação de um trabalho intertextual sempre que o gênero for levado para a sala de aula, buscando promover o conhecimento das versões tradicional e contemporânea, bem como as suas particularidades quanto ao contexto de produção, estrutura e presença de valores tradicionais e emergentes.

Na sequência didática foi valorizado um processo gradual, dialógico, um processo em que as crianças puderam estabelecer diferentes razões. Foi possível verificar que no início do processo eles apresentaram uma visão de mulher com comportamento submisso, dedicado às tarefas domésticas e ao bem-estar da família e depois no final do processo apresentaram produções que apontavam para soluções de narrativas com uma representação de mulher independente, que não vê o casamento como a única oportunidade de ser feliz, em que a mulher não assume posições meramente domésticas, mas posições que antes eram destinadas somente aos homens. Essa construção foi reflexo do trabalho de leitura desenvolvido na turma de 7º ano envolvendo os dois contos de fadas tradicionais *Rumpelstiltskin* e *Pele de asno* e os dois contos de fadas contemporâneos *A moça tecelã* e *Entre a espada e a rosa*.

Essa experiência se configura também como a descrição de uma proposta de sequência didática como uma contribuição para professores que trabalham com 7º ano, podendo ser aplicada em turmas que estejam em outros anos de escolaridade, com adaptações que forem julgadas necessárias. Essa sequência didática é uma experiência em que os resultados não podem ser generalizados porque se trata de um estudo de caso que foi realizado em uma escola, mas que apresentou um conjunto de ações bem-sucedidas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. de (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ALVAREZ, A.G.R. A releitura de Perrault: a magia que se entrelaça com a vida. In: PERRAULT, C. **Histórias ou contos de outrora**. Ilustrações Rafael Nunes Cerveglieri; tradução Renata Cordeiro. São Paulo: Martin Claret, 2015

A MOÇA TECELÃ – ÁUDIO <Disponível em <http://www.ubook.com/audiobook/106778/a-moca-tecela-e-outras-historias-por-marina-colasanti>> <Acesso em 10 de junho de 2017>

AS IRMÃS DO DESTINO<Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hsX6a-o5oRo>> Acesso em 10 de setembro de 2017>

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso - Problemática e definição. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIOGRAFIA DE MARINA COLASANTI <Disponível em: <http://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>> <Acesso em 20 de setembro de 2017>

BORDAS COLORIDAS <http://professoracleides.blogspot.com.br/2013/10/bordas-coloridas-para-textos-e-mensagens.html> <Acesso em 18 de outubro de 2017

BORGES, K. J. S.; CÁNOVAS, S. Y. M. L. O conto de fadas moderno: a atualização do gênero na obra infanto-juvenil de Marina Colasanti. **FronteiraZ : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, [S.l.], n. 17, p. 137-154, dez. 2016.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, Vozes, 1986, volume I.

BRONCKART, J. - P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sóciodiscursivo**. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Trad. Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio Campinas: Mercado das Letras, 2006.

CAMPELLO, E. A tessitura da escrita: do mito à expressão pela arte. **Interdisciplinar**, ano 3, v.7, nº. 7, edição especial, Jul/Dez de 2008, p. 43-57.

CAPA DO LIVRO DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/acima-de-7-anos/literatura-infantil/doze-reis-e-a-moca-no-labirinto-do-vento-3194893> <Acesso em 02 de novembro de 2017

CAPA DO LIVRO ENTRE A ESPADA E A ROSA <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/teen/literatura/entre-a-espada-e-a-rosa-3259769> <Acesso em 02 de novembro de 2017

CAPA DOS LIVROS MAIS DE 100 HISTÓRIAS MARAVILHOSAS

<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-cronicas/mais-de-100-historias-maravilhosas-42886979> <Acesso em 02 de novembro de 2017>

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000a

_____. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000b

_____. **O conto de fadas**. São Paulo: Paulinas, 2012

COLASANTI, M. **Longe como o meu querer**. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **A casa das palavras**. São Paulo: Ática, 2012.

_____. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.

_____. **Marina explica o que são histórias maravilhosas ou contos de fada (VÍDEO)** <Disponível em: <http://www.marinacolasanti.com/2015/03/marina-explica-o-que-sao-historias.html>> <Acesso em: 20 de setembro de 2017>

COSSON, R. **Letramento literário teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, M. M. da. **Literatura, leitura e aprendizagem**. 2. ed. – Curitiba, PR : IESDE Brasil S.A., 2009.

CUNHA, M. Z. da. Naus frágeis e novos paradigmas em literatura e educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v.30, n.3, 771-788, set./dez.2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e o escrito: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. Roxane Rojo e Gláís sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011

ENTRE A ESPADA E A ROSA – ÁUDIO <Disponível em <http://www.ubook.com/audiobook/106778/a-moca-tecela-e-outras-historias-por-marina-colasanti>> <Acesso em 10 de junho de 2017>

ENTREVISTA COM MARINA COLASANTI <Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DSW17sQQA4>> <Acesso em 10 de setembro de 2017>

FERREIRA, A. B. De H. Novo **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, C. S. da.; ROSA, M. A. L. P. Literatura infantil e a construção de valores morais. XVI semana da Educação, VI simpósio de pesquisa e pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, 20 a 22 de out de 2015.

GEDOZ, S.; COSTA-HUBES, T. da C. Concepção sociointeracionista de linguagem: percurso

histórico e contribuições para um novo olhar sobre o texto. **Revista Trama**, Vol. 18, n.16, 2º semestre de 2012, p. 125-138.

GENETTE, G. **Palimpsestos a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva voz, 2010.

GRIMM, J. **Contos dos Irmãos Grimm**. Organizado, selecionado e prefaciado pela Dra. Clarissa Pinkola Estés; ilustrado por Arthur Rackam; tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

GUIMARÃES, A. H. T.; SINHORETTI, S. T. S. O estímulo à leitura por meio dos contos de fadas. **Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación**. Buenos Aires, Argentina. 13, 13 y 14 de noviembre 2014.

GUSSO, A. M. **Representações de crianças não-alfabetizadas sobre gêneros textuais escritos**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, 2011.

HENRIQUES, R. M. P. **A figura feminina em contos maravilhosos de Marina Colasanti**. Revista FACEVV, Vila Velha, Número 5, Jul./Dez.2010, p. 94-106.

HILLESHEIM, B; GUARESCHI, N.M. de F. Contos de fadas e infância(s). **Educação & Realidade** 31(1); 107-126. Jan/jun 2006.

JOANA D'ARC BRUXA OU SANTA. **Youtube** <Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4HIEgBC5yZI>> Acesso em 21 de outubro de 2017

JUVINO, A. da S. **A relação entre o conto de fadas tradicional e o moderno**. Monografia. Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, UEPB, 2010.

KLEIMAN, A. A concepção escolar de leitura. In: **Oficina de leitura**. 9 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V.M. **Ler e escrever estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2015.

LENDA DE ARIADNE **Youtube** <Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=A3tiPp4SsjY>> Acesso em 10 de setembro de 2017>

LENDA DE PENÉLOPE **Youtube** <Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VxKs64iRRmA>> Acesso em 10 de setembro de 2017>

MACHADO, A. R. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. **Revista DELTA**, Vol. 16, n.1, p. 1-25, 2000.

MATA, S. da; MATA, G. V. da. **Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística**. Revista Fênix, Uberlândia, v. 3, n. 2, 2006.

MATA. A. P. da. **Leitor proficiente. Termos de Alfabetização, leitura e escrita para**

educadores. Glossário Ceale. Disponível em
<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente>> Acesso em:
15 de maio de 2017

MAZZARI, M. V. Era uma vez dois irmãos ... **Estudos Avançados** 25 (72), 2011

MEDEIROS, N. M. A enunciação poética nos contos de Marina Colasanti. (2009, 204 folhas. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Campus de Araraquara.

MITO E CONTOS DE FADAS <Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=zctAdA3Ivfi>> <Acesso em 21 de outubro de 2017>

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

MOURA, M.; CAMBEIRO, D. (Org). **200 Anos dos Contos Maravilhosos dos Irmãos Grimm. Magias, encantamentos e metamorfoses: fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo: comunicações livres**. Rio de Janeiro : ApaRio, 2013.

MOVIMENTO FEMINISTA <Disponível em <http://www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil/>> <Acesso em 21 de outubro de 2017>

PACHECO, R. dos S. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE produções didático-pedagógicas**. Dificuldades de interpretação de textos na escola - Propostas metodológicas para a superação desse problema. UNIOESTE, Cascavel, 2013

PERGAMINHO <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-imagem-1-do-pergaminho-do-vintage-image-image24978610> < Acesso em 18 de outubro de 2017.

PERRAULT, C. **Histórias ou contos de outrora**. Ilustrações Rafael Nunes Cerveglieri; tradução Renata Cordeiro. São Paulo: Martin Claret, 2015.

PULLMAN, P. Contos de Grimm para todas as idades. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RIBEIRO, C. W; LOBATO, W.; LIBERATO. C. R. de. Paradigma tradicional e paradigma emergente: algumas implicações na educação. **Rev. Ensaio**, Belo Horizonte, v.12, n. 01, p.27-42, Jan/Abr, 2010.

RUMPELSTILTSKIN <Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6323m-YPdnQ>> Acesso em 10 de setembro de 2017

SANTOS.V. L. Intertextualidade e sentido em anúncios publicitários.2010. **Dissertação**. Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSIAN, S.D. Conto de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte,v.15, n.2, p132-148, ago.2009

SILVA, C. A. da *et al*, A importância da reflexão sobre valores na escola. **Revista de Educação do COGEIME**, ano 22, nº 42, janeiro/junho 2013a.

SILVA, N. S. B. da. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE produções didático-pedagógica**. A função da leitura no processo ensino aprendizagem. UNIOESTE, Cascavel, 2013b.

SOCCI, A., MATTA, C. Era Uma Vez. In: **Era uma vez**. Universal Music Brasil, 1998

SOUZA, B. C. B. de. Charles Perrault e os Contos da Mamãe Gansa. Trabalho de conclusão de curso (**Graduação em Letras**) – 2015. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara).

SOUZA, E. A. de; FRANCA, V.G.; JESUS, E. S. de. Imagens simbólicas em a bolsa amarela, de Lygia Bojunga e Ana Z. aonde vai você, de Marina Colasanti. **Anais do Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão na Graduação do Câmpus de Campos Belos (SEPEG)**, v1. n2, 2014.

ZORZATO, L.B. A PRESENÇA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL ALEMÃ NO BRASIL: estudo da circulação de obras entre o público leitor (1832-2005). **Tese de Doutorado** Faculdade de Ciências e Letras de Assis Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: A leitura do conto de fadas na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo.

Pesquisadora responsável: Suzete Silene Soares Dias

Orientador: José Ricardo Carvalho da Silva

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Local da coleta de dados: Instituto de Educação Monte Santo

A pesquisadora do projeto A leitura do conto de fadas na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, utilizando gravações, filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o termo de compromisso de Coleta mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade da professor José Ricardo Carvalho da Silva. Após este período os dados serão destruídos.

Itabaiana, 13 de julho de 2017.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Suzete Silene Soares Dias	
José Ricardo Carvalho da Silva	



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



Termo de consentimento livre esclarecido

Eu, _____, aluno(a) do sétimo ano do ensino fundamental, da Escola Instituto de Educação Monte Santo, localizada no município de Monte Santo/BA, autorizo a professora Suzete Silene Soares Dias a utilizar minha imagem e produções referente às atividades relacionadas ao projeto “A leitura dos contos de fadas na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo”, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade do Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizados e minha identidade será mantida em sigilo.

Monte Santo, ____ de _____ de 2017.

Assinatura por extenso (do aluno)

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



Eu, _____, residente na cidade de Monte Santo, no Estado da Bahia, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Monte Santo, ____ de _____ de 2017.

Assinatura por extenso (do responsável pelo aluno)